



CHAPADA DIAMANTINA

BENESSES E MAZELAS

MOZART
FERNANDES
DE SOUZA



Pedro & João
editores

CHAPADA DIAMANTINA: benesses e mazelas

Mozart Fernandes de Souza

**CHAPADA DIAMANTINA:
benesses e mazelas**

Copyright © Mozart Fernandes de Souza

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos do autor.

Mozart Fernandes de Souza

Chapada Diamantina: benesses e mazelas. São Carlos: Pedro & João Editores, 2024. 262p. 16 x 23 cm.

ISBN: 978-65-265-1416-0 [Digital]

1. Chapada Diamantina. 2. História e Cultura. 3. Literatura brasileira. 4. Autor brasileiro. I. Título.

CDD – 800

Capa: Luidi Belga Ignacio

Ficha Catalográfica: Hélio Márcio Pajeú – CRB - 8-8828

Revisão: Hirão Fernandes

Diagramação: Diany Akiko Lee

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Editorial da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil); Ana Patricia da Silva (UERJ/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 – São Carlos – SP

2024

DEDICATÓRIA

PAI, Palavra que nos remete à generosidade, à amizade, ao carinho e à proteção. Este é o meu querido e amado Pai – **Mozart Fernandes de Souza** – esse alguém com inúmeras qualidades, de todas a que mais admiro é a capacidade intelectual; com 86 anos, adapta-se facilmente à novidade; como às novas tecnologias, por exemplo. Sempre me surpreendo com sua sabedoria e atualização. Sai-se com maestria em conversas rotineiras, desde o diálogo com as pessoas mais simples àquelas ditas mais cultas. Sua brilhante erudição acaba de ser comprovada com a elaboração de sua primeira obra literária – **NOSSAS ORIGENS: uma história de vidas**. Meu amor por ele é incondicional e sem limites. Desde criança, eu e meus irmãos fomos tocados pelo seu carinho e atenção; desde muito cedo nos apresentou o mundo dos livros, em uma época e em um contexto inóspito como o semiárido baiano, sertão nordestino. Quando ainda éramos bem pequenos, procurava o acesso a livros infantis e nos presenteava com eles.

O gosto pela leitura foi das suas muitas dádivas a que mais nos proporcionou alegria e bem estar. Sempre nos dizia: “o conhecimento preenche o espírito e enobrece o ser”. Só hoje, compreendo o valor dessas afirmações.

Nunca me perdi nos atalhos do destino quando a vida testa a todos e a (as) por me lembrar dessas sábias palavras que foram o alicerce da minha formação. Nunca me senti só, pois sempre tive um livro por companheiro.

Agradeço a **DEUS** todos os dias pelo Pai que ele me deu. Não há nada que não consiga compreender; nunca se dirigiu a nós filhas e filho com rispidez e dureza. Sempre dialogou conosco como faz alguém a quem nada assusta, e que a tudo sabe explicar e conceituar. Uma vez lhe disse com franqueza: “Pai, tivesse eu herdado mais um pouco da tua força, e hoje seria bem mais do que sou em todos os aspectos da vida.”

Se alguém se der ao trabalho de ler essas humildes palavras, e, ainda assim, não compreender que minha admiração por meu Pai é infinitamente grande. E, que, a nenhuma outra pessoa poderia eu considerar como o considero. E, nem tampouco perceber o quanto o amo. Creio que nada mais posso acrescentar para chegar a tal entendimento.

Pai, assim como quando era criança, todos os dias de minha vida; desejo tê-lo lúcido como sempre, ao meu lado e dos meus irmãos, nos guiando e profetizando o nosso futuro.

Édila, ti amo!

SUMÁRIO

1. PALAVRAS INICIAIS	11
2. DEDICATÓRIA DO AUTOR	13
3. A CASA PATERNA	15
4. UIBAÍ: prolongamento da Chapada	17
5. BARRA DO MENDES: guerra fratricida	29
5.1 O cenário da Guerra	41
5.2 Barra do Mendes, o dia “D”	57
6. ESTÓRIAS PITORESCAS: as consequências de um Pum	67
7. CARLOS DA JUMENTA	71
8. UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA	85
9. O CORONEL E O ENXU CARO, MUITO CARO	89
10. CHAPADA DIAMANTINA/BA “VISÃO GERAL”	93
11. MEMÓRIA DA PÁTRIA AMIGA	147
12. A EXCOMUNHÃO	155
13. O BODE TRAPEZISTA	165
14. A DESOBRIGA	171
15. A FOGUEIRA	175
16. LUZEBEL: A pedra de troçoço	179
17. CRÔNICAS DE MIRORÓS	185
18. CULTURA	187
19. UMA PEGADA DE TOUROS	191
20. O PEIXAMENTO DA LAGOA DO POÇO (SALINA)	193

21. O BUZU	197
22. OS MALES DA MONOCULTURA	201
23. AUTOMORFOSE	205
24. OS SACRAMENTOS / A PALAVRA	209
25. UM PIQUENIQUE EM ITAGUAÇU DA BAHIA (Tiririca de Luisinho)	211
26. UMA INFORMAÇÃO INTERESSANTE	213
27. A GENÉTICA E SUAS MUTAÇÕES	215
28. RECOMPONDO A GENÁTICA	217
29. NOSSOS GENITORES	219
30. GRAUS DE PARENTESCO	221
31. USURPADORES	223
32. A CORRIDA DO OURO EM NOSSAS PLAGAS	227
33. UM POUCO DE FUNDAMENTALISMO	229
34. O PROFETA ELISEU	231
35. LAMENTO DE UM NORDESTINO	233
36. MINHA IRMÃ DONINA	235
37. ODE AO DIAMANTE NEGRO	237
38. MARIA Julia ou Julia MARIA	239
39. O ANJO GABRIEL	241
40. MEU BATIZADO	243
41. UMA FONTE - BANANEIRA	245
42. O IMPROVISO	247
43. O ANIVERSÁRIO DO POETA JEOVÁ CABOCLO	249
44. COMEÇANDO POR JUDITE	251

45. UMA HOMENAGEM À LAGOA DO POÇO / SALINA	253
46. SAUDAÇÃO AO NOSSO VELHO JUAZEIRO	255
47. FIM DE TARDE	257
48. ODE PARA BOB	259
49. BIOGRAFIA DO AUTOR	261

1. PALAVRAS INICIAIS

CHAPADA DIAMANTINA, SUA HISTÓRIA. BENESES E MAZELAS

ONDE O PASSADO TORNÁ-SE PRESENTE. Manter acesa a chama da memória. Dialogar com quem já faleceu. Reviver histórias e estórias de antanho, é um processo histórico que faz da literatura algo maravilhoso. Nas páginas deste livro vamos encontrar alguns contos; e outros testemunhos essenciais para determinar o registro de tempos mais que antigos.

A memória não pertence ao passado, e sim, ao presente. Reviver o passado implica em repensar e confrontar as vivências de ontem com as experiências de hoje. E não somente as nossas; mas também as coletivas.

A memória inclui a palavra e todos os objetos; tanto concretos quanto abstratos. Mas para que esses elementos assumam um lugar na memória é preciso resgatá-los e retirá-los do anonimato; dando-lhes cor e sentido. Buscando inseri-los na memória coletiva que se afirma a partir de grupos e comunidades, bem como em vários aspectos da memória oficial.

A memória enquanto palavra deve tomar lugar numa cultura por meio da escrita; por exemplo: um livro comprometido com o público a quem se destina; a fim de constituir-se num modo privilegiado; manifestando a identidade e também a diversidade de uma nação, de um povo.

Escolher um tema significa levar em conta diversos aspectos da realidade. Sendo uma maneira de chegarmos às expectativas essenciais ao que estamos perseguindo. Essas expectativas são os indicadores principais do tema, como: delimitar períodos e redescobrir os respectivos contextos. Somente estes permitem enxergar a evolução das expectativas dentro de uma situação;

reconhecendo as heranças, e ao mesmo tempo as intencionalidades e a busca de sentido pela coletividade.

Em cada espaço de tempo, podemos observar o que é novo; o que já existiu, e como essas novidades podem combinar-se com o antigo. Destarte, podemos contar a nossa história ou a história de uma sociedade, observando o caminho percorrido entre etapas. Um caminho que nos leve ao meio natural do antes e do depois.

Buscamos entender a constituição da sociedade de um modo geral a partir de seu movimento conjunto, e também de suas particularidades, reconhecendo a sua complementação como um todo.

2. DEDICATÓRIA DO AUTOR:

Ao bom irmão, pai adotivo; poeta *Jeová Caboclo* e sua maravilhosa esposa, *Lina Machado*. Com o reconhecimento de uma dívida impagável; aos demais *irmãos e irmãs; às filhas, filho e às três netas*. Grato. Mozart.

Aos MEUS AMIGOS

Não tenho inimigos
Ofereço-lhes
Este livro
Passou pelo meu crivo
Crivo, nada, é apenas uma piada
É uma insensatez
Isto que dedico a vocês
Não tem projeto
Não tem croqui
Relevem, desculpem
O que escrevi
Nem reparem
Como escrevo
É presente de grego.
Mas, por favor,
Ouçam a quem lhes roga
Peço-lhes com carinho
Tirem um tempinho
Leiam
Esta droga
Contudo, como ler é preciso
Lembrem-se
Um livro
É SEMPRE UM LIVRO.

3. A CASA PATERNA

Nesta velha casa tudo incita.
A vida que alegre se desperta.
Desejando ver a casa aberta
Pois, nela, o passado ressuscita.



Este poemeto em alusão a casa paterna (à **família**) representa para mim, o mais belo complemento desta obra; uma vetusta e frondosa oliveira, de casca enrugada pela idade; porém ainda ostentando vigorosos ramos (os descendentes) em cujas folhas está escrito o nosso passado; seus frutos já emadurecidos pelo tempo; mas que continuam simbolizando e profetizando o nosso futuro. Certo dia; aliás, cada dia em seu dia; o coração dos nossos genitores; isto é, dos donos da nossa casa parou de bater, e suas almas foram levadas para a outra margem da vida – **Outra dimensão**.

Eles, **nossos genitores**, foram morar numa nova casa; tudo nela sendo o oposto da velha casa; onde a alegria era o prato principal;

ali ela reinava e corria solta. Todos tivemos que aceitar a transferência deles para essa nova morada sem contestação alguma; porque ela fora simplesmente compulsória. Ficamos muito tristes; pois, essa nova casa fica num lugar bastante isolado; ao contrário da antiga, quando as pessoas transitavam pela rua; paravam para conversar, contar “causos”, e sorrir.

Hoje, quando passo por aqui, sinto que tudo ao redor é estranho, frio e vazio. Sem contar que muitos dos nossos já foram transferidos para cá. Estou nos confins do mundo, no meio de lugar nenhum. Um lugar solitário em que ninguém é capaz de rir novamente. E assim, segue a vida. Em oposição à morte.

O fato de estar fitando o passado é inspirador. Algumas noites ao levantar-me mais cedo, passo a contemplar a luz das estrelas. A luz que faz as estrelas brilharem fora criada há muitos bilhões de anos. Espero que algo extraordinário possa ocorrer-me: como palavras que um poeta possa usar para iluminar o mistério da vida. Mas nada acontece. Não fico surpreso; não sou uma pessoa sensível. Mas não sou totalmente desprovido de emoção. Como por exemplo: contemplar as obras da natureza e ao mesmo tempo surpreender-me com os seus paradoxos: – já tive a oportunidade de apreciar as ondas do mar numa luta insana contra o rochedo, levantando nuvens de espuma; não posso ver o marisco, mas sei que ele está sendo esmagado naquela peleja inglória; é fascinante e a um só tempo cruel. Ao ouvir o estrondo do ronco do trovão corro apressadamente à janela para observar o reluzir do relâmpago.

Muitas vezes, sinto-me invadido pela saudade; a casa paterna é o marco principal; isto inclui tudo e diz tudo.

4. UIBAÍ: prolongamento da Chapada

Um pouco de sua **HISTÓRIA**

Antiga *Canabrava do Gonçalo*. Localiza-se no Noroeste do Estado da Bahia; *Território de Identidade de Irecê* (TII), a 536 Km da capital, *Salvador*.

HINO – Letra e Música do saudoso professor, *Antônio Machado Souza* (professor Tonico).

Desmembrado do município de *Central* pela Lei Estadual n. 1.494, de 22 de setembro de 1961; o distrito de UIBAÍ, foi elevado à categoria de cidade; tendo sido instalado em 07 de abril de 1963.

Com um território de 545,292 Km², e uma população aproximada de 14.000 habitantes. Limita-se ao Norte com o município de *Central*; ao Sul com *Ibititá*; ao Leste com *Presidente Dutra* e ao Oeste com *Ibipeba*.

Estas são as principais referências sobre a autenticidade do município de **UIBAÍ**.

De **CANABRAVA** – a **UIBAÍ**. Mudar é um verbo que exige ânimo e quebra de paradigmas. Isso, porque a maioria das pessoas não aprova determinadas mudanças. Aliás, faz parte do ser humano ser resistente. Tudo o que muda, exige sair do que já era conhecido. Por essa razão, a mudança às vezes, não é fácil de ser digerida.

Considerando-se uma informação mais objetiva, afirmamos que sua ocupação primordial tivera origem em um diálogo ocorrido entre um escravizado fugido de nome *Vicente Veloso* e um pecuarista, chamado *Venceslau Pereira Machado*; este residente no povoado de *São José do Torneado, Serra do Assuruá*; no *Tupi*, significando serra grande; hoje, município de *Gentio do Ouro*. Chapada Diamantina-BA.

Em termos de terreno, o território de *Uibaí* pode ser condicionalmente dividido em planície e montanha. Sendo que, as montanhas formam um segmento de serras contínuas, e passam a fazer parte de uma grande cordilheira, a chamada Chapada

Diamantina. Seu pico mais badalado é o famoso *Morro Branco* “local de peregrinações”; atingindo uma altura de 1.000 metros.

Sua área geográfica é definida por pequenas montanhas de erosão que se relacionam entre si geologicamente. De clima ameno – vegetação rasteira com a presença de algumas árvores e animais silvestres como o *tatu*, o *veado* e a *raposa*. Sendo um prolongamento da Chapada, podemos considerá-la como filha desta.

Sua população tem uma composição étnica baseada em: povos originários, caboclos e brancos.

Temos que *Venceslau* teria sido o primeiro ocupante das terras que margeiam o riacho corrente em torno da cidade de *UIBAÍ*; cuja etimologia remontando à língua *TUPI*; podemos traduzir para *riacho das frechas* ou *riacho das canas bravas*.

Apenas para constatar e lamentar: o manancial em apreço tem sofrido um desastroso assoreamento; prática oriunda da tendência predatória incrustada no **DNA** do bicho de duas pernas, apelidado de homem.

Ei! Você aí! se puder: avise ao Senhor *Venceslau* que o riacho dele, “a fonte das canas bravas” está praticamente soterrada.

Há muitos séculos já diria o dramaturgo romano, *Platus*: *lupus est homo homini* “o homem é o lobo do homem”. É aí, onde justamente cabe a alegoria da **caverna** enunciada pelo filósofo grego, *Platão* – cuja moral é: ignorância versus conhecimento.

Apesar dos pesares, fica o consolo – em estudo realizado recentemente; no quesito Educação, *Uibaí* ganha de todos os seus vizinhos; apresentando um contingente bem maior de pessoas com nível superior; na casa de 20% acima do município que vem logo atrás.

LEITOR AMIGO,

este livro nasceu das conversas informais entre mim e o meu velho e saudoso pai, *José Fernandes de Souza*, o “**José Caboclo**”; em razão das anotações que o mesmo matinha em cartapácios, cuidadosamente, guardadas em antigas arcas de couro; focadas na **Chapada Diamantina** e seus aspectos sociais. A quem prometi escrever um **Tratado** sobre as **Lavras**, como era conhecida a Chapada Diamantina.

E também, para preencher uma satisfação pessoal inerente a um desejo antigo e de sempre. Este rebento, criado, (não gerado) por meio de folhas de papel; dispõe do amor paternal; e, alheio a toda erudição e doutrina buscara apenas usar sentenças no nosso entender claras, significativas e bem colocadas; desejando, simplesmente, melhorar o clareamento da nossa intenção.

Sei que muitos dirão: “É confiar demais no bom humor das pessoas”. Contudo, quero simplesmente contar com a benevolência dos leitores. Meu muito obrigado.

De uma coisa eu sei, e posso afiançar – esta obra foi escrita com muita cautela – ela fora formada sob o domínio das informações; e veio à tona em forma de uma história verídica. As cenas colocadas cada qual em seu devido lugar. Mesmo assim, os amigos ao lê-la passarão pelo gólgota propriamente dito. Mas, como diria o meu amigo (**ESCRITOR**) *Evilasio Machado*: “isto é coisa de quem gosta de ler”.

Fizemos um esforço concentrado na reconstituição da história regional-serrana: político-partidária, econômica, sociocultural; ultrapassando em profundidade, as tradicionais informações necessárias; mas insuficientes.

O aprofundamento desse estudo regional permitirá a integração da Chapada na **Grande História da Bahia**. Mostrando-nos uma imagem tanto global quanto particular.

Esse tratado enquadra-se num universo relativamente limitado (neste caso, a Chapada Diamantina, nos finais do século XIX). Perseguindo sempre a adesão às verdades históricas. Embora de

forma resumida; ele tem a possibilidade de detalhar e aprofundar aspectos que se perderiam num universo mais amplo.

Apesar da insuficiência documental, conseguimos criar um modesto quadro de autenticidade, em que elementos diversos misturam-se; resultando numa exposição viva, cheia de realidades; tudo à procura do significado social, como por exemplo – **a cultura da servidão consentida** – herança advinda desde os tempos coloniais; quando os “nobres” eram respeitados; não como pessoas. Mas, como criaturas quase divinas. O papel dessa cultura é-nos apresentado, principalmente, por meio dos pontos de vista sociais.

A rigor, teria sido desejável uma amostragem de maior extensão. Como caracterização geral, a amostragem das riquezas estudadas perante a restauração de um cenário socialmente relevante a respeito dessa região, nos finais do século XIX. Aqui, temos um convite à apresentação de outras obras literárias; convite este dirigido especialmente aos literatos conhecedores de fatos históricos concernentes à terra dos diamantes.

Embora não sendo dotado de uma inteligência aguçada, capaz de constituir uma obra original, ou pelo menos de terceira categoria; mas, persuadido pelo pensamento de que valeria a pena escrevê-la; com ela já faz algum tempo me tenho ocupado.

Gosto do antigo. “Fui garimpeiro. Cavei o chão. Trabalhei nas catras; esse profundo gostar transformou-me num metempsicótico. Posso ser apelidado de monge tibetano. Dá no mesmo”.

Apesar das dificuldades; consolo-me com as informações bebidas nas falas dos entrevistados. Este prazer, em verdade, foi a alavanca que me deu ânimo, e sustentou até aqui, nessa difícil e longa tarefa. Entretanto, mesmo sem o objetivo de merecer alguns aplausos; sei que esses são os atos que mais agradam ao nosso ego. E, muito me contentarei em os receber.

CANABRAVA DO GONÇALO: sua gente e sua bela cultura

O AUTOR DESTE LIVRO BUSCOU APENAS RETRATAR EM SUAS PÁGINAS, alguns dados biográficos de seus ancestrais: histórias autênticas; outras pitorescas, bem como o colorido folclórico de uma região, a Chapada Diamantina; essencialmente, *Brotas de Macaúbas*, de onde provieram as suas raízes. Ressaltando a importância de sua terra natal, *o povoado de Poço*. Uma pequena comunidade incrustada no seio do município de *Uibaí*, na Bahia. Descrevendo parte de seu conteúdo geográfico, flora e fauna; seu passado, o dia a dia de sua gente; suas alegrias, suas dores, seus costumes.

Perfil de uma sociedade sertaneja, sofredora e valorosa, destinada a enfrentar as dificuldades da vida diária, presentes neste cenário do semiárido, onde habita.

Muitas pessoas inteligentes e curiosas haverão de encontrar neste trabalho, numerosas falhas e omissões. Mas, sem dúvida, elas serão relevadas, em virtude do objetivo maior do autor; isto é, a tentativa de demonstrar as belezas de sua terra e a pujança de sua gente.

Poço de Uibaí. **UIBAÍ**, Cidade-Mãe, mãe de filhos ilustres, representados nas pessoas de grandes pioneiros, tais como - *Pedro Joaquim Machado*, exímio escrevente “ab manu” (à mão), *Marinho Carvalho* (personagem revivido em *Da Pangéia à Quixabeira*, obra literária do insigne Escritor uibaiense, *Enoch Carneiro*) e tantos outros. Poderia citar uma dezena; porém, chamo a atenção para *Marinho Carvalho*, em razão de o mesmo ter desbravado nosso sertão com a construção de nossas primeiras rodovias, trazendo-nos a novidade dos bichos de quatro rodas com rastro redondo, causando assombro à grande maioria da população do semiárido. Seria o Apocalipse?

Conta-se que certa feita, um dos nossos sertanejos, vindo andando pela estrada, percebera a aproximação de algo temeroso, barulhento e muito estranho; tomado pelo pânico, correria apressadamente, indo esconder-se na copa de uma árvore bastante

frondosa; ali permanecendo até o desaparecimento da sombria visagem.

Ao chegar a casa, passara a narrar a fatídica estória ao compadre seu vizinho.

Este mais esclarecido dissera-lhe: pelas características deveria ser o automóvel que *Marinho Carvalho* acabara de trazer de São Paulo. “Move ou não move, se eu não subo no pau, ele teria Me Rembido”. Diante dessa informação, podemos avaliar como fora importante a participação desse conterrâneo em função do progresso ocorrido em nossa região.

Sabendo-se que tais fatos aconteceram num passado não muito distante; reconhecemos, todavia, que a essa altura, o livro, nossa única fonte de informação era apresentado a nossa sociedade como uma coisa rara e inacessível.

Temos uma avalanche de cérebros que enobrecem a prole uibaiense; porém, neste parágrafo, para não ser prolixo vou fazer uma alusão especial ao Senhor *Pedro Rocha Machado*: quando prefeito fundara o *Ginásio Normal*, em *Uibaí*, e, em seguida, com o beneplácito do prefeito *João Ferreira de Souza*, incentivara a fundação da casa do estudante (CEU) em *Salvador*.

Assim, plantando a semente para dar a sua terra, o cognome de cidade universitária. O que nos leva a conhecer melhor uma pessoa é a participação prodigiosa de sua vida, para quem não existe a morte do esquecimento; ele ou ela sobrevive no monumento de sua obra, neste caso a Educação. Sua presença através dos tempos continua sendo concreta, íntima, quase tangível.

Patrimônio Educacional do município de *Uibaí*. O coração tem a sua ordem, o espírito, a sua fé; a alma torna-se mais forte ainda, quando ambas as virtudes aglutinam-se numa mesma pessoa.

Uibaí, aprazível cidade serrana, a que estamos fazendo apenas ligeiras referências, em razão de já contarmos com uma Obra bastante erudita, oriunda do topônimo *Canabrava do Gonçalves*; toponímia alterada após sua elevação à categoria de cidade. Dissertada por meio do **verbo eloquente e prodigioso do ilustre e saudoso filho desta terra, Oswaldo Alencar** (chegara ao paraíso,

acompanhado do anjo Guardiã, encontrando-se com *Chateaubriand* e *Vitor Hugo*, além de *Rui Barbosa* e *Castro Alves*) e valendo-se dos pigmentos literários impregnados no DNA dos ancestrais; passara a narrar-lhes o nascimento do lugar, suas origens, sua Cultura, sua evolução política e econômica.

Não há dúvida de que *Canabrava do Gonçalo* equivale a uma enciclopédia. Pois, este pergaminho singular, verdadeira dissertação antológica, pode oferecer-lhe belezas estéticas em cada página; trazendo-lhe lúcidas e indeléveis informações, encantando pelo estilo e instruindo pelo que versa. O que não seria nenhuma novidade em virtude do quilate do autor. Sua inspiração relembra a exortação de *Bilac*: “ele amava com fé e orgulho a terra em que nascera”.

A biografia sobre uma Vida Notável, especialmente, quando se refere a uma homenagem postumária, jamais poderá ser apenas os relatos de alguns fatos cotidianos; pois, a verdadeira meta de um biógrafo deverá ser a análise detalhada de todos os fatos envolvidos no respectivo enredo e que vá além do comentário dos simples eventos. O que só se consegue por meio de uma imaginação construtiva. Daí justificando-se o título deste arremedo literário.

UMA HISTÓRIA DE VIDAS

Ao evocar *Uibaí* e, por consequência, a sua História, renascem em nosso espírito certas lembranças realmente evocativas. Digo isto por conhecê-la nos seus meandros mais recônditos e autênticos. As músicas que eram tocadas nas rádios – **VOZ DO POVO E VOZ DA LIBERDADE**, seus eventos: as festas juninas, os desfiles escolares realizados com muito entusiasmo e maior pompa; seus vultos dignos de memória – **Domingos Leandro Machado** – Moralmente era ele mesmo; bom caráter; por que não dizer? Exemplar.

Mal o dia começava a despontar com o sol espalhando seus raios rutilantes sobre as varandas das casas uibaïenses, já estava *Dominguinhos* de pé, e a cuidar do manejo do seu gado. E na labuta cotidiana, primeiro na condição de comerciante; depois, como

pecuarista, ao lado de sua esposa D. *Idalice Maria Machado Cunha*, formara o núcleo de uma das famílias mais ilustres brotadas às margens do riacho, no chão fértil da velha *Canabrava do Gonçalo*.

Na intimidade, **Dominguinhos**.

Sempre alegre, divertido. Parece que ainda estou ouvindo a sua voz; especialmente quando se referia a uma pega de touros em suas fazendas – *Brejo Velho* e *Brejo Novo*; contando com a ajuda: proezas do vaqueiro amigo, *Domingos “Veio”*, um dos seus companheiros de labuta.

Apesar de a estima andar sempre ao lado da riqueza, mais o era ele pelas virtudes que tinha, que pela opulência que alcançara.

Por ter sido um cidadão de princípios; sua vida merecia uma longa dissertação; e deve ficar de memória; entretanto, para ser melhor compreendido procurei ser sucinto; e passei a fazer um breve argumento a respeito de sua **existência**.

A trajetória deste Senhor aqui pela terra, não deve ser esquecida, como são às vezes as páginas da vida como diria (*Machado de Assis*) apenas lidas ou decorridas, são esquecidas.

Este é um capítulo que deve ficar posto em letra de impressão. A verdade é que, ao passar a residir em um **campo santo**, a pessoa em apreço; a comunidade uibaiense tivera uma grande perda. Tal a sua contribuição social.

Quem observa no **UIBAÍ** fagueiro / Imagina ver nos enormes prados / Casebres verdes no sertão plantados / Pra descanso do sedentário ou viajero.

Agora, passo a fazer um resumido relato referente ao meu primeiro contato com o mundo das letras. Isto diz respeito a minha primeira professora. Deixei-a por derradeira, porque a tinha reservada. Estou falando da Senhorita - **Casimira** ou “*Cassimira*” *Maria Machado*. Esta pedagoga como era de praxe naquelas remotas eras: estribada na pedagogia medieva “a letra com sangue entra”. Utilizando-se de uma velha palmatória já desbotada pelo tempo; disciplinava os alunos relapsos ou inaptos que não davam conta do recado. Estes eram castigados com uma dúzia de bolos, que lhes eram aplicados com muita força e destreza.

Meu pai, que se identificava com a mestra, em razão do fundamentalismo religioso “**católico**”; mandou-me matricular no seu respeitado colégio – **Monsenhor Costa**. Ali para ele era o lugar das dissertações teológicas; o lugar da luz que refletia sobre os alunos; que se tornaria tanto mais clara, quanto mais se subia para a visão de **DEUS**.

Para iniciar-se a aula, em cada dia; após os votos religiosos “as orações”; cantava-se o Hino Nacional. Seria a confirmação da nossa vocação tanto religiosa quanto cívica.

Vale a pena lembrar que a postura da nossa mestra demonstrava uma grande calma exterior; pois, não erguia a voz, nem tinha atitudes ameaçadoras; contudo, diante da peraltice de determinados alunos; às vezes, sua serenidade parecia perturbada do mesmo modo que a tranquila superfície de um rio pode encrespar-se devido a um obstáculo submerso.

Confesso que fui muito bem acolhido naquele ambiente cultural; vez que tinha uma modesta facilidade em absorver os ensinamentos que nos eram ministrados; inclusive recitando com maestria os personagens do *Antigo Testamento*: começando por *Moisés*, passando pelos demais profetas; quando rememorava suas profecias, lendas – estórias pitorescas e outros que tais.

O Sábado seria reservado ao “**Argumento**”. Os alunos dispostos em forma de círculo; teriam que responder às perguntas concernentes às lições dos dias anteriores, com muita rapidez; senão a questão seria levada adiante. Eu, modéstia à parte, passei a ser o decurião do nosso colégio; em virtude de nunca ter recebido sequer um bolo naquelas sabatinas.

Assim era o nosso cotidiano naquela escola, a que muito amei e sinto saudade.

Todo relato biográfico é uma janela que nos permite observar a realidade sobre um ângulo diferente; levando-nos a conhecer a história de pessoas especiais, que não deveriam ficar no anonimato. Por que especiais? Porque tiveram uma existência diferenciada. Dando-nos exemplos dignos de memória. Isto faz toda a diferença.

Convenhamos. Escreve-se por que se necessita de preservar as palavras, os atos, os acontecimentos. Em função de tudo isso é que a escrita fora gerada, é óbvio. Se as palavras não forem grafadas serão levadas pelo vento, o que não se deve permitir que aconteça. Principalmente, em se tratando de feitos famosos.

Um momento histórico, um livro interessante, não deve ser para nós, produto de um ser anônimo. É preciso que conheçamos quem o escreveu, honrá-lo, homenageá-lo.

E antes de mudarmos de assunto, e como mais uma prova de exemplo; não nos esqueçamos dos *Alencares de Canoão*. Estando eles em oração, ouviu-se uma voz que dizia – **Alice e Abdias**, vocês não terão, nem visões nem profecias, mas Deus dar-lhes-á de presente uma família inteligente.

E por consideração, ORLANDO E SEUS IRMÃOS.

COMEÇANDO POR UMA OBSERVAÇÃO:

É raro o leitor que aprecie os escritores de seu tempo. *Homero*, poeta épico grego, autor dos poemas – *Iliada* e *Odisseia*) fora metido a ridículo por seus contemporâneos; caso isso nos aconteça, tomaremos como um fato normal. Aqui, não teremos uma biografia propriamente dita, nem tampouco uma homenagem póstuma; posto que, na História de uma vida, as palavras ditas por alguém, jamais morrerão.

Entendemos que, a memória é um cabedal infinito do qual só registramos alguns fragmentos. Portanto, começamos a reviver uma espécie de psicologia da memória; independentemente de um conceito filosófico mais geral. Pois, nosso alvo é uma análise aprofundada de algumas memórias de homens e mulheres, pesquisadas com certa distinção; enfatizando seu nexu íntimo, com a vida social, então vigente.

O campo da psicologia social desdobra ante nós um percentual de afinidades com outras ciências humanas; buscando totalidades constituídas pelos seres humanos, como se estivéssemos diante de multiplicidades culturais simultaneamente harmoniosas e

harmônicas. Tal o enredo contido nessa História de Vidas; sempre na perseguição, em busca da coerência na matéria trabalhada. Estamos diante de indivíduos reais. Devemos personificar os acontecimentos sob uma forma completamente exteriorizada; torná-los visíveis e tangíveis em todos os aspectos; determiná-los exatamente em suas relações temporais e espaciais. Temos que nos lembrar, e lembrar bem. Entretanto, nem tudo mundo procura desencarregar-se dessa função. Os graus de expectativa, nesse sentido, às vezes não são válidos para todos.

Podemos verificar em nossa sociedade é que as pessoas deveriam exercer com mais frequência a atividade de memória; pois, ela é a guardiã das tradições, constituindo-se num tesouro comum porque carregada de lembranças. Queremos justificar nossa atitude, esclarecendo que, este gênero literário é cultivado desde a mais remota antiguidade, e pelos mais diversos processos.

A crítica literária moderna condena a biografia romanceada. Ora, mostrar a realidade e representar o retratado em sua verdadeira humanidade não quer dizer romancear a sua vida. Nossa intenção neste momento é apenas reproduzir e demonstrar o típico quadro social da época em que viveram os personagens citados neste panfleto histórico.

Bem, entrando no assunto: com a percentagem do sangue dos povos originários que lhe corria nas veias, o Senhor *José Fernandes de Souza*, o "**José Caboclo**", que Deus o tenha em bom lugar. Era filho de *João Fernandes de Souza* e D. *Avelina Rosa de Jesus*. Cultivava a verdade por intuição, por instinto; e agarrava-se a ela como um seu antepassado americano perseguia uma caça no matagal fechado. Tivera suas raízes plantadas na região da Chapada Diamantina, mais precisamente na cidade de *Brotas*.

ENTRETANTO, em razão das fortes relações familiares entre seus genitores e os habitantes de *Barra do Mendes*, cidade onde posteriormente viera a residir; recebera como padrinho de batismo, o abastado comerciante, o Senhor *Juvêncio Bastos*; o qual por ocasião de seu casamento com a Senhorita *Donatília Batista Neiva*, o presenteara com um Diploma da Guarda Nacional no Posto de

Capitão – Diploma comprado – Mas que funcionava de acordo com a Lei vigente; garantindo todos os direitos e prerrogativas inerentes ao cargo (Ver *Guarda Nacional*). Com a desmobilização definitiva da Organização em apreço, grande fora a sua alegria; pois, logo pudera deixar a área, sem maiores embaraços.

Aprendera muito pouco dos livros; porém, muito da vida. Como bom cidadão educara sua família numa dieta rica em alimento mental e inspiração moral – pensamentos sinceros e afeição simples era uma realidade diária. Foi nessa atmosfera que seus filhos receberam a educação familiar e a primeira instrução. Por ter pertencido à ramificação de uma estirpe de desbravadores ilustres, vamos acompanhá-lo um pouco nessa sua trajetória de vida.

Após constatar muitas divergências políticas entre alguns grupos rivais, reinantes na Chapada, resolvera deixar a região; vindo residir no povoado de *Juá* à época pertencente a *Morro do Chapéu*; por conta da informação de que essas terras seriam boas para a Agricultura, bem como para o criatório extensivo de gado vacum; e labutava à roda do dia, cuidando dos seus próprios rebanhos. No campo político-social e econômico fora pecuarista e agricultor com ativa participação social. Sócio Benemérito da *Filarmônica* e assinante do *Correio do Sertão*, entidades existentes na cidade antes nomeada, *Morro do Chapéu*; onde normalmente cumpria o dever cívico de votar cavalgando o seu *Diamante Negro*, animal de estimação retratado neste livro, inclusive com um poema.

5. BARRA DO MENDES – GUERRA FRATRICIDA

DISPUTA ENTRE OS CORONÉIS: *HORÁCIO DE MATOS E MILITÃO COELHO*

Neste capítulo vamos abordar as rixas e conflitos envolvendo coronéis e garimpeiros, residentes ou migrantes de paragens às vezes distantes do perímetro da Chapada; isto, nos finais do século XIX. Esses questionamentos estavam diretamente associados aos problemas de ocupação do solo da garimpagem.

Assim sendo, focalizamos pontos estratégicos em toda a extensão da chamada *Bacia dos Diamantes*.

Em condições bastante desfavoráveis estavam os vindos de fora; os chamados “Barriga Verde”. Parece haver um certo consenso no que tange à literatura de testemunho, de que as rivalidades entre nativos e forasteiros se constituíram num dos principais impasses na eficiência que dava conta de que eram árduas as condições na competição do comércio garimpeiro; levantando inúmeros problemas, dos quais o mais danoso seria a grande leva de atravessadores infestando o comércio de maneira inescrupulosa.

Desde que o objetivo da comunidade garimpeira seria coagir a sabotagem, o engano; evidentemente eram insuficientes as disposições do “código” coronelista.

Ora, um hábito dessa magnitude não se corrige facilmente. Em todos os tempos; a moral, os bons costumes foram os elementos indispensáveis ao fundamento de uma sociedade; propriamente dita. Seria preciso inculcar na população ali residente, que esta seria a única forma de regenerar aquela sociedade em formação. E ponto final.

DECIDIDO A NÃO TOMAR PARTE NAQUELAS LUTAS fratricidas; pois, segundo ele (**JOSÉ FERNANDES DE SOUZA**) teria muitos parentes e amigos envolvidos com ambas as partes do conflito; optara por ausentar-se dali, como já fora dito – rixas, discussões e extravagâncias – estariam sempre presentes no

cotidiano daqueles rudes sertanejos – muitos dos quais com temperamento tempestuoso e irritadiço provocavam conflitos ou ressentimentos; gerando brigas e até crimes maiores, na maioria das vezes por motivos banais; o que leva as pessoas a uma situação de profundo desconforto.

Segundo nos parece a contenda em si seria a prova de fogo em que cada um poderia demonstrar o seu valor belicoso e o próprio poder de mando. Esse embate desencadeado entre nossos principais personagens; acima relatados fora se afunilando. E, como não poderia deixar de ser, terminara finalmente com a derrota de um dos dois potenciais contendores. Os últimos coronéis da Chapada.

De acordo com alguns informantes, em especial o Sr. *José Fernandes de Souza*; este Senhor – perdedor – não dera nenhuma importância aos seus conselheiros mais astutos e experientes; e quando um deles tentara discutir o assunto mais detidamente; advertira-lhe o chefe: seja rápido ao expor; pois, para que a prosa agrade, é necessário que seja breve e sem rodeios. E prosseguira: posso dar-lhes um relato de todos os meus planos – caso fiquem calados – do contrário interrompo eu mesmo o que estiver falando.

Se quiserdes saber mais, menos perguntai. No entanto, prometo nada omitir do que desejais ouvir. Com estes cuidados mais se irritara o seu interlocutor; pois, quanto mais se obsta o nosso diálogo, mais deslocado ficará o nosso pensamento. Em seguida, o mesmo abriu-se com a esposa: segundo ele, ao entrar no quarto, encontrou-a com um livro de orações estendido sobre a mesinha.

Então, para quebrar o gelo lhe pedira: se tiver algo com que matar a fome que me dê logo; – como um bem agradecido depois te direi tudo que sei e estou sentindo. Mais que depressa providenciara ela um bom guisado. Comera ele com tanta pressa que os bocados passavam uns pelos outros; pois, apenas os engolia. Após o término daquela angustiada refeição; fizera sinal para que ela o seguisse, e dirigiram-se para à beira de um regato que à volta de uma penha ficava no fundo do quintal; estendendo-se ela no chão por cima da relva, no que ele a imitara, sem que ninguém abrisse boca.

Naquele momento, parecera a sua esposa de muito boa prudência diminuir-se a frequência a casa do chefe; imitando-o nisto alguns dos seus amigos mais íntimos.

Chegando ao extremo, e não podendo já conter em si tão profundo desespero, resolvera dar um basta e acabar de vez; o que lhe parecera mais próprio para àquela ocasião. Logo indo procurar o opositor para um acordo; pois, para ele tal resolução seria sem dúvida a mais arrazoada para àquele momento. E assim como ele pensavam muitos dos envolvidos; e sem mais delonga tomaram a iniciativa.

Declarara o chefe:

– Se eu tivesse prestado atenção aos teus pareceres, talvez se me evitasse este tão terrível contratempo. Mas, o que está feito não tem volta; já agora paciência, ficar-me-á de emenda para outra ocasião.

– Tanto se há de Vossa Mercê emendar-se com esta, como é verdade não ser eu filho de minha mãe; mas, como dizei se estivésseis estado pelos meus pareceres tivera se livrado a esse desgosto; creia-me agora e evitareis outro ainda maior, por que vos digo – para esses ferozes jagunços, escusadas são todas as propostas de seus inimigos.

– E sabeis que já até ouço o zunir das balas e o barulho dos tiros por eles disparados contra nós.

– És covarde por natureza, amigo meu, dissera o homem; mas, para que não me chames de teimoso, desta vez quero satisfazer-te; apartando-te do furor dos ferozes inimigos a que tanto receias; porém, com uma condição: nunca digas a quem quer que seja me retirei e fugi por medo; pois, só o faço para anuir ao teu desejo; se outra coisa disseres serás tido como mentiroso; não me refutes mais, por que só em pensar que fujo de algum perigo, estou quase para não arredar pé, e ficar sozinho à espera de quantos inimigos haja.

Muitas providências vos tenho feito; por que não desejo ouvir profecias nefandas; que ao sugeri-las não serviriam senão para se lhes atraírem outras.

A estratégia dos cabos de guerra seria dar combate ao inimigo fora das fronteiras do território do próprio município; mas sempre ouviam um não. Esquecendo-se o chefe de que as batalhas ali, *in loco*, trariam prejuízos inevitáveis aos habitantes da localidade.

Sentindo-se derrotado, ainda teimava em resistir; mas, por insistência da esposa resolvera sair, quando a mesma lhe dizia – advirto a Vós “me cê” retirar não é fugir; nem na teimosia existe prova de firmeza quando a coisa é mais perigosa do que parece. Os experientes resguardam-se do hoje para o amanhã; e saiba você que mesmo um parvo poderá acertar com o modo de bem viver.

Dissera a mulher – Meu caro Senhor; às vezes fico a imaginar quão pouco se ganha com essas contendas, mesmo que sobrevivamos às mais perigosas; pois, delas não podemos tirar proveito algum; logo ficarão em prejuízo de todos nós.

– Não dizes mal, ó minha mulher, respondera o nosso chefe. Mas, antes de tudo, é forçoso olhar o mundo, buscando passar alguns feitos a limpo, para ser reconhecido como homem digno e destemido; e não como alguém que deixou de cumprir o seu dever e renegou ou obliterou os seus próprios direitos. Agradeço-te a boa intenção, minha Senhora, mas quero que saibas que tudo isto que faço, não são coisas ridículas; mas ações mui necessárias; por que de outra forma seria contravir à própria verdade, que nos proíbe toda a casta de mentiras; sob pena de transformarmo-nos em grandes relapsos, quando deixamos de encarar a própria realidade. Por isto minhas empreitadas são tão verdadeiras, sem nada de sofisticação ou fantástico.

Entretanto, estou convencido de que preciso de fato encontrar um lugar, onde possa botar meu pensamento em dia e arquitetar planos para vencer esta luta que já me parece um tanto cansativa.

– Respondera – lhe a mulher e onde haveria melhor abrigo do que no sítio do nosso compadre e amigo (...)? É para lá que também irei muito brevemente para comemorar o nosso encontro vitorioso. – Assim deve ser, prosseguira o chefe. Pois; nada, nada neste mundo é tão prazeroso como dar uma batalha e ser o vencedor.

– Assim seja, respondera a mulher. Porém, posto que por mim não saiba; só sei que ultimamente, nunca, nem jamais temos vencido batalha alguma. De então para cá tem sido só bordoadas.

– Essa é que é a nossa tragédia e a que tu deves muito sentir, respondera o interpelado.

Nestes colóquios se estavam o bravo comandante e sua mulher, quando observaram que pelo caminho, para ali se alevantava uma intensa poeirada. Então, o nosso guerreiro voltando-se para a esposa e dissera: é este o dia que se há de ver como e quando minha sorte fora lançada; porquanto, o inimigo, segundo me parece é bastante numeroso.

Retrucara a Senhora – então, não lhe pese de tomar o meu conselho: apronte-se logo, e siga as orientações do Sr. *Miguel Umbuzeiro*, assistente digno da nossa confiança. – Aproximando-se *Miguel* dissera este ao chefe: assim sendo, será preciso que mudeis o vosso visual tirando o bigode a miúdo, ou todos os dias; que o trazendo ouriçado e revoltado, não o raspando à navalha, diariamente, sereis reconhecido à distância de um tiro de fuzil. Sendo necessário que também mudeis radicalmente vossa aparência; e pegando de uma tesoura, cortou logo as barbas ao amo; vestindo – lhe um curto capote amarelo; ficando ele de calças e gibão; conquanto, tão transfigurado ficara o homem, que nem se vendo a um espelho se reconheceria.

Concluído este disfarce, saíram da cidade, e lentamente, pegaram os caminhos dos fundos; andando pelo meio dos matos, com muito cuidado, por que a agrura do terreno, não os deixava ir depressa.

Argumentara o chefe – Tudo isto são para mim momentos escassos e amargos, bem o posso dizer. Preciso reter as minhas lágrimas, e mudar o aspecto, disfarçando o meu semblante; para não dar motivo a algum desconhecido indagar-me do que ando eu assim tão pesaroso; obrigando – me a forjar desculpas para lhe satisfazer. Metido nestes trajas atípicos, em lugar de si me gelar o coração, a raiva que nele se me alevantou pouco falta para sair pelas ruas dando fortes gritos, e publicando as maldades que me se têm feito.

Entretanto, procuro aquietar o excesso de raiva, contentando-me com meter-me nestes trajas extremamente ridículos que agora me dá este meu escudeiro.

Terminado o discurso do patrão, com muita calma e pausadamente, continuara *Miguel* os seus pareceres e prudentes recomendações.

Em profundo silêncio estivera o homem, escutando o que o amigo lhe dizia, e com tal força incutiram nele as ideias e opiniões que logo as aprovou; agradecendo à divina providência por ter encontrado um tão bom conselheiro, em tempos de tão apertada necessidade. E quebrando o absoluto silêncio, dissera: tempos há que a sorte se muda, e o que hoje se perde, amanhã se ganha; porém, o que no momento mais se importa é cuidar da segurança e da saúde. Porque quebrado e abatido sei que estou. -- O vingar-me fica por minha conta.

O coronel sentia-se encurralado. Uma amarga vontade de vingança crescia em sua alma atribulada. Uma revolução operava-se em seu pensamento e crescia como uma nuvem. Ideia mal gestada que eclipsava todas as outras. Uma só pergunta pairava em sua cabeça. Reagir como?

Afirmara-lhe *Miguel* – Senhor! Saía-se bem desta empreitada, o mais salvo de todas quantas tenho visto. E tocando para frente, pedira ao amo que o acompanhasse. Este, sem mais argumentos fora-lhe no encaço. Após certo caminhar, sentiram-se cansados; contudo, há poucos passos, por entre umas colinas, deram num extenso e encoberto vale; onde se aboletaram e estendidos no ervaçal viçoso, com o tempero da fome, comeram alguma carne e beijus que às costas traziam.

Mas, o pior mesmo foi não terem água para chegar à boca e matar a terrível sede que os atormentava. Vendo *Miguel* que o campo estava encoberto com ervas viçosas relembrou apontando para as mesmas – é possível haver aqui por perto vertente ou vereda que lhes conserve o viço.

Por esta razão temos de passar um pouco adiante, certamente acharemos água com que matar esta sede; pois, ela maltrata mais

que a própria fome; enquanto isto se valiam da água extraída de certas plantas que a *Miguel* lhes eram familiares. Em seguida embrenharam-se pelos atalhos e grotões da deslumbrante e majestosa *Serra Azul*; nessa noite avançaram até ao meio da cordilheira; onde, a *Miguel* pareceu mais convincente permanecerem até ao dia seguinte; pelo que se acomodaram para dormir, ou passar a noite, entre duas grandes pedras ao meio de uma espessa sombra formada por uma frondosa gameleira.

Após se despertarem advertira-lhe *Miguel* que eram horas de comer.

– Respondendo o amo que por enquanto lhe não seria necessário, comesse ele, se bem lhe parecia. Com esta resposta, ficando de cócoras acomodou-se *Miguel* sobre os pés, e retirando do saco o que por ele havia metido, ia comendo com todo o seu apetite. Em toda aquela noite não pregara olho, cuidando da segurança do amo, até que chegasse a alvorada com as algazarras das aves canoras que em grande número saudavam com alvoroço a chegada de um novo dia.

Ao perceber o alvorecer com a chegada da aurora, dera *Miguel* um estridente grito, por estar muito contente, achando que aquela noite teria sido bem mais tranquila do que a anterior; mas, em seguida, voltara a ficar triste; como que se lhe apertasse o coração, pensando em que não seriam socorridos por tão cedo; e não querendo o amo desjejua-se por que lhe dera na cabeça de alimentar-se apenas de recordações.

Em seguida dissera o chefe – *Miguel* amigo, metemos os pés até os tornozelos naquilo que chamam de aventuras. Respondera-lhe o *Miguel* – nisto está vossa mercê absolutamente certo; porém, no que toca em defender a vossa pessoa, não hei de fazer muito caso de coisa alguma; por que as leis divinas e humanas permitem defender-se cada um de quem lhe queira mal – Não digo menos disso, retrucara o amo; porém no que tange a proteger-me contra os meus inimigos doravante devemos de ter mãos aos nossos impulsos naturais.

– Assim o faremos, respondera-lhe *Miguel*.

Comentando estas práticas e outras mais seguiam através daquelas veredas à procura do socorro prometido.

Ao amanhecer do dia seguinte, contando com a boa ou mal fadada sorte, que segundo o cuidado dos que se não alumiam da verdadeira fé, que tudo encaminha e dispõe; acometidos e apertados pela fome e a muita sede, seguindo a ironia do destino, resolveram buscar ajuda ao sopé daquela montanha. A pouco e pouco iam entrando ambos pelos mais ásperos dos caminhos, quando de repente deram de cara com um pequeno e manso riacho, sombreado de penhas e árvores que por ali abundavam. Era aquele um dos calorosos dias do mês de junho; a hora, às três da tarde. Tudo aquilo um convite para ali descansarem um pouco, como de fato o fizeram.

Estando assim, remansados e à sombra, chegou-lhes aos ouvidos, o tilintar de alguns chocalhos soando doce e regularmente. Ficaram mais animados ainda, quando perceberam ser um rebanho de vacas; logo resolvendo seguirem os passos da manada; indo depararem-se justamente, com a fazenda *Boi Carreiro*; município de *Uibaí*. Propriedade esta pertencente ao Sr. *Jonas Martins de Miranda*, antigo desafeto do chefe em apreço. *Jonas* teria deixado sua cidade, em função de um crime praticado contra um seu sobrinho; ficando provado que o autor teria sido um capanga do citado personagem, tendo sido acobertado pelo mesmo.

Estando o dito *Jonas* em sua casa de campo, num final de semana, em pleno Domingo; ao se levantar bem cedo para desleitar as vacas, quando ouvira um ruído de vozes saindo de dentro da mata próxima; ao observar com mais atenção notara que duas pessoas movimentavam-se, continuamente, ali mesmo em frente ao curral.

Sabendo de pronto que o fazendeiro era o seu antigo rival, o homem ficara muito assustado e profundamente apavorado. Porém, *Jonas*, cidadão prudente e de muita fibra, dissera-lhe: “fique tranquilo, aqui ninguém lhe fará nenhum mal”.

– Tal poderia correr as cartas, dissera o coronel. Hoje, estou reconhecendo o que é ser uma pessoa valorosa; peço-te que perdoes o passado, pois, passo a conhecer a tua generosidade; e, sabes que

nem todos os acontecimentos estão sujeitos ao nosso arbítrio. Daqui por diante, fico advertido de que a pessoa deva reprimir os seus impulsos e sempre contar com as incertezas do futuro. Deus nos livrara de que fosses um arrogante feito eu, e nos amofinasse e acabasse de apisoar ainda mais o nosso ego, o nosso entendimento.

Quisera a desdita que aquele dia fosse um Domingo, como já fora dito; só havendo na despensa apenas certa quantidade de um pequeno peixe chamado *traíra*.

– Perguntara-lhes a criada se comeriam o tal pescado; atendendo por não haver no momento outro alimento a ser consumido. – Respondera-lhe o nosso chefe: de muito boa vontade, muito grato eu ficaria; por mim não, que ando um pouco “desapetisado”, mas por *Miguel*; pois, não se deve olvidar o vexame das próprias tripas. Enquanto as *traíras* por serem pequenas, tanto vale um quilo em um só pedaço, como em dez pesadas de cem gramas.

Trouxera-lhes ela uma porção do bem remolhado e melhor cozido da refeição anunciada; além da *rapadura*, grande pedaço do saboroso *pão de milho* de muito boa cara.

Ralados em seus pensamentos apressaram eles aquela modesta refeição, e depois de regalados e fisicamente satisfeitos; após os agradecimentos de praxe tomaram caminho não determinado; por ser muito de foragidos não seguirem via certa. Deixando-se ir pelos caminhos e atalhos tidos como mais seguros; indo ambos em direção à cidade do amigo antes mencionado.

Ao cabo de 20 dias de uma viagem bastante turbulenta, chegam à fazenda prometida, onde entram em pleno meio-dia; e como havia muita gente ali por perto, reparando em *Miguel* ter habitado por muito tempo na região, esconderam-se no matagal próximo; e, em seguida, por meio de um menino, avisaram ao amigo de suas presenças naquele local; quando este providenciara um carro de bois, para disfarçá-los em carreiro; a fim de conduzi-los ao destino, antes previsto.

Jungidos os bois, o carreiro propriamente dito, acomodou-os entre uns fardos de algodão; e, com sua acostumada fleuma

escolhera o caminho a ser percorrido; pois, os dois temiam ser reconhecidos numa situação tão vexatória como aquela.

Com largueza de ânimo respirou aliviado *Miguel*, limpou as lágrimas, e agradeceu ao bom Deus, pela mercê que lhes fazia. Nisto, levantou os olhos e viu que seu amo estava bastante agitado; logo dando pressa para se chegar a ele, e ajudá-lo se preciso fosse.

Quando entraram naqueles prados, alegrou-se-lhe o coração, pensando ser aquele lugar muito propício para o descanso que almejavam.

– Perguntara-lhe *Miguel*. O que está havendo com Vós “me Cê”?

– É aí onde a coisa fica séria. – Respondera-lhe o amo. É aí onde está o xis da minha questão.

Desvairado com tamanha balbúrdia não é de admirar. Quem está em tal situação, não há mal que não tenha e que não tema. O mal está em ensandecer-se sem motivo. E assim, cabisbaixos e cansados tinham jornadaado em silêncio dias e dias. De vez em quando, o *Miguel*, com a sua astúcia e sagacidade de um guerreiro experiente, aproximava-se de um rancho, onde os dois descansavam e tomavam algum alimento; para depois retomarem a trilha por entre as carnaubeiras e pedregulhos da estrada.

O coronel sentia-se aborrecido e impaciente pelo alongamento da jornada. Propusera até que descansassem um pouco escondidos dentro da mata fechada.

– Respondera-lhe *Miguel* que não seria prudente. Não temos tempo a perder! Não se vexe patrãozinho; já estamos bem perto. É ali! É ali! O outro consentiu praguejando e cheio de tristezas.

– Ah! Suspirou desanimado o coronel, e deixou-se cair num desânimo profundo; com o peito a arfar numa cadência semelhante ao bater de asas de um pássaro a voar. – Lá está! Exclamara *Miguel*, e aproximaram-se de um ponto sombreado do caminho. Era justamente a trilha que os levaria à residência do coronel amigo. Ambos sentiram-se comovidos e com as mãos postas rezaram agradecidos.

Ao declinar do dia, os primeiros sinais da escuridão começavam a aparecer; levantavam-se no ambiente com a aparência

de uma fumaça. As aves escondiam-se no antro da floresta. O vento fresco da tarde balançava os ramos das árvores. Naquele instante, já a lua resplandecia mostrando ao longo da planície a sombra de grandes *jacarandás* copados. Felizmente dirigiram-se à porta da casa. O carreiro sacudiu a campainha e gritou! -- Chegamos coronel! Houve um ladrido de cães ferozes. Aparecera um jagunço armado de fuzil, abanando um tição para não deixá-lo apagar.

– Boa noite! Podem chegar-se. Os dois foram andando; de longe gritara o dono da casa. -- Viva! Os cães rosnaram, mas o dono com voz forte os repelira.

Então sempre chegaram! – Assim, assim, porém muito moídos da viagem, argumentara *Miguel*. – Estejam à vontade. Podem assentar-se. Ó *José* veja uma dose de pinga. Ou preferem primeiro o café? – Qualquer dos dois! -- O anfitrião voltando-se para a criada: vem ou não vem o nosso jantar? Diante de um candeeiro postado sobre a mesa, e alimentado por uma matula com querosene reluzia uma toalha de linho branco. Um filé de peixe *surubim* estalava as gemas de ovos.

Após a satisfação do apetite; foram convidados ao descanso. *Miguel*, logo ressonava. Ao passo que o coronel meditava o que estava acontecendo com a sua vida; relembrava os acontecimentos da guerra: imaginava a tomada do forte Vermelho; a invasão da cidade; a gritaria dos jagunços comemorando tão extraordinário feito. Tudo isso o deixava mais que abatido. O companheiro, despertando, começara a palrar, tentando animá-lo.

Em seguida, observara o coronel – *Miguel* amigo não gastes o teu tempo em me aconselhares. Portanto, de qualquer maneira, pela vida ou pela morte sairei do profundo embaraço em que me houverses deixado; agradecido do bem que me fazes. Os que me trazem mal me deixam louco em o sentir. Hospedados em local seguro, balbuciara o coronel: daqui da janela deste quarto, onde estamos alojados, posso apreciar o balouçar destas belas árvores; este é o lugar, oh! Céus! Que tenho para chorar as desventuras onde vós mesmos me haveis posto.

Este é o sítio em que o tributo dos meus olhos não de aumentar as águas daquele inesquecível regato, onde ultimamente descansamos. E, vós outros! Não perturbeis o vosso sossego; e tu amigo (*Miguel*) ajuda-me a deplorar a minha desventura; ou pelo menos, não cansas de me ouvir. Como pude perder o rumo da vida de maneira tão desastrosa! Como pude perder esta guerra! Indagava-se e Indignava-se o coronel.

A escuridão é tenebrosa! Nesses poucos dias que me restam, revolvo o passado à busca de resposta! Endireitando os ombros, posicionou a mão direita na maçaneta da porta do quarto, pensando em dar umas voltas pelo pátio. Mas falta-lhe coragem. Hesita. Ouve a minha voz (a voz de *Miguel*), tentando animá-lo. “gire a maçaneta e abra a porta patrão! O Senhor consegue”. Mesmo assim titubeia. Diz estar ouvindo a voz da esposa. E, monologa em voz alta – “Coragem! Você é um vencedor! Em suas veias corre sangue quente. Sangue de seus ancestrais. Eles faziam de tudo para conquistar o que queriam. Força! Lute”!

As angústias estavam instaladas no seu ego, e eram carregadas entre a pele e a alma. Com tantas reminiscências a remoer, trancou-se no quarto; e rejeitando qualquer forma de alimentação esvaiu-se por completo.

Em função dos mais diversos acontecimentos, a sociedade barrensense já havia começado a vergar-se sob a extraordinária pressão das tropas horacianas. Baixara a onda inicial de patriotismo que se notara ao iniciar-se a guerra. Isto era notório. O cansaço produzido pelas agruras da contenda; a falta de gêneros alimentícios desde que a cidade ficara sem comunicação com o mundo exterior, transformava-se em hostilidade surda e calada, em relação a uma matança quase interminável; parecendo que ninguém tivesse vontade de ver o fim.

Enquanto isso, os já desanimados jagunços passaram a falar pela maioria – como um gesto público contra o conflito, notadamente agonizante.

Em contra partida, os mais eloquentes apoiadores concentravam-se em suas fileiras com acentuada gritaria; tentando

levantar o moral de uma população já combatida e sem nenhuma esperança. Ao mesmo tempo um grupo de famílias que sofria as sandices da beligerância, tornou-se um centro de militância antiguerra.

Situação bem diferente, quando no começo do conflito toda a região barrense tornara-se um monte de explosivos pronto para a ignição.

Um arauto bastante animado andava pelas ruas a gritar: eia, armai-vos com a vossa coragem e saiamos todos contra eles. E, assinalava – eu de modo particular sou dos mais prejudicados; visto já ter perdido três filhos. E expondo razões e mais razões tentava a todos persuadir, argumentando – Deus é quem cuida da guerra. Ele tem seu impulso vingador. Essa guerra deve ser vista com clareza, não entre neblinas. Eles hão de pagar com suas vidas; sem escapar um sequer para contar a história.

5.1 O cenário da guerra

Ao recontarmos essa **HISTÓRIA**, não tivemos a intenção de contá-la melhor; pois, ela já fora contada das formas mais facundas e claras possíveis.

Nosso intento tivera como fonte de inspiração: especialmente, a satisfação de um desejo pessoal; oriundo de um voto (**promessa**); como já fora dito: – em razão de anotações inéditas feitas pelo Sr. *José Fernandes de Souza*, “**José Caboclo**”; inscritas em Cartapácios guardados em arcas de couro desde (1925). Este Senhor mergulhava na investigação à busca das raízes dos antepassados; e assim, ia puxando cada pegada mestiça que costurara os traços viciosos de suas origens, tão orgânicas e tão antigas quanto às origens da própria Chapada.

E dessa maneira, com a sua magia de bom narrador – lado a lado dessa cultura escrita e oral – aquele mundo garimpeiro com suas fantásticas histórias continua vivo em nossas lembranças e está colocado na memória histórica da Chapada; a que podemos dar uma voz narrativa, induzindo o leitor a navegar e esgravatear os alicerces

ou até mesmo as fatuidades decorrentes de certos acontecimentos que às vezes enfeiam determinados feitos de sua terra, merecedora de estar presente nos anais.

Na literatura da nossa História.

Outros:

IRECÊ, História, casos e lendas – *Rubem Jacksom* (2009). **Barra do Mendes** – Uma História de lutas. *Mendonça Edizio Rodrigues* (2003).

Conversas informais - *Imbuzeiro Miguel; Souza José Fernandes* (literatura de testemunho).

Contudo: esclarecemos mais uma vez – Nosso objetivo fora apenas pesquisar e revelar todas as informações obtidas por intermédio de antigos arquivos; também, como já fora dito: apreciando a literatura de testemunho; observando e valorizando todo o conteúdo que tais falas e documentos poderiam nos informar a respeito do aludido assunto.

É com muito cuidado e zelo que lhes apresento esta edição das Histórias e estórias da Chapada. **Uma História de Vidas**. Especialmente aos habitantes da nossa querida *Chapada Velha*. Terra natal de meus genitores; e que, por esta sublime razão não poderia deixar de amá-la. Peço-lhes que a recebam com carinho, entre as obras de pouca valia que lhes são apresentadas.

Creio que, esse processo investigativo continuará válido por muito tempo. E, por muitos anos continuará servindo à criação literária; à espera de observadores a investigarem no substrato social vestígios das ações humanas de ontem, de hoje e de sempre; neste espaço característico do semiárido baiano – A Chapada Diamantina.

Entretanto, esperamos que o leitor não reclame de não termos feito um relato mais sucinto; por que aí teríamos a desvantagem de perdermos a autenticidade da discussão em foco. Apesar das dificuldades encontradas, não escapa ao propósito desta narrativa dar detalhes da cruenta luta entre *Mandiocas* e *Mosquitos*.

Lamentamos, contudo, que pessoas tão boas e de tamanha importância, tenham se engalinhado em contentadas tão cruéis e tão feias brigas; como consta dos nossos anais, isto é, da nossa História.

José Fernandes de Souza em suas anotações lembra-nos que, são raros os documentos escritos sobre a Chapada como um todo. Tais anotações limitam-se quase sempre ao perímetro das minas. Podemos, todavia, compensar essa ausência de documentos utilizando-nos da fala de narradores que consideramos autênticos.

Essa conversa será debruçada sobre *Barra do Mendes* e suas peripécias. É natural que o leitor queira saber quais são essas **peripécias**. Calma! Tudo, tudo será revelado. E, só então começa a nossa prosa em relação aos estranhos acontecimentos referentes a essa brilhante e acolhedora cidade sertaneja. Que tem na frente um lindo diadema de montanhas e árvores. A parte anterior chega a ser um enorme barbante que lhe cinge as faldas. Nesse cenário, o pensamento do visitante não pode se desviar para outra parte. Desde que sofrera muitos revezes, passara alguns anos um pouco desanimada. Mas ao mesmo tempo começara a tomar algumas precauções. A sua tragédia teria se corporificado naquele caderno de atrocidades com todas as referências precisas. Estamos no verão brasileiro.

O município está prestes a sofrer uma profunda reviravolta. Digamos: uma catástrofe. São 18 de setembro de 1818. E é exatamente nessa data que a coisa vai encrespar. O coronel **Militão** chefe da cidade está furioso, em razão dos desentendimentos em relação ao confrade; também coronel **Horácio**, Imaginamos que, não há forma de tratar dessa questão sem evocar as figuras emblemáticas que moldaram a abordagem mais difundida, respeitante à relação aos dois.

E só agora, iniciamos a nossa prosa alusiva ao assunto em pauta.

Observando o ângulo histórico que há muito tempo venho pesquisando; é de suma importância ater-me detidamente a essa escrita dessa **história de vidas**.

Continuo confiante no que li em alguns escritos e também aparentemente por intermédio dos lábios de meus entrevistados. O

assunto evocado é persistente: *infernos, guerras, purgatórios*, aparecem na vida de diferentes povos. Podem ser assuntos para uma revisão antropológica. Falar de Antropologia insinua que esse tema toca na natureza humana. A consciência antropológica pode ser esclarecida à luz dos “causos”. Em razão do que sabemos e ouvimos dizer; tais fatos não nos são estranhos.

Lembramos, entretanto, que a Antropologia tem um limite; e, quem reflete sobre o humano tem de observar o desenho que paira sobre o inumano. Não sei bem como posso explicar esse jogo complicado. Tem algo de extravagante nesse tema; que envolve em seu raio o pesquisador, ou escritor; e, ameaça arrastá-lo em sua bola de neve.

Aqui temos um resumo histórico, baseado em escassa documentação; porém, absolutamente sério, no qual o país representado; neste caso pela *Bahia*, especialmente, a Chapada Diamantina – não aparece como um simples sistema semifeudal – Mas sim, como uma verdadeira sociedade com espessura histórica, dotada de consistência própria, participando distintamente do comércio de metais preciosos e do volume de riquezas dele resultante.

Acreditamos que estes relatos devam ser encarados pelos leitores como um exemplo de honradez histórica e como verdadeiro esforço de pesquisa. Para nós foi difícil a escolha dessa intrincada e vasta temática; numa abordagem – não acadêmica do tema – O que procuramos demonstrar fundamentalmente são os interesses, as divergências sutis ou declaradas entre os coronéis; os rivais e seus garimpeiros ou apoiadores.

Era espantosa a impressão de lealdade entre chefes e subordinados. Pessoas que viviam e sofriam neste sertão de todas e de todos nós.

Colocam-se frente a frente centenas e centenas de homens fortemente armados; dispostos em posição de combate. São analfabetos. Não têm doutrinas espirituais. É uma situação mais que caricata; pois, lutam em troca de nada; na pior das servidões. – A servidão espontânea ou servidão consentida. – Herdada desde os

tempos do *Brasil colônia*; condição fundamentada específica e especialmente no servilismo. Ocasão em que os “nobres senhores” eram vistos como alguém a quem deveriam obedecer sem reclamar, sem contestação alguma; especialmente, como um dever cívico, um preceito religioso.

Essa famosa batalha ocorrida há pouco mais de um século, dentro das fronteiras de *Barra do Mendes* e seus arredores; quando pereceram muitas “centenas de pessoas: mil? Mais de mil? Talvez”; Esse conflito conserva-se ainda hoje tão fresco em nossa memória como se tivesse sido travado ontem.

Até hoje estou tentando entender o que levava aqueles homens a fazer o que faziam. Talvez tudo possa ser estudado e explicado por meio da *Metafísica*; não sei. Matavam sem o menor fragmento de consciência; totalmente às cegas. Não faziam qualquer distinção entre a vida e a morte. Aquelas criaturas se transformaram na própria guerra. O bem e o mal se confundiam em suas mentes como se fossem irmãos siameses. Não que não notassem diferença entre o bem e o mal; é que não podiam separá-los.

A noção que tinham das coisas era falsa; um passe de prestidigitação mediante o qual se deixavam iludir. Ignoravam o código de comportamento e conduta que compõe a ordem moral.

Eram influenciados e guiados pelo mores; que variava de um lugar para outro. De uma época para outra. Ainda havia tribos canibais em algumas regiões da *África*. E quem lhes poderia dizer que comer carne humana era crime?

Os coronéis tinham diante dos olhos a finalidade da felicidade presente, e a expectativa de um bem-estar igual no futuro. Não pensavam no que teriam de sofrer no tempo que durava uma batalha, quanto no que deveria da mesma forma sofrer as suas famílias, bem como toda aquela comunidade.

Os terceiros, os outros; não teriam nada que os estimulasse a não ser a subserviência, que não se dissiparia nem diante do perigo; que provocava tanto ardor que não deveria extinguir-se, necessariamente, nem na presença das gotas de sangue que

forçosamente sairiam de seus ferimentos; tão agudos que quase sempre os levariam à morte.

Tal a doutrina social “**Servidão Consentida**” que os confundia desde as suas tenras idades. Isso os transformou em seres frios, menos emotivos quanto nem se poderia imaginar. E em função desse desvio, raciocínios práticos encontravam-se tão prejudicados que produziam na vida cotidiana erros sucessivos; numa contínua violação do que podemos considerar ser socialmente inadequado e pessoalmente vergonhoso.

Essas pessoas sofreram uma violenta lavagem cerebral; um choque neurológico que danificou um setor específico do seu cérebro; originando uma profunda deficiência na sua capacidade de decisão. Os instrumentos necessários e suficientes para um comportamento social encontravam-se totalmente prejudicados: as ordens dos níveis orgânicos fazem parte do circuito que organiza o nível superior da razão. É fascinante encontrar a sombra do nosso passado evolutivo no nível mais distintamente humano da atividade mental. “O cientista *Charles Darwin*”, o homem da teoria da evolução fizera um aprofundado relato a respeito deste assunto; além de elaborar um Tratado, fizera uma conferência sobre as raízes biológicas e neurológicas da violência. Houve certa publicidade; e não tardou para que ele se visse às voltas com manifestações de protestos. Diziam que a conferência não fora científica, e sim ideológica; quando o palestrante afirmara que a violência poderia ser incorporada ao DNA das pessoas. Hoje, a ciência comprova: o fato de agir de acordo com um princípio ético requer a participação de determinados circuitos no cerne do cérebro; reativando esse princípio ético. Quando esses circuitos são modificados, ou destruídos, os indivíduos seguem sem direção – como ovelhas ao matadouro –.

Essa subserviência torna-se permanente por uma razão muito simples: regras éticas previamente adquiridas podem perder-se como resultado de hábitos deturpantes e contínuos do dia a dia; praticados ou ensinados compulsoriamente; impostos por um longo período. Esses hábitos assim repetidos são incorporados ao nosso

DNA, passando a fazer parte da natureza humana como coisa natural; até mesmo fazendo com que o indivíduo perca o sentido de responsabilidade sobre si mesmo e sobre os outros. As alterações na personalidade, às vezes são sutis, e a pessoa já não consegue fazer escolhas acertadas; e as que faz ou são neutras ou errôneas. Seus valores foram modificados, e agora influenciam nas decisões que resolve tomar. Contudo, alguns valores éticos podem ainda existir, mas de forma abstrata.

A mudança de caráter não desvanece por si própria, mas por meio de hábitos incorretos praticados de maneira persistente e em longo prazo. Por meio desse processo chega-se à “Servidão Consentida”.

Mesmo diante de tantas incongruências, o *garimpeiro* é a melhor parte do mosaico que significa e representa a conquista da Chapada; com a descoberta dos metais preciosos, dando origem à cobiça e à aventura. Nem céu, nem inferno. Mas, a presença de uma região rica, dadivosa e às vezes inclemente, **com suas benesses e mazelas. Chapada diamantina**, como é denominada essa gleba do sertão baiano, tivera uma penetração difícil; onde aconteceram senas e dramas lancinantes; páginas de muito drama e sacrifício. Palco das guerras do coronel **Horácio** com suas proezas, sagacidade e lenda de corpo fechado; sempre discutindo com os amigos a respeito de aprestos e manhas de guerra; inquirindo sobre a presença de sutis espíões nas proximidades, ou redondezas de sua cidade de *Lençóis* - À época um arraial sito à falda da serra, de onde domina um vale coberto de árvores, a que a vegetação bravia e o vento da montanha dão-lhe um fundo magnífico.

Nos momentos críticos da História da Chapada, sempre aparecera um **Matos** para deixar a sua marca. Sendo **Horácio** um dos mais esforçados da antiga linhagem; representando o sublime orgulho de seus ancestrais; competia a ele de façanhudas e nobres energias ressuscitar os altos espíritos do passado.

Por que uma alma degradada não poderia enfrentar questões tão complexas em eras tão fortes para reconstruir essas memórias avoengas. Enfronhado no passado da família, sua trajetória daria um

romance fundado nos anais de sua raça. Que nele revivia, senão pela continuação das façanhas, pelo mesmo alevantado heroísmo de seus antepassados.

Eis aí, um forte, que com a sua forma e os modos de seu tempo; continua a honra de sua geração. Mas, eis que rompe asperamente a feroz contenda entre ele e o rival, coronel *Millitão*. Os bravos coronéis investem um contra o outro, em dura arrancada de rifles e espadas. Porque existiam entre ambos, duros agravos de outrora e de sempre; recheados de ambições políticas; ideias de vida, todas voltadas ao poder de mando; cada qual querendo firmar-se na política e conseqüentemente na administração do perímetro serrano.

Posto Isto. Um e Outro estavam ciosos de sua autoridade sobre a cidade de *Barra do Mendes*. *Militão* interpela o governador do Estado. Este, neste lance, se angustia entre a dúvida e a lealdade. Com manobras e artimanhas de amparo e desamparo. **Horácio** com o seu alevantado intento de domínio, apresta sua tropa, regendo com os cabos de guerra a ordem da arrancada.

E com a sede de afogueada correria abala sobre *Barra do Mendes*. Após vários meses de porfia cerca a cidade, tolhendo todas as passagens. Mas, os destemidos *Hermógenes* e *José Matias* não hesitam em avançar e travar peleja. Eles haviam chefiado os *Mosquitos* nas sangrentas refregas das *Caraíbas (Irecê)* com êxito inusitado.

Com laços verdes ao pescoço, comandando a mesnada do coronel *Militão*, avançam sobre o vale, e arremetem contra toda a hoste horaciana. No entanto, o cabo de guerra de *Horácio*; o destemido *Abílio Machado*; valoroso guerreiro, oriundo de *Canabrava do Gonçalo, (Uibaí)*; antes palrador e sociável, mas que passara dano forte lutava por vingança; e com o laço vermelho dos *Mandiocas* já se adiantara; e curveteando, apoiado no selim do seu potro rosilho, a espada erguida acima da cabeça; os cabelos encobertos por uma pasta de poeira, com impetuoso espírito guerreiro; atroava o vale com o seu pregão – *Mandiocas Avançar!*

Avançar *Mandiocas* que não há passagem! E aqueitava a lide mais com gritos que com golpes. “*Mandiocas*, alcunha que glorificava um famoso aldail; mercenário natural de *Nazaré das Farinhas*” Os

feros desafios rolavam no ar. *Abílio Machado*, sentindo-se esfumado pelo heroísmo que lhe era peculiar, arroja contra o bando com grande grita -- Por Deus! Pela honra!

Através da grossa poeirada e do zunir das pistolas e rifles, ferozes jagunços animados pela coragem do chefe, arremetem; enquanto no chão lamacento, os malferidos estrebucham aos berros. E os atordoados buscam abrigo atrás de pedras e árvores.

Ao entardecer, no embate mais duro da peleja, por cima dos fogosos cavalos que se empinam, arfando ao peso dos cavaleiros, as lisas espadas lampejam, retinem nas duras pancadas de umas contra outras; dos altos arçõs, jagunços desabam num estrondoso baque sobre a terra dura e poeirenta. Os cavaleiros; porém, como num torneio terçam espadas para se derribarem com clamores de excitada euforia. E, sobre a hoste contrária a quem dirigem o furor da matança; se batem com os seus espadões, se despenteiam com os seus punhais.

Por entre a jagunçada inimiga, *Abílio* avança mais apressado que ceifeiro a colher o trigo. A cada arrancada de seu potro alagado de suor, que sacode furiosamente a cabeçada reluzente, sempre em gritos pela intervenção divina -- um jagunço verga traspassado --; homens se retorcem em agonia. Todo o seu desejo era terçar armas com *Hermógenes*. Até que o mesmo resolve sair da trincheira para animar a sua gente; e, no ardor desesperado de romper a ala inimiga, berra desesperadamente por *Abílio*.

Neste dado momento, um lança de cravinote que lhe partira a espinha, fendera também a perna esquerda. Depois, varado por uma bala certa, o seu ginete também fora abatido escoiceando as cilhas despregadas. Aí, viu-se cercado por uma sebe de espadas e chuços. Enquanto, debruçado sobre a sela, *Abílio* bradava: vivo! Vivo! Queremo-lo vivo! *Hermógenes* ainda investia raivosamente com a espada arrastando pelo chão; mas sem mais servir para nada. Num relance fora agarrado por homens que lhe filavam a garganta. Tombou por fim direito como um madeiro. Estava vencido o bravo *Hermógenes*.

Abílio, limpando às costas das mãos o suor que lhe escorria pela face, pela barba, murmurava: vencemos! Vencemos!

Quando a ordenança do *Militão* por recado do chefe gritava a bom grito –**Mosquitos** a eles! – A eles *Mosquitos*! O coronel nos aguarda sãos e salvos! “*Mosquitos*, alusão a uma fábula: numa guerra entre os insetos, os *mosquitos* (*marimbondos*) teriam sido os vencedores.” Repentinamente, toda a curta ala horaciana a cavalo tropeou para dentro do vale de espada em punho. Um irmão de **Horácio** erguido sobre os estribos lançava injúrias de furioso orgulho: - escuta cambada de covardes, saibam todos vocês; hoje mesmo, chegaremos a **Barra do Mendes**! E assim, arremessado e afrontador em combate; apesar da bravura; já pela gola da surrada jaqueta de brim amarelo borbulhavam longos fios de sangue. Passando por cima dos corpos que infestavam o chão, o valente moço, arremete contra os inimigos que recuam. E triunfante redobra os gritos. E mais irado investe.

A cada salto de seu rijo alazão, já molhado de suor, relinchando furiosamente; entre pragas e gritos jagunços se retorcem malferidos em profunda agonia. – E no ardor desesperado de entrar na cidade, berrava loucamente por *Militão* com duros ultrajes de covarde e ladrão. Quando uma bala atirada de uma trincheira tira-lhe os movimentos de ambos os braços, que logo arrefecem.

Aí, combalido tomba como um frondoso *jacarandá* abatido pelos vibrantes golpes de um potente machado. *José Matias*, sempre fustigando o seu castanho, clamava: para trás, para trás! Bando de covardes -- De onde viestes voltareis. Entrementes, num estrondoso tropel a mesnada horaciana tropeou para o lado do *Forte Vermelho*, e numa alarmante gritaria festejou a explosão da dinamite que de repente fizera tombar aquela inexpugnável fortaleza.

Não há como compreender a era dos coronéis. Eles viveram e pensaram em termo de guerra. Sem dúvida houve momentos em que tal vez fosse de esperar-se que o Deus que os homens pios acreditavam ter criado o mundo e tudo mais que nele existe estivesse arrependido de tê-lo feito. *Barra do Mendes* sobreviveu. No entanto, quando seus fortes, suas supostas fortalezas ruíram grande parte de

sua economia desmoronou crestada pelas chamas da guerra. Foi como um quebrar de portas e janelas; tirar pisos e deixá-los sem chão.

As mudanças equivaleram a uma troca de telhado. Elas afetaram a sociedade como um todo.

Vamos dizer assim: os *Mandiocas* desenvolviam projetos. Elaboravam seus croquis. Sempre se perguntando, como bombardear o *Forte Vermelho*? Como romper esse impasse? Eis a questão. Tal feito tivera a ver com a genialidade do garimpeiro *Antônio Merencio* idealizador de um túnel; escavado sempre à noite; fazendo barulho na direção oposta, a fim de despistar a vigilância. Aí, os *Mosquitos* sentiram na pele a eficiência da hoste inimiga. Os *Mandiocas* desenvolveram a técnica da trincheira, para se proteger e atacar. Virou a marca da guerra. Abriam buracos de dois metros de profundidade, e nos pontos mais altos colocavam sacos de areia; na tentativa de deter os inimigos e desviar o endereço das balas por eles disparadas. Por meio dessa estratégia, a cidade ficara em estado de sítio, ao contrário.

Pela cancela de entrada, já livre dos intrincados cactos que a atulhavam (*quiabentos, macambiras e mandacarus*) homens se empurravam desesperadamente para penetrar na cidade. Quando rígido, aparecera o coronel *Horácio* com a face suja de terra; e subindo num monte de pedras, dera ordens que se mantivesse a calma, a fim de que as famílias pudessem sair em segurança. Rapidamente, jagunços arrumavam sobre o dorso das mulas, caixotes das lojas e armazéns. E, nas sobrelojas, peões bebericavam doses de cachaça, batendo em retirada. Nesse ínterim, *Militão* sentese encurralado.

Agora, sem provisão para manter seus comandados; e que até ao luzir da madrugada se agitara pelo quarto, num tumulto de esperanças e receios; com os ombros arriados, era visivelmente um homem esgotado. Mesmo de longe, podia ouvir-se sua respiração ofegante. Desmoronou por completo. Teve uma crise de choro. Aquela fora para ele uma noite revolta e tenebrosa. Por fim, sem sossego, com olheiras gigantes e os olhos muito vermelhos;

resultado das muitas noites mal dormidas, o coronel era um homem precocemente envelhecido.

Um exemplo notório de como a ação cruel de alguns meses de angústia acumulada, é capaz de modificar a aparência; nada se assemelhando ao seu passado recente. Atormentado por sombras e pensamentos negativos, com a manhã ainda meio escura; endireitando-se para o quintal, com as pernas moles, um suor arrepiado na espinha, convoca o conselho de guerra. *Miguel Imbuzeiro*, um dos homens de confiança, era um sujeito forte; um metro e oitenta de altura; de uma força impressionante; força maciça, força de músculos; embora numa constituição de gorila; o estado elementar em si mesmo; de onde foram geradas todas as formas de vida humana. Os movimentos dos seus músculos denunciavam uma pujança esmagadora; ele sabia que precisava reagir rápido. Pergunta se não estaria nos planos do amigo continuar resistindo. – Mas, resistir como, *Miguel*? Retrucara o coronel, visivelmente atrapalhado; preso num turbilhão de planos confusos.

Em razão daquela situação extremamente adversa; na verdade, naquele momento, ninguém saberia como resistir.

Todos estavam apavorados e inertes, atingidos pelo gelo que só um anestésico altamente potente poderia provocar. O coronel não conseguia controlar o tremor de suas pernas, que fazia com que seu corpo inteiro vibrasse. Era o medo do medo. Quem não tem consciência do perigo pode pôr em risco qualquer um que esteja ao seu lado. O antes destemido chefe não conseguia sobrepor-se ao seu próprio medo. E numa trégua urdida por ele próprio; resolve capitular, ordenando um acordo. E em brutalabalada fora buscar asilo debaixo das asas do amigo, coronel *Frankil em Pilão Arcado*. Em busca da resolução de seus problemas. Eis, pois, exilado o bravo comandante. E nos encerrados dias que por lá passara; tentando sobreviver apenas de recordações, não cessara de vibrar numa cólera muito profunda; negando a alimentar-se corretamente, trancando-se num quarto. E assim, ia atravessando então, uma desolada temporada; remoendo a melancolia de uma vida que sentia oca e toda feita de incertezas.

Relembremos que: da temerosa tranqueira de onde estava atirando, espiando e orientando seus homens; mesmo entre as ramagens, sem baixar o tapume, o coronel *Horácio* pôde reconhecer o rosto do filho de seu antagonista.

E saltando sobre a sela da besta ruana alertada por uma sibilante chibatada; como levado por uma rajada de orgulho e força galopou para o local – curto recado lançou aos carabineiros de plantão – Não toquem no moço! Pois, vou levá-lo a sua mãe, que a estas horas deverá estar bastante aflita. E com a presteza de espírito que detinha, preparou um ardil seguro contra as costumeiras emboscadas; quando os inimigos repentinamente surgiam sempre rosnando num ronco assombroso – O rapaz tardou a entender o gesto do inimigo, andando de um lado para outro; tamanho o susto que levava. Mas, ao mando do coronel saltou para a garupa da alimária; e apressadamente avançaram pela estrada fora pegando um atalho que lhes permitia abreviar aquela épica e inquietante jornada. Açodado e coberto de pó galopara desde a *Fazenda Melancia*, a pedir desculpas – Senhora (...)! Aqui tendes vosso amado filho *Nestor*; “depois se tornara deputado” que em lide leal caíra prisioneiro.

Abandonei o improvisado levadiço. Caminhei com ele até a vossa casa, para vos entregar, são e salvo; pois, ainda assim tão jovem não deveria estar participando desses homizios e feias brigas; que malbaratam o sangue de tão bons cidadãos. Sei que toda a vossa família deve honrar-se com ele. E com esses sábios dizeres acalmou um pouco o coração daquela mãe desesperada.

Com tamanha surpresa, a pobre mulher esquecera as agruras da guerra, as humilhações; e consternada agradecera ao coronel. Num forte abraço acolhera o filho querido, e com ele ainda aconchegado ao coração, respirou como uma criança cansada.

Enquanto todo o seu ser era emudecido de confusa emoção, de inaudita alegria. Depois, correndo à cozinha, avisava aos gritos: gente! Venha ver, meu filho está vivo! -- Ele está aqui! Era a sublime alegria de si encontrar com o filho; após tão violenta manhã.

O coronel *Horácio* possuía uma missão: parecia estar fadado a restabelecer a paz e reinar absoluto na região serrana; tantas as vitórias que alcançara. Mas, tinha um inimigo oculto. Como dissera o eterno e único poeta, *Luís Vaz de Camões* por meio das páginas dos *Lusíadas*. “Um poder mais alto se alevanta”. Neste caso, o governo federal. Este, pretextando pacificar o sertão, confia-lhe o desarmamento geral das lavras, urgente e irrestrito: ocultando uma cilada, um golpe de mestre. O famoso “pulo do gato”.

Assim lentamente trabalhando com maldosas intenções; passara alguns meses procurando tapar e abafar o sujo enredo que por trás latejava. O coronel *Horácio* tivera um momento de “glória”. Como confirmação do seu prestígio político – visto ter sido eleito senador – “àquela época havia o Senado Estadual” –; com sua peculiar cordialidade recebera em *Lençóis* o comandante geral das forças revolucionárias do Norte, representadas pelo coronel (.....) trazendo-lhe a Patente de delegado especial de toda a Chapada Diamantina; também a incumbência de efetivar o proposto **DESARMAMENTO** das Lavras; e que tivera direito, até mesmo a uma girandola de foguetes; antes de o lauto jantar. Entretanto, além desta, a intenção propriamente dita seria liquidar o poderio bélico do grande comandante sertanejo. E, para cometer tão grande dano, se combinavam contra ele, traiçoeiramente.

Buscando amenizar o estrépito, sondavam a sua casa com vistas e visitas de amizade. Ele acolhe e abraça os sondadores facilitando-lhes a entrada.

E assim, a maleficência encontrava uma base, a que todos os amigos poderiam sentir a solidez que sobre ela se firmava, alevantando-se como verdade pública. Com efeito, se erguia a honra do coronel para além das fronteiras da *Chapada Velha*. Enquanto isso, nas entranhas do poder fervia e subia a fumaça do breu que seria despejado sobre a defesa do coronel.

Concluído o ponto principal. De modo sorrateiro, providenciou-se a sua detenção.

Era a manhã ensolarada de uma Sexta-Feira, pós-feriado; ocasião em que o coronel *Horácio* fora convidado formalmente a

despedir-se do comandante, general (...). Debruçado à janela o coronel *Horácio* aspirava o ar fresco da manhã, com a deliciosa impressão de que com ele sorvia não só sereno e sol, como também o verde da montanha e os remotos horizontes que circundavam a sua cidade de *Lençóis*. “Monologou: quando ainda era jovem imaginava que esse seria o lugar mais bonito e aconchegante do mundo; não concebia que pudesse haver outro igual”.

Nesse ínterim, o vento que antes soprava forte perdera o ímpeto; o céu tornou-se anuviado e a luz do sol tomou um brilho ofuscado. O coronel apressou-se para atender ao convite adrede preparado: atravessava a praça em diagonal observando a própria imagem no chão batido, chão branco acinzentado. Lembrava-se das muitas vezes de quando ainda era moço atravessara aquela praça. Ainda assim, estava perturbado. Aproximando-se do casarão onde o comandante estava hospedado sentiu uma forte emoção. Orgulhase de estar indo ao aludido casarão e ser recebido pelo coronel (...). A pracinha estava pintalgada de margaridas amarelas. A fragrância das flores impregnava o ar. Um soldado do regimento do comandante (...) conversava com alguém sob a sombra da grande figueira da praça. Parou na calçada fronteira ao casarão. Voltou depois o olhar para os azulejos do portão (importados de Portugal) que tanto o fascinavam. Foi ao encontro da ordenança do comandante; acompanhado por este, seguiu em frente; sem sequer suspeitar que estivesse a caminho de seu próprio fim.

Enquanto o suposto “amigo” o aguardava numa sala do casarão onde estava hospedado com toda a sua milícia; rodeado por oficiais com as respectivas metralhadoras em punho. Ali, naquele momento, recebera a malfadada ordem de prisão.

Vendo-se assim, sem opção – Implora: deixe-me ao menos despedir-me de minha família. Ouvindo um não. Aí, animado por uma cólera heroica, uma força sobre-humana. Reage. Então, não me entrego! Tendo o pedido concedido; ao chegar a sua casa, todos emudeceram com a serenidade de sua face. Apenas com os olhos cor de brasa a refulgir; com absoluta calma, tocou no ombro do seu ajudante de ordens; e numa voz compassada: amigo toma conta dos meus.

Afastando-se de sua gente emudecida de emoção e de assombro. Carregado de ira e dor, seguira o rumo do destino que o aguardava. “*The day after – O dia seguinte*”, como não poderia eixar de ser, fora abafado e aborrecido.

A família como que entorpecida, não tinha nenhuma disposição para sair de casa; tamanha a decepção bem como a surpresa. Em razão do sol escaldante as pedras reluziam e faiscavam como cristais lapidados. As folhas das árvores tinham reverberações como da mata em chamas. Na rua, não havia, nem se ouvia sequer um ruído. Por ali, apenas transitava algum garimpeiro com a pele crestada amarelecida pelo sol. Até mesmo, os cães deitados debaixo das árvores, emitiam uivos parecidos com gritos humanos. Nas bodegas vazias fermentava um cheiro acre de aguardente apodrecida. Não obstante, na residência do coronel, na sala de jantar, ainda permanecia sobre a mesa a mobília usada no dia anterior.

Uma garrafa com resto de vinho cintilava à claridade refletida pelo sol; advinda do quintal. Ali, todos estavam estarecidos; e amedrontados permaneciam em silêncio. Havia uma quietação como se todos fossem inúteis. Lá distante, às margens do rio, as árvores balançavam seus ramos; parecendo seres humanos convidando-os para o descanso, na calma tepidez de suas sombras; como uma forma de consolo. Inesperadamente, o *Correio da Bahia*, publica como matéria de capa e em letras garrafais, a seguinte manchete:

“Nossa Chave de Ouro” A prisão do coronel (...).

O nefasto projeto fora urdido nos porões do poder e executado com sagacidade e maestria. Daí, como todos sabem, essa *Odisseia* não tivera um final feliz. Ora! O perigo morava ao lado. Ali bem próximo, surdira uma criatura aparentemente inofensiva. Mas de poder letal. O funcionário dos Correios distorcia seus telegramas endereçados ao *Governador do Estado*. Em lugar das mensagens respeitadas, este colocava palavras desafiadoras e de “baixo calão”.

5.2 Barra do Mendes – o dia “D”

O sol aparecera com o seu nascente esfogueado; rubrando as varandas das casas sertanejas. Era um dia abafado e quente, como costuma ser o clima no interior do sertão. A antes pacata cidade de *Barra do Mendes* estava cercada pelas tropas comandadas pelos *Mandiocas*.

Nestas condições, ninguém poderia sair à rua. A terra e pedras estavam escaldantes, tinham reverberações da caldeira babilônica. Não se encontrava viva alma, tudo estava deserto. A praça principal aparentava um ar de cemitério. Do lado mais alto da praça ouvia-se um ruído arronqueado; era um louco, de cabelos ouriçados, roupas esfarrapadas, pés descalços encarquilhados semelhantes a uma carcaça de tartaruga com um coro surdo de risadas socando a terra a dançar, e dando cambalhotas no ar; pregoando em tom muito arrastado – “É a guerra....! É a guerra!”

Só queria que alguém tivesse coragem para vir pelejar comigo. Sou pior que um canhão de guerra; com um soco que eu der mato e ainda esquartejo. Gritava que era monarquista, que o intendente da cidade não passava de um “Maria vai com as outras”.

Os invasores estavam gostando da novidade e um jagunço ofereceu-lhe um copo de aguardente; coisinha de aligeirar a língua; então, outro jagunço achando a dose de pinga fraca demais, misturou a bebida com um resto de fundo de garrafa. De talagada em talagada o louco perdeu o restinho da mira da cabeça e desorientado caiu ao lado de uma calçada; ali permanecendo até o toque final – **A morte**.

Lá distante outro indivíduo; chapéu de palha atirado para as costas, preso ao pescoço por um barbante de *caroá*; camisa de algodão por fora das calças; manquitolando à maneira dos *cangurus* amassando o barro com uma muleta; levado pela necessidade de encontrar algum alimento arriscava-se correndo em direção ao objeto almejado – um velho couro de boi –; comida que a essa altura dos acontecimentos, já fazia parte da dieta local, visto o acesso à cidade está bloqueado há mais de seis meses.

O riacho que atravessava a cidade mourejava entre as plantinhas que davam voz ao vento; e o tumultuoso duelo travado entre a água e o ar deslocado reduzia tudo aquilo a um mero espocar das descargas dos rifles e pistolas a pouca distância dali. Não podendo haver dia pior. Se bem que, naquelas condições não poderia haver dia pior.

Todos estavam literalmente assombrados. Era-lhes impossível ajustar tal fato a seu entendimento; ele estendia sua concepção do possível para além dos limites do aceitável. Se fossem os *povos originários*, digamos do século XV, iriam buscar respostas nos *pajés*. Se fossem da geração dos seus avós, consultariam padres e pastores. Assim pensando, aguçavam a imaginação, falando mentalmente: “nossa região está sendo palco de uma horrenda tragédia nessa Sexta-Feira”.

A emboscada fora estruturada em rigorosa ordem como a encenação de um filme. Era realmente um tremendo campo de batalha. Uma criança sendo sepultada debaixo do fogo cerrado. A mãe a chorar e a orar. O coração das pessoas clamava por uma resposta que afirmasse a vida. A vida continua, temos que aguentar o tranco. Sem o condimento esperado, a vida era insossa como farinha de aveia; uma dieta última das criaturas. Naquele clima de irascibilidade, as pessoas ficavam a errar pelo quintal, feito um cão carente de caça e do que caçar.

Esse cenário acabava forçando uma pessoa que não era de grandes reflexões a se confrontar com a verdade de sua natureza; a qual ela não ignorava; porém, jamais teria inclinação para encarar frente a frente. Parece que as pessoas não toleravam a normalidade; não só sua sobrevivência, como também sua felicidade dependia do anormal; da existência de guerras; da violação da lei de Deus e dos homens. A estranha simbiose entre a guerra e a paz. Pois bem, teriam de aprender a enfrentar a vida cotidiana. Aquela guerra bocejava num futuro com um vazio melancólico e assustador como uma bruxa na sombra da noite.

Às esquinas, nas bodegas, sentia-se um cheiro acre da cachaça da terra. Do lado oposto, isto é, do lado do cerco; era o contraste: em

todas as direções cruzavam-se homens fortemente armados; roupas sujas, mosqueados nos ombros e nos sovacos; deixando transparecer grandes manchas de suor. Eles aguardavam apenas o momento para o ataque final, como de fato o fizeram.

A cidade de **Barra do Mendes** estava sendo palco de alarmantes peças teatrais; sacudida por homens fortemente armados, que das qualidades intrínsecas de um ser humano já não possuíam quase nada; ou talvez nada. A vida humana tornara-se coisa de somenos – simples vibração da matéria inarticulada e sem nenhuma importância. Os conquistadores desfilavam pelas ruas reclamando a posse da terra e a imediata retirada ou expulsão da sua população; inclusive cometendo alguns atos atrozos contra ela. A situação ficava mais periclitante durante a noite; quando alguns moradores mais destemidos partiam para o reveide.

Centenas de pessoas perplexas diante da aflitiva situação refugiavam-se no interior de suas casas e mantinham-se em silêncio durante o tempo inteiro; pois, naquele momento estavam simplesmente na condição de reféns. Os comerciantes, especialmente estes; estavam extremamente preocupados. Pois, sentiam os prejuízos que a guerra lhes causaria.

O coronel *Horácio* estava tendo dificuldades em manter a calma e combater certos exageros. Apesar da proteção que lhes fora garantida em razão do pacto, embora adredemente celebrado entre as partes; os barrenses continuavam temerosos e procuravam esconderijos mais seguros. Mesmo diante das ocorrências, o coronel e seus ajudantes mais próximos estavam demonstrando uma grande firmeza em relação ao que fora combinado em função do aludido acordo. Até mesmo disciplinando os cabras mais afoitos e desobedientes.

O que mais os *Mandiocas* temiam seria um ataque advindo do governo estadual que sinalizara um auxílio ao coronel *Militão* enviando-lhe um batalhão chefiado por dois oficiais de alta patente, cada um comandando uma **centúria** (cem praças) ao todo duzentos soldados; além da incorporação de um contingente de **80** jagunços cedidos pelo coronel (...). Embora em movimento, essas tropas por

motivos óbvios, ficaram estacionadas na distante fazenda *Boi Carreiro*; hoje, município de *Uibaí*; dando meia-volta em direção à capital (Manobras da política).

Parece que alguns ferozes jagunços sofriam do delírio da perseguição e atribuíam aos inimigos os mais horripilantes propósitos de vingança; pois viam em todos os cantos e recantos o possível lugar de suas sepulturas. Já nem tanto pelo perigo que se avizinhava, mas pelo costume que tinham aqueles de satisfazerem o seu ódio, a sua má-vontade. Pois, que tendo ocasião era o que de fato faziam.

A cidade tornou-se uma procissão de pessoas confusas; todas a carregar seus bens mais preciosos: em alguns casos era uma criança; em outros uma caixa de madeira contendo seus pertences. Todas saíam trêmulas e trôpegas ao deixarem suas casas. Algumas espreitavam de volta, buscando analisar e observar as ações dos inimigos. Uma Senhora idosa arquejava na calçada tentando conduzir uma mala, com seus olhos lacrimosos e seus passinhos miúdos.

Um jovem que esquecera o violão voltara correndo e resgatara a mala de suas mãos. Os (...) moravam seis casas adiante; Além do casal, uma prole com cinco filhos – três homens e duas mulheres. Mais importante, tinham um porão profundo; doze pessoas, incluindo cinco vizinhos apinhavam-se nele esperando melhor sorte. As paredes de chapisco projetavam-se cutucando as costas das pessoas enquanto elas conversavam. O som abafado de vozes vindo do exterior entrava por algum lugar invisível.

As pessoas ouviam uma versão distorcida das falas que de algum modo infiltravam por entre as brechas do teto. Embora isso criasse uma apreensão considerável, ao menos elas poderiam analisar de como estava a sua segurança. Uma Senhora insistia perguntando repetidamente como estaria a situação no local.

O patriarca da família abraçava a esposa enquanto os filhos entravam e saíam do silêncio. De quando em quando ficavam assustados, mas logo se acalmavam quando percebiam que as coisas tinham voltado ao normal. Após duas horas não se ouvia no porão

nenhum movimento que denunciasse a presença de um ser vivo. Todos estavam estáticos e apenas os pés trocavam de posição. A imobilidade se agrilhoava no rosto. Eles se entreolhavam e aguardavam. Um Senhor impassível conseguiu estender o braço e agarrar a mão da filha; outro estoico e de olhos fixos pôde com muito esforço apertar a mão do filho.

Em pouco tempo, todos estavam de mãos dadas e o grupo formava um círculo irregular; mãos frias esquentavam-se nas quentes; e assim, a sensação humana era transmitida de corpo a corpo. Como tantas vezes acontecem, quando me relembro dessas coisas sinto pena deles. Será que essa gente não seria digna de melhor sorte? É a pergunta que sempre faço a mim mesmo! Apesar da minha consternação, em razão dos danos, dores e vexames sofridos por essas pessoas; não posso me dar o direito de tomar partido; pois não sei a verdade de inteiro teor: como as coisas se processaram até chegarem a um ponto tão delicado e assombroso como aquele.

Só sei que aquela gente deve ter intuído uma presença necessária naquele local, naqueles dias tenebrosos. Quem poderia entrar na cozinha e descer o corredor? Pois, aquele porão não era um banheiro; não teriam ido até ali para tomar banho! Mas, afinal, ainda sentiam que suas vidas ainda eram alcançáveis.

Nas ruas, os jagunços mais ferozes estavam deslumbrados pelas proezas cometidas. Na maioria das vezes, recebiam dos seus chefes como recompensa, um litro de cachaça e um rolo de fumo em corda. Mesmo trazendo no bolso o salvo conduto do coronel (...), o susto era grande, visto alguns serem alcoólatras; embriagavam-se e não diziam coisa com coisa; não se entendendo absolutamente nada do que diziam.

Na verdade, essa guerra trazia dentro de si, a realidade social de uma região do interior baiano no século XIX. Essa história, narrando as peripécias levadas a efeito dentro das fronteiras de **Barra do Mendes**; buscando a transparência dos quadros sociais evocados, tenta centralizar a situação de maneira sintética; porém, arrebatadora; deixando ver por meio de suas vinhetas e outros

chamamentos, a vida, o cotidiano das pessoas atingidas pelo conflito; assim como a de toda a sociedade chapadiana.

É óbvio que é difícil, senão impossível saber-se o que realmente aconteceu; envolvendo o cerne de um episódio tão controverso como este. Existem muitas dúvidas quanto a certas coisas neste contexto. Mas, vamos devagar com o julgamento; pois, há certas coisas. Contudo, não há fundamento razoável para negar que a causa essencial, fora realmente a existência das imensas jazidas minerais, com ênfase na abundância de diamantes.

Todas as versões obtidas em diferentes fontes concordam identicamente neste aspecto. Não há dúvida razoável para os parâmetros conhecidos e analisados. A história é o melhor tipo de conhecimento humano. O fundamental em cada história comentada, não é tentar descobrir o que realmente se passara. E, sim; buscar compreender como se produziram as diferentes versões que foram apresentadas pelos diferentes entrevistados.

Tais versões devem ser vistas como interpretações cujos significados devemos desvendar. Estes significados devem ser encontrados nas relações que se repetem em cada depoimento nas informações produzidas pelos agentes informantes. Donde se deduz que as verdades concernentes ao assunto são as verdades do historiador.

E, é justamente na verdade de cada versão que podemos desvendar e penetrar nas contradições que são produzidas na leitura das versões simultaneamente apresentadas.

Quando observamos a ambição humana, esse sentimento daninho que embrutece a imaginação das pessoas e as acarreta à concepção de guerras cada vez mais tristes e horripelantemente danosas, que não cessam de produzir seus efeitos maléficis; seus promotores por terem desenvolvido esse vírus que brotara em seu coração e certamente perderam a capacidade de enxergar e sentir os danos tão asquerosos dessa maldade cujos males jamais se extinguirão e comprometem a paz social, conclui-se: isto é com absoluta certeza um flagrante desvio da mente humana.

Para os envolvidos na peleja, tudo isso vale a pena e era explicável; pois, defendem as riquezas que por direito lhes pertenciam. Por tais razões e raciocínios, essa luta deveria ser defendida e valorizada. Esse antigo problema é para o grupo de pessoas envolvidas um dilema legítimo e vital; e estribados nestes argumentos e supostas razões escolhem o meio que melhor lhes favorece.

Esses fatos históricos são conhecidos e facilmente decifráveis.

Assim sendo, podemos escrevê-los e reescrevê-los; pois, sabemos como e de que forma realmente acontecem. Basta que a Historiografia seja colocada com lucidez, e aí passemos a explorar novas fontes; sentimos que o mesmo fantasma poderá reaparecer com força total.

É o que tange no presente, a utilização de processos semelhantes funcionando para estudo da história social. Ora, não é difícil perceber e ter a clareza do que hoje acontece em fatos idênticos no contexto social pelo mundo afora; mudando-se apenas os agentes envolvidos.

Pretendemos demonstrar, todavia, que é possível construir explicações válidas do social, exatamente a partir das versões conflitantes apresentadas por diversos agentes sociais; ou talvez por que existam versões ou testemunhos divergentes sobre os “causos” e fatos, é que possibilitem ao historiador ter acesso às contradições inerentes a uma determinada realidade social. É na análise de cada versão do contexto examinado, e, na repetição das versões que podemos entender significados e penetrar nas contradições que se expressam e, na verdade reproduzem-se nessas versões de literatura testemunhais.

Ressalvamos, entretanto: os homens de quem tratamos e que viviam no *Brasil* num passado remoto; não eram pessoas brutalizadas por natureza. Mas, *homens comuns que faziam parte de uma cultura, e, agiam de acordo com regras preestabelecidas.*

A época revelava a mentalidade de uma população realmente apta a conviver com a servidão; não necessariamente, uma servidão de estado. Mas, uma **servidão mental**; em que os coronéis

dominavam e eram venerados. Os grupos menos influentes, ou menos esclarecidos da sociedade eram tomados de uma deferência exagerada; remanescente do período colonial, em que as autoridades, pessoas com título de nobreza eram simbolizadas no respeito e subserviência. Era de dar pena o jeito servil como aqueles homens abaixavam a cabeça para os coronéis. As múltiplas desavenças ocorridas entre eles, não nos autorizam imaginar que a violência seria a única forma de ajuste no seio da sociedade vigente; embora tais acontecimentos envolvessem indivíduos nos quais as qualidades inerentes a qualquer ser humano, não pareciam estar presentes; pois, seus comportamentos divergiam do pensamento, ou da imaginação humana; para os envolvidos esta não seria uma questão estranha nem fútil; porém, um ato nobre e valioso, pelo qual valeria a pena matar ou morrer.

Esta era uma disputa valorizada, tendo um significado especial para aquele grupo de pessoas, com participação de uma parcela significativa da comunidade em apreço. Tal a ambição pelo poder; que, **embora com as suas benesses, tem as suas mazelas**; pois, o poder **corrompe**: e para confirmar, podemos relatar um fato circunstanciado, envolvendo a questão em foco. Um caso típico de corrupção ativa.

Senão vejamos: ao entrar em *Barra do Mendes*, *Abílio Machado*, figura destacada do conflito, aparece montando um fogoso cavalo preto, com o braço direito estendido apontando para o alto, e a segurar uma longa espada reluzente, num gesto heroico de vencedor. A barba e o cabelo eriçados, o porte rijo e marcial, tudo indicando determinação e vitória.

Abílio era um homem de compleição avantajada, estatura mediana, ostentando um cavanhaque ralo; falava de forma cadenciada; de expressão séria. Nas reuniões com os camaradas, sua presença inspirava confiança. Dentre seus admiradores, contava-se ninguém menos que o coronel *Horácio* que lhe conferira o título de “**centurião**: posto militar usado durante o *Império Romano* e adotado pela milícia dos **Mandiocas**”; comandante de uma centúria: um grupo de cem bravos combatentes; homens considerados e afeitos

ao combate, incluindo o corpo a corpo. *Abílio* comanda a sua **brigada** e está à altura de sua tarefa; é atlético e seus movimentos são decididos e precisos. O coronel definira-o como um homem eficiente e capaz. Algo verdadeiramente importante; pois, a guerra requer tanto destreza física quanto concentração apurada, particularmente, quando chega o momento de atacar.

Havia uma centelha de belicosidade em seus gestos cortantes; quando falando aos comandados sempre lhes advertia: em técnica de guerra devemos em todo o tempo ter quatro olhos e quatro ouvidos. Às vezes, mesmo que você queira, não está em suas mãos ser o mais rápido, por que suas pernas não são tão compridas e seus pulmões são mais limitados. Mas você pode escolher ser o mais forte; só depende de você; da sua vontade, do seu esforço.

Não vou lhes pedir que sejam os mais rápidos. Mas vou exigir-lhes que sejam os mais fortes; e, que sempre digam a verdade; pois, a verdade liberta o homem e o faz mais forte.

Antes de aliar-se aos *Mandiocas* vivia *Abílio* visivelmente acabrunhado, triste e cabisbaixo, em razão dos prejuízos causados pelos **patrícios** aliados dos *Mosquitos*, que lhe haviam trucidado a fazenda do velho pai: as manadas do gado bovino eram conduzidas à cidade de **Mundo Novo**, onde seriam entregues aos respectivos compradores. Os vorazes usurpadores contavam com a complacência e participação direta do Sr. **Jóvito Machado**; sócio majoritário do espúrio negócio; à época ocupando o cargo de **delegado de polícia** da vila de *Canabrava do Gonçalo*; "Que por ironia do destino era seu padrinho de batismo"; a quem *Abílio* prestara queixa, mas esta fora recebida com galhofa. Após a vitória, volta *Abílio* a sua pátria, escolhe um local estratégico: às margens do riacho próximo à sombra de uma frondosa gameleira monta seu quartel general; intima os inimigos um a um; e exige-lhes a restituição dos valores de todos os bens que lhe foram retirados; incluindo juros e correção monetária. Dá para imaginar o vexame, a aflição dos devedores na pressa para levantar o capital exigido; inclusive com prazo determinado.

Após acertar contas com *Jóvito*, que por estratégia fora o último; tendo antes recebido a santa Bênção proferida pelo abjeto e nauseante padrinho, dá-lhe “voz” de prisão; e em seguida, ordena ao ajudante *Macário* que o execute imediatamente, dizendo: eu não posso fazê-lo; pois, ele é meu padrinho. Em ato contínuo, manda recolher o corpo e sepultá-lo no improvisado cemitério da vila. À cabeceira da sepultura foi erigida uma cruz de madeira, em cujos braços fora esculpido um epitáfio: citação latina associada a palavras da língua portuguesa, que omitia o nome próprio do executado – Aqui jaz um delegado boiadeiro “**sit tibi terra levis**” (A terra te seja leve). Missão cumprida; retirou-se à cidade goiana de *Lazário*; onde viveu até à morte, ao completar 95 anos de idade.

A tropa de elite horaciana tornou-se uma máquina de massacre provavelmente sem precedentes nas guerras localizadas. Muitas centenas de homens fortemente armados postavam-se lado a lado, nos parapeitos de trincheiras e barricadas de sacos de areia, sob as quais passavam dias e noites; exatamente como vivem ratos e morcegos. E assim, nestas precaríssimas condições enfrentavam incessantes tiroteios. Ameaçavam o suposto inimigo, e o mandavam para baixo da terra.

Essa é a história da vida – A vida da Chapada: é uma série de situações instáveis; pontuadas por intervalos; por eventos importantes que ocorreram com grande rapidez e ajudaram a estabelecer a próxima era estável. Creio, entretanto, que estamos vivendo um desses períodos nessa história.

A guerra desencadeada por esses personagens assemelha-se à tragédia grega, destruição de *Tróia*, narrada na *Iliada*, poema de *Homero*; onde *Príamo*, rei de *Tróia*, fora derrotado por *Menelau*, rei de *Esparta*. Apesar da identidade podemos encontrar uma diferença – a primeira tivera como pretexto, uma causa passional; a segunda, flatulencial.

6. ESTÓRIAS PITORESCAS: as consequências de um pum

Vejamos as fatais consequências

O Senhor *José Fernandes de Souza* contara-me a seguinte estória: lá, pelos tempos antigos, em **Barra do Mendes**, uma cidade da chapada; houvera um jantar na residência de um potentado; justamente por isto, bastante concorrido. Entrementes, um engraçadinho, filhinho de papai, é óbvio; talvez portador de uma forte flatulência; pelo sim, pelo não; soltara um “**PUM**” bastante acentuado, e que lhe fora atribuído como falta de respeito.

Tendo sido interpelado pelo anfitrião, respondera que não estava, nem iria chegando; então, naquele momento, começara uma grande confusão; tapa vai, tapa vem. Terminara em tiroteio e por consequência **onze mortes**; frisando, entretanto que, as pessoas mortas neste conflito, todas elas pertenciam à elite da terra. A indiscrição gasosa do moço causara uma inimizade quase eterna. Na avaliação de alguns, essa teria sido a principal causa; a origem do conflito bélico ocorrido entre os personagens da guerra anteriormente mencionada.

Nesta contenda, acentuadamente assombrosa, foram usados até mesmo seixos de um riacho próximo; em que o dono da casa fora atingido por um mais volumoso que lhe metera duas costelas dentro. Vendo-se extremamente maltratado, deu-se que estaria morto, ou muito gravemente ferido; aí, estando a ser medicado por um charlatão que se achava presente ao encontro; viera outro cascalho tão certo contra a mão do curandeiro que esmagou-a toda; levando juntamente ao filho do anfitrião, três ou quatro dentes dos queixais, tirando-lhe também todos os dedos da mão esquerda. Tais foram os golpes, que o pobre do rapaz fora forçado a cair ao chão. Achearam-se a ele alguns amigos, e imediatamente começaram a socorrê-lo.

– Nossa Senhora! Exclamara um deles. Sem dúvida, este senhor está ferido mortalmente; pois, vomita sangue. Contudo, examinando-se um pouco mais cautelosamente, percebera-se pelo cheiro que tal sangue não seria; mas, sim, o excesso de vinho que fora ingerido pelo moço.

Ora, pois; tamanho fora o tumulto, que uma Senhora tomada pelo pânico, quase vomitara as tripas, ficando a pique de perder o juízo; e dizendo mal de tanta violência, resolvera de si para si, deixar imediatamente o local da festa. Levantando-se neste comenos, embora fosse já tarde, e o sítio distante da cidade, e com a mão esquerda à boca para não lhe caírem alguns dentes, os quais estavam quebrados; metendo ela os dedos por baixo da língua; começando a apalpar os que ainda restavam; então, alguém lhe perguntara, – Quantos dentes a Senhora ainda tinha deste lado, isto é do lado direito?

– Todos! Respondera a interpelada. Todos, inteiros e muito sãos. Durante toda a minha vida, é a primeira vez que me tiram dentes desta maneira.

– Pois, nesta parte de baixo, como estou examinando, vejo apenas dois, e na parte de cima não há nenhum.

– Desventurada sou eu! Dissera ela; esta é sem dúvida uma triste notícia. Antes quisera perder a vida. Pois, lhe digo – perder os dentes é como perder os dedos – Mas, a tudo isto estamos sujeitos, vivemos em tempos absolutamente perigosos. Assim é, continuara a Senhora; talvez os espíritos das cavernas lhe deem a vontade de si divertirem comigo, ao me verem fatalmente aniquilada como estou.

Estando toda aquela gente nestes comentários, bem como outros semelhantes, e já entrando pela madrugada adentro. Surgira alguém bradando – Parem da parte da Justiça! Era o delegado. E o primeiro com quem topara fora justamente o dono da casa; ali caído no meio do salão, de rosto para cima e sem sentidos. Andando o delegado sempre às apalpadelas, não parava de bradar -- Acudam à Justiça!

Julgando, todavia, que o homem estivesse morto, imaginando estarem ainda ali, os seus matadores; com esta suspeita na cabeça

voltara a bradar, dizendo: fechem as portas do salão! Há aqui, uma grande carnificina. Este brado assustou a todos, e cada um buscou deixar a desavença imediatamente; restando apenas os que não se podiam mover por conta de estarem mortos, ou gravemente feridos.

Saíra o delegado à procura do candeeiro, este havia se apagado; mas, não o encontrara; o mesmo fora quebrado durante a confusão. Sendo forçado a recorrer ao fogão à procura de luz; lá na cozinha encontrara o meliante, pivô principal; escondido debaixo do forno. Ordenara o delegado. – “Teja Preso! -- Num Tejo! Retrucara o suposto flatulento. – Teja Preso! Repetira o delegado. – Num Tejo! – Respondera novamente o baderneiro – “Apois fica ateimoso – Decidira o delegado”.

Aí temos uma versão aproximada das diferentes interpretações a respeito do “**PEIDO**” mais fétido, mais mal cheiroso disparado por alguém em toda a estória da tal flatulência (embora acreditemos, tenha sido simplesmente a malandragem) que acomete determinados seres, ditos humanos.

“Também, em tempos mais antigos ainda, na cidade imperial da velha *Roma*, em 44 D.C. Era na época do *Passach*, o feriado judaico da Purificação”. Naquele dado momento, como seria comum nas datas importantes, uma multidão enchera a cidade sagrada de *Jerusalém*. Tropas romanas vigiavam os locais mais respeitados, e o lugar mais visitado era justamente, o *Magnífico Templo*, que estava lotado. Foi quando um soldado romano virando as costas para os judeus soltara um **PUM** estarrecedor.

Décadas de ódios e ressentimentos acumulavam-se nos sistemas digestivos de judeus e romanos – e escaparam de um momento para o outro – no peido disparado pelo soldado romano. Resultado, dez mil mortos. Como sempre os judeus. Dizem que *Hitler*, inimigo número um da gente de nação (os judeus), acentuava mais sua cólera, especialmente, quando suas dores abdominais tornavam-se cruciais; chegando ao histerismo; quando dando peidos estrondosos, urrava desesperado: morte a todos os judeus, essa raça de ladrões mesquinhos. O ditador tinha sérios problemas com gases que o incomodavam muito; para tal, usando estricnina e

atropina, substâncias que afetam sistematicamente o sistema nervoso.

“*Satã* não poderia ficar fora dessa estória. O maioral do inferno, cujos domínios cheiram a enxofre; deve ter alguma relação com a tal da flatulência, que fora a causa de tão cruéis e fatídicas desavenças; tanto em nossa cidade serrana, como em *Jerusalém*.”

7. CARLOS DA JUMENTA

Como auxiliar da festa onde fora iniciada a tragédia do **PUM**, antes referido; também trabalhara um indivíduo de prenome *Carlos da Jumenta* (sua montaria era uma bela jumenta), o salafrário em apreço tinha como praxe visitar essa nossa cidade (*Barra do Mendes*), ocasião em que se embriagava e dirigia provocações aos capangas do chefe local coronel (...); quando se não quando, “um belo dia”, um dos ofendidos, dissera-lhe – venha cá seu *Carlos*; pois, quero vos pagar o que vos devo como um desfazedor de agravos deve fazer; e, acrescentou – Mas, primeiramente, vou cobrar a dívida para ficar ainda maior a paga.

E, tomando-lhe do braço atou-o a uma árvore, e dera-lhe tantos açoites que o pernicioso elemento ficara estendido ao chão, como se estivesse morto; agora vereis que um desfazedor de agravos pode também cometê-los; ainda que, segundo entendo, por enquanto ainda não acabei de fazê-los; pois, estou tendo ímpetos de esfolar – vos vivo como mereceis.

Mas, afinal desatou-o, dando-lhe licença para ir montar a sua jumenta. Partira o deletério *Carlos*, profundamente encolerizado, prometendo ir-se à busca do coronel seu patrão para contar-lhe ponto por ponto; tudo quanto havia se passado, e argumentando que o amo haveria de cobrar, cem por cento.

E, assim se fora o mal sucedido e encenqueiro *Carlos*, que estando ainda meio desacordado, chegara a uma encruzilhada; e para logo lhe viera à lembrança que o tal caminho não lhe era conhecido; e pondo-se a pensar por onde o tomaria, conservou-se quieto por algum tempo, e depois de muito bem cogitar deixou-o à escolha da jumenta, a qual seguiu o seu primeiro intento; quando houvera andado obra de duas léguas, ouvira uma forte vozearia; pessoas estavam vindo em direção à feira livre da cidade; muitas eram elas – a pé, a cavalo, e em *carros de bois*. Viera o *Carlos* tão atordoadado que imaginara vir ali uma grande leva de inimigos; e,

firmando-se bem nos estribos, apertara a pistola à mão, e pondo-se no meio do caminho, deteve-se à espera que chegasse aquela turba inimiga; pois, já assim, por tais os julgava.

Estacando os caminhantes, ficaram a ouvir os impropérios daquela grotesca e estranha figura; e, por umas e outras, logo entenderam estarem metidos em uma perigosa emboscada; mas, antes, queriam saber como sairiam de tão mal engendrada e perigosa confusão. Sendo que, um deles que era mais discreto; porém, mais disposto, interpelara – Senhor, nós outros, não o conhecemos e não sabemos do que se trata; a verdade é que ignoramos o que estais a exigir de nós.

– Não importa, o que importa é que estou aqui para uma desforra. E por isso deveis entrar comigo em batalha, gente desleal e soberba; venha cada um de per si, ou todos de uma só vez; como é costume nos da vossa ralé; cá vos espero confiando apenas na destreza que por mim tenho.

Após essas e outras ameaças, e tendo sofrido novo reparo no corpo já mal ferido, ficara estendido ao chão; quando aparecera alguém da sua laia e o recolhera. Este lhe pareceu a ele que vinha de molde para a conjuntura presente. E, assim, com mostras de grande sentimento, dizendo-se também ferido, começara a rebolar pela terra, e a dizer-se bem debilitado; atento ao mesmo que dizia o famigerado *Carlos*; ambos no desejo de concretizar o maldito intento, adrede perpetrado.

Já, então, havia se levantado o tal *Carlos*, algum tanto maltratado dos homens ora passantes; e, tendo estado atento à reação de todos eles; pensando na façanha a ser narrada aos amigos, concluída a pendência; ajoelhara-se diante da *jumenta* dizendo – estas aventuras, e outras semelhantes, são aventuras onde se não ganham outra coisa, senão cabeça e pernas quebradas – Porém, tendo paciência, não hão de faltar contendias, em que não somente eu, mas; também meus companheiros possamos aprontar outras e outras mais.

Após este malicioso monólogo, levantando-se, sorratamente, beijara a testa da montaria e em seguida o coldre da pistola, e

escarranchando-se no lombo da alimária; sem olhar para trás, metera-se por um bosque que havia ali por perto.

– Foi quando dissera alguém – de homicídios nada entendo, nem nunca me intrometi em nenhum deles em dias de minha vida. O que sei é que este coronel tem lá suas contas a ajustar com os que pelejam contra os seus interesses; do mais nada sei. Mas, o que atrevo a apostar é que indivíduo tão atrevido quanto este nunca tinha visto em toda a minha existência.

– Não tenhas cuidado, respondera o outro; até mesmo das garras do rei eu te livraria, quanto mais das mãos deste coronel. Pois, tenho um pouco do bálsamo que embalsamara o *corpo de Cristo*; justo daquele que *Ferrabrás*, o turco, roubara em *Jerusalém*. O qual cicatriza na hora, qualquer ferimento por mais agudo que seja. *Ferrabrás* era pagão, fora vencido e batizado por *Oliveiros*, um dos *Doze Pares de França*. Assim reza a literatura de cordel – “Este que agora chegou / É um grande da *Turquia* / Turco de muita energia / Que impera sobre o seu trono / E é o legítimo dono / Do reino de *Alexandria* – Trecho de o romance “Os Doze Pares de França”.

– Sendo isso verdadeiro, basta, seja assim, dissera o companheiro – a Deus praza que tudo nos suceda bem. Enquanto isto jurara o coronel antes referido – não comer na mesa, não beber água no copo, e outras tantas mais –, que ainda, me não saibam, as dou aqui por proferidas; enquanto não tomar por inteira vingança as afrontas de quem tal desfeita lhe fizera. Quando, após algumas refregas, conseguira muitas vitórias, e por último, invadira a cidade.

O coronel **Militão** lutara até à morte para conquistar o direito de dirigir os destinos de *Barra do Mendes*. Assim como o bravo *Simão* lutara para defender *Jerusalém*. Mas, também cometera os mesmos erros que *Simão*. Quando este se trancara em *Jerusalém* sem ter as provisões suficientes para manter os seus soldados; sendo então submetido por *Tito*, general romano, no ano 70 depois de *Cristo*. A história se repete. O governo das tripas é soberano. Ninguém resiste à opressão de tão cruel tirano.

UMA VISÃO: dias antes da “visita” do general (...).

A mal aventurada lide de **Lençóis** e de **Barra do Mendes**; e com o grande desabafo por onde perpassavam as mágoas e o rancor; o mundo da chapada se fundia em penumbra. E como ainda lhe restava meia hora antes do jantar; o coronel *Horácio* apanhou a sua bengala, desceu pela estrada abaixo; tomou o caminho que o levava até à cascalheira, e seguindo pela silenciosa ainda úmida estrada; pensava nos seus avós, como se eles ressurgissem fortes e vibrantes.

E realmente, uma compreensão daquelas almas; hoje, mostrava que a sua própria alma conservava o mesmo quilate; e que saíra do mesmo rico **DNA**. Eis o que convinha marcar com relevo; que os valentes homens de outrora reviviam nos seus descendentes. E assim, sentia a grandeza desse arrojo.

Através desses pensamentos que mais lhe enrijavam as passadas, sobre chão tão calcado pelos seus; chegou ao sopé dos montões de cascalho, onde uma ladeirinha um pouco íngreme dividia as catras da mata fechada. Do ponto mais alto deste recanto, avista-se por inteiro a cerca de pedras, coberta por musgos amarelados, circundando o quintal que encerrava o gado por uma cancela de tábuas mal pregadas, carcomidas pela chuva e pelos anos. E, dentro da estrada funda coberta pela sombra, subia chiando um *carro de bois*, carregado de madeira que um moço branco guiava cantando.

O carro lentamente passou. E, em seguida, aparecera um garimpeiro esgrouviado, meio pardo; trazendo ao ombro um varapau, de onde pendia um rolo de cordas; seguindo como distraído pela orla do garimpo; assobiando, tocava com o cajado às alvas e belas flores do valado. Inesperadamente; porém, estugou o passo esgalgado e gritou no silêncio da tarde: “Coronel *Horácio*! É o Senhor!” Este, com um sorriso forçado – Olá amigo! Que temos? O garimpeiro estremeceu com o peito arfando dentro da velha camisa de chita. Emudecido, assombrado. Depois, tremendo os beiços brancos, tremendo as secas mãos calejadas; na estrada, apenas clara sob um resto de luz; o *carro de bois*, ao longe gemia, num gemer dormente e sereno. Entre as ramagens, já a neve levemente se adensava.

As pancadas dos garimpeiros estrondavam fazendo um barulho remoto. Naquele momento, o estranho colocara-se diante do coronel e gritara assustado! – Fuja coronel! Fuja! E correu à cancela fincada na terra, pulou por sobre as tábuas mal pregadas. Ao fim do vale junto ao matagal havia umas moitas de murta; neste esconderijo de ramas e pedras se alapou o desconhecido, enigmático e temente garimpeiro. O coronel escondendo-se no mato fechado ficara a observar.

Logo em seguida, recobrando a serenidade; afoitado pelo sossego, o garimpeiro abandonou o cerrado abrigo, e recomeçou a correr nas pontas dos pés, sobre o chão encharcado da chuvarada. De novo estacou esfalfado. E, julgando entrever ao longe, uma figura humana; tendo monologado algumas frases indecifráveis, atroou um novo grito ansioso. Fuja coronel! Fuja! Tive um sonho!

Em seguida começou a subir num morrote, galgando três degraus escavados. Naquele instante, uma *coruja* soltara um longo pio. A luz do sol filtrava-se pelas aberturas da mata. Mas, já em todo o serrado poderia sentir-se de rojo o quente lusco-fusco do crepúsculo. O coronel estacou e estremeceu todo; o vulto esquelético ali estava com os braços magros levantados sobre a cabeça, ficando ele a duvidar de que aquele fantasma em sua frente seria na verdade um ente humano.

Todavia, o esqueleto aproximara-se dele, soltara um novo e espantoso grito. Fuja coronel! Fuja! Tive um sonho! E desapareceu no marmeleiro rente.

AGORA A VEZ DO CORONEL

Naquela fatídica noite, ao adormecer passei por tristes ermos; cheguei a um grande lago todo enevoadado. E, à beira desta limosa lagoa, sentado sobre uma pedra, havia um homem monstruoso; semelhante à *besta do Apocalipse*; partindo outra enorme pedra com rijos golpes; seu machado era bastante afiado, pesando cerca de dez quilos.

No céu azul, voava um enorme *gavião*. E logo, de entre as nuvens que cobriam o lago, ele revoava acenando para mim,

bradando por cima da cidade de *Lençóis* – Encontrei o caminho! Pensei: deve ser o destino. “Os antigos pintavam o destino de formas diversas; até mesmo como um caminhante carregando um saco às costas, contendo as sortes humanas”.

E, do lugar de onde estava, ao sopé de um **SERROTE** íngreme e silencioso, sob um sol escaldante, avistei uma carruagem com o chofer fardado em moldes militares, acelerando sem parar. Imediatamente, acheguei-me ao carro; tomei lugar no assento do passageiro, que estava vazio; o chofer deu partida, e logo chegamos a um vetusto mosteiro, suavemente amarelecido e brunido pelo tempo.

Esvaziados os nichos. Dois grandes edifícios ombreavam o lado esquerdo do asqueroso casarão. Repentinamente paramos. Quando o chofer avisara: – É aqui onde vamos ficar! Acordei, despertei do pesadelo sem nada entender. Foi isso!

Destarte, o sonho fora tão incisivo, tão real, que, ao despertar pela manhã, o coronel estava em dúvida, ou se realmente vira o aterrador espetro. Em razão disso, durante o almoço, comentara longamente com a esposa a respeito do aludido assunto; tão impressionado ficara.

– Deve ter sido apenas um pesadelo. Contudo, devemos tomar cuidado – Argumentara a mulher.

– Verdade, você tem razão, pode ser somente uma asneira, mas mexe com a gente.

Enfim, nossa vida nunca fora muito sossegada, não! Entretanto, fique sabendo, não tenho medo de coisa alguma; no entanto, receio que o diabo esteja sempre rondando por perto! Era um pressentimento. Era óbvio que estava.

Nisto, a esposa insistira para que fossem visitar o local. Já era tarde avançada; o sol soçobrava parecendo uma nuvem de fogo, o campo parecia incendiar-se. Os dois aproximaram-se da mata; os camaleões e as raposas fugiam apressados.

Naquele dado momento, o ambiente tinha um aspecto nauseabundo, repelente; longas teias de *aranha* emperravam o caminho em todas as direções; como uma cortina de seda. A estrada

estava tingida pela lama provocada pela água da chuva; formando sinistras manchas arroxeadas.

Mesmo assim, seguiram adiante, enfrentando uma revoada de temerosos *morcegos*, respirando uma atmosfera de muito mau gosto. O solo empapado de excrementos de pássaros e reptéis. De um charco vizinho, o rouquenho coaxar das *rãs*, cortando o silêncio da tarde. Já estava se avizinhand o começo da noite.

– Voltemos! Murmura o coronel. Vejamos outro caminho.

O SOFRIMENTO DA FILHA DO CORONEL

Nessas circunstâncias, quem mais sofria era a filha do coronel. No seu vexame, apesar de muito jovem, vivia tudo espreitando e de tudo suspeitando. Acordava alta noite, para ir, tentando nas trevas, espiar e escutar, na esperança de descobrir alguma coisa.

A mãe continuava a dormir no seu quarto improvisado; pois, abandonara o quarto do casal, desde que o marido fora preso.

O relógio da parede badalou doze pancadas assustadoras. A moça transpôs a porta da rua, e soltou um grito também assustador. Aparecera a ama da casa. – Venha menina! E em seguida trouxera-lhe alguns pingos de água de limão, combinados com algumas gotas da água da *flor de laranja*. A menina quase sem sentidos deixou-se cair em uma cadeira. A criada chamou pela Senhora. Olhe! Sinhá! A (...) quase que disparata, saturada de medo, a subir e a descer. Um horror! Disparou a velha ainda ofegante.

A conversa continuou tomando para (...) um caráter aterrador. O tempo corria. A moça tremia de impaciência; o relógio pendurado na parede, o velho despertador, bateu novamente, emitindo uma sonoridade parecendo mais piedosa. Eram quatro horas da manhã. A moça soltou um forte murro na cabeça. Correu ao quarto. Logo voltou à sala; as mãos frias. O coração quase lhe saltando do peito. Sente realmente uma impaciência saturada de medo. Seu impulso era gritar.

Os ponteiros luminosos do relógio traçavam uma tênue linha vertical na escuridão (cinco horas); naquelas circunstâncias ver o

amanhecer fazia-a sentir-se como um brinquedo quebrado. Desprovida de ânimo e sem vontade de levantar e enfrentar um novo dia; detestava o amanhecer. Fecha os olhos só para não ver o sol estendendo seus raios luminosos sobre a terra; anunciando a falsa promessa de um novo começo. Preferia dormir até o próximo ocaso – o começo da próxima noite.

Aqueles dias eram dias diferentes. A sensação que experimentava era de uma presidiária. Sem dúvida, a prisão de seu pai estaria nos noticiários. Seria a manchete principal. Após se levantar, acendeu o abajur do criado-mudo. Imaginou a prisão onde estaria detido. Este pensamento acelerou as batidas do coração. Sentiu um desejo forte, desejo sacrificial.

Queria a qualquer custo ver o pai. – Quero e devo ir a Salvador! – Vá! Com a *Virgem Santíssima!* Respondera a mãe aflita. Entrementes, a moça chorava no seu quarto, com as mãos cruzadas atrás das costas; a cabeça descaída sobre o peito; aquela situação de dor a puxava para baixo. O tempo seguia e as horas aumentavam-se. Ninguém procurava sair para o descanso; dispostos a fazer companhia uns aos outros, até o próximo amanhecer.

E assim, todos viam banhados em lágrimas o amanhecer de um novo dia. Apesar dos transtornos, a menina ainda sonhava com a felicidade ao lado dos pais. Mas, todas essas esperanças, já não lhe acordavam no espírito, o mesmo eco de entusiasmo de outrora. Agora, o que mais a preocupava era a humilhação, os ultrajes que sua família estava sofrendo. Tudo aquilo parecia amarrá-la a um ponto ridículo, aparentemente, irremediável.

Para amenizar tão cruel sofrimento precisava estar junto do pai, e por sua vez rir-se desabafada, contente. Seu pai lhe pertencia de fato e de direito. Oh! Haveria de rir; ele tinha a lei por si. Quem poderia impedi-la de libertá-lo por Justiça! E ruminando este projeto; fingindo-se Senhora de si; mas, com grande desespero a miná-la por dentro, segue para a capital, impaciente pelo dia seguinte; administrando e sofrendo a cruel ansiedade sempre crescente que a dominava.

“Tudo isto lhe pesava como a mochila carregada às costas do soldado no campo de batalha”. Sim, urgia chegar depressa a *Salvador*, acabar com aquela quizila de uma vez por todas. Batera à porta dos amigos; contratara advogado. *Habeas Corpus* concedido; pai liberado. Encheu-se de felicidade. Mas, em contrapartida, o infortúnio viajava num *cavalo alado*.

Após três dias dessa exultante vitória, vira o pai morrer assassinado praticamente em seus braços. Era o fim.

E assim findara a epopeia entre os dois bravos coronéis do sertão.

POR QUE CORONÉIS DO SERTÃO?

Tal fato diz respeito à Guarda Nacional brasileira, instituída por inspiração na “*Garde Nationale*” francesa (uma milícia independente do Exército, organizada pelos deputados franceses: o povo armado – para fazer frente ao golpe de Estado perpetrado por *Luís XVI*, apoiado pelo *Clero e Nobreza*). Ora, quando *Dom Pedro I* abdicou do trono brasileiro, em 1831, retornando a Portugal, deixara como herdeiro, o filho, também *Dom Pedro*. Este tinha apenas 05 (cinco) anos de idade.

A Constituição brasileira determinava que, num lapso como este, o herdeiro ou herdeira, só poderia assumir o trono, após a maioridade; ou seja, 18 (dezoito) anos.

A mesma Constituição esclarecia que, neste caso, o país seria governado por regentes. Em vista da ausência do imperador, várias correntes políticas aumentaram a disputa pelo poder.

Nesse período, quatro partidos marcavam presença no *Rio de Janeiro* – O Recolonizador composto por portugueses que lutavam pela volta do *Brasil* ao Estatuto de colônia; o Monarquista absoluto, favorável a um governo totalitário; o Moderado-monarquista constitucional; o Federalista Republicano. Nesse caldeamento de ideias, tínhamos, no *Brasil*, um clima apaixonado que se digladiava; debatia entre tendências diametralmente opostas.

No dia 05 de abril de 1831, o imperador mostrou suas garras afiadas; tentara suspender as garantias constitucionais. Mas, fora barrado pelo povo que tivera o apoio do general *Lima e Silva*. No dia 07 do mesmo mês, o imperador comandando suas tropas avançara contra as multidões, a partir do *Campo de Boa Vista*, sendo naquela ocasião novamente derrotado; pois, fora abandonado por seus soldados; contando apenas com a lealdade de sua guarda pessoal que o rodeara.

A notícia de sua abdicação chegara à *Bahia*, somente no dia 23 de abril. Os caboclos e mulatos, especialmente eles, já desfilavam pelas ruas de *Salvador* apregoando o *slogan* de mata maroto, e obtendo a adesão das forças governamentais que abandonaram o comandante português General *Callado* que se refugiara a bordo da fragata *Isabelle*. Para assumir o seu lugar fora designado o brasileiro *Visconde de Pirajá*.

O povo exigia a expulsão dos portugueses. Muitos deles foram trucidados e espalhados pelo meio da rua. Os restantes amedrontados tentavam esconder-se e fugir de qualquer maneira.

O presidente da província, o Senhor *Bastos*, abdicou em favor de outro brasileiro, *João Gonçalves Cezimbra*. E, em razão dos gestos e atos imperialistas do Senhor *Dom Pedro*, adiante seguem os resultados e consequências da questão *Brasil versus Portugal*.

Muitos historiadores cometem o crasso erro de achar que a *Independência do Brasil*, fora um ato pacífico. Apenas um acordo entre o Imperador e o filho *D. Pedro*. Acordo este obstaculizado por uns poucos descontentes. Mero engano. Os milhares de portugueses, aqui radicados, ficaram furiosos, e não queriam deixar a sua fazenda, a sua colônia de modo nenhum, nem por absolutamente nada.

Destarte, estariam dispostos a enfrentar quaisquer obstáculos, até mesmo à própria morte. De acordo com a premissa maior, partiram para o embate: conflitos sangrentos nas *roças, morros, rios e mares*; onde pereceram milhares de pessoas de ambas as partes. Além da participação ativa de outros estados; temos que a *Bahia* fora o marco decisivo para a confirmação da vitória dos brasileiros;

ocasião em que se destacaram os caboclos, pretos e mulatos; povos que representam quase a totalidade da população sotero-politana.

Por estas e outras, a maior festa cívica de *Salvador* é comemorada no dia 02 de julho, data da expulsão das tropas portuguesas desta capital em 1823.

O carro principal conduz a estátua do **CABOCLO** esmagando a cabeça de uma temerosa **SERPEENTE**; representação da tirania portuguesa até 1822.

“**Uma Aberração**: O aeroporto Dois de Julho em *Salvador* passou a chamar-se – Luís Eduardo Magalhães. Onde podemos deduzir que, a degradante **servidão consentida**, continua viva; até mesmo na memória de suas excelências em nossa Assembleia Legislativa Estadual – Veja que “**desplante patriótico**”.

“Parodiando o poeta – E Deus – nas celestes plagas / Colhe da glória nas vagas \ Os mortos de *Cabrito* e *Pirajá* \ Erguei-vos Santos fantasmas \ Vós não tendes que lamentar. Pois, sabemos que o filho torpe faz o pai morto chorar”.

Essas ações concernentes aos salvadorenses assemelham-se ao combate entre dois guerreiros gregos: *Aquiles* espartano e *Heitor* troiano – guerra de *Troia*.

Aí, nestas circunstâncias, fora criada a Guarda Nacional com o objetivo de garantir a governabilidade. Como as questões políticas agravaram-se, substancialmente, e o governo não tinha confiança no Exército, por que os altos postos eram todos preenchidos por portugueses que lutavam pela volta de *Dom Pedro*, e também pelo retorno do *Brasil* à condição do já mencionado Estatuto de Colônia, como já fora dito. Estes movimentos deram força à Guarda Nacional que aumentou o seu poder, espalhando postos por todo o país. A sua formação era baseada nas elites políticas locais.

Qualquer comunidade habitada por pessoas abastadas poderia formar o seu posto de guarda. Este seria composto por *soldados*, *cabos*, *alferes*, *majores*, *tenentes* e *coronéis*. Eles próprios comprariam o diploma, a farda, e também contribuiriam para a manutenção do posto; sendo que a Ata de sua criação seria redigida e homologada

pelo Exmo. Senhor *Juiz de Paz*; pessoa que representava a Lei vigente, nas comunidades interioranas; durante o regime regencial.

Analisando as condições propostas, podemos observar que apenas os ricos alcançariam as graduações do topo da pirâmide. Mesmo sendo desmobilizada, essa instituição só viera a perder algum prestígio político, a partir da *Revolução de 1930*; após a ascensão de *Vargas* ao poder central. Esse impacto afetou o poder dos mandatários, abalando suas raízes como um circuito elétrico pode destruir toda uma cidade.

Os coronéis gestados pela Guarda Nacional, representantes de uma época e de um estilo de vida há mais de um século de distância, desembocaram para excessos de dominação jamais imaginados. Isto justamente quando os alicerces da instituição que os sustentava já começavam a ruir.

Na Chapada Diamantina, diferentemente do que ocorrera em outras regiões socialmente mais esclarecidas; ainda não haveria condições favoráveis à prática democrática, conforme ocorreria a algum tempo depois. Mas a moldura do momento vivido, não se limitava a enquadrar apenas o enleio social. Dada à amplitude da intriga, aí cabe toda a população anônima; cabem todas as criaturas envoltas nos paradoxos inerentes à condição humana: os mexericos da terra, as ambições lícitas e ilícitas; sem faltar os prejuízos constantemente ocorridos no seio de uma sociedade quase feudal.

Com a *Revolução de 1930*, propiciando a ascensão de *Vargas*, já se vislumbrava novos caminhos que vinham exigir outro comportamento das pessoas e das instituições. Tudo isto se propunha a combater as mazelas de uma sociedade pouco sensível às transformações que começavam a embrasear a nação como um todo.

O conflito em que nossos personagens se envolvem, acabara em tragédia, com o sacrifício de grandes levas de sertanejos. Tal enredo depõe contra uma situação simplesmente absurda. Mas infelizmente legalizada em uma nação como a nossa, bem como, em tantas outras do nosso continente americano.

Para a sensibilidade do leitor moderno, são quase caricatos, os episódios nos quais a desobediência às ordens do coronel,

contrariava a doutrina de lealdade imperante na formação do sertanejo do tempo em apreço. Como já fora dito; essa serventia exacerbada fora herdada da época do *Brasil colônia*; quando os senhores com “título de nobreza” eram vistos quase como deuses. Seus seguidores passavam por processos antieducativos que os levariam à **Servidão consentida**.

8. UMA COMUNIDADE QUILOMBOLA

DENTRE AS ESTÓRIAS PITORESCAS concernentes a muitas localidades da Chapada que me foram contadas pelo Senhor *José Fernandes de Souza*, lá vai mais uma.

Em uma determinada localidade de *Macaúbas*, na Chapada Diamantina, cujo nome não me lembro; existira uma comunidade quilombola; olha seu tanto; vivia mais de fava do que de outro feijão; as mulheres vestiam-se de saias de algodão, os homens usavam calções do mesmo tecido; todos estes vestuários eram confeccionados pelos próprios moradores do local. Nas vizinhanças, habitava um abastado fazendeiro; tendo em casa: alguns escravizados, uma sobrinha de pouca idade, além de um sobrinho, moço de truz, da poisada e de porta a fora; tanto para o trato dos animais domésticos como para gerente geral de toda a fazenda.

Isto, porém, pouco importa para a nossa estória; basta que, no que tivermos de contar não nos desviemos da verdade nem um til. É curioso sabermos que o tal fazendeiro, nos intervalos reservados ao lazer, dera de ler a *Bíblia* e outros tantos livros religiosos com tanta feição e gosto, que até se esquecia da administração de seus bens; e a tanto chegara o seu desvario que vendera muitos alqueires de terras para construir capelas e igrejas suntuosas.

Em suma, tanto naquelas práticas se engarrafara que passava as noites de claro em claro, e os dias de escuro em escuro. E assim, do muito ler e do pouco dormir, acabara ficando completamente louco. Enchera-se-lhe a fantasia de tanto quanto achara nos livros; passando por *santos, profetas* e outros que tais; que além das vinte e duas capelas já construídas, mandara erigir mais uma, dedicada a *São Benedito*; ficando esta, bem no centro do arruado de casinholas cobertas com palhas; mantendo as portas sempre abertas, onde algum devoto, especialmente visitante, poderia deixar seus donativos oferecidos ao padroeiro, *São Benedito*; por perto, estaria

sempre presente um determinado vigilante, designado pelo fazendeiro anteriormente mencionado.

O vigia, conhecedor das pessoas residentes no povoado, em um dado momento, observara a aproximação de um elemento de conduta suspeita; qual fora a sua atitude! Escondera-se atrás do altar, ficando na espreita. O rapina penetrara no interior do templo, dirigira-se ao altar, apoderara-se da oferta ali existente, e dissera: *São Benedito*, estou tomando-lhe 30\$000 (trinta mil réis) emprestado; colocara o dinheiro no bolso e saíra rapidamente.

Alguns dias após, o vigilante encontrara-o na rua e perguntara-lhe se já havia pagado os trinta mil réis de *São Benedito*. – E ele, como você soube? – O rapaz; ora, *São Benedito* pedira-me para tomar providências; aí, o rapina bastante atrapalhado, respondera. – Diga a *São Benedito* que fique tranquilo; hoje mesmo, logo à tarde, eu irei levar o dinheiro dele.

Então, o vigilante ficara a observar; quando se não quando; o rapina aparecera na esquina da rua. Como da vez anterior, o vigilante escondera-se atrás do altar e escutara as admoestações do malandro, dirigindo-se ao santo milagreiro. *São Benedito!* Aqui está o seu dinheiro, mas não precisava ter dado parte de mim, mais cedo ou mais tarde eu lhe pagava.

– E agora, para compensar o meu prejuízo, pois, tomei este dinheiro emprestado, o que podeis fazer por mim? Perguntara ele ao Santo.

– Respondera-lhe *São Benedito* – Como sacerdote e chefe desta paróquia, posso arranjar-te algum benefício simples como: dois por cento da renda dos casamentos, um por cento da renda dos batizados, e até mesmo participação nas ofertas do pé de altar que podem ser divididas ao meio. Mas, para isto você precisa saber ler e escrever, e terá que ser solteiro. – Retrucara-lhe o meliante – assim sendo – estou perdido porque sou casado e cego. Cego? Sim, não sei escrever nem a primeira letra do meu nome.

– O que mais podeis fazer por mim? – Nada, nada mais, respondera-lhe o “Santo” – Então, naquele instante, o espertalhão valendo-se de um preconceito arraigado em nossa sociedade racista

argumentara. – Se fosse um santo branco, não teria feito isso comigo. Voltara, buscando a saída; ao aproximar-se da porta, parara; olhara para trás, colocara o dedo indicador em riste, e apontando para o rosto da imagem, dissera: e fique sabendo, santinho faminto, de hoje em diante, eu não venho mais ás suas novenas, não lhe devo mais nada, e até nunca mais.

9. O CORONEL E O ENXU CARO, MUITO CARO

MAIS UMA DO VELHO JOSÉ CABOCLO

CERTO SENHOR AMIGO ÍNTIMO DO CORONEL entrara em divergências com um migrante. Logo em seguida, o amigo queixara-se ao coronel; ouvindo a resposta: quando alguém deseja desmanchar o enxu, o que ele faz? O outro retrucara; põe fogo na casa. Então, concluíra o coronel.

O suposto prejudicado fora correndo e ateara fogo a casa. Uma choupana construída de taipa e coberta com cavacos. A Vítima saíra em direção ao Sul, lá se empregando em uma fazenda; após algum tempo de trabalho, tendo ganhado a confiança do patrão, contara-lhe a razão de suas andanças por aquelas paragens. Alguns tempos depois, quando o caso já houvera caído no rol do esquecimento; eis que aparecem na cidade, dois cidadãos regiamente vestidos: ternos de tropical HJ, relógios de ouro e tendo por montarias *muares* – *burros* brancos muito possantes.

Perguntam, onde fica a residência do coronel. Tendo recebido a informação precisa, chegam ao respectivo local, onde de boa sombra foram recebidos pelo mesmo, que os acomodou o melhor que pode; embora o seu desejo fosse sem mais tardança, saber do que se tratava; e, muito azafamado, e com mostras de muito boa vontade aprontou a sua mesa, convidando-os para consumirem o que nela havia: ali jazia um *peru* assado imóvel como um vigilante noturno; uma travessa de *arroz, doces, frutas*; assim como outras novidades.

A esposa fora convidada e viera presidir a mesa sentada ao lado do marido.

O mais idoso dos indesejados visitantes levantando-se ficara encostado ao parapeito da janela, contemplando o horizonte que ao longe se perdia. O coronel apesar de sua presença de espírito estava sobressaltado; e depois de achegarem-se à mesa; saborearem o precioso café, complementando a refeição como é de praxe;

perguntara-lhes qual seria a missão dos mesmos naquela cidade. Terminado o arrazoado do mais velho dos hóspedes aumentara-lhe os sobressaltos, acabando de se confirmar o que supusera; mas não quisera interromper a narrativa, desejoso de saber em que poderia dar o que ele já quase sabia.

Quando fora travado o seguinte diálogo: continuando o mais velho – O Senhor mandou queimar a casinha residencial de Fulano de Tal? – Mande! Respondera o coronel. Pois é, estamos aqui para efetuar a devida cobrança. – E qual seria o preço a pagar? Inquirira o anfitrião. Ouvindo a bombástica resposta – apenas dois contos de réis.

Aí, houvera o pânico. É uma fortuna, uma casa de palha! Continuara argumentando o mais velho – era uma palhoça –, porém, para ele, mais valiosa do que o vosso suntuoso palácio. Naquele instante, chegaram alguns subchefes e pediram dois dias de prazo para análise da questão, no que lhes fora concedido. Conselho reunido; conversa vai, conversa vem. – O mais novo levantara-se, tomara a palavra e anunciara: viemos da parte do coronel *Benta*; é uma ordem, ou tudo ou nada. Martelo batido.

E como era dotado do dom da palavra prosseguira – nosso maior empenho consiste em apressar a volta que deve ser bastante proveitosa como espera nosso chefe, o coronel *Benta* que para cá nos enviou. Sabemos que os cordatos à vista da causa não poderão estranhar os efeitos, e pelo menos haverão de perdoar-nos tão grande aborrecimento o qual fora convertido em grande lástima. Sabemos que, vós Senhores, tendes boas intenções como imaginamos; porém, antes de passardes adiante com vossas discretas persuasões deveis meditar na grande injustiça que aqui fora cometida. Talvez após estas reflexões vos dispenseis do trabalho que tomareis procurando remediar o que não admite remediações.

Queimar a residência de um cidadão? Sua voz estridente cortava o ar como uma lâmina de cristal. Atentem para a ação desse delinquente! Um crime execrável! Aonde havemos de chegar para classificar essa espécie de crime? É o pior dos crimes em qualquer tempo ou lugar! Sentou-se. A intensidade de sua raiva dava a

impressão de que aquela sala era pequena para ele. O coronel permaneceu firme em seu lugar, ouvindo-o; sem pestanejar.

O ajudante de ordens do coronel dirigiu-se aos demais, os chamando à parte. E com uma voz impaciente – A reunião! qual a impressão de vocês? Como se ouvir a opinião dos outros fosse um dever desagradável que precisava ser cumprido o mais depressa possível. – Bem, replicara um dos participantes; parece que este Senhor falastrão não é flor que se cheire. Está mais para *pimenta malagueta*. Parece que o coronel engoliu a ideia de pagamento imediato. Passei este final de semana obtendo informações sobre este coronel *Benta*.

– Afinal, ele é o quê? – É diferente! Não se ajusta a esse tipo de injustiça. – Basta! O que acabo de ouvir! Respondera o interlocutor; coçando a orelha com o dedo mínimo (na verdade, a metade daquilo bastaria). Até o momento não vi nada que me agrade naquele grandalhão. Até a maneira como se senta é irritante: as costas retas, os joelhos unidos, a fim de formar uma plataforma para a pasta sobre a qual seus dedos se contraem. Pense bem e me diga, se isso não é primitivo? Contudo, temos que encontrar uma solução para esse inquietante problema.

Ao término do discurso do mais novo teria dito o coronel – Falais como discreto –, e o que ao presente devemos fazer é diligenciar uma solução dentro dos conformes; o que de pronto havemos de pôr por obra, acabando com esta pendenga de uma vez por todas. Entretanto, os aludidos conformes ainda estavam obscuros na mente do coronel.

Após uma noite insone, agitada, passara a andar pelo quarto, pensando na longa resenha dos acontecimentos que lhe vinham sucedendo: provas de amizades, provas de inimizades. Hoje, parece que vai sair cinzas dessa brincadeira!

No dia seguinte; porém, melhor pensando apresentara-se aos chegantes todo de boas palavras; dir-se-ia alegre despreocupado; parecendo que alguém lhe arejara o coração e levantara o véu de suas melancolias. Naquela manhã, só se comentava na cidade a respeito dos ilustres forasteiros que chegaram lentamente como o

passo frouxo de uma boiada vinda de longe. Teria sido eu o culpado? Não teria agido como um bom conselheiro? Perguntava-se o coronel!

Aí, ficara imóvel, confundido, num desgosto invencível; não sabendo que singular efeito produzira-lhe essa notícia; debruçando-se sobre ela depois de ruminá-la pela noite inteira. A ideia de sua sisudez exagerada; agora lhe parecia ridícula quase pueril. Com essa única lição renascia-lhe a efetiva realidade que, estupidamente, insistia em sufocar.

Entrementes, novo alvoroço; novas consultas e a decisão: o coronel, por ter sido o mandante, arcaria com a metade; ou seja, um conto de réis; o executor com a outra parte, mais outro conto de réis.

Fazendo-se uma regressão contábil, em moeda de hoje, aproximadamente, R\$. 300.000 (Trezentos mil Reais) Daí o comentário do povo: *ou enxu caro, muito caro.*

10. CHAPADA DIAMANTINA/BA “VISÃO GERAL”

NESTE CONTEXTO, vamos tratar de um tema que consideramos essencial para o conhecimento da Chapada e da vida garimpeira; capaz de despertar o interesse pela possibilidade de aprendizado e enriquecimento recíproco. E que, acreditamos ter algum valor literário sobre ser um retrato, ou relato dos acontecimentos da época. No nosso entendimento, tudo isso pode traduzir a relevância dessa História.

O resgate desse passado de verdade oferece aos leitores o reconhecimento da bravura da espécie humana. A Chapada é repleta de variedades, tanto na sua paisagem como na sua etnia.

Focados nesses princípios, podemos enfatizar uma boa prosa com as pessoas; conhecer e aprender muitos assuntos concernentes aos acontecimentos da terra.

A história mais emocionante quero crer, mais digna de memória: diz respeito ao *Morro do Pai Inácio*. Situado no município de *Palmeiras*: com altitude de 1.120 metros e altura de 250 metros. Pois, foi do cume deste esguio e íngreme monte, de onde o escravizado *Inácio*, sendo perseguido pelo seu “senhor”; amparando-se num guarda-chuva; saltou para o abismo; caindo nas profundezas, sem sofrer nenhuma lesão corporal. O patrão, consciente da morte do mesmo, desistiu de procurá-lo. E, dessa maneira, o negro fugido, tendo como abrigo uma gruta fechada com grossas toras de madeira, para pernoitar; e também, como defesa contra as temíveis feras que circulavam pela montanha; vestindo-se com folhas de palmeiras para proteger-se dos *mosquitos* e do frio intenso; alimentando-se de frutas e animais silvestres, passara a viver livremente naquelas remotas eiras. Desprendendo-se do jugo do seu temido carrasco, que o torturava com chibatadas, tronco e ferradura.

Ah! Para adquirir fogo, utilizava-se do processo usado pelos *Povos Originários* (índios): esfregando dois pedaços de pau seco, um

sobre o outro; especialmente a *umburana*, madeira altamente inflamável. Após muito esforço, desse modo, conseguia produzir as desejadas chamas salvadoras.

Dando-se conta de que, em um dado momento, deparara-se com uma ninhada contendo três filhotes de *onça pintada*. Apressadamente, recolhera um dos tais. O qual se transformara numa gigantesca e maravilhosa *onça pintada*; passando a ser sua única companhia de todas as horas; com a qual sempre monologava suas aventuras pela sombria floresta.

Apenas para esclarecer: com a abolição da escravatura, *Inácio* passara a ter uma ligeira aproximação com um caçador, a quem passara a narrar parte de sua vida selvagem. Vez que, apesar de sua via-crúcis, não perdera a condição da fala. O escravizado fugido tinha uma compleição de aço; não parecia um ser humano mortal; mas um elemento da natureza; frondoso *jacarandá* copado; passavam sobre ele a chuva, o sol, as tempestades e o tempo.

Como os caminhos do Senhor são permeados de potente ironia; embora sobrevivendo nessas precaríssimas condições; conseguira atravessar uma existência de aproximadamente, 96 anos. E assim, vivera e morrera o nosso “mitológico” *Inácio*.

DAS ORIGENS

Com rochas sedimentares formadas há mais de três bilhões de anos: oriundas de resíduos estuarinos, aluviais, fluviais, glaciais, além das intrusões. E, com origem na distensão tectônica, ocasionada pela formação do *Rift Valley*, que de acordo com a teoria do geofísico alemão *Alfred Wegener* separou a Gondwana da parte Sul da Pangeia; dando origem a várias regiões, dentre elas a América do Sul; ocasião em que fomos agraciados com esta majestosa faixa de terras de riqueza incomensurável denominada Chapada Diamantina.

Toda ela entrecortada por escuros rios caudalosos, que a mata fechada escurece mais ainda, movendo e gemendo ao vento esfuziante. E, com destaque para o grande meteoro, cujo impacto

muito ajudou na composição da *Serra do Sincorá* (Ver Meteorologia – Formação de meteoros) onde hoje é localizado o *Parque Nacional Chico Mendes*. Entidade criada para conservação da *Fauna, Flora* e demais riquezas naturais com muitos tesouros: minerais, vegetais e animais ainda a descobrir. Além do público em geral; por aqui sempre transitam – cientistas – poetas, escritores e grupos de outros literatos das mais diversas partes do mundo em busca de inspiração.

Creemos que, toda esta metamorfose resultou no aparecimento abundante da *Sílica* e do *Quartzo*, que com o *Oxigênio*, associados a outros minerais, sob pressão, formaram o maravilhoso reino de suas pedras preciosas.

Não vamos descurar do processo histórico; ressuscitemos o passado: o espectro das “catras” submersas; as pedras valiosas encontradas nas profundezas dos barrancos sombrios. Incluindo-se aí, a metafórica pedra singular; a figura humana do saudoso e erudito filho; natural da cidade de *Lençóis, Júlio Afrânio Peixoto* (1876\1947). Além da admirável capacidade intelectual; *Afrânio* dispunha de uma inédita coordenação motora; pois, escrevia com ambas as mãos ao mesmo tempo. Ocupou a cadeira n. 07 da *Academia Brasileira de Letras*. E a cadeira n. 02 da *Academia Brasileira de Filologia*, da qual fora fundador. Na *Academia de Letras Ireceense*; com a devida vênio do insigne baiano. Este modesto escritor tomou a liberdade de adotá-lo como seu patrono. A cidade do *Peixoto* já fora especialmente designada como a capital dos diamantes. Seu nome tem muito a ver com a sua toponímia: os lajeados por onde corre o rio serra abaixo, relembram lindos lençóis bordados.

A despeito da introdução de algumas pegadas mais recentes; estamos nos reportando a uma época muito distante da história da Chapada; ao longe, ainda ressoa o êxodo dos últimos remanescentes povos originários “índios”.

MARACÁS

Os garimpeiros avançam mata adentro, e tomam conta das terras que eram dos povos originários (os indígenas), que vão se

retirando ao longo dos rios e da selva. Tempo de muita matança dos primeiros habitantes do Brasil. Especialmente, durante a ocupação fraudulenta de um invasor, que se dizendo herdeiro do sesmeiro, antes alferes e depois Mestre de Campo *Antônio Guedes de Brito*; que, após arregimentar um batalhão de mercenários composto por 220 homens fortemente armados; portando couraças bastante rijas para defender o seu imenso território; fazia suas entradas a partir da cidade de *Morro do Chapéu*, onde ocasionalmente residia.

A descrição circunstanciada desse copioso e decepcionante capítulo não me causa nenhuma canseira; visto que, quero apenas erguer toda a esfumada idade histórica da Chapada; a condensar em contornos robustos a mesnada de um latifundiário; sem que lhe faltasse fartura de alimentos na despensa, e uma pistola nas bruacas sobre o lombo de suas alimárias.

No espectro daquele ser “humano” respirava a alma de um grande ambicioso. “Cuja receita seria baseada na cobrança do décimo”.

Todas as terras de perto ou de longe, pertenciam a sua sesmaria. E era enfático ao dizer: na cozinha você escuma a panela com uma colher de pau. Aqui, ela deve ser escumada na base do porrete, na base do facão. E caso seja preciso, até mesmo à bala. É um processo claro e eficaz. Precisamos erguer o peito e enrijecer o braço em defesa da nossa sesmaria. É isto o que tenho sempre declarado ao conde amigo. Arrematando – justiça logra quem justiça faz.

Como foi que nós conquistamos esses imensos territórios? Invocamos algum direito? Claro que não! Nós afugentamos os índios. Expulsamos os invasores a tiro, na ponta da espada. É a lei da vida. A moral dos fortes. O dono da terra é aquele que dela se apropria e pode mantê-la. Esse tiranete tinha sempre um sorriso hipócrita. Seu ar era obsequioso e sua voz de um tom paternal. Aos jovens dispensava uma amizade cordial: aos homens chamava-os de meus filhos e as mulheres de minhas filhas. A hipocrisia era, simplesmente, a sua carapaça.

Podemos, todavia, informar que, as muitas promoções e benesses recebidas por *Guedes de Brito* tiveram como origem o

reconhecimento do Conde D. *Vasco de Mascarenhas*, em função dos serviços prestados pelo agraciado; com o fornecimento de gêneros alimentícios como: *carne, farinha, rapadura*, dentre outros. Isto, durante as guerras travadas contra as populações autóctones indefesas.

Não obstante os transtornos; ocupada, a região tornara-se o paraíso serrano. Uma grande prosperidade visitava a nova Chapada. Pelos caminhos desertos do sertão, segue a miragem da fortuna rápida.

Um poder paralelo, poder de garimpo vem à tona – **o dos coronéis**. Senhores de baração e cutelo; amparando perseguidos pela justiça e guerreando desafetos. Eles se refrescam ou se aquecem à sombra da Guarda Nacional. Osso duro de roer.

São questões polémicas, em razão dos poucos registros concernentes à matéria em foco. Sabemos, todavia, que a atividade garimpeira impulsionou sobremaneira o desenvolvimento da nossa fronteira agrícola; aqui para as bandas das *Caraíbas (IRECÊ)*. Quando levadas de tropeiros cruzavam as estradas tortuosas da caatinga; trajetos entrelaçados por cactos espinhosos como: *xiquexiques, quiabentos e mandacarus*. Apesar dos múltiplos embaraços naturais, esses corajosos transportavam vários gêneros alimentícios, especialmente o *toucinho*; este, muito apreciado pelos exploradores de minério, mas em permanente escassez; desde que os lavradores trocaram seus afazeres na lavoura, pela labuta na zona do garimpo. Após este breve comentário, supomos ser possível iniciar a nossa modesta e resumida **CRÔNICA**. Ela assenta-se sobre alicerces vários: além do conhecimento, memórias e opiniões acumuladas por pessoas que viveram esses momentos. E assim, espero transmitir aos leitores algo que ouvi e por tê-lo dado como verdade.

Acredito não haver sentido em sobrecarregar um livro ou uma crônica como esta com um enorme aparato de referências ou outras marcas de erudição. Lembramos e respeitamos o ponto de vista do leitor não acadêmico com interesse genérico pelo mundo da Chapada, a quem esta crônica se dirige. E mais! A quem interessar possa.

O ENCONTRO ENTRE O VELHO E O NOVO

É que aqueles valores sofreram uma crise muito intensa, quase desapareceram; não é que deixaram de existir.

Tal fato tem relação com a nova ordem de preocupações e novos valores que envolveram e envolvem a Chapada, no decorrer dos tempos.

“A GLOBALIZAÇÃO, INICIADA A PARTIR DO SÉCULO XV, pelos europeus – com a colonização das *Américas, África, Ásia e Oceania* – internacionalizando o desmoronamento do presente, e a subtração do progresso; essa gente já estaria com o seu futuro comprometido. Todavia: a janela desse mesmo futuro está aberta e o sol está entrando para iluminar o estuário das riquezas que ainda dorme sobre e sob toda a zona alvissareira dessa preciosa fatia desse nosso portentoso território; nesse ínterim, o capitalismo por meio da expansão marítimo-comercial; criou um mercado mundial; calcado justamente na exploração econômico-etnocida **“ainda persistente em nosso Brasil”** com ênfase na corrupção e/ou usurpação; utilizando-se de um processo perverso de colonialismo extremo; configurando a origem da miséria, em especial nos países colonizados.

E, como num jogo de interesses, quase sempre o mais fraco sai perdendo; neste caso, o perdedor foi o colonizado (espoliado), proibido de buscar ou sonhar com o seu próprio desenvolvimento. Assim, dando origem aos países chamados de terceiro mundo. O **Paraguai** nunca mais se reabilitou –. Essa globalização que ficou engatinhando por um longo espaço de tempo, culminou com a queda do muro de **Berlim**, em 1989, com as consequências que daí resultara.

Nesse resumo histórico estão contidos os dois extremos de um passado muito distante, e de um presente em foco.

“Em todos os tempos, as pessoas registraram atos do passado, salvando a memória. Introduzindo-a na cultura, na lembrança de sua gente; fixando por meio de suas narrativas – as vivências dos habitantes de uma região, às vezes anônimos. Podendo assim,

representar um valor documental, o retrato vivo de uma vida; neste contexto, interiorana. Situação expressiva da luta de sertanejos, vivendo num mundo dominado por coronéis (Ver Guarda Nacional) diante da indiferença e oportunismo das elites que governavam ou governam este nosso imenso País. Face ao trágico momento que se configurava, e do desespero e indiferença dos que se sucumbiam, frente ao rico território baiano.

Uma análise mais acurada desses fatos nos permitirá sua integração na real história da Chapada; tanto nos perímetros regionais como globais. Essa forma de estudo que se concentra num universo relativamente limitado, tem a possibilidade de detalhar e aprofundar aspectos e dados que se perderiam num universo mais amplo. Resultando numa exposição viva, cheia da realidade histórica; sempre perseguindo o significado social, graças ao qual poderemos entender melhor o nosso passado.

E não apenas o social; pois, a partir dele podemos chegar à realidade econômica. Porque a drenagem da renda para fora da região e do país resultara na descapitalização; processo que vinha de longas datas fulminando nossas riquezas e o nosso progresso como um todo.

Com a caracterização geral e a amostragem dos prejuízos estudados, vamos chegar à reconstituição de um cenário econômico extremamente relevante a respeito da região chapadiana em meados do século XIX, até a presente data.

É um convite para a continuidade de estudos econômicos (riquezas da Chapada). Convite que deve ser dirigido especialmente aos habitantes dessa região.

DOS PARADOXOS E SENTIMENTALISMOS

Transportando o leitor para uma distância muito aquém aos nossos dias; esta obra pretende reconstituir a sociedade chapadiana durante um período consideravelmente distante. Assim, buscamos retratar os aspectos: econômicos, políticos e sociais numa época marcada por paradoxos e sentimentalismos. Nossa intenção é fazer

uma viagem pela história da região, revelando características e o *modus vivendi* de seus habitantes naquele momento histórico. Esta abordagem pode ser posta em prática, permitindo uma melhor interpretação do assunto em pauta.

Agora, com certa ênfase, vamos tentar relembrar a **SAGA** de uma região e de uma época. Para isso impunha-se a escolha de narradores ou entrevistados -- *José Fernandes de Souza*, o José “Caboclo”, *Joaquim Dourado Barbosa*, padre *Magalhães* e *Francisco dos Santos*, o “Chicão”; “narrações conferidas pela fala do Sr. *José Fernandes de Souza*. É o que se denomina literatura de testemunho”.

Com destaque para o padre *Magalhães*; pois, segundo o mesmo *José Caboclo*, ambos conversavam bastante sobre as lavras; incluindo religião e fé. Eram bons amigos – com toda a beleza que esta palavra representa.

ESTA CRÔNICA, embora de maneira simples ou reduzida, procura narrar e analisar alguns episódios ocorridos no cotidiano da CHCAPADA; trazendo à tona a saga da sociedade serrana em um dos períodos mais promissores dessa região, tão rica quanto encantadora. Tudo isso em busca da compreensão de um horizonte complexo e controvertido. Tendo como resultado um painel multicolorido do fenômeno sociológico a partir do século XIX. Quais as consequências?

Numa época toda feita de belicosidade, tendo por mais alto ideal a conquista por meio da guerra, com interesses sem limites; sempre apelando para a força do rifle papo amarelo; descontados os tempos, e levando-se em conta a desinformação social, eclipsou-se a vida dessa gente de maneira brutal. É “bom que se diga”.

Nestas reflexões, os leitores encontrarão perguntas e respostas; hipóteses e evidências que permeiam este nosso mundo. Um mundo cada vez menos seguro do seu futuro. Principalmente, o mundo da Chapada e de todos os habitantes da Terra dos **DIAMANTES**. Eis aí a grande indagação. Algum passo já fora dado? Para onde? Qual a direção? É urgente um debate. Um debate de ideias sobre ideias que façam um mundo melhor. Um mundo do amanhã. É isso o que importa. Superemos as fórmulas; formando as bases que sirvam

para delimitar aquilo que virá a ser o campo de batalha para implantação do progresso prometido e ansiosamente esperado pela comunidade em apreço.

Apresentando-se sob a forma de uma rocha granular e cristalina, apoiada numa contextura cuja sustentação está submetida a uma visão que se debate entre o passado e o muito presente; os acontecimentos originais vão se escorregando de um para o outro, e nestes movimentos embrenham-se à procura de feitos e efeitos ocorridos no cotidiano dos habitantes da terra. Essa condição de fragilidade vai se desdobrando perante o curso normal das coisas.

Até que ocorra a grande reviravolta. Não sem a ironia e o desacordo que lhe emprestam a medida da nova era. Fato que em última análise vem comprovar a persistência de um substrato social que resiste sob a face das novas e inesperadas mudanças sociais.

Mas, o que importa ao leitor é justamente a virada do tempo; Já sentindo o efeito do espírito ético, sujeito ao passar dos séculos; convertendo-se num símbolo comprometido com as muitas faces recompostas pela conveniência e encaminhadas para novos valores; sintetizando o tom das transformações morais trazidas pelos novos tempos, em busca de uma visão mais humanizada do homem; do garimpeiro em si. Montando um quadro grandioso sobre a vida garimpeira do tempo em questão.

Desse modo, a mesma linguagem inovadora e curiosa que seduz o leitor, também se propõe a esgravatear o correr dos tempos. Até mesmo para repor a lição de quão persistentes são os sedimentos a comporem uma nova formação social, quando se enfrenta uma passagem radical e profunda de uma cultura limitada para uma cultura globalizada – como a Cultura/Mundo.

UM CONHECEDOR DOS MEANDROS DA CHAPADA

Natural da Chapada, o Senhor *José Fernandes de Souza*, o José “**Caboclo**” com alguns rudimentos em Antropologia. Tivera acesso ao testemunho de protagonistas diretos, e de viva memória no próprio cenário dos acontecimentos; descrevia a conquista das

lavras com o conhecimento do *modus vivendi* de hordas de migrantes e imigrantes que infestavam a região; incluindo a miscigenação de matizes étnicos originários de diversas partes do globo que infestavam aquelas paragens à busca dos metais preciosos nas terras e serras da majestosa e deslumbrante **CHAPADA**.

Esta apresenta uma vegetação exuberante, com destaque para flores como: *bromélias, orquídeas e sempre-vivas*. Sua paisagem atual é oriunda do trabalho desenvolvido por agentes naturais durante muitos **BILHÕES** de anos, no decorrer do tempo geológico; dando origem também aos seus metais e pedras preciosas.

Nosso entendimento leva-nos a crer: fora a dura peleja desses aventureiros; promotores de uma verdadeira epopeia para atingir as profundezas abissais, escavando com garbo e fragor as duras paredes das rochas; onde dormitavam as mais valiosas pedras preciosas; consoante suas imaginações criativas.

Nosso desejo é refazer os primeiros passos desses bravos; tentando detalhar a cinematográfica aventura que relembra a história de um povo polêmico; porém, corajoso. Ora passando por heróis, outras vezes por mártires; com as limitações e venenos próprios da condição humana, em tal mundo, em que sempre vencem os mais ousados, conquistando vantagens a qualquer preço; que nos legou esta região duramente dominada em sua natureza selvagem; terra prioritariamente habitada pelos já mencionados povos originários, os índios **MARACÁS**.

A História desse povo merece uma reflexão: – com a invasão garimpeira estes aborígenes foram extremamente prejudicados; pois, os mineradores os empurravam cada vez mais para os pontos extremos do seu território; onde a continuação de suas vidas seria bem mais difícil; vez que passariam a viver apartados dos rios e florestas que lhes proporcionavam uma alimentação abundante e saudável: *peixes, frutas* etc.

Com sua sabedoria nata eles conservavam o meio ambiente, protegendo as espécies de maneira razoável, para não colocar em risco a sua própria subsistência – De nada lhes adiantou; foram

enxotados do seu habitat natural pela ação predatória do bicho de duas pernas, apelidado de homem.

Contudo, a ambição desenfreada, na busca da superação desesperada dos perigos; na luta, em busca da glória e fama, que seriam adquiridas pela conquista da riqueza; gerou a matriz de grande parte das histórias e estórias narradas em episódios ocorridos, ou supostamente ocorridos, na representação do teatro que foi a conquista da Chapada; com muitos heróis envolvidos em façanhas realmente fantásticas; quando em 1710, fora encontrado um longo veio de ouro, num aluvião às margens do *Rio de Contas Pequeno*. Onde você pode gozar a frescura e o sussurro da água que corre lentamente na sua calha, ensombrada pelas frondosas *palmeiras* que circundam as suas margens; e apreciar o coaxar alegre dos *sapinhos* nas bordas escorregadias de suas locas.

Neste manso correr da vida, você sente desfazer-se quase insensivelmente todas as sombrias tormentas que invadem o seu coração.

Sendo que, um pouco mais tarde, mais ou menos em 1844, alguém encontrara alguns valiosos diamantes nas ribanceiras do *Rio Mucugê*; que se arrasta docemente por entre os seixos, murmurando na sombra da mata densa e muito fechada.

CICLO dos metais preciosos

O ciclo do *algodão*, e mais recentemente da *mamona* e do *feijão* no solo fértil das **CARAÍBAS (Irecê)** foram épocas importantes; porém, sequer se aproximaram do ciclo dos metais preciosos como o carbonato e o diamante que notabilizou a região em apreço.

Nessa compacta camada de rocha, detentora de imensas riquezas naturais, repousa o espírito dos primeiros garimpeiros; legítimos desbravadores de terras ainda indígenas. A aventura, aliada ao desejo de enriquecer, invadiram a imaginação de milhares e milhares de brasileiros, e até mesmo estrangeiros. O crepúsculo embaralhava a imaginação daqueles aventureiros, como se

montanhas de pedras preciosas estivessem aflorando do chão; fato que confrontava com uma realidade diametralmente oposta.

A CHAPADA a ser domada, seria o éden ou o próprio inferno. Daquele elucidavam-se estórias fantásticas. Deste, pontos assombrosos ou desfiladeiros, pregoeiros do medo ou da própria morte. Em breve, começaria a luta entre coronéis na disputa pela posse da terra. Homens pobres e incultos tomavam partido em troca de nada. Os considerados rivais, na maioria das vezes, eram executados sem nenhuma contestação. Os esbirros do coronel cumpriam ordens com a habitual eficiência. Eram assim que as coisas eram. Assim era a **“lei” da terra**; baseada no desejo do chefe; tanto quanto podia ver, seus atos denunciavam um **“cidadão”** cumpridor da **“lei”**. Isto é, a sua **própria**.

Os coronéis construíram um grande legado de questões e impasses. Foi um tempo longo e extremado. Aqui, nosso desejo é mergulhar nos acontecimentos e decisões que construíram o nosso mundo conturbado do século XIX. Um mundo onde passado e futuro pareciam estar seccionados do presente. Meu tempo de vida não coincidiu com a época da qual estou tratando. Acumulei opiniões e preconceitos sobre essa época como estudioso e também de ouvi dizer.

Dentro de uma determinada perspectiva histórica pude conhecer algumas fontes primárias acumuladas por historiadores do século XIX, **“Contadores de estórias”**. Na prática, torna-se impossível uma só pessoa conhecer a Historiografia de um período longo e conturbado como fora para nós o século XIX. O máximo que consegui foi mergulhar na literatura das questões mais espinhosas e controvertidas de nossa gente; a guerra de **Barra do Mendes – por exemplo**. Estou convencido de que as declarações que me foram passadas são decifráveis à luz de uma pesquisa mais aprofundada.

Claro, posso não ter conseguido destrinçar inúmeras questões nas quais demonstro ignorância, e exprimo informações polémicas. Devo reconhecer: posso estar assentado sobre alicerces profundamente irregulares. Contudo, recorri ao conhecimento, memórias e opiniões acumuladas por pessoas que viveram no

período em foco, na condição de observador “**participante**” como dizem os estudiosos da Antropologia; ou simplesmente de ouvidos e olhos abertos.

E, confiando no testemunho dos meus ancestrais passado de geração em geração. O valor histórico dessas informações não decorre de eles terem participado diretamente das grandes contendas, aqui relatadas.

Na verdade, estou embasado em pesquisas e conversas com habitantes deste e daquele lugar; sobretudo, oriundos da região garimpeira da Chapada; em especial, o Sr. *José Fernandes de Souza*; **meu querido e saudoso pai**, a quem prometi escrever um **Tratado** sobre essas memórias avoengas; e, também pela razão óbvia de que esses relatos merecem de fato um registro público.

Apesar de tudo, meu conhecimento de pessoas e lugares, embora parcial, foi de suma importância; mesmo tendo revisitado a mesma cidade, “**Barra do Mendes**” após um período de aproximadamente 20 anos. Fato que nos permitiu compreender a demora e o âmbito da transformação social durante grande parte do século XIX; ou mesmo em se tratando de algo dito em alguma prosa e guardado às vezes sem motivo claro, para uso no futuro.

Se o historiador teve condições de entender os fatos concernentes ao episódio em debate; supõe-se: deva ter ouvido da boca de alguém considerado apto a fazer essas declarações. Certamente é o que podemos e devemos aceitar.

De modo geral, são estes os temas trabalhados na tentativa de debater e analisar um período muito importante para a economia e o fator político – social que se refere a esta tão respeitável fatia do território baiano.

DOS ENCANTOS DA CHAPADA

Agora, passamos a enfatizar o colorido da CHAPADA: com suas lindas paisagens, embelezando 24 municípios; começando por *Abaíra*, e terminando em *Piatã*. Hoje, com um *Parque Nacional*, administrado pelo *Instituto Chico Mendes*; tendo uma extensão que

abrange 07 municípios: *Andaraí, Ibicoara, Iramaia, Itaetê, Lençóis, Mucugê e Palmeiras*–; com uma população de aproximadamente 400.000 habitantes.

Sua formação rochosa é oriunda da unidade geológica conhecida como supergrupo *Espinhaço*, derivado da Serra do Espinhaço em Minas Gerais. Sendo um divisor entre as águas do rio *São Francisco, Rio de Contas e Rio Paraguaçu*. O pico mais alto do Nordeste está localizado na Chapada; na *Serra de Itobira*; município de *Abáira*. É o pico do *Barbado* com 2.033 metros.

A principal fonte de renda de *Abáira* consiste na produção de aguardente. Ela é reconhecida mundo afora como a capital mundial da cachaça; a famosa cachaça de *Abáira*. Antes de sua colonização era a cidade do mel; cujo topônimo é oriundo da língua *Tupi: abá* (abundância), *a'yra* (mel). Seu nome faz jus à cordialidade de sua gente.

ITUAÇU

Na *Serra do Sincorá*, podemos observar as belezas naturais da cidade de *Ituaçu*, terra natal do barão do SINCORÁ; Mas, nem tudo são flores; vamos devagar; pois, no começo de seu desbravamento, os nativos *tapajós*, eram cooptados pelos exploradores (bandeirantes), quando estes lhes presenteavam com alguns pequenos objetos sem valia; aí, os aborígenes indicavam-lhes as trilhas mais fáceis a serem percorridas; pois conheciam os hábitos e o *modus vivendi* das tribos vizinhas, com as quais tinham algumas divergências por questões territoriais.

Relembrando que: esses maléficos exploradores, nos embates com os povos originários (os índios), levavam cem por cento de vantagem; pois, suas indumentárias eram confeccionadas a partir de couro cru com forro de algodão para impedir a penetração das flechas arremessadas contra eles. Além de outras atrocidades cometidas contra os “índios” tornaram-se, também, andrófagos; davam preferência à carne dos aborígenes a dos animais selvagens.

Ituaçu tem um clima bastante ameno; um friozinho durante o dia, e à noite, a necessidade de um casaco. Ali, o visitante é tratado

com muito carinho, e é sempre visto como um novo membro da comunidade serrana; gerando na pessoa a impressão de que já habita a localidade há muito tempo. Aí, você reconhece que a cidade merece ser visitada apenas pelo cenário – É uma espécie de *flor nascida no deserto*; abriga os pontos mais fotogênicos e esbanja simpatia. Ao passear por essas eiras, o turista, portador de alguma mazela; pode até mesmo, sentir-se curado.

Um episódio interessante: no restaurante *Esquinão da Gruta*, onde almoçamos, por sinal bastante frequentado; a garçonete esbelta e robusta, com uns cabelos mais negros que a cauda de um corcel de guerra, em que se podia enrolar toda; contou-nos com muito orgulho que o governador viera almoçar ali; e, fora mandado entrar na fila como todos os demais; e, completou com um sorriso encantador – mesmo que o Senhor venha a ser governador terá que entrar na fila.

Na montanha, a neblina às vezes é densa e pesada; tanto que a relva verde parece ter sido engolida por nuvens nos dias em que o sol demora a aparecer. A Chapada, em toda a sua extensão, apresenta-nos um panorama extremamente bonito, repleto de paisagens de tirar o fôlego; especialmente pela manhã, quando a cerração toma conta das montanhas e árvores.

Num primeiro olhar, dos pontos mais altos, numa ilusão de ótica, as nuvens se confundem, dando-nos a impressão de que grandes lagos tomaram conta da região. Mas, basta o sol começar a despontar, a ilusão vem a desfazer-se e a montanha volta a mostrar suas corcovas e picos elevados, com despenhadeiros, onde temos que transitar bem lentamente e com bastante cuidado.

Complementando a nossa visita, não devemos deixar de pegar a trilha em direção à *Cachoeira das Moendas*, e conhecer as pinturas rupestres inscritas nas paredes das tocas da vizinhança; sem dispensar uma visita à *Gruta da Mangabeira*. Aí podemos sentir que o nosso esforço não fora em vão; nosso sacrifício valera a pena.

Além do *Parque Nacional da Chapada*, com uma área de 152.000ha; de relevo acidentado, com *grutas, cavernas, cânions e rios*.

A comunidade apresenta-nos o *Projeto Sempre-Viva* da Prefeitura Municipal de *Mucugê*; onde está localizado o *Museu Vivo do Garimpo*.

Este belo Parque e suas cidades antigas são permeados por chapadões, cachoeiras e mirantes; onde há 12.000 anos passeavam os *tatus* da espécie *Pampatherium* com esqueleto ósseo de dois metros de comprimento e peso igual ou superior a 220 kg. A carcaça de um desses animais disformes fora identificada recentemente por um paleontólogo da *Universidade Federal de São Carlos*.

Relembrando que, as conversas entabuladas entre os habitantes do local, a respeito da existência desses gigantescos e antiquíssimos *tatus*; histórias transmitidas pelos antepassados de geração em geração, eram sempre vistas com desconfiança, “fábulas contadas por caçadores e garimpeiros”.

Próximo a *Mucugê* já há verduras na estrada; bate-lhe no rosto um sopro forte e fresco anunciando a presença do *Rio Paraguaçu*, sua principal fonte hídrica. Sente-se o sussurro das ramagens, com o difuso e vago murmúrio das águas frescas e correntes. Através da folhagem faíscam longas frestas de sol. Por ali circula um ar sutil e aveludado cheirando a verduras novas. Nas margens mais adentro, pássaros entoam gorjeios bem de leve. E sente-se já, sem se ver, a solenidade dos gigantescos arvoredos; a frescura das nascentes. A sensação do visitante é de estar no paraíso.

O rumor da água chega aos seus ouvidos com aquele marulho dormente a deslizar sobre pedras verdes de *musgos* no recanto da floresta. Você pode ficar alheio a si mesmo. Você não é mais você. Agora você se sente cheio de uma estranha exaltação; *como se os séculos estivessem a ecoar dentro de você*.

Toda parte o luminoso ar da serra expõe a doçura que lhe é peculiar. E, deste ponto, o visitante contempla enlevadamente, a bela vastidão do cerrado; a que só se veem os cimos redondos cobrindo as montanhas como uma cobertura verde estendida sobre um muro.

O ar das montanhas dá saúde e nos faz viver melhor. Onde velhas árvores assombream as estradas; espesso ninho de verduras: arbustos e flores sufocam-se num ambiente de bosque silvestre. Aqui, ali, em torno de uma flor; aos pares esvoaçam *borboletas*

solitárias. Mesmo não sendo poeta, a natureza começa a nos impingir cantigas e versos os mais variados.

Ali próximo uma turista grita assustada! Venham ver isto! Era apenas uma estrada apertada entre duas grandes árvores, que teciam um toldo de folhagem aberto à luz, como um lençol rendado; no chão, tremeluziam frestas de sol, e, no silêncio, uma corrente d'água que se não via, ia fugindo e correndo lentamente.

Mas, se tu queres beleza mesmo; tens que subir à serra. Aí, terás o horizonte; sentirás o céu quase à palma da mão. De resto tudo aqui é mito belo.

Não há caminho que não seja um poema.

Ah! Lá atrás, mencionamos o *Rio de Contas*; suas águas desabam ladeira abaixo fazendo grandes caracóis com bolhas semelhantes às contas de um rosário. Este rio empresta seu nome à bela cidade à qual pertence. Mas calma! *Rio de Contas* foi a primeira cidade planejada do *Brasil*. Fundada em 1745 por provisão real. O que se pode chamar um presente régio.

É pena que a maioria dos brasileiros não conheça essa pedra preciosa. Eu a conheci por meio das informações do Sr. *José Fernandes de Souza*, as quais achei bastante interessantes; por ser a descrição dessa interessante cidade do interior baiano no século XIX.

O Senhor *Fernandes* tecia comentários; descrevendo tanto seu aspecto físico quanto administrativo. Essa joia chapadiana tem o direito de despertar a atenção dos ilustres leitores neste espaço de tempo que lhes estou tomando.

Hoje, tombada pelo *Instituto do Patrimônio Histórico e A. Nacional*. Antes, conhecida como a cidade do ouro; quando os habitantes homenageavam seus visitantes ilustres desferindo uma chuva de pó de ouro sobre suas vestes.

Começou a diminuir sua importância econômica a partir da descoberta dos diamantes na Chapada Diamantina. Agora, vamos aos fatos: o Senhor *José Fernandes de Souza* esteve neste local, no ano da graça de 1926; à época uma longínqua cidade; em razão da dificuldade de comunicação, em especial a ausência de estradas; ocasião em que resgatara um cavalo de estimação, o **Diamante**

Negro, que fora sequestrado pela *Coluna Prestes* e arrebanhado pelas forças legais.

Então, este Senhor fizera-me uma ligeira explanação a respeito da infraestrutura dessa cidade maravilhosa: ruas largas, algumas delas calçadas com pedras trabalhadas; casarões em estilo colonial, construídos com adobe de barro batido. Também falava da planta hidrográfica: na qual se via distintamente – *ilhas, canais*, e tudo mais que se podia notar com clara e pura nitidez.

A iluminação era produzida por lampiões alimentados por um determinado tipo de azeite. O Intendente Municipal fora autorizado a realizar as obras de iluminação por contrato ou por arrematação; não excedendo o período de 04 anos. Geriam os negócios da iluminação para os quais fora elaborado um competente Regulamento – um administrador geral e dez fiscais.

Os fiscais cuidavam do acesso e limpeza dos lampiões. E prestavam contas dos seus gastos. Faziam relatórios semanais ao administrador dando conta de quais lampiões estavam em bom estado, e quais falhavam.

Cada bico de lampião que estivesse apagado sem motivo comprovado, importaria numa multa de vinte réis por dia para o fiscal responsável pela área. Em noites sem luar, os lampiões seriam acessos às 17 horas e apagados às seis horas da manhã. Eram também acessos nas três primeiras noites de lua nova; e nas que se tornassem escuras por causa do mau tempo.

Apesar das dificuldades, os intendentes procuravam cuidar do bem-estar social: mandavam fazer listas de pessoas analisando o seu comportamento e buscavam recuperá-las para uma ocupação útil.

A prostituição era combatida; seria preso o homem que fosse encontrado em casa de mulher de “má-vida”. Incentivavam a Instrução pública – ajudando às crianças carentes – fardamento, material escolar, etc. Contavam os excepcionais e davam-lhes assistência.

Concernente à limpeza pública, em horário fixo e determinado, veículos apropriados passavam pelas ruas recolhendo o “lixo de varredura”.

O maior problema de higiene a ser resolvido estava sendo a remoção de detritos e materiais orgânicos existentes nas coqueiras e cavalariças que persistiam dentro da zona urbana. Essa remoção seria feita por ajuste particular com uma empresa. Aqueles que por negligência ou má-fé lançassem lixo nas ruas seriam punidos pelas posturas municipais. Todo esse serviço tinha horário marcado para começar e terminar.

Levando-se em consideração o distanciamento da época em evidência; avaliamos como ótima uma administração desse quilate.

TEMPOS REMOTOS

Em tempos remotos: para muitos, essa mesma Chapada seria um lugar de expiação; um inferno sem fogo. A sociedade vivia em clima da idade da pedra. Escondendo armadilhas mortais; com processos ignorados, era um local governado e limitado pela vontade do chefe – **o coronel**. Este mandava. Sendo assim, não prestava contas dos seus atos. Vez que dispunha de ferozes jagunços que executavam as ordens do patrão; quaisquer ordens. Sem jamais contestá-las; sem remorsos, sem hesitação. Neste cenário, a “justiça” não seria representada por uma **metáfora**; visto que tinha os olhos realmente vendados.

Numa época em que a comunicação teria que ser feita por meio de um próprio. Que corria o perigo de ser alvejado durante o trajeto. As queixas, na maioria das vezes, eram recebidas com desdém; ou quando chegavam às mãos do juiz, o queixoso já teria servido de pasto aos milhares de vermes que infestam aquele pedaço de chão poroso.

O progresso e suas benesses continuavam distantes daquela comunidade em gestação. Em razão da ausência do Estado, muitas pessoas percorriam trilhas perigosas em busca da abastança e do poder; terçando armas em conflitos espúrios; confiavam de modo especial, no gatilho de suas pistolas, e no gume acerado de suas espadas assassinas.

Eram desentendimentos que feriam e prejudicavam a coletividade, no dizer do padre *Magalhães*; que às vezes divergia das

opiniões do coronel; intendente, administrador da prefeitura municipal. “Senhor” de alto coturno, temido por todos. E também não era para menos.

Homem de ideias radicais; dono de um vozeirão com alguns decibéis acima da média e temperamento explosivo; o coronel costumava andar pelas ruas da cidade, após o expediente na prefeitura, com uma pistola na cintura e um bengalão com cabo de madreperla, escondendo um temeroso punhal; disposto a castigar a quem se manifestasse contra seus interesses pessoais. No entender do mesmo, essa atitude serviria para consolidar a paz. Os sinos poderiam bimbalar convidando os fiéis à oração.

O reverendíssimo padre *Magalhães*; com seus vivíssimos olhos azuis; filtrava através das lentes do pice-nez, a alegria toda espiritual, que lhe nascia do fundo da alma: magro, pálido, com um ricto que lhe dava à fisionomia uma expressão hilariante; seu olhar morno tinha ares de uma enternecida piedade. Mas, sem avaliar o alcance de seus comentários, nem a revolta que causaria ao coronel e aos seus sequazes; passou a elogiar um seu antigo rival: homem íntegro, primando pela evolução cultural, não se imiscuindo em contendas. Podendo, portanto, influir sim; na escolha de um bom candidato.

Padre *Magalhães* em política, estava sempre atento ao desenrolar dos fatos. O vigário, sempre convidado para lautos almoços, bem pago em casamentos e batizados, não agira ajuizadamente – Iria sentir as consequências.

E lançando o troante vozeirão – Que espere! Bramira o coronel.

E, num rancor tão expressivo tão irado, atirou sobre o chão, uma estridente bengalada; como se fora às costas do vigário.

– Você viu compadre a reação do homem!

– Vamos mudar de conversa; isso é coisa de gente grande. No fim, a chibata cai nas nossas costas. Não se relembra do que acontecera ao *Jacinto*, “O Rápido”. Assim apelidado por chacota do povão?

O coronel, alguns dias após, tivera um encontro com o padre. E para disfarçar o que acontecera: Oh! Senhor vigário, nunca mais apareceu lá por casa? Mas, sempre rijo, sempre forte. Diga-me, qual

é o segredo dessa sua robustez? Consta que alguns seguidores do reverendo levaram algumas bordoadas. O sacerdote fora poupado; pois, o povo poderia sair em sua defesa, em virtude de ser muito querido de seus paroquianos. Mas, de qualquer forma, o coronel pôde desculpar-se: encontrava-se na *Bahia* (capital), e lamentara o ocorrido. Andava por lá, explorando os preços do diamante. Os lavristas não dispunham de nenhuma informação sobre os preços; “Isto era segredo de estado”, isto é; dos patrões; numa época totalmente desprovida de comunicação.

– Os animais de carga são mais felizes, têm um cuidador, os pobres garimpeiros um explorador. Isso é inaceitável! Esbravejava padre *Magalhães*. Ali, ele cumpria os rituais de seu ofício, observando com curiosidade e espanto aquele arremedo de civilização.

Muitos garimpeiros seriam oriundos de mocambos, e trabalhavam alugados, sem receber nenhuma atenção por parte de patrões inescrupulosos. Veja a labuta dos garimpeiros; há muita extravagância no processo da conquista.

Muita carência de assistência social. O *Odin*, diabo que circula por aqui é mais feroz; seu *cavalo* é alado. Por isso, é mais veloz. Contudo, sofrer edifica. Porque aí nós podemos refletir sobre o que os outros sofrem. Ora! Estes homens ajudam a construir o *Brasil!* Indigna-se padre *Magalhães*. Aqui, poderia ser melhor. Pobres sertanejos, no afã de angariar algum recurso financeiro, imbuídos do espírito de aventura; neste sertão bruto, são espoliados, sem nenhuma proteção. Os mais idosos, já sem forças, não suportam nenhum serviço. Morrem. Abre-se uma cova rasa debaixo de uma árvore. É só botar num caixão, confeccionado com ripas de *xiquexique*, dito da misericórdia, e zás trás – O infeliz está sepultado.

Uma miséria vem sempre acompanhada de outra. A falta de higiene trouxe a varíola; o surto desta epidemia está assolando as lavras.

– Você não vai desta vez; pois, tomou o contra! Tragam um animal selado. Vou encaminhá-lo à cidade de **MORRO DO CHAPÉU**. A *égua* não tardou, a trote largo. Afastem a montaria dos curiosos! Isto não é uma comédia de circo! O doente pertence à

guarda pessoal do coronel. Um segurança vai atrás cavalgando um ginete acastanhado; parecendo um espírito da montanha surgido de uma caverna próxima.

O paciente geme com a mão descarnada sobre o peito. E ambos mergulham no silêncio e na penumbra do caminho sob a intrincada cipoadada que lhes estorva a marcha até à cidade prometida. Seguem rota batida; pois, à tardinha, a neblina sempre sobe do vale aquecido.

Com muita ênfase, o Senhor “José Caboclo”, retoma a sua narração. – Apesar dos pesares, você chega e começa a prender-se ao barro. Querer bem às coisas da terra.

Nos primeiros dias de garimpo, quando aqui cheguei, pouca importância dava a certos acontecimentos – queria apenas ganhar dinheiro, e rapidamente voltar ao meu torrão. Entretanto, fui ficando. Hoje, percebo que vivemos uma situação desoladora, e até revoltante. A vilã dessa história é, principalmente, a falta da atenção governamental; e também, a intervenção do homem. Aqui, era tudo muito belo. Agora, só destruição. *O ser humano é um predador desalmado.*

A *fauna* foi destruída, as *aves* e os demais animais fugiram para ermos bem remotos. Ainda hoje, podemos avistar restos de ninhos dessas *aves*, através da ramaria leve baloiçando entre as sebes.

– Por que você não protesta?

– Protesto sim! Mas, sou uma voz que clama no deserto. As futuras gerações vão amaldiçoar essa nossa inércia. Não há jeito mesmo. Gosto muito deste novo mundo. O homem nordestino, a mulher nordestina, deixa suas pegadas nas trilhas desta natureza bravia.

VILAS E POVOADOS

Está vendo aquele casario ali pela frente? Estamos chegando ao povoado ou vila de “**Ventura**”. Aqui já foram encontrados carbonatos com até quatro quilos de peso; pedras que serviam de trempe para o tropeiro cozinhar o seu *feijão*; nosso tropeiro desconhecia o valor desta pedra preciosa – **O carbonato**. Se não fosse

uma verdade histórica poderia ser contada como lenda – Declarara *mestre Caboclo*.

O sol quente, abrasador; o vento esfuziante, beijando a copa das árvores. Seria um sertão diferente, agitado por ventanias que aspiram e também trazem neblinas.

A rampa subindo para o povoado alterou-se, acendendo vermelhidão ao sol já abrasante. A comunidade está fincada num apertado de serras, entre árvores que vertem sombras refrescantes. Os garimpeiros chegam fatigados e descansam à sombra daquelas árvores. Mestre *Joaquim* sorvia o ar para subir à ladeira e chegar a uma casa de pedras. E limpando a face e o pescoço com o lenço, amaldiçoou o calor da tarde.

– Ô de casa! Aqui, vai entrando um garimpeiro faminto. Um Senhor de longas barbas brancas, esvoaçantes, espalhadas pelo peito, ergueu-se de um banco de madeira; afagando suavemente a enrugada face barbuda. Era o Senhor *Andrade*, dono do barracão. Admirado pela população. Não o era pelo padre *Magalhães*, que lhe reverberava as ideias rebeldes; de péssimos efeitos àquela sociedade em formação, onde o pavor ao diabo seria muito necessário.

O Senhor *Andrade* não frequentava a igreja, tinha suas ocupações. Advertia o sacerdote a esquecer daquelas crendices de inferno. O inferno seria ali mesmo. – Tratassem os dois de viver na honestidade e ser caridosos. Essa é que é a vontade de Deus. Afirmava padre *Magalhães*. Quando se não quando, o velho *Andrade*, amargurando fortes dores reumáticas, amigo de *feijoadas gordurosas*, fora vítima de um AVC (Acidente Vascular Cerebral).

Muitos acreditavam em castigo, a fim de que não mais blasfemasse, e se redimisse. Com o passar do tempo, o velho *Andrade* deixou de blasfemar; não criticava mais do vigário; porém, não se redimiou. E, transbordando cheiro de remédios, servindo-se de uma bengala, percorria a casa, com passos lentos de um ancião. Profundamente afetado, andava pela sala com a gazeta do dia esquecida nas mãos ossudas.

Os desafetos resmungavam que o piaga sofria por causa do seu maior pecado – A gula. Tinha fama de glutão; era apenas uma barriga! Mas, que barriga!

– Aqui, nem se compara com o Sul. – Padre, “Vos me cê” não vai querer comparar o Sul, uma comunidade organizada com gente educada, e culturas diversificadas com este bando de nordestinos segregados pela chibata destes coronéis. Estes têm de ficar com o lucro. Do contrário, a peia está pronta. Observara mestre *Joaquim*.

– Uma verdadeira espoliação. E, os únicos prejudicados com estes desajustamentos são os nossos irmãos nordestinos. Afirmara padre *Magalhães*.

– Padre, esta gente está condenada a viver no esquecimento. Aqui, tudo se transforma, sempre para pior. – Até o homem?

– Isso mesmo, até o ser humano. Concluía mestre *Joaquim*, expelindo fumaça pelas narinas. Uma coisa é o padre na paróquia, arrebanhado as ovelhas tresmalhadas; e outra é a vida garimpeira, aqui na chapada. Na cidade, os fiéis são pessoas civilizadas; o padre almoça em casa de gente educada – Confesso que prefiro viver aqui, nessa barulheira desenfreada, acompanhando pessoas necessitadas – Arrematara padre *Magalhães*.

Padre *Magalhães* levantara-se do banco de *aroeira*, ajeitando a velha batina, remendada em vários lugares; já quase imprestável endurecida pela chuva e soalheira. Na verdade, estava com vontade de encetar uma boa prosa com o professor *João de Pádua*; antes da missa das nove, que seria celebrada numa sala ao lado; composta por uma pequena mesa, e alguns bancos de madeira. O ato da celebração atraía gente de toda a vizinhança, e até mesmo de longe; gerando um pujante comércio especialmente de bugigangas; e, muito explorado pelo chefe, que cobrava pela ocupação do solo. Gratuitamente, só *café*, e algumas bolachas duras, muito duras, mais duras do que pedra.

O patrício facilitava a venda de pedras preciosas. Às vezes trazidas de outras regiões; mas sempre recebendo alguma propina. Como pretexto de segurança, mestre *Joaquim* cobrava algumas taxas das pessoas que compareciam às solenidades. Estas ocupavam

casinhas cobertas com cavacos. Tendo por mobília – uma rede e um mosquiteiro –. Os lucros do leilão pertenciam ao padre. O restante ficava com o chefe (um preposto do coronel).

Padre *Magalhães* pensou em moralizar a situação. – Isto aqui está mais para *Sodoma*. É na verdade, uma mistura do profano com o sagrado. Parece uma festa pagã! – Se “Vos mecê” interferir nos festejos, querendo botar moral; vai perder toda a receita. Declara Mestre *Joaquim*.

Experimente!

Padre *Magalhães* não quis experimentar. O ato religioso às vezes tem que fechar os olhos para os exageros e auferir os lucros. Isto é normal! Concluíra Mestre *Joaquim*. Até mesmo as dodivanas rezavam ajoelhadas no chão duro, e batendo no peito, em reverência aos nomes dos santos, ali pronunciados.

Padre *Magalhães* combatia os desmandos dos festejos, para onde corriam garimpeiros de todas as partes.

Já estando em *Morro do Chapéu*, naquele dado momento; o Senhor *Fernandes* e padre *Magalhães* batiam um animado papo, discorrendo sobre as novidades das lavras; e também a respeito do desbravamento do território de *Morro do Chapéu*: relembavam o bandeirante *Gabriel Soares*; o conde da ponte *João Gomes de Mello*, agraciado com a sesmaria de *Morro* por D. *José*, Rei de *Portugal*; pois este teria o objetivo de promover o povoamento da região. Quando repentinamente, aparecera o coronel *Antônio de Benta* convidando-os para o jantar.

Era um velho moreno mais para escuro, esgaldado e rijo; de olhos encovados; uma barba bastante espessa e branca. Homem de trato. Levou-os para o salão principal. Logo se sentaram ao pé da mesa, onde dormitavam duas infusas de cristal: uma repleta de rosas e outra, de excelente vinho trazido do *Porto*. O edifício – um asarão em estilo barroco, enjanelado por todos os lados, e com paredes cheias de retratos avoengos; iluminados por um velho candeeiro; alimentado com *azeite*, junto a um castiçal de prata; e, comunicando-se com a cozinha por uma puxada lateral em forma de corredor, cercado por canteiros de hortaliças que ajudavam na dieta alimentar;

sempre à base da *carne seca*, acompanhada de alguma caça ou outras iguarias que às vezes fazem parte da refeição diária.

Em razão do frio escorchante que sempre congela essa bela cidade sertaneja, foram convidados a aquecer um pouco na cozinha. Um leve sopro de brisa que descia pela chaminé avivava a brasa que ficara no fogão, espalhando pelo ar um acentuado cheiro de cinzas e madeira queimada. Era uma sala grande, escura, com vigas envernizadas e muitos móveis antigos. Entretanto, o que mais os entretivera foi o retrato do velho avô do coronel; os óculos pince-nez na ponta do nariz; as rugas no rosto lúgubre aprofundadas pelas sombras da idade.

Muitos admiravam aquele ancião, que se apresentava como figura respeitável; obsequiador, sabedor das coisas. Ninguém se elegeria, sem bater-lhe à porta, e receber recomendações para os cabos eleitorais. Sendo pobre servia de aval para adquirir um corte na zona rica do garimpo; se rico, necessitava de seu beneplácito para os negócios, numa terra em situação dissoluta.

A dúvida, porém, não atormentava a alma daqueles rudes e leais sertanejos, sempre atentos às ordens do coronel. Chegavam de todas as partes, outros e outros. Ninguém nos prende mais aqui; precisamos andar apressados e chegar cedo ao local das minas. Prosseguiam viagem embrenhados na noite, e em poucos dias avistavam as cabanas que dormitavam molemente ao sopé daquelas serranias. Eram recebidos pessoalmente por um agente do coronel que lhes agasalhava em algum barracão. Chegavam desprovidos de tudo; sem sequer uma muda de roupas. Como soldados sem direção; após uma batalha perdida, eram encaminhados para pontos estratégicos dentro da mata, na escuridão, e no silêncio apavorante; e quando adoeciam esperavam a morte deitados dentro de uma toca ou debaixo de alguma árvore, ali mesmo junto ao barranco.

Não sabem ler, não têm doutrinas espirituais. Aí, sofrem lavagem cerebral por parte dos patrões inescrupulosos. Trabalham como meia-praça, e *escravizam-se anos e anos por dívidas que nunca se extinguem*; pois fazem suas compras, o chamado fornecimento, ali mesmo no *barracão do chefe*; enfrentando além da

má-fé, uma inflação mais que galopante. As contas nunca fecham. Não há pedra preciosa que os liberte. Não faz mal, o sofrimento fortalece o espírito e a autonomia do coronel.

PADRE MAGALHÃES E SUA REVOLTA

Padre *Magalhães* blasfemava por causa daquela situação.

– O Senhor tem razão padre! Os grandes prejudicados são estes pobres garimpeiros. Lutam, vegetam. Ficam ilhados por estas guerras fratricidas que nunca se acabam. Declarara mestre *Caboclo*. Já se ouviam tiros espocando ao longe; eram os irmãos que lutavam do lado oposto. Era a disputa entre coronéis. Estes continuavam a briga pela exclusiva posse da terra.

Os mais obedientes, – Sua bênção padre!

– São almas que se pretendem salvar! Comentara o professor *Marcelino*.

– Não fale assim! Você sabe que só a presença do padre vale uma oração para esses homens. – É fato. A lembrança do sacerdote ficará por muito tempo. No velho barracão, a rede tomava os quatro cantos da varanda; sacudida pelo homem que tremia esgotado pela febre. Ouvia-se quando em vez, um gemido baixo. Dois outros esfarrapados sentavam-se num tronco de madeira; olhos espantados, barba por fazer, blusa suja e rasgada. As pernas estavam arroxeadas. Aceitaram *café*. – Tomem o *café* sem medo! De onde estão vindos? Contaram a sua tragédia; depois, ficaram repousando, fatigados dos longos dias de viagem.

– Por que vieram parar aqui? – Encrenca com vizinhos. Essas coisas que às vezes acontecem. Outro motivo foi a notícia do garimpo. Passou por lá, um viajante. “Um Tal” de Senhor *Manoel*.

Na nossa chegada, o homem era muito prestimoso; agora, nem olha na nossa cara; nem parece o sujeito que conhecemos antes. Arre! A princesa Isabel não acabou com a escravidão. Estas cenas pertencem ao diabo com coronel e tudo mais. Aqueles homens abriram um saco, contendo farinha e um pedaço de rapadura; derramaram numa cuia, e avidamente consumiam a sua primeira refeição do dia; acompanhada

com alguns goles d'água, apanhada numa *cacimba* próxima. Sem perder o fio de sua animada prosa. – Veja bem meu caro *Joaquim*, os desajustes de uma sociedade mal gestada.

É um salve-se quem puder. Sente-se o mal-estar. É um Deus nos acuda. Arrematara padre *Magalhães*. E continuou: tudo isso consiste na falta de Justiça, na ausência do Estado.

Observe o caso do *Nabuco*. Foi torturado barbaramente à luz do dia. Dava urros de dor. Levaram-no para um jirau, onde fora garroteado com cordas de *piçava*. O corpo fora todo espetado com cunhas ou achas de *aroeira*. As chagas ficaram pingantes, rubras como rosas vermelhas; expostas às *formigas*, *moscas* e *urubus*. O matador fugiu do local do crime. Vai ver como é bom quando o sol esquentar, e chegar a urubuzada. A refeição será diferente, sabor diferente; “Tachem Tachem! Puxando com o bico. “Eta!” Festa animada!

Garimpeiros passaram por ali, como era de costume; e viram o cadáver coberto de *formigas*. O Tal era irmão do coronel e já contava vinte e três assassinatos; fora as mortes de três esposas; quando fora morto por um irmão da última. O matador homiziara-se na fazenda de outro coronel. O irmão pretendia entregar o assassino à justiça, conforme argumentava. O outro não caiu na lábria, e disse: não entrego. Houve confronto, guerra da pesada. Encerro por aqui; poderia contar mais quatro.

AS DIFICULDADES DE UMA SOCIEDADE PRIMITIVA

Nesta condição, podemos observar o aspecto de uma comunidade típica de estado primitivo; imbuída de seus costumes e aspirações. O *Chicão*, jagunço que inspirava confiança, era convocado para missões perigosas; e logo fora incumbido de expulsar garimpeiros de uma área de pretensa propriedade do coronel amigo.

Antes de partir para a espinhosa missão fora consultar padre *Magalhães*. Este lhe exprobrou semelhante serviço. Não ouviu os conselhos. – Sermão de padre! Argumentara o coronel. Após esta experiência, “Chicão” não tivera mais alegria. Entrara em depressão,

pensando nos garimpeiros que foram mortos – Eram irmãos! Como dizia padre *Magalhães*.

Caía a noite. Após o jantar, os mais jovens ensaiaram uma festinha, acompanhada por *violões*, *pandeiros* e *tamborins*. Cantavam e dançavam os mais novos. Os idosos palestravam em grupos; fumando um excelente tabaco trazido de *Brotas* e outras regiões fumageiras. Flores serranas evoluíam perfumes quentes. O garimpo propriamente dito estava deserto àquelas horas da noite.

Um grupo de garimpeiros encostou do lado oposto da estrada e pernitoou. Acenderam-se “fifós” nas barracas, reluzindo nas pedras próximas; imitando lâmpadas seguradas por anjos protetores, iluminando toda a montanha.

Chicão fora intimado novamente pelo coronel. Este querendo saber mais informações sobre a expedição aos garimpeiros rivais. No seu entender, estava havendo indícios de traição. Sua mente refletia conchavos assassinos em encontros com homens da milícia oposta.

Sob um fogo cruzado, os homens do coronel, num supremo esforço, procuravam refúgio nos lugares mais altos da montanha, onde havia terra firme. Garimpeiros isolados não poderiam resistir, nem permanecer nas colocações. E fugiam em busca de locais mais seguros. Chegavam notícias de incêndios, assassinatos; mercadorias roubadas. Causando graves prejuízos, especialmente aos patrões. Impunha-se uma medida mais enérgica. Ataque aos garimpeiros em suas próprias barracas. Precisava-se de um homem experiente, capaz de guiar uma nova expedição. A ação teria que ser dura, completa. Só um ataque bem preparado, planejado e muito bem municiado, guiado por cabos de guerra experientes. *Chicão* deveria acompanhar a expedição como Comandante – em – chefe.

Chicão negaceou, não tinha a aquiescência de padre *Magalhães*, contrário à chacina de garimpeiros. – São cristãos, trabalhadores honestos. Não vou escolher jagunços para esta empreitada; não recebo pedidos para essa viagem, nem vou ingressar nessas terras. Queria simplesmente adquirir uma gleba, onde pudesse enfrentar as dificuldades dos anos da velhice que já se avizinhava. *Chicão* não gostava de rememorar aqueles episódios lancinantes. Mas, era

intimidado constantemente por onde passava. Cada vez importa em punição o relato das façanhas – Havia ordem, acabar de vez com aquilo. Esta seria a finalidade da expedição. Chegamos cansados. Tínhamos de arranjar um jeito. Corríamos o perigo de sermos encurralados pelo inimigo. Tinha de ser. Ordenei o ataque. Era meia noite, lua clara. Cercamos o local; entrincheirados em pedras e árvores; atirando para baixo e para o centro, sem perigo dos companheiros. Não haveria escapatória para os rivais. Estalou o tiroteio. Os cabras ainda reagiram, pegaram suas armas; mas, estavam encurralados.

Alguns ficaram estendidos, talvez uns trinta; uns poucos conseguiram fugir. Atiramos todos de uma só vez; uma rajada estrondosa. Eu estava tremendo, lembrando as palavras do padre *Magalhães*. Sentia um grande mal-estar. Mas teria que dar conta do recado. Estava limpa aquela rica zona. Não poderia ser limpa com *doce de leite*, ou *garapa de rapadura*. E sim, matando os invasores, que teimavam em permanecer naquele lavrado. Os sobreviventes correram em direção a uma picada na mata. Sapecamos novos tiros, sempre visando cabeças e corpos. Fugiram, e defendiam-se atrás de árvores e pedras. Foi a expedição do *Chicão*.

A expedição da desgraça. Os espíritos vingam-se. Muitos dos nossos enlouqueceram. Dezenas deles morreram em ponta de faca. Eu não sei como ainda estou vivo. Deve ser proteção do padre. Não ligo mais para a vida. Não durmo. Foi o castigo da expedição. Os coronéis tiveram fim trágico. Só desgraça trouxe essa briga. Ninguém foi para a cadeia. Naquela época, matar uma pessoa, era como matar uma *mosca*.

Padre *Magalhães* é que tem razão. Não se deve matar nem mesmo bicho que não faz mal a ninguém. Para disfarçar e matar o tempo, o antes valente *Chicão*, bebia e caçava nas terras próximas.

Podemos analisar esses fenômenos sociais com base nos conflitos externos e internos; conhecimentos outros, traços culturais e tudo mais que possa influir no comportamento de uma sociedade. Eram pessoas que viviam desnorteadas por aculturação. Uma existência que girava em círculos; sempre apontando para a direção errada. A falta de senso

era notável; pior ainda, persistiam nesses costumes deploráveis, quase sempre hereditários. O desnorteio era uma característica intrínseca; que fazia muito mal; pois, arrastava uma sociedade para uma direção sem sentido e sem nenhum horizonte.

– Argumentara mestre *Joaquim*: a manifestação de alacridade daqueles homens rudes, ao invés de ânimo, produzia um efeito bárbaro. Um ambiente selvagem. Eu os conhecia, e suas mentalidades; era um deles, levando a mesma vida de garimpeiro; comendo o que comiam; pensando o que pensavam. Nada me era estranho. Aquelas roupas grosseiras, suas facas rudes, o riso selvagem. Um belo dia, ao passar manteiga no pão, dei conta de minha vida: mãos desajeitadas, dedos grossos com unhas debruadas de terra. A manga da camisa estava rasgada e faltava o botão de cima. A maré da vida veio trazer-me de roldão um lance inesperado.

O fato de termos desmantelado nossa bússola interna, sempre afeta a nossa capacidade intelectual e nos conduz aos hábitos da sociedade onde militamos.

Os sentimentos em conjunto com as emoções que os originam, servem de guia interno e ajudam-nos a comunicar com os outros sinais que também os podem guiar; são cognitivos como qualquer outra percepção. Uma organização fisiológica que transforma o cérebro em atividades teatrais do corpo. Os sentimentos permitem-nos vislumbrar mecanismos da própria vida, no desempenho de suas tarefas; e, estão destinados a ser dolorosos ou aprazíveis. Glória ou tragédia na condição humana.

A CONQUISTA DA SERRA DO GARAPA OU SERRA VERMELHA

Não fica por aí, a história toda. Houve também a conquista da *Serra Vermelha* nas faldas do **SINCORÁ**. A coisa lá foi bem diferente. A *Serra Vermelha* era cheia de riquezas. Mestre *Joaquim* já conhecia aquele lugar, quando lá ia com o *Chicão*; caçar, apreciar aquela paisagem pitoresca e tomar banho nas mirabolantes cachoeiras que alimentam o caudaloso *Rio de Contas*.

Jazidas de ouro e diamantes ladeavam a *Serra Vermelha*. Notícias trazidas por garimpeiros mais ousados asseguravam a existência de grotões profundos abarrotados destes metais preciosos. O Senhor *Bruno Fernandes de Souza*, mais conquistador do que comerciante, sonhava em desbravar aqueles prados. Precisava, em primeira mão, explorar as florestas laterais do lado norte; as da parte Sul, já eram percorridas por caçadores.

A expedição era semelhante a uma bandeira do *Brasil colônia*: levava *mantimento, armas, cães, mosquiteiros e redes*. Não aceitavam a companhia de mulheres. Penetrando às selvas, apenas homens. Quando encontravam algum vestígio, alguma informação de metal, detinham-se por alguns dias; abrindo profundos buracos, ou mesmo entretidos no rapa, *como era conhecida a catra mais à flor da terra*. E, continuavam à marcha, sempre contemplando o sol e as estrelas. Abriam veredas no sombreado das matas; eram terras devolutas, ou sem marcas de posses... Não requeridas. Às vezes, encontravam-se com *índios* (povos originários) que lhes informavam a respeito de algum estaleiro prometedor.

Os exploradores não desprezavam as informações daquela gente simples. Embora, entendendo poucas palavras; pois, a prosa era encetada sempre à forma de sinais. Não sem alguma recompensa. Na realidade os “índios” que por lá viviam eram também exploradores. Subiam à serra e faziam acampamentos, onde permaneciam sempre no verão. Os exploradores deram para levar mulheres na expedição.

Certa feita, já sem receio e acostumados com os índios, deixaram as mulheres sozinhas no acampamento; sem guarda, sem nenhuma proteção. Está aí, a trombeta, qualquer emergência é só apitar. Aí, embrenharam-se na mata. Iam explorar umas tocas à volta dos morros. Voltariam à hora do jantar. Partiam em grupo. Dividiam-se na selva, junto às paredes dos morros.

Ameaçava chover. Isso não atrapalhava. Não impediria o encontro com algum animal da floresta. Matavam alguns. Reagrupavam-se à margem do riacho; saboreavam a carne do animal selvagem. Espalhavam-se depois. Ouviram tiros, no final da tarde.

Àquela altura da convivência, os índios já eram vistos como amigos; e tinham sido presenteados com algumas armas de fogo; não sem a objeção do gerente da turma. Reuniram-se e voltaram ao rancho; roxos de fome e frio.

Lá estariam o *jantar* pronto, o *café* quentinho, o *mosquiteiro*, protetor contra as *muriçocas*. Caminharam apressados. Viram de longe o pequeno acampamento no meio da mata, e uma grande nuvem de fumaça. Será que as mulheres se esqueceram! Não poderiam fazer fumaça! É sinal para chamar índios!.

O caso foi diferente; quando chegaram só encontraram cinzas. Nada de mulheres, nada de sacos de roupas, nada de comida, nada de metais. Estavam muito distantes, não ouviram a buzina. Alguns rastros de índios; viraram os matos por todos os lados; comeram sem sal, sem farinha; andaram praticamente nus; nenhum roteiro de índios. Nada de mulheres.

Obs.: “este pictórico episódio, envolvendo garimpeiros, mulheres e índios; já fora narrado por alguém, como se tivesse ocorrido em outro lugar. Contudo, este fato, ocorrera realmente, aqui nas faldas da *Serra do Sincorá*. Afirmavam as testemunhas que: mais tarde essas mulheres foram encontradas convivendo com os índios, justamente na *Missão da Santíssima Trindade*; onde vivem os índios *Kaimbés*; declarando (elas) que estavam bastante felizes com a vida que levavam na comunidade *Kaimbé*”.

Em toda essa narrativa, esse pode ser o drama de maior valor; considerando-se, por si mesmo, uma peça antológica da nossa literatura serrana. Um ato de astúcia, coragem e emoção dos povos originários. *Os primeiros habitantes e os donos verdadeiros da terra*. Uma terra, gradativamente, tomada, de forma violenta, pelo processo colonial português.

CHICÃO PASSA A VIGIAR A SERRA DO GARAPA OU SERRA VERMELHA

Chicão recebera a incumbência de vigiar o garimpo da *Serra do Garapa*; onde os garimpeiros do coronel estavam encontrando

obstáculos. “Chicão” e seus homens subiam e desciam os grotões com espingardas calibradas. Calculando-se o entardecer para uma pousada mais próxima; onde se pernoitava, e de onde se saía pela madrugada – Lá vem temporal, “Chicão!” – Continua-se a jornada! Pouco depois, ainda com restos de claridade, um vento impetuoso anuncia uma intensa chuvarada.

Resguardando as roupas, despiram-se todos; enquanto o frio impetuoso engelhava suas peles geladas. Trêmulos, balbuciavam frases incoerentes, atrapalhadas pela contração dos lábios.

– Cuidado com o saco de farinha! Experimentavam doses de cachaça. A chuva, embora finasse não lhes permitia fumar.

Nos pernoites, dormiam em barracões abertos, ou mesmo, ao relento.

– Uma maloca! Não há ninguém! Parece que se mudaram, mudaram-se para nunca mais voltar. Venha ver “Chicão”! Morreram todos! Entram na oca, ruída de cupins e enrolada com cipós. Das ramas pendiam pequenas cabaças. Dentro, farrapos de *redes, crânios e ossos*. São índios, ou melhor, eram. Morreram, vitimados pela varíola ou “bexiga”.

Retornam ao rancho, fitando os restos de vida daquele povo que desaparecera – roças de mandiocais com as raízes escavadas pelos queixadas.

Transpostas as cachoeiras, retornam as suas casas.

– Na volta, todos os santos ajudam. Quero ver o valente, é no encontro com os garimpeiros. *Chicão* olhou para trás; a face chamejante de furor – Cala a boca *Marcelino*! Parece prosa de gente agourenta! Não se lembram do *Zé Pimenta*; praguejava, praguejava, e acabou comido por uma pintada! Calaram-se à advertência do “Chicão”. Supersticioso, naquela selva desconhecida. *Marcelino* aceitou a evidência. Mas, não se conteve e arrematou: – Não há santo que ajude. – *Zé Pimenta* enrolou-se num espinheiro. A espingarda mentiu fogo. *Aí, é fatal*.

Eu, ao historiar ou descrever os acontecimentos concernentes à Chapada. Lanço mão de um cabedal que me fora legado. São

histórias e estórias contadas de viva voz pelo Senhor *José Fernandes de Souza*, – O *José “Caboclo”*.

Neste instante, ainda vejo a *carranca*, ainda ouço a voz, o barulho dos paços daquele ancião, envelhecido na labuta cotidiana; correndo no lavrado, à procura dos garimpeiros para adquirir alguma pedra preciosa, e parecendo ainda estar sentindo a saudade ou a solidão daquelas matas.

A geração do presente e do futuro; não deve olvidar os desbravadores da Chapada. Tudo fora muito oscilante. Povoados e vilas sem uma gestão mais inteligente, mais sólida, foram apenas miragens civilizatórias e desapareceram. É a tal falha humana.

É quando nossos cálculos saem errados. Contudo, fora muito importante a intentona contra a adversidade sem policiamento, e nenhuma assistência oficial.

Em relação ao padre, devemos sempre louvar as suas admoestações. Um semeador de esperanças. Um alento para a gente que vivia e morria naquelas paragens esquecidas. Um grande garimpador de almas. Sua bateia era a palavra. Às vezes suspensa quase vazia; apenas, com algum restolho encajado no fundo da *gamela*.

Enquanto a *caçula* preparava o almoço; *Chicão* encilhava o cavalo. Estava indo para as cacetadas das eleições na cidade de *Rio de Contas*. “Seu nome faz jus ao visual. Quando as águas do rio descem ladeira abaixo, formam grandes rosários de enormes contas coloridas”.

– Não sei para que sirva essa estória, já sabemos que vence o coronel, e defunto vota. Lamentara padre *Magalhães*. Deixa-se a barraca, deixa-se tudo para votar no coronel ou em quem ele mandar. Para “*Chicão*” as eleições não teriam mais valor.

– Antigamente, ainda havia distribuição de roupas, chapéu de palha para toda a família. Hoje, nada; é só conversa fiada. Em todo caso temos o doutor *Dantas*. Atende a todos e não cobra a consulta.

A cobrança viria depois. Na véspera da eleição distribuía papeizinhos com o seu nome. Os amigos votavam quatro, cinco vezes. Era permitido. Mas, por via das circunstâncias, tornou-se rival

do coronel. Aí, a coisa mudou de feição. O coronel mandava fiscalizar e substituir os papéis.

– A diplomacia em primeiro lugar! Nada de Constrangimento! Perguntem ao doutor *Dantas* quanto quer em dinheiro; se não aceitar a proposta, joguem o danado na cadeia. Depois da apuração soltem este abestalhado que vem pra cá, atrapalhar a vida dos outros. É preciso tomar cuidado. Jogar duro.

Na eleição passada, muita gente votou errado. Estava vencendo o candidato da oposição. Foi preciso rasgar tudo. Começar tudo de novo. O juiz recebeu a sua recompensa... O escrivão tomou um corretivo e foi substituído.

Com gente desse tipo, não vamos ter paz. Padre *Magalhães* indignava-se; mas calava-se. Briga com o coronel significava prejuízo para toda a comunidade.

Foi quando o *Chicão* entrou em sena, contando a história do doutor *Feliciano*.

– “O coronel trouxe o sujeito da cidade grande. Deu credibilidade na praça. Fez dele secretário do partido e candidato a deputado. Estava tudo indo muito bem. Aí, se descobriu que o infeliz estava traindo. Pegaram umas cartas dirigidas a outro coronel. O miserável foi chamado à atenção, levou uma forte tunda, tomou destino ignorado, e sumiu das lavras”.

– Apesar dos pesares, a gente gosta do garimpo, gosta das lavras. A montanha verde vinga-se pela nostalgia. Endoidando quem tenta fugir de seu fascínio. Argumentara mestre *Joaquim*. Veja você, o caso do capitão *Zé Pequeno*. Ficou doente. Foi para a cidade à procura de remédio. Não ficou curado. Voltou para cá. Andava pelo meio das catras; observando o garimpo, e aproveitando os últimos dias de vida e os restos de movimento. Nada de apodrecer na cova, no cemitério de uma vila qualquer. Preferia um barranco, servindo de pasto para os *tatus*. Sendo útil até depois de morto.

Enquanto sua alma poderia ficar por ali mesmo, entre as montanhas e campos; na região, onde lutara e vencera. Chegara sem recursos; a camisa rasgada. Hoje, dono de fazendas. Impondo ordens aos que não tiveram sorte.

JACINTA E SEU FILHO

Ouviram um grito: – Negra *Jacinta* vai morrer! O menino não nasce! A vela já está pronta. A madeira do caixão já está serrada. Nosso Senhor! Leve-me logo e deixe o menino! – Que fazer amigo “Caboclo”? Indagara Mestre *Joaquim*. – Vamos lutar! Entram no quarto penumbroso. A lua penetrava pelas brechas dos cavacos, iluminando aquele ambiente asqueroso. Mulheres balbuciavam orações, junto à cama de *Jacinta*.

Uma velha rezadeira agitava ramos de alecrim com arruda, fazendo cruzeiros sobre o ventre da parturiente.

– Que fizeram? – O menino está atravessado. Parece que vai matar a mãe. Já quiseram puxar à força. A mulher geme demais. – Saiam todos! Tragam água quente, bacia e sabão. Afastem estas rezadeiras! Agindo com inteligência, mestre “Caboclo” pôs a criança em posição correta. Tome um pouco de aguardente.

Vamos! Coragem! Passados alguns minutos, o menino nascia aos berros. Todos respiraram aliviados. Para alegria geral; estavam salvos, *Jacinta* e seu filho.

A INDECISÃO DE MESTRE JOAQUIM

Mestre *Joaquim* conhecera as lavras, enchera-se de lendas. Passara noites e noites acordado; lembrando senas que assistira e ouvira dizer. Assemelha-se a uma fogueira que arde constantemente, clareando as sombras da escuridão. Não pode ausentar-se dali. Sente-se escravizado pelo desejo de “bamburar”. Queria voltar a sua terra, comprar fazendas e viver feliz, como imaginava. Entretanto, não podia desviar o pensamento daquele cenário.

Chuva e sol não atrapalham a dura lide dos lavristas. Pilherias esfuziam-se. Os garimpeiros pareciam molhados, tanta era a soalheira. Os montes de cascalho aparecem rapidamente. Cavam com toda a energia. Cavam sem parar, limpando a testa com as mãos sujas de barro. Era o efeito da cachaça e o desejo de encontrar aquela pepita lendária, cantada e decantada como se fosse um conto de fadas.

Após semanas de labuta e sofrimento, largando um serviço improdutivo; andam por novas trilhas, em busca de melhor sorte.

– Que é aquilo? – Chuva, tempestade! Murmurou o companheiro. É preciso estar atento. Com a chuva as catras abarrotam-se de água. Significa trabalho perdido. Podendo haver soterramento e morte. O diabo tenta. Sempre há perigo. Nada se via, e, logo caía uma temperatura mesmo de serra, de lugar alto. *Joaquim* acostumado à seca sentia uma cerração dentro de si; e, banha-se de renúncia, de coragem e de vontade que alimentam os fortes em qualquer situação de vida.

A chapada era a região que produzia pedras preciosas em larga escala, amealhando recursos financeiros para a riqueza e consequente desenvolvimento da Nação.

Garimpeiros em grande número entorpeciam-se e adormeciam em ilusões.

A DERROCADA DAS LAVRAS

Um pouco mais tarde, haveria a derrocada da produção. Passava-se, então, a fase áurea das lavras. Aí, capangueiros ou compradores desanimados perdiam o interesse; atingindo diretamente toda a economia local e regional.

Após a queda dos preços seguiu-se uma grave crise econômica. Uma sensação de vazio e falta de orientação. Uma atmosfera de desespero começava a dominar a economia, atingindo, sobretudo as pessoas de menor poder aquisitivo. A falta de moeda em circulação traduzia essa angústia. Sentia-se a imobilidade de um mundo cuja economia estava se esvaindo. O arcabouço econômico tendo sido atingido diretamente no seu cerne; a única alternativa fora entrar em colapso total.

Mas como sempre aparece o “salvador” da pátria: alguém tivera a brilhante ideia de criar o “vale-moeda” uma pessoa de maior credibilidade emitia a tal moeda; que consistia num pedaço de papel, onde estavam inscritos o valor da transação e a consequente assinatura do emissor. O resultado fora catastrófico. Muitos desses

cunhadores da moeda deram o famoso calote. Sepultando de uma vez por todas, a esperança daquela gente humilde e sem uma alternativa mais plausível. Uma das razões da queda dos preços fora a quebra da *Bolsa de New York*, nos *Estados Unidos*, ocorrida em 1929, conjugada à produção diamantífera da *África do Sul*.

Com o colapso da atividade garimpeira na Chapada e suas enormes consequências, por enquanto ainda impossíveis de serem calculadas por inteiro, porque recheadas de negativismo; sendo o incidente mais dramático, até então, ocorrido no sertão; é público e notório que a crise afetou vários setores do país de maneiras e em graus diferentes; fossem quais fossem suas configurações: *políticas, sociais e econômicas*; porque a era da pedra preciosa, passara a ser a era da crise; operando em grande intensidade por sobre as fronteiras do Estado; solapando a economia como um todo. Nesse ponto a história parecera ter chegado ao fim. Chegado ao fim! Chegado ao fim – com o olhar voltado para a escuridão.

Tudo isso revelava a precariedade de uma economia baseada essencialmente em uma única atividade. Senhores abastados viram sua opulência esfacelar-se num piscar de olhos; logo após a crise ter se tornado patente – Tal a ironia da história.

Contudo, ainda contamos com um patrimônio valioso: a memória; a cultura, – espaço natural modificado por ações humanas; a Antropofilia – Valores e atitudes concernentes ao ser humano; conservando ou danificando o meio ambiente.

As safras de *milho* e *feijão* prometiam na caatinga, lá para as bandas das CARÁIBAS (IRECÊ). Mestre *Joaquim* ainda possuía as glebas que lhe tocaram da herança paterna. Sentou-se num tronco escaldado e começou a pensar: o pai tombara de pé, lutando contra as intempéries do clima. Senhor de muitas terras, deixara uma prole numerosa, 14 filhos; moldados nas agrestias da vida; ora de invernadas, ora de secas. Mestre *Joaquim* poderia voltar a sua terrinha, e movimentar o modesto capital amealhado num “bamburro” no garimpo da *Serra Vermelha*. Lá estariam os parentes para apoiá-lo.

Levantando-se neste comenos, começou a percorrer os barrancos do lavrado. Relembrou as *missas*, as *novenas*, os colegas da escola. Aí, pensou em voltar e cumprir a missão que o destino lhe reservara. Era apenas mais um, dentre vários, dos planos mirabolantes, saídos da cabeça desordenada de mestre *Joaquim*. Pensados em momentos de desespero. Uma situação de tudo ou nada. Sim, poderia restaurar a fazenda, e continuar vivendo próximo aos seus familiares, que haviam se ramificado por aqueles lados.

Mas, contraíra o vírus garimpeiro. Ouvira a barulheira dos cortes. Passavam-lhe pela imaginação agitada, pepitas deslumbrantes que não o deixavam afastar-se daquelas eiras miraculosas, onde nascia o Brasil. Por outro lado, ali havia muita gente, tudo voltaria à fortuna, à normalidade.

Lá, não! Era a incerteza. Sua verdadeira missão seria ajudar a desbravar aquele mundo desconhecido, auxiliando na restauração econômica daquela bendita terra. Ali, nas *Caraíbas*, seriam a mornidão, os dias triviais, com muito sol; ou sendo como seus pais, castigados pelas terríveis secas nordestinas.

Lá nas lavras, era a aventura; mas, no meio das riquezas, que aliviavam a amargura, aumentando o prazer e a bravura. Volvidos três anos, *Joaquim* sentia que as coisas continuavam piorando; já desiludido, resolvera regressar ao seu torrão; onde, principalmente, sua família, a família *Dourado*, originária das margens do *Douro* em *Portugal* (daí o nome *Dourados*) com os seus intrépidos desbravadores, pessoas de pensamento bem mais evoluído com ênfase na Educação, começava a incentivar e a desenvolver a economia local.

Essa antiga família com ramificações colaterais, formara um núcleo muito próspero. Acusada de ter raízes *abraâmicas* (judaicas), fora ferrenhamente perseguida pela “Santa Inquisição”. Sendo que, muitos deles tiveram até mesmo seus bens sequestrados por esse espúrio tribunal.

Em meio a essa turbulência, amparados pelo padre *Antônio Vieira*; resolvem embarcar para o *Brasil*. *Vieira*, que fazia forte oposição aos dominicanos, principais “Torquemadas”, promotores

da Inquisição; estando também no *Brasil*, onde pontificava, fora recambiado a *Lisboa*; sendo condenado a vários anos de reclusão. Ferrenho defensor dos judeus. Em função e por causa disso enfrentara um libelo de grandes proporções.

Depois, liberado pelo Papa *Clemente X*. Retornando ao Brasil, já velho e bastante doente, falecera em *Salvador*; sendo sepultado no colégio dos Jesuítas, no *Terreiro de Jesus*.

Os Dourados, por sua vez; após alguns anos de permanência em outra regiões; por ocasião da descoberta das pedras preciosas na Chapada Diamantina, migram para lá. E, posteriormente à *América Dourada*; onde permanecem até os dias atuais.

Uma alegria inaudita – borbulhava dentro da alma de mestre *Joaquim* – Nunca perdera o amor por sua terra. Entretanto, com o seu feitiço, a Chapada dobrara o seu estremecido coração. Talvez pela beleza, talvez pela esperança, que sempre sobrepuja. Porém, sozinho na solidão, contava até os minutos, e arregalava os olhos; curtindo uma saudade enlouquecedora. Tinha que voltar e apoiar os parentes mais necessitados. Os abastados não careciam do seu braço. Só os doentes precisam de médico; já ensinara nosso Mestre e Senhor.

Sentia certa responsabilidade com sua terra, que redimia e castigava; mas acendia no coração necessidades absorventes.

Aprendera a lutar, convivendo com o perigo. Sentira o perfume da fortuna e o horror da barbárie; na floresta, onde os próprios homens ditos civilizados, ficavam mudos diante do deslumbramento de uma pedra preciosa.

O guerreiro voltava a sua antiga trincheira, imolando-se ao futuro; certo de que, não triunfaria para a riqueza; pois, apenas se algemara a sonhos egoístas. Queria viver e morrer, onde pudesse servir, e, onde, embora pequeno, fosse mais útil do que em outros lugares; onde, milhares de pessoas prosperavam ou naufragavam. Mestre *Joaquim*, ajoelhando-se mentalmente em profunda oração, agradeceu a DEUS, ante a vida que iria ter, desdobrando-se no trabalho, e na labuta do cotidiano.

As vinganças representam um colorido de lendas que ainda hoje infestam as lembranças das famílias remanescentes da região da

Chapada. As pessoas mudaram-se, as casas ficaram abandonadas; os caibros ruídos pelos *cupins* acabaram caindo ao chão. Tudo retornou à capoeira. Mestre *Joaquim* partiu para as *Caraíbas*, desviando a alma daquele cenário, onde se enchera de recordações. Cavalgando o seu ginete alaranjado, continuava a sonhar.

Olhando os chapadões, imaginava os dramas vividos em cada um, o esforço para vencer a agrestia, quase invencível. Agora ao largo, retornando à pátria amiga, trilhando os mesmos caminhos, iria viver ao lado de sua gente. Após dez anos, encontraria parentes e amigos, e uma alegria esfuziante, borbulhava dentro de sua alma penada. No entanto, após três dias de viagem, sentia-se acorrentado – A CHAPADA, com suas lendas de pedras preciosas e riquezas, o prendera. Mas, amava demais os sertões; nem as secas, os prejuízos e doenças, poderiam abater um sertanejo rijo como ele.

A estiagem crestara as nascentes d'água, matara as criações, e, as famílias se dispersaram – Foi o resultado de uma longa estiagem. Contudo, a missão, ou o desejo do mestre *Joaquim* era viver e morrer em sua terra natal; enfrentando as agruras do solo e do sol.

A era coronelista e garimpeira foi longa e extremada; essa história fora edificada sobre incertezas e crises construídas ao longo do século XIX. Aqui, nosso desejo é mergulhar na teia dos acontecimentos e ações que construíram esse mundo. Somente um historiador com a sua fina ironia de julgamento, em contato com alguém que viveu esse período pode explicar com mais detalhe a precariedade do sistema político; as crises e a exposição da desigualdade social do tempo em questão; bem como a virulência política ocasionada pela crise econômica de 1929, abrindo as portas para um futuro incerto.

O que os narradores (entrevistados) nos contam, talvez sirva para despertar a curiosidade em razão de que muitas pessoas; jovens e às vezes idosas desconhecem a sua própria história. Por esta razão, fatos básicos do século podem ser dados como incertos. Nosso desejo é saber por que essas coisas se deram e deram no que deram. Trata-se de construir, explorar e corrigir a nossa própria memória.

Falando-se com pessoas de determinado tempo e lugar envolvidas de diversas maneiras em sua história; por mais insignificante que seja nosso papel; podemos observar como as opções de certas pessoas foram formadas. Pelo que viemos a considerar sobre essas ações, somos parte desses acontecimentos. Não se esqueçam os estudiosos de que segundo o homem da relatividade o tempo é indestrutível; só não destruindo a si próprio; podendo até mesmo retornar ao seu ponto de partida.

MESTRE JOAQUIM RETORNA À PÁTRIA AMIGA

Ribombara o vigário interpelando mestre *Joaquim*. – Oh! Senhor *Joaquim*! E o que me falara há pouco o amigo *Caboclo*: que andas com ideias de retornares às *Caraíbas*? – Sim! Plantar *feijão*. Plantar *milho*. Criar animais! Exclamara *Joaquim*, cofiando pensativamente o queixo com divertidas pancadas sobre a mesa. Ao chegar às *Caraíbas*, *Joaquim* não se isolara. Fora convidado a retornar a *Morro do Chapéu* e exercer um cargo público, complementando sua labuta como proprietário rural.

Passava o tempo a trabalhar no cartório, e a observar a astúcia dos políticos, que, sem nenhum escrúpulo distribuíam os votos entre os amigos. Combatê-los seria infantilidade. A politicagem não era exceção. Era regra. As mazelas espalharam-se por todo o sertão. Quem se opusesse a semelhante processo seria vilipendiado. Se comerciante, ninguém lhe comprava as mercadorias. – **O coronel não aceita!**

O sujeito poderia resistir por algum tempo, mas acabava rendendo-se. Ingressava no partido do coronel, mostrando lealdade e submissão partidária; e logo tudo se modificava. Anunciada a eleição, o partido publicava suas resoluções insubstituíveis. Os votos eram divididos fraternalmente. Ninguém tinha opinião adversa à do coronel. Fechava-se a escola da vila que votasse contra. Filho de adversário não estuda aqui. Expurgada a vila, voltava-se a respirar.

Terminado o pleito, atas consertadas e ajustadas; começava a gritaria para as bandas da capital. Certa feita, *Joaquim* fora intimado

pelo coronel. Teria que ir à capital para uma reunião política. Lá, em sessão secreta discutiriam como evitar manifestações de adversários que não queriam aceitar os resultados eleitorais do último pleito.

O sofrimento galvaniza o ser humano, quando o espírito vence os instintos. Mestre *Joaquim* acreditava. As palavras de padre *Magalhães* estavam sempre presentes em sua memória; dando-lhe resistência para não renunciar à luta; renunciar; seria retroceder e morrer.

– Você deveria estar na cidade, ocupando um cargo público; não tem estrutura para enfrentar um barranco. Isto esmorece qualquer um, até mesmo os mais fortes e adaptados. Mestre *Joaquim* sorria aos conselhos de padre *Magalhães*, que às vezes, açoitado pelo frio, esquecia o hábito, e ingeria um gole da *branquinha*, perdendo o acanhamento. Em suas entradas mais para o interior, dormindo em lugares insalubres, refúgio de *ratos* e *morcegos*, temia a infestação de certas doenças; mas não desistia, não interrompia a sua missão.

A FIRMEZA DE PADRE MAGALHÃES

Sempre cuidadas pelas religiosas, as capelas abriam as portas às novenas. Anunciada a presença do capelão, corriam os moradores a bater mato, e a abrir caminhos. Lavavam a sacristia onde iria pernoitar o vigário, acompanhado por algum fiel, que cuidava da alimentação e da roupa. Padre *Magalhães* era um altruísta. Gostava de ajudar às pessoas; socorria os pobres e doentes, não deixando ninguém morrer em pecado, mesmo não pagando casamento ou batizado.

Em seus sermões reverberava os atos pecaminosos. Por meio de admoestações, abria os portões do inferno aos garimpeiros desajustados.

– Não há salvação! Dizia o professor *Marcelino*. Vivemos num inferno, e vamos pra outro.

– Padre *Magalhães* ralhava: se a terra é um inferno, o outro, o do diabo, é mil vezes pior. Andando nos caminhos de DEUS, amparando os irmãos, e ajudando à igreja; já se vê um pedacinho do céu aqui na terra. E, assim, prosseguia e padecia Pe. *Magalhães* – onde

imaginava encontrar razão, encontrava maior agravo. – Mas, sem desanimar, sempre pensando: muitas contradições enfrenta o pregador, o sementeiro da palavra de Deus; mas esta mesma palavra, embora não fazendo fruto, faz efeito.

Todos nós pecamos; porém, isto não é razão para esquecermos dos Mandamentos Divinos. Padre *Magalhães* obrigava-os à missa e à confissão.

Alguns reclamavam; todavia, acabavam por aceitar as admoestações do homem de Deus. Recebendo as bênçãos do padre, poderiam viver mais aliviados, mais tranquilos. Com o passar dos anos, a sociedade chapadiana afastou a rudeza garimpeira; surgindo um novo estilo de vida peculiar à civilização, à prática dos bons costumes e dos bons sentimentos. Um longo processo civilizatório: – Condutas agressivas, antes tidas como normais; passaram a ser percebidas como bárbaras, e sentidas como repugnantes.

Aqui, se ressuscita um mundo. A caneta agora, como o rifle outrora, edifica a nova Chapada; cuja literatura muita gente desconhece, e que, merece um poemeto com lance de altivez diamantífera, para ser recitado mundo afora.

Quando aprofundamos os temas históricos, a questão fica mais complexa.

Toda sociedade por maiores e mais complexos que sejam seus problemas, deve ser compreendida dentro do contexto do seu tempo; dentro do aparato crítico, sócio – histórico em que viveu. A Chapada Diamantina mais do que outra região qualquer viveu mergulhada nas correntes do pensamento que marcaram o seu tempo.

Toda sua trajetória se desenrola no pano de fundo estruturado na base do ciclo dos coronéis. A Chapada de que falamos consistia na estrita obediência ao código coronelista. Esse caráter quase monoteísta da região facilitou a aceitação de uma **situação consentida**. A população garimpeira resistiu enquanto pode a renovação dos costumes, e para isto tivera que enfrentar as duas extremidades da escala social; pois, os garimpeiros e coronéis mantinham-se presos a uma forma de governo que durou mais de um século.

Os camponeses e a aristocracia letrada conservavam as suas próprias tradições. Embora encerrado o período das disputas territoriais, os crimes e outras heresias permaneciam; situação imposta a todos pela autoridade dos coronéis. Quanto mais esta intervinha, mais as coisas se complicavam. Quando uma cultura mais sensata começou a penetrar na sociedade; aí dois temas são tratados de modo especial: a caducidade da cultura bárbara e a experiência da vocação sobrenatural da humanidade. Essa obra aborda e constitui o traço fundamental sobre a história em debate.

REFLEXÃO SOBRE NOSSOS COMENTÁRIOS

Contudo, este trabalho é sempre focado na conquista de um pedaço do nosso território baiano – a Chapada Diamantina – Cronologicamente, nos anos “19...”. Aqui, não se trata de estudar uma sociedade ou uma época. Mas, de explorar os diferentes níveis sociais: *economia, cultura, religião* etc. Cada elemento histórico necessita de uma crítica histórica, é óbvio.

A definição de uma época faz-se por comparação a outra época. A Antropologia auxilia bastante na confrontação entre épocas diferentes; quando estudamos o comportamento dos seres humanos que viveram em um meio, em um determinado momento, ou em momentos diversos.

Esta abordagem nasceu de uma aproximação com a Antropologia, e, também da necessidade de preencher uma satisfação pessoal; combinando História com Antropologia. Como dissera antes: convivi com um Cidadão conhecedor dos meandros da região, meu velho e estimado pai, *José Fernandes de Souza* – “**o José Caboclo**”.

Trata-se da busca da salvação da memória de uma geração, e, em especial, de algumas personagens mais próximas. Essas pessoas haviam migrado do sertão (*caatinga*), especialmente das **CARAÍBAS**, para perseguir a sorte em garimpos da rica e deslumbrante chapada.

Será tudo isto a expressão da verdade?

Toda história tem uma interrogação. Mas, isto não significa que, o que o historiador está informando, não tenha uma relação com a verdade. Somos positivistas. Tratamos de fatos que existiram, realmente. Não é nenhuma ficção. A realidade é algo permanente. Cada investigação histórica renova a perspectiva sobre o passado.

Logo, não é possível tratarmos de temas do passado, sem uma preocupação com a verdade que trazemos ao presente. Na realidade, pertencemos ao presente. É talvez essa permanência no presente, que faz a história ser sempre atual, e enriquecedora. Este relato sobre a Chapada é uma experiência que considero emocionante. A História é a ciência dos seres humanos através dos tempos.

A memória histórica precisa continuar viva. Por isso o historiador deve ter como principal escopo lembrar o que muitos esqueceram. Somos parte dessa História, ela é parte de nós. Trata-se de comentar e ampliar a nossa própria memória. Na minha ótica, o passado é indestrutível. Principalmente, porque os acontecimentos fazem parte do contexto da nossa vida. Eles não são apenas marcas formadoras da nossa vida pessoal; mas aquilo que afetou a nossa existência, a existência de todos nós.

Não apenas um velho historiador deve ter o passado como parte do seu presente. Mas, todas as pessoas independentemente da sua idade.

A articulação entre identidade e memória, é a melhor maneira de superarmos o trauma da falta de informação. É um bom tipo de estudo que praticamos com relação aos nossos ancestrais.

Buscamos realizar nossa investigação, dentro dessa modalidade, dentro desse espírito; pois, ele nos leva a explorar essas fronteiras; fazendo com que as informações possam se complementar, gerando uma argumentação simultaneamente completa; ao analisarmos o balanço da conquista, e a gênese especialmente silvícola, que ora estamos a enfocar.

“Todo corpo permanece em repouso ou em movimento em linha reta a uma velocidade constante, a menos que alguma força imposta sobre ele o obrigue a se movimentar”. Essa *Primeira Lei de Newton* é uma das verdades de Deus descoberta pelo ser humano.

O destino da Chapada continua em linha reta, e em velocidade constante; até que uma força comece a ser exercida sobre ele – **O Progresso**.

Agora, só nos resta esperar. Esperar! Trabalhar com consistência social. Edificando. Sim! Eis a teoria esplêndida. Nesse barquinho apertado que hoje navegamos, e nos separa do Progresso, só temos ao alcance da mão, o incremento do turismo que gera receita e contribui para a transformação urbana. E aí, precisamos da colaboração dos professores, da população como um todo, e dos poucos políticos de boa vontade. Pois, a maioria deles, apenas repisam conversas em tempos de eleição revelando imaginação e saber invejável. Depois, trepados nas benesses do poder, sempre se esquecem dos compromissos e abandonam os Direitos Políticos do Cidadão – *A História da Administração Pública* – E no “congresso”, ficam amassando artigos maçudos de homens de “estado”. Faltam-lhes veia e vontade de trabalhar.

Continuemos trabalhando, até que neste muro se escancare a tão esperada e larga porta de entrada. E, dá-lhe paciência. Pois, esta gente é lenta, muito lenta! E, quando repensamos o vai e volta da nossa administração pública; em vez da esperança da porta aberta, tememos a queda do telhado sobre nossas cabeças. É quando o tédio toma conta de todos nós.

E a esperança parece estar dormitando para além de um muro tão alto que não se possa galgar. Neste apartado; a sociedade precisa encontrar força e sabedoria para enfrentar questões coevas e pertinentes que lhes afligi.

O problema é que: *construímos um país, mas não edificamos uma Nação*.

A CHAPADA DIAMANTINA E OS POVOS ORIGINÁRIOS

Texto esclarecedor da epopeia desses povos

Segundo informações capitadas em diversas fontes, em especial, populares; e sempre com a colaboração do Senhor JOSÉ

FERNANDES DE SOUZA – “O José Caboclo”; – que, em busca do reconhecimento de sua GÊNESE, fazia anotações; tanto referentes ao lado Europeu-Espanhol e Português, quanto ao lado Brasil-Silvícola; e que trazia bem guardadas em cartapácios, donde declarara: “os índios maracás, que habitavam à Serra Vermelha no SINCORÁ VELHO; antes mencionados; e que raptaram as mulheres dos garimpeiros; contando com a colaboração dessas ditas mulheres, já aculturadas; migraram para o lugar da antiga *Missão da Santíssima Trindade do Massacrará*”.

“Esta fundada por Jesuítas em 1639; próximo ao *Arraial de Canudos* no Sertão baiano (a 32 km da cidade de *Euclides da Cunha*), entre os rios, *Itapicuru* e *Vaza Barris*; onde viva o povo originário, os “índios” *Kaimbé*; falam exclusivamente a língua portuguesa e são fenotipicamente assemelhados aos regionais. E que, segundo as ditas mulheres, elas estavam muito bem; vivendo junto à comunidade *Kaimbé*.”

Relatando mais ainda: os *Kaimbés* têm dado guarida aos índios oriundos e expulsos da região da Chapada. E, concluindo: “esta é a nossa declaração”.

Com toda essa celeuma enfocando tribos indígenas, não poderia deixar de reproduzir o texto abaixo. Embora usando a expressão latina – **IPSIS LITTERES** – passamos a introduzir ligeiras citações; porém, nada que comprometa o texto original.

IPSIS LITTERIS “Está conforme ou semelhante ao texto original”

Sabemos, entretanto, que grande parte da tradição oral dos *Kaimbés* fora perdida no decorrer dos anos; e seus poucos registros históricos perderam-se no tempo. Esses silvícolas são provavelmente descendentes de grupos aldeados na reserva, *Missão da Santíssima Trindade*; tendo sido homologada em 1991, faz parte do semiárido baiano; com solo pobre e impróprio para a Agricultura; sofrendo também com a falta de *Assistência Técnica e Econômica* que poderiam aumentar e muito, a produção de grãos, melhorando a

dieta utilizada por esses “primitivos”; assim considerados por grande parte de uma sociedade tão excludente como a nossa.

Um fator extremamente preocupante é a usurpação das terras mais férteis da reserva, que caíram nas mãos de fazendeiros violentos e inescrupulosos; tornando a subsistência desses “índios” ainda mais difícil ou quase impossível. Assim sendo, a maioria da população *Kaimbé*, reside em casas de barro batido, cobertas com palha, próximo às roças, onde trabalham; enfrentando doenças contagiosas, com pouca ou nenhuma assistência oficial. A partir de 1940, começa a reorganização da etnia *Kaimbé*.

Considerados extintos, desde os meados do século XIX; a tribo conseguiu um *modus vivendi* diferenciado, ainda que sofrendo um tremendo preconceito, e uma forte oposição a sua cultura. Quando resolvera dar um basta: procurando repudiar qualquer discriminação referente a sua gente simples e muito sofrida.

Nascendo daí, a luta pela reconquista do território que, por direito, lhes pertence, inclusive defendidos por nossa Lei Maior – a *Constituição Federal*. É com base nessa premissa de reorganização que eles tentam fazer que seus direitos sejam respeitados; sempre na busca da posse efetiva de seu território; ocupado por posseiros violentos e ambiciosos. Visto que, essa faixa de terras, detém um importante manancial hídrico, proporcionando um estuário de riquezas relacionadas ao manejo de *gado vacum, caprino e ovino*; representadas pela exploração desse pujante setor. E, é, nesse contexto organizacional, onde eles tentam estabelecer um líder que lhes represente de direito e de fato.

O ponto mais relevante nessa **HISTÓRIA**, é a diferença de forças; vez que, vivemos num país, onde o poder aquisitivo dos indivíduos sempre os coloca acima dos despossuídos; deixando-os à mercê da própria sorte; neste caso, os *Kaimbés*.

Entretanto, a falta de esclarecimento dos índios, muitos dos quais são analfabetos e por isso mesmo fáceis de ser manipulados pelos fazendeiros, cava-lhes um fosso muito profundo, favorável aos invasores.

Senão vejamos: A partir da eleição de um capitão índio que seria o que viria a focar nos interesses específicos de sua cultura e procuraria envidar todos os esforços a fim de impedir que outra “cultura” se desenvolvesse em detrimento da sua própria: é o caso do representante dos *Kaimbés* frente aos órgãos públicos. A coisa começou a emperrar quando da nomeação de um representante do SPI (*Serviço de Proteção ao Índio*) quando este começou a ignorar a autoridade do capitão, contrariando as aspirações da coletividade.

As lideranças como: caciques, chefes de guerra, prático de caça e outras; são escolhidas levando-se em conta a habilidade de cada pessoa dentro da função que lhe é confiada. Tais líderes devem ser fiéis aos anseios da coletividade. Nunca poderão impor a sua vontade, sob pena de perder a liderança, combinada com a morte social; pois assim, estariam lutando para criar uma sociedade etnocida; nos moldes da sociedade ocidental.

Como assim? Em razão de alguns índios terem sido cooptados pelos tais fazendeiros que à moda **PETROLÃO**, pagam-lhes propina pelo Apoio Logístico; começou uma manobra que sempre causa discórdias no seio das famílias *Kaimbés*. Mas, a insistência dos fazendeiros buscando tirar vantagem da situação, acabou por provar que a presença do capitão como líder legítimo da comunidade, terminou prevalecendo, e com força total. Agora, o que acontece: com a nomeação do tal funcionário oficial, houve uma cesura no contato com os autóctones. É apenas no início dos anos 1970, que a *Nação Kaimbé* começa a restabelecer a autoridade do seu capitão.

Apoiados por missionários da CMI, antropólogos e pela própria FUNAI; os *Kaimbés* decidiram criar um Conselho Tribal, e eleger um cacique nos moldes antigos, adotados pelas sociedades indígenas.

E, aí, em 1977, o chefe do *Posto Indígena Massacrará*, indica um capitão para preencher o cargo de cacique *Kaimbé*. Esta indicação foi cuidadosamente estudada, a fim de que o cargo não sofresse ameaças em seu prestígio representativo; sendo ocupado por alguém de uma linha mais moderada. Este Conselho Tribal é formado contando com 03 representantes de cada quarteirão – ICÓ, ILHA, LAGOA SECA e VELHA. No tocante ao esforço das

lideranças políticas, é digna de louvor a participação das mesmas, na luta reivindicatória do grupo; sempre demonstrando uma importante ação de destaque. Um fator importante a ser observado na nomeação de um cacique, é o engajamento de sua família no cumprimento da pauta eleitoral. Tem mais: os integrantes do Conselho são indivíduos, sempre indicados pelos próprios parentes. Outra coisa – o peso da situação econômica da família conta –; visto que, estes têm maior facilidade em arregimentar seguidores fiéis. Aí, há uma disputa acirrada para que se possa encontrar entre as famílias mais destacadas social e economicamente, alguém capaz de preencher “o tão almejado cargo de cacique, capitão e chefe maior da tribo em pauta”.

Uma sociedade “primitiva” como a indigenista rechaça qualquer atitude do pensamento da sociedade ocidental; cujo poder é avassalador; pois, sua organização conjuga o poder do Estado com o modo capitalista da organização econômica. Aí, pode-se notar como uma proposta mais humana, mais social, acaba por ficar refém do poder etnocida do Estado. Esta é a forma que o Estado detém e usa para frear o desenvolvimento da diversidade. Donde podemos deduzir que o pensamento ocidental é, em última análise, um pensamento etnocida; usando e fazendo deste poder maléfico uma arma poderosa, destruindo qualquer ideia que venha a destoar de seu ideal macabro.

Podemos observar que, na lógica capitalista selvagem; ou você produz, ou morre. Mas, não é só produzir, é produzir sob as regras de um pacato modo de uma precária subsistência; tal é a voracidade do sistema proposto e posto em prática em pleno vigor.

Contudo, é importante notar: mesmo com os direitos dos índios não sendo respeitados efetivamente; já contamos com um avanço significativo, em função da *Constituição Cidadã* de 1988. O surgimento de lideranças firmes questionando seus direitos, é uma prova cabal de que os índios estão ciosos de suas reivindicações.

Mas uma coisa é certa: nem só de boas intenções vive o índio. É necessário haver fato concreto. Demarcação territorial e respeito aos seus hábitos culturais.

É incrível: qualquer mudança pode provocar um novo comportamento – índio bem vestido não é índio –. Essa atitude é incorreta. Afinal de contas, os índios são nossos ancestrais, e como tal merecem ser tratados; até porque muito contribuíram para a nossa formação. Não há um único brasileiro que não carregue em suas veias algumas gotas do sangue da raça *Tupi*.

Já passou da hora de: governo, sociedade, e índios formarem um pacto no qual todos saiam ganhando. As soluções existem, é só persegui-las e colocá-las em prática; e, estas ações devem ser iniciadas prioritariamente do lado governamental. Visto que, até o momento, não temos um PROJETO, franca e concretamente implantado.

Oh! “Sociedade”! Ver se te orienta, pois, desta maneira “nêga”; o índio não aguenta.

Não podemos, nem devemos aceitar que nossos últimos irmãos “índios” sucumbam, tragados; volto a frisar: pela ação etnocida do fator econômico. Também não devemos forçar que os índios venham a adotar nosso *modus vivendi*, nossa cultura, tida como única e correta. Usurpamos toda a riqueza desses povos. É legítimo que eles reivindicuem pelo menos uma parte da posse de sua CULTURA, e, de suas terras. Não é por devolver um mínimo dos pertences dos índios, que o Brasil irá acabar.

Às vezes imaginamos que o mundo está num beco sem saída. Mas, este pensamento negativo não procede. Ora, o poder criativo da humanidade não tem limites. Vez por outra; DEUS, de mote próprio, libera alguém como: *Einstein*, *Santos Dumont*, *Steve Jobs*, e ultimamente o cientista *Dean Kamen* inventor de um minúsculo aparelho que em segundos purifica milhões de litros de água. Estes personagens são enviados à terra, em momentos de extrema necessidade; contrariando a previsão do economista *Thomas Malthus* que anunciara o fim da humanidade, justamente por escassez de alimentos.

A partir dessa constatação, podemos deduzir que: as crises ocorridas no seio da comunidade humana; ocorrem pela nossa falta de COMUNICAÇÃO com DEUS. Pela parte de DEUS não é; pois,

DEUS não falta, nem pode faltar. Esta proposição – além de ser de fé – é também, uma TESE notória como acabamos de comprovar.

Em tempos passados, a produção agrícola dos *Estados Unidos* estava sendo comprometida, pela quantidade de *cavalos* empregada nesta área; os puxadores do *arado*; quase metade do que era produzido consumia-se no sustento desses animais. Nesse ínterim, apareceram as máquinas movidas a petróleo. De quebra, um subproduto oriundo do mesmo petróleo, o gás natural, deu origem aos fertilizantes; a produção foi às nuvens, incentivando o setor de bens materiais; e os *cavalos* foram descansar. Hoje, já temos máquinas que subtraem o CO₂; o temeroso gás causador do *efeito estufa*.

Fantástico. Não? Segundo dissera o CRIADOR ao profeta *Moisés*: “eles (Nós) têm a eternidade para aprender.”

As informações colhidas e aqui traduzidas, representam ou equivalem a uma importante crônica histórica. É graças às tomadas do índio, das matas e daquela sociedade serrana, de onde captamos as condições de uma cultura primitiva; que hoje pode ser vista como um fenômeno cultural; que valem como testemunho de uma época; e, também como sugestão temático-formal, a respeito do aludido assunto. É “o que estamos a colocar”.

11. MEMÓRIAS DA PÁTRIA AMIGA

AMO MINHA TERRA / GUARDO-A NA LEMBRANÇA,
POR ISTO CONTO FATOS / DOS MEUS TEMPOS DE CRIANÇA.

TOPÔNIMO / PÔÇO

ORIGEM DO NOME. Uma saliente cratera localizada no topo de uma pequena elevação de terra; local onde brotam as águas que alimentam a fonte; isto é, o poço. Ele está ali, bem na extremidade da propriedade do Sr. *José Fernandes de Souza* (**José Caboclo**). Propriedade esta, antes pertencente a um cidadão conhecido por *Zuza Maniçoba*.

Como curiosidade: havia um morador do lugar que gostava de tomar cachaça, e, quando estava embriagado dizia – o inferno é no pé de *limão* – querendo enfatizar a profundidade do abismo que ficava à sombra de um bonito e frondoso limoeiro.

“Ora, doutor, o *limão* corta. *Limão* é fruta sagrada, tem um princípio ácido que derrete tudo quanto é impureza. Sujeira de dentro não pode com *limão*. O que eu digo afianço. “Tudo isso é muito velho e sabido dos que sabem” (Trecho de o Professor *Limão*, de *Carlos Drummond de Andrade*)”. Aquela árvore secular e muito produtiva; permanecia carregada de *limões* quase o ano inteiro; seus saborosos frutos serviam de condimento a ser usado na culinária das famílias residentes no povoado.

O ar que aí respiramos é um ar sertanejo e puro. Percebe-se a transposição do pé da serra revestida de matas, para a planície desnuda revestida de sol; a espaços ornada pelo *fedegoso*, a *malva*, o *são joão* e outras plantas nativas que abundantemente abrem ao vento suas belas flores perfumadas. Bem no centro do lugarejo está o marco da fé, uma pequena ermida, onde, constantemente, os devotos de *São José* (padroeiro do lugar), fazem suas orações

imbuídos de uma serenidade mística, e sempre contemplando ao longe uma bela e deslumbrante montanha.

É o encontro da *Serra Azul*, com a das *Laranjeiras*, que com seu ar balsâmico circula na largueza do cenário em que brotara o arraial. Convergindo ali para acentuar o caráter agreste e vigoroso do povoado em questão. Onde se radicaram – *José Fernandes de Souza*, *José Gomes de Oliveira*, *João Capistrano*, e muitos outros desbravadores, legítimos representantes das tradições das famílias formadoras de seu núcleo histórico, seu chão, seu domínio. A paisagem do lugar estampa uma impressão indelével.

Bem próximo e para alegria do visitante, pode-se observar a lagoa, a *Salina*, em cuja superfície ondulada e açotada pelo vento; bandos de aves – tais como – *galinhas d'água*, *mergulhões* e outras tantas, nadam com presteza com medo dos bодоques dos meninos predadores sempre prontos a abatê-las a qualquer custo; causando uma espécie de obsessão na nossa saudade.

As águas do lago deslizam continuamente, misturando as reminiscências mais longínquas, e servindo de espelho para refletir os coqueiros e mangueiras que enfeitam a quinta das manas – *Donina e Judite* – (*in memórian*), apurando-se num horizonte extremamente iluminado. Tal a sua beleza e majestade.

SITUAÇÃO

SUL DO MUNICÍPIO DE UIBAÍ

População – Cerca de 400 habitantes

Educação – Analfabetos, não há

Escolas – Duas

História – Principais características do relevo.

Economia, Flora / Fauna e Folclore.

AINDA NOS PRIMÓRDIOS DO SÉCULO XIX, um cidadão português de prenome Senhor *Gonçalo*, chegara à região desbravando alguns pontos: *Olho d'Água*, *Canabrava e Pôço*. Que ficaram conhecidos como / *Olho d'Água do Gonçalo*, *Canabrava do Gonçalo* e *Pôço do Gonçalo*. Embora esteja localizado ao sopé da *Serra Azul*, numa zona

relativamente fértil, o povoado de **Pôço** pertence ao *Polígono da Seca*. Dispondo apenas de duas fontes de água doce: *Gasta Sabão* e *Bananeira*; riachos periódicos em vista do calor provocado pela inclemência do sol causticante, e a longa estiagem perdurando quase o ano inteiro. Neste cenário a grande estrela é a já citada lagoa, a *Salina*; permanecendo quase seca até o ano de 1948; tomara água, tornando-se um bonito e permanente lago.

Que, apesar de extenso, possui baixa piscosidade; as poucas espécies nele existentes foram trazidas de outras regiões, por iniciativa do Sr. *José Fernandes de Souza*, e seu filho *Ló*. Nunca havendo um projeto capaz de resolver definitivamente o peixamento de suas águas; fator que poderia ajudar significativamente na dieta dos habitantes do lugar, bem como da circunvizinhança, vez que o peixe é um alimento bastante saudável.

Lá pela década de 1950, os moradores do lugarejo, e a grande maioria dos povos da encosta, quase todos os dias, senão todos; acorreriam à fonte de *Gasta Sabão*, com a finalidade de apanhar água para beber e lavarem as suas roupas. Os garotos como eu faziam o percurso a pé, ou encarapitados ao lombo de um *burraco*, que além da carga de *corotes*, carregava também o menino. Chovera a semana inteira, e, amanhecera um dia tão bonito como os precedentes.

Bem cedinho, minha mãe convidara-me a levantar para fazer companhia à mana *Judite*, rumo à fonte de *Gasta Sabão*, para a costumeira lavagem de roupas. Um pouco mais tarde, as nuvens começaram a ensombrar e escurecer os horizontes, caindo uma chuva bastante torrencial; a terra e a vegetação ficaram excessivamente molhadas, envoltas no orvalho, tornando tudo úmido, escorregadio e lamacento.

Ouvia-se o bater contínuo das gotas pingadas das folhas da *gameleira*, caindo sobre a vegetação rasteira, tornando bastante monótono um dia que poderia ser de festa. E, somente as plantinhas acostumadas com a água fria caindo na escuridão, não se sentiam tristes como as árvores copadas.

O tempo começara a infundir terror, e os trovões prenunciavam a aproximação de um forte temporal. Minha irmã, mais que

depressa, agasalhara-me em um pano grosso, e, batemos em retirada. Ao chegarmos a casa, não chovia mais; apenas sentia-se o pé afundando na terra empapada, e os pingos continuarem a cair nas folhas das árvores. As nuvens ainda escuras, o vento cessara; o ar tornara-se pesado. Anoitecera. Adormeci. Ao despertar, tive uma bela surpresa, ao perceber que o sol havia despontado e uma cintilante claridade brilhava sobre as plantas molhadas. Somente, um leve e escuro nevoeiro teimava em embaçar o colorido azul ainda reinante no céu. Sorri, no dia seguinte haveria a celebração da *Santa Missa* para o povo cristão.

Seria o meu batizado, o penúltimo filho de meu pai; já poderia degustar o sabor da “gengibirra” bebida de fabricação caseira, vendida em vasilhame de madeira que fazia a alegria da petizada. Era o amanhecer, o dia estava tão claro como nunca. As árvores cujos ramos tremeluziam ao vento, abrigavam grupos de raparigas trajando lindos vestidos confeccionados para aquela ocasião. O padre da freguesia, apesar de carrancudo, tornara-se folgazão e fazia um comentário espirituoso atrás do outro.

Contudo, um sacerdote abençoado, sua doutrina não era dos homens; ensinando o caminho reto como manda a Santa Fé católica, exortava os fiéis à confissão. Aplicando sempre alguma penitência – às crianças um *Pai Nosso*, às moças dois *rosários* rezados de joelhos e sobre alguns caroços de milho; aos rapazes a mesma pena.

Estes, porém, eram mais obstinados reclamando contra o cumprimento da palavra; mas, com a admoestação da família, acabavam por aceitar a imposição recebida. A prédica advertindo aos fiéis era feita sempre em horário anterior à Santa Missa, que naqueles tempos antigos era celebrada em *Latim*. Hoje, língua clássica ou morta (nos meus tempos de colégio havia o *Latim* no currículo escolar, sua retirada foi um erro. Seria um profundo alicerce para um reconhecimento mais erudito da nossa língua portuguesa, de onde proviera a sua origem). Após o protesto do teólogo *Martinho Lutero*, a Santa Missa passara a ser celebrada na língua de cada povo. Em *Latim* o pároco dizia: “*Dominus Vobiscum*” – O Senhor esteja convosco – a assembleia não entendia

o mistério ali proferido e quando o missionário elevava a voz, gritava amedrontada – Misericórdia seu padre Mestre, Misericórdia. Em um dado momento, o redentorista, percebendo o efeito das citações latinas, dissera: “*Dominus pascit Me*” – O Senhor é o meu pastor – os fiéis ficaram paralisados, silêncio total. O medo tomou conta de todos.

Uma Senhora gritava desesperada, pedindo a Deus que salvasse a família dela. Fantástico. Não? Certa feita, o Senhor *José Caboclo*, versado que era nas Sagradas Escrituras, estando no adro do templo Santo, começara a citar passagens da *Bíblia Sagrada*, até chegar ao capítulo, onde *Josué* pedira a Deus que parasse o sol.

Entre os circunstantes havia um cidadão de prenome *Agenor*, Senhor bem trajado e bastante falastrão que perguntara à queima roupa. Foi *Josué Durães* seu *José*? *Josué Durães* era um Senhor de *Barra do Mendes*, nosso conhecido. Aí, o velho bastante decepcionado exclamara – “voz do que clama no deserto,” e o pior deserto, é o deserto de gente –. E imediatamente encerrara a pregação.

A essa altura, uma moça apelidada por *Dedé*, resolvera tirar uma foto, e ao perceber que seu retrato não ficara tão bonito como imaginara rasgara-o imediatamente, atirando os pedaços aos pés do fotógrafo, e chorando copiosamente, reclamava não ser tão feia como estava parecendo e que o homem desconhecia a arte de fotografar. Ante este episódio, uma sua amiga, de prenome *Rení*, cujos cabelos caíam-lhe abundantemente sobre os ombros, empinara o peito, e fazendo uma pequena pausa, como quem reunia forças das últimas reservas, gritara com energia – vamos *Dedé*! E saíram apressadamente, como feras açoitadas à procura do abrigo.

A festa continua, bradara alguém com empolgação; o sanfoneiro *Zé Bacana* já está acompanhando os batizados – *Bacana* tocava repetindo ou executando sempre a mesma nota. *Forró, forró, forró*. O destaque da festança ficava a cargo do Sr. *José Gomes Neto*, (o *Zeca do Pôço*), **possuidor de uma veia artística, cantava airosamente à semelhança de *Altemar Dutra***. A plateia ao aplaudi-lo abria os braços como um animador de circo ao anunciar o espetáculo. Estas

são lembranças da minha adolescência. Por esta razão, resolvi copiá-las do livro da memória e grafá-las no livro escrito.

A cultura popular é a emanação espontânea de um povo: *lendas, cantigas, mitos*, é o saber “vernáculo”, no sentido de sua origem própria. Nos tempos atuais, a tecnologia, com destaque para a televisionada teima em destruir as manifestações folclóricas. Temos que combater essa cultura imposta de cima para baixo; precisamos preservar as nossas tradições.

PÔÇO ECOLOGIA

Vegetação – xerófila

Clima – árido quente e seco.

Flora – diversificada – rica.

Fauna – diversificada

NOSSA FLORA é representada pelas plantas típicas da caatinga.

Dentre elas podemos destacar:

Angico – (*Piptesdemia rigida*). Leguminosa, minosacea, boa madeira, casca rica em tanino.

Aroeira – (*Schinus aoreira* Vell). Anacardinácea, boa madeira, medicinal

Alfavaca – (*Labiada Ocimum*), propriedades medicinais.

Bredo – (*Amarantacea*), folhas aproveitadas na culinária

Beldroega – (*Porturlaca Racemosa* L), apetejada pelo gado.

Babosa – (*Aloé Vera* L), essa liliácea produz a aloína, medicinal.

Braúna – (*Schinosopis brasilienses* Eng), leguminosa, excelente madeira.

Cansanção – (*Loasa* Spec), urticante

Catinga-de-porco – (*Casalpinia Piramidales*), pau – de – rato;

mané vintura – medicinal

Fedegoso – (*Cossea Occidentalis*), medicinal.

Juazeiro – (*Zizipus Juazeiro* Mart), leguminosa.

Jurubeba – (*Solanum Peniculatum*), medicinal.

Jatobá – (*Hymenaea Courbaril*), courbaaril.

Macambira – (*Bromélia laciniosa* Mart).

Malva – (*Malva silvestrea* L), medicinal.

Melão-de-São Caetano – (Momardia charantea L), medicinal.
Mandacaru – (Cereus Jamacaru P. DC.). alimento para o gado
Pau Pereira – (Geissospermum Velosi), apreciado pelos meninos na confecção de bodoque.
Umbuzeiro – (Spondias tuberosas Arr Cam), frutos apreciados pelos humanos e pelo gado.
Unha-de-gato – (Acacia Periculata Willd)
Xiquexique – (Pilocereus setosus guerk).

FAUNA – A *fauna* é a mesma encontrada em toda a região do semiárido do Nordeste da Bahia.

Entretanto, destacamos: *avoante, pomba-de-bando, azulão, beija-flor, fogo-apagou, gavião, canário, cardeal, codorna, juriti, jacu, periquito, sabiá, pica-pau*, etc.

Outros: *camaleão, preá, teiú*.

Tatus: bola e peba.

A *fauna* ictiológica resume-se na encontrada na lagoa, a **Salina** – *traíras, tilápias, curimatãs e piabas*.

Principais cobras – *cascavel, jararacuçu, coral, jararaca* e outras (todas venenosas).

PECUÁRIA / limitada

AGRICULTURA / de subsistência.

ACIDENTES geográficos – fontes de água doce e salgada – *Serra Azul, Serra Branca, Riacho de Gasta Sabão, Bananeira e Lagoa Seca*. Com destaque para as gravuras rupestres registradas nas paredes das cavernas da fonte de *Bananeira*. Que remontam a tempos imemoriais, talvez à Pré-História. Tais desenhos merecem ser estudados. Eles estão à espera de uma resposta.

Ainda ignoramos muitas coisas a respeito dos primeiros habitantes do *Brasil* e de suas culturas. A Arqueologia e a Antropologia podem dar-nos tal resposta. Entretanto, o surgimento do ser humano sobre a face da terra, tem sido objeto de uma profunda investigação e de um acentuado debate. Embora sendo um assunto bastante controvertido, sempre há alguma semelhança entre os confrontos estabelecidos.

Senão vejamos: na linguagem colorida da *Bíblia*, Deus criara um casal de seres humanos e os colocara no **Jardim do Éden**; advindo daí a raça a humana.

É sempre um bom modo de narrar. Por outro lado, tentando colocar os fatos sob o olhar de uma investigação científica, o biólogo inglês **Charles Darwin**, que também era estudante de Teologia resolvera embarcar no **Beagle**, não sem uma certa resistência do comandante do navio de sua Majestade, que não via no moço a compleição denunciante da presença de um cientista tendo como meta percorrer os mares, estudando a origem da vida sobre a face do planeta terra, de onde nascera a **Teoria da Evolução da Vida**.

Se o seminarista não embarca, provavelmente, teria recebido as ordens sacras, e, a Ciência não teria contado com uma contribuição que fez época. A História da evolução da vida; inclusive a evolução da espécie humana.

Mas, felizmente para o progresso da Cultura, o capitão mudara de ideia, e o rapaz pode embarcar; e, assim, o estudante de Teologia lançou-se numa aventura religiosa de novo gênero. Saíra a explorar e interpretar a palavra de Deus, como fora gravada na bíblia dos seres vivos. Nascendo daí a teoria da evolução.

“O episódio mais pitoresco concernente à Teoria da Evolução, fora sem dúvida o processo condenatório movido por um pastor evangélico contra o Prof. *John T. Escopas*, por o mesmo ter violado a Lei que proibia o ensino da Teoria da Evolução, nas escolas americanas do estado do *Tennessee*. O caso ficou conhecido como o julgamento do macaco”.

Sabemos que a *Teoria da Evolução* contribuíra significativamente para que a Ciência passasse a entender muitas incógnitas concernentes a ela própria. Entretanto, para nós crentes, a Palavra de Deus, isto é, os ensinamentos bíblicos são indiscutíveis. Nesta matéria somos fundamentalistas. Teoria é teoria.

12. A EXCOMUNHÃO

LEMBRAR É PRECIOSO. A estória em apreço relata uma cena graciosamente original e bastante curiosa. E aconteceu lá pelos idos de 1948, o Senhor *José Fernandes de Souza* (José Caboclo) fora tocado pelo espírito; recebendo a missão de fundar uma igreja em nossa comunidade. “Atendendo a uma visão em que o Santo (*São José*) aparecera-lhe em sonhos, pedindo a edificação de uma ermida em seu nome”. Precisamente, no povoado de *Pôço*, município de *Uibaí-BA*. Local onde residia o cidadão em apreço.

ERMIDA-FLOR QUE PERFUMA A DEVOÇÃO CASTIÇA / DE MULTIDÕES MACIÇAS DE FIÉIS / QUE NAS NOVENAS, NAS REZAS E NAS MISSAS / A SÃO JOSÉ VÃO BEIJAR OS “PÉIS”.

Sendo que, o Senhor antes referido logo saíra à busca da ajuda de alguns amigos próximos. Inclusive, contando com a colaboração de um compadre por nome *Luís Benjamim*.

Após ter formado um modesto pelotão / *Luís Benjamim*, o mano *Jeó*, o mano *Zeca*, e outros / foram a um lugar denominado *Riacho do Peixe*; um filete de águas cristalinas que, nascendo a Oeste do **Município de Uibaí**, corre, mansamente, serpenteando por entre as moitas de murta, em demanda do Leste, encravado bem no coração da imponente *Serra Azul*. Verdadeiro oásis, embalando os grotões que circundam a mata fechada, indo perder-se logo abaixo, ao desembocar no areal sáfaro que dorme molemente ao sopé daquelas serranias.

Foi aí, exatamente, no ano de 1926 de nossa era, onde o *Cavalheiro da Esperança* matara a sede e descansara um pouco embaixo das frondosas árvores que circundam as suas margens. Depois de ter recebido uma pesada descarga de mosquete, desferida pelos moradores da nobre *Vila de Canabrava do Gonçalo*, em vista de algumas atrocidades praticadas por malfeitores que, infiltrados

nas fileiras da massa rebelde, intentavam difamar os verdadeiros objetivos da famosa *Coluna Prestes*.

Os canabreiros caíram em cima da coluna com uma sanha de leões raivosos. *João da Canabrava*, um temido caudilho tribal, muito respeitado pelos habitantes da vila, apressadamente arregimentara um pequeno pelotão de valorosos combatentes, advertindo-lhes: “cada um de vocês cumpra o dever de defender as nossas famílias e o nosso pedaço de chão; portanto, peguem as suas armas, imediatamente. Hoje, no acampamento desses rebeldes não ficarão vivos nem os animais da montaria”.

Ele que teria sido benzido por um antigo capelão e, de acordo com a sua fé pessoal, estaria imune às balas inimigas, comandava os seus homens em campo aberto, e, no corpo a corpo, gritando em altos brados para animar a sua gente; sempre abrindo caminho com o manejo de uma espada reluzente. Dito e feito. Arremeteram com eles tão furiosamente, que nem lhes deram azo de si pôr em defesa; muitos caíram por terra malferidos, mesmo quando estes faziam uso de suas escopetas. E dito foi. Alguns lutavam fazendo uso de tremendos fuzis com miras apropriadas.

Em seguida, os canabreiros metendo mãos às espadas os de *cavalo*, e os pedestres aos facões, mui rapidamente saltaram em cima dos revoltosos. Mal passara sem dúvida o *Cavalheiro da Esperança* e seus sequazes, não podendo fazer eles coisa que lhes fosse de proveito. Assim sendo, o valente *Zé de Duda* saltara a campo, livre e desembaraçado, já para si haver diretamente com um dos comandantes que os acometia, e indo sobre o valentão tirou-lhe a espada e a escopeta; com esta já sem nenhuma munição, ficara a apontar, ora a uma direção, ora a outra, e sem efetuar sequer um disparo, conseguira afugentar os rebeldes teimosos em permanecer naquele campo. Eles fugiam da escopeta em poder de *Zé de Duda*, bem como das pedras arremessadas, sibilando sobre suas cabeças, nada perdendo daquela usada por *David* para matar o gigante *Golias*.

Desse sucesso grande fora a alegria dos canabreiros ao perceber que os homens de *Prestes* estariam fugindo de sino tocado; porém, sempre cautelosos, ao imaginar que aqueles delinquentes

bem poderiam armar-lhes alguma emboscada no meio da *Caatinga do Cruel* para onde forçosamente se lhes meteram – falara então o comandante *Balduino*: “agora não devemos ir todos juntos por estas estradas; mas formados em pelotões, dez a dez; separados por uma distância considerável de 1.000 metros, aproximadamente; cada um de per si. Tomado de cólera dissera: vamos pegar todos estes filhos da p... ou como queirais que lhes chame”. Neste meio termo, já haviam encontrado com os homens da *Roça de Dentro* (Central), quando um deles exclamara, – Ai, Deus!, Será possível que possamos encontrar tempo para enterrar tantos corpos espalhados por estes matos; e continuou, – espero que sim, se não me mente a soledade que estas brenhas afiançam.

Sinto muito prazer no meio desta *Caatinga*; pois, ela me proporciona comunicar com o céu, além destas criaturas humanas. Nesta hora, podemos nos concentrar, tomar conselhos nas incertezas, alívio nos queixumes e remédio nas desgraças. Tudo isto ouviram calmamente todos que ali eram; quando repentinamente, entrara um companheiro gritando a bom gritar: em mau tempo, em má hora entrara em nossas casas esse bando de canalhas; melhor fora nunca tê-los visto, posto que tão caros eles me ficam. Estas e outras coisas mais dizia em grande cólera. Neste ínterim, os companheiros o consolaram, prometendo satisfazer-lhe as suas perdas do melhor modo possível, assim a do *gado*, assim tantas outras mais.

O mais interessante é que um *burrico* apelido por *Balão* servia-lhes para transportar os alimentos ou sustento da tropa; este sempre dormia cabisbaixo e sorumbático, sacudindo, de quando em quando, as grandes orelhas por cuidar que a empreitada não acabaria por tão cedo. Entrementes – *Balduino* começou a dialogar com o bicho. – Dormes *Balão* amigo? – Qual dormir, pobre de mim! Respondera este, – farto de quizila e desgosto – parece que todos os diabos deram comigo esta noite. – É bem, podes crer, respondera ele próprio; – porque ou eu estou ficando louco ou esta *Caatinga* está encantada. Saberás.

Mas isto que te quero agora dizer há de me jurar não contar a nenhum dos companheiros. Este suposto diálogo fora justamente a

desistência do grupo, logo deixando de perseguir aquela gente que se embrenhara pela *Caatinga* adentro. Após ter sofrido tão pesada derrota, declarou o *Cavalheiro da Esperança* "se houver muitos desses valentes pelo interior afora; nossa marcha através do sertão, não será um simples passeio revolucionário como nos disseram".

E, em seguida, ordenara a retirada imediata; logo, logo, de rota batida deixara a região indo tomar um fôlego nas *savanas*, nos *colchões de areia*, em pleno solo do inóspito território boliviano. Segundo comentários do mesmo Senhor *Balduino*, tornara-se urgente, urgentíssimo, o preparativo para a guerra que os alcançara; o que os incitara e motivará fortemente os ânimos para verem-se na jornada que os esperava, juntado-os aos homens da *Roça de Dentro* (Central), o que efetivamente se verificara no dia seguinte. Realmente, naquela marcha mais se elevara a sua sorte, provando que os rebeldes não seriam invencíveis, apesar do seu grande número e de suas armas.

Entretanto, fizeram o que naquela ocasião cumpriam-lhes fazer, saltando no meio da turba e atacando corajosamente; sendo que, nenhum dos patrícios caíra diante do inimigo. Havendo muita alegria da sua parte, porque cada um cumprira o seu dever durante a batalha; levando em prol do nosso valor o estandarte do respeito a nossa terra e as nossas famílias. Essa estrondosa e admirável vitória acontecera de maneira extremamente simples – como nos ensina a estratégia da guerra de guerrilha – dividindo-se os companheiros em grupos de dez, e atacando de emboscada. Pois, como é sabido, um pequeno contingente de guerreiros, em torno de 80 (oitenta) pessoas, jamais poderia sair a campo enfrentando forças incomparavelmente superiores compostas por muitos malhães de ferozes inimigos.

DOIS ADOLESCENTES DOMINAM UM GENERAL

DE ACÔRDO COM UM CIDADÃO BAIANO, conhecido por *João Barbosa*, remanescente da coluna; no lugar denominado

Canabrava do Gonçalo; houve o caso do general o qual se afastando da tropa, tentara puxar conversa com uma Senhora.

Quando esta o tratara de velhaco, embusteiro e mais outros doestos semelhantes; partindo ele para agarrá-la; mas, eis que surgem dois adolescentes que armados com pedras, deram com elas com tamanha força pelos peitos do Tal que o viraram de costas para cima.

Sendo que, a ordenança vendo-o assim tão maltratado, arremetera contra os rapazes de punho fechado; porém, este fora recebido de modo que, logo ficara estendido ali em terra, ao levar a primeira punhada. Entrementes, um companheiro tentando defender o amigo, não correra perigo menor. Os rapazes vendo-os; os três, estendidos e moídos, deixaram-nos e se foram com airoso sossego, e embrenharam-se na montanha próxima.

Este pictórico episódio gerara uma acentuada discussão no seio dos rebeldes, brigando eles entre si, devido a raiva de um deles ver-se tão sovado pela mão de apenas dois garotos; e tomado pela fúria, acudira a vingar-se do camarada, alegando que ele é que tinha a culpa, por o não ter socorrido a tempo; porque aí, teria ele se resguardado.

– Responderá o outro, que o tinha socorrido, se ele não se defendera a culpa não seria sua.

– Replicara o ofendido, o outro treplicara, e chegaram a um dizer tu, direi eu – agarram-se às barbas um do outro, e socaram-se a ponto que, se um dos camaradas levantando-se não os apartara para os pôr em calma, se fariam em pedaços de parte a parte.

Intrometendo-se o general, – dissera o ofendido – senhor deixe engalfinharmo-nos, pois quero pegar este vilão e a muito do meu salvo satisfazer-me do agravo que agora me faz; pelejando com ele à unha, como homem honrado que sou. – Assim é, dissera o general; mas, vocês nenhuma culpa tiveram do sucedido, com isto os aquietou.

Retomando a nossa narrativa inicial e voltando ao *Riacho do Peixe* – em tempos mais remotos já fora abundantemente povoado pelo *gado de Proteu* – de suas águas piscosas, os habitantes das circunvizinhanças retiravam de suas águas um dos alimentos mais saudáveis para a sua dieta. Daí o nome, *Riacho do Peixe*.

Depois dessas ligeiras considerações, continuando com a verdadeira pauta, e o toque inicial do assunto – quando aqueles bravos guerreiros voltavam da empreitada, conduzido a madeira que seria usada na construção do templo em questão; por sinal, transportada em um velho carro de bois, transporte primitivo, porém, bastante eficiente naqueles tempos de antanho; o faziam com grande regozijo, inclusive entoando a *Ave Maria* em latim: “*Ave Maria. Gratia plena. Dominus tecum benedicta tu, in mulieribus et benedictus fructus ventris tui, Jesus*”.

Sendo que a toada estava bastante bonita. Porém, ao atravessarem o povoado, algumas moçoilas não alfabetizadas, ignorando aquelas estranhas palavras, começaram a ironizar, buscando fazer gracejos.

Quando o senhor *Luís* tomando as dores do compadre dissera: “fique tranquilo compadre José, eu vou mandar os nomes dessas moças para o Vaticano, e pedir ao papa que lance uma excomunhão sobre elas”.

O mais interessante é que, imediatamente, alguém levava o fato ao conhecimento das ditas moças, que vieram muito tristes e chorosas, pedindo ao meu pai que intercedesse por elas e impedisse a consumação do ato; pois, se tal coisa lhes acontecesse elas estariam perdidas para sempre; não poderiam entrar no reino dos céus, vez que ficariam fora das graças de Deus; no que o velho retrucara: ora, vocês cometeram um crime muito pesado, não contra mim, mas contra a igreja; o único remédio é confessar ao padre a fim de que ele possa absolvê-las; mais tarde, as moças buscaram a confissão.

Na manhã de um Domingo, com a igreja repleta de fiéis, ouviram a prédica do homem de Deus, enfatizado o perigo à desobediência. Receberam a penitencia cabível e foram absolvidas. Relembrando que estavam todas trajadas de branco, confirmando o mais profundo arrependimento, como manda a santa igreja católica. “*Apostólica romana por todos os seus séculos, seculorum*”, amém.

Antes, porém, ao tomar conhecimento do episódio, algumas Senhoras piedosas jejuaram e realizaram uma novena em oblação a *São José*, futuro padroeiro do lugarejo, em desagravo pela

transgressão cometida pelas ditas cujas, também culpadas pela falta de chuva que, naquele ano, demorara a chegar, causando um grande vexame à população local. O mais curioso é que, no ano seguinte, as moças aqui referidas foram residir em *São Paulo*. Não se sabe se o êxodo tivera outro motivo, ou se fora em função da controvérsia estabelecida em torno da questão religiosa.

O lado mais cruel dessa *Odisseia* envolvendo o *Cavaleiro da Esperança*, fora sem dúvida o calvário de *Olga Benário*. Uma judia alemã, esposa de *Prestes* e grande desafeto de *Hitler*, chefe absoluto, endeusado pelo povo germânico. *Olga* fora entregue à polícia alemã (*Gestapo*), quando alguns brasileiros estariam fascinados pelas proezas e bravatas do homem concupiscente, a besta louca de *Nietzsche*. O tirano que imaginara dominar o mundo por conta do terror.

Olga teria o mesmo pecado que *Prestes*. Era defensora ferrenha do projeto sócio econômico defendido pelo pensador, também alemão e descendente de judeu, *Karl Marx*, autor do famoso *Das Kapital* (*O Capital*), sua tese ficara conhecida como o Marxismo – sistema de ideias – verdadeiro mosaico – misturando a filosofia clássica alemã com a economia política inglesa, e o socialismo francês. Entretanto, os crimes de *Olga* eram ainda maiores; pois, carregava dois espinhos que atormentavam profundamente a alma transtornada daquele criminoso em potencial; além de judia era também comunista.

Ficando presa por algum tempo, chagara a dar à luz a uma menina, ainda na prisão, o malsinado campo nazista de concentração. O próximo passo, a câmara de gás. Engordando a estatística de mais de nove milhões de pessoas, especialmente judias, consideradas prejudiciais à sociedade na avaliação do emissário de Satã, aqui no planeta terra.

Olga, personagem que, apesar de uma biografia bastante escassa, porém, extremamente emocionante, comovera milhões de brasileiros. Se não fosse uma verdade histórica, poderia ser citada como lenda.

Olga e *Prestes* conheceram-se na *Fortaleza Vermelha*, em *Moscou*, onde ambos recebiam treinamentos atinentes à guerra, principalmente, de guerrilha. E, de lá, rumaram para cá; a fim de juntos tentarem mudar

as cousas por aqui, exatamente como *Nikolai Lenini (Lênin)*, fizera ao lado dos bolcheviques no país gelado, a *Rússia*.

Salientando-se que, uma equipe de técnicos alemães, especialista em matéria belicosa estivera aqui, na *Amazônia*, mapeando nossas florestas, com o propósito de identificar um local conveniente para o estabelecimento de tropas alemãs; servindo-se de nosso país, como ponto estratégico, base para operações de guerra.

Graças ao bom DEUS, com o soprar de melhores ventos, os brasileiros tomaram juízo e mudaram de direção. Como é do conhecimento geral, este filme triste, tivera um final feliz; apesar dos 465 mortos, nossos bravos pracinhas que ficaram sepultados no cemitério de *Pistóia*, em terras italianas, lá no velho continente; transladados para o *Rio de Janeiro*, no ano de 1960.

Para os ditadores, especialmente para estes, a "Bíblia" o livro de cabeceira é sempre o *Príncipe de Maquiavel*. O mal é apenas o bem que não soubera ou não quisera cumprir as suas promessas.

Sabemos desde criança que a Democracia é o menos ruim dos regimes; entretanto, a nossa, essencialmente capitalista e às vezes corrupta, precisa e deve sofrer uma reestruturação profundamente radical. É o que imaginamos.

Para encerrar nossa Crônica, "**A EXCOMUNHÃO**"; podemos dar ênfase ao assunto com a mais celebre delas a EXCOMUNHÃO – *ferendae sententiae* – concernente ao teólogo *Martinho Lutero*; oriunda das controvérsias entre o Papa e o intelectual em questão; quando este protestara a venda de indulgências promovida pela igreja católica, como forma de salvação. Seria uma maneira esdrúxula de o clero arrecadar fundos para suprir as necessidades econômicas do sacro erário.

Lutero, em sendo um membro dessa mesma agremiação, estaria na obrigação de apoiar a campanha promovida pela associação da qual fazia parte.

Não foi o que se viu. O monge agostiniano protestara veementemente. Esse embate travado no centro da igreja tivera como consequência a concentração dos poderes eclesiásticos nas mãos do Papa.

“Vejamos como tudo acontecera: andavam certos agentes papais percorrendo a cristandade, com a finalidade de arrecadar fundos para melhoramento na igreja de São Pedro”.

Por meio dessas contribuições, os fiéis comprariam as famosas *indulgências*, que teriam o poder de livrar uma alma do purgatório.

Veja que desplante religioso. Por cúmulo do azar, um desses mercadores entrara no gabinete do frade e professor *Martinho Lutero*, procurando esclarecer-lhe os benefícios daquele comércio terrestre de salvação humana. *Lutero* achou de seu dever contestar tal disparate e em seguida elaborou 95 TESES contraditando os argumentos do sumo pontífice. “Aí o bicho pegou”.

“A igreja toda poderosa, pois, os governantes da época eram guiados por um pensamento teocrático; tendo de quebra o Tribunal da Santa Inquisição”, resolve submeter o transgressor à apreciação desse espúrio Tribunal, composto pelos mais rigorosos (TORQUEMADAS) e, que deliberava a serviço da própria igreja e sem apelação. O veredicto foi fatal: um perigoso radical de índole intratável. Neste caso, a próxima etapa seria a morte na fogueira propriamente dita.

Mas, como as coisas nem sempre são como se imagina, os príncipes alemães declaram-se favoráveis à causa do rebelde. – A *Alemanha* era dividida em feudos e cada feudo era governado por um príncipe. Nesse ínterim, o imperador *Carlos da Alemanha*, terra de *Lutero*, depois de ter dado integral apoio à demanda da igreja; inclusive, convocando *Lutero* a *Worms*, onde seria julgado sob acusação de heresia, muda de pensamento e concede um salvo conduto a *Lutero*, que volta a sua Cidade de **WITEN BERG** onde é recebido pelos professores e estudantes; acolhido na residência do grande eleitor, representante dos demais príncipes; toca sua flauta e canta hinos religiosos. **LUTERO** depura os caminhos para a implantação de uma igreja protestante.

Uibaí, julho de 2008.

13. O BODE TRAPEZISTA

José Fernandes de Souza – Mais um conto de humor

O BODE TRAPEZISTA

Esta pitoresca estória contara-me meu pai; que segundo ele ouvira de um amigo, um Senhor já idoso. Afirmava ele: esse cidadão, embora um pouco sisudo era gentil; e cada palavra por ele proferida inspirava confiança. O que ele me contou foi o seguinte: na cidade de *Feira de Santana*; uma cidade baiana próxima a *Salvador*; havia um trapaceiro tão esperto que seria capaz de dar – “nó em pingo d’água” – como se diz por aí. Este famoso delinquente, um belo dia; resolvera fazer umas entradas para o interior do estado, onde, segundo ele, poderia rapinar alguns dólares com mais facilidade.

Em suas andanças, atraído pelas notícias garimpeiras da Chapada, chegara a *Morro do Chapéu*; lugar que parecia ter as características próprias para executar o plano que tinha em mente. Depois de ter gastado as solas dos sapatos, durante duas semanas, percorrendo as ruas da cidade; entrara em um bar, e após tomar umas e outras, começara a soltar a língua, elogiando a beleza e o clima do lugar; terra onde o cidadão poderia viver despreocupado devido à ausência de vagabundos.

Neste momento, o dono do bar comentara a respeito de um elemento pernicioso que já deveria ter sido enforcado há muito tempo. Pensando melhor, achou que deveria ir à procura desse elemento para propor-lhe uma sociedade; pois, ele com certeza conheceria os tabaréus que habitavam àquela bendita terra. Seu nome? *Joaquim*. Ao encontrá-lo, notei que *Joaquim* seria o parceiro perfeito; com cara de desavisado matuto, para encenação de um ato criminoso, a ser concluído em apenas dois minutos. Este senhor *Joaquim* teria nascido para o papel como *Luís de Camões* para escrever *Os Lusíadas*: esbelto com cabelos ondulados, num tom louro que

relembrava “uma laranja madura”; porém, de aparência tímida; cambota, com um caminhado torto, pernas abertas, ele era o otário por excelência.

Disse-lhe o que pretendia, e ele estava disposto a agarrar aquela oportunidade de trabalho. Omitindo pequenos erros, tais como homicídios. Perguntei-lhe de que mais seria capaz no ramo do enriquecimento ilícito; e, de que forma poderia comprovar sua competência e habilidade para desempenho do aludido emprego. Respondera-me o habilidoso meliante – Não existe ninguém nestas terras capaz de roubar um *bode* como eu; sem ser visto ou apanhado. Posso levar um *bode* de um chiqueiro ou do mato; de dia ou de noite; nas barbas do dono; em qualquer lugar, e garanto que pessoa nenhuma ouvirá um berro sequer; o segredo está no jeito de você pegar o animal, e como o carregar depois. Espero algum dia ser reconhecido como o maior ladrão de *bodes* do mundo.

– A ambição é um sentimento admirável no ser humano, disse-lhe eu. Roubar *bodes* é a coisa perfeita para ser feita, especialmente, em IPIRÁ; que, segundo alguém me falara, é a terra do *bode*. Mas, neste vasto mundo, seria considerado tão sujo e tão ridículo como assaltar uma criança ou um mendigo. De qualquer forma, vou aceitar como uma boa prova de sua competência para o trabalho; considere-se aprovado. Então, tendo contratado os serviços de *Joaquim*, deixamos a cidade, e saímos em direção ao garimpo de *Ventura*, no interior do município. Durante a viagem, ensaiávamos o número que tinha em mente. Mais tarde, soubemos que um grande e famoso circo americano teria chegado a *Morro do Chapéu*; e que, os caipiras teriam invadido a cidade. Demos meia-volta.

Disse-lhe eu: sempre soube que ao redor de um circo há muito dinheiro fácil em circulação. Vou alugar dois quartos em uma pensão; um para mim, e outro para você (*Joaquim*). Encontrei os aposentos, próximo ao centro da cidade; um refeitório comandado por uma velha Senhora. Levei *Joaquim* a uma alfaiataria para fantasiá-lo de cavalheiro; com roupas coloridas ele ficou o idiota perfeito. Naquela noite, fui ao circo; na entrada havia uma tabuleta apresentando as principais atrações; com destaque para um cabrito

que seria o divertimento principal. Armei um jogo com três conchas e uma bolinha. *Joaquim* deveria fazer o chamariz; antes havia dado a ele umas notas falsas para jogar; ficando com algumas. Arrumei minha mesa e comecei mostrando aos tabaréus como seria fácil adivinhar a concha onde estaria a bolinha.

Os ignorantes caipiras se amontoaram num círculo a minha frente. Este seria o momento para *Joaquim* fazer sua entrada e chamar o jogo; ganhando algumas notas de cinco e dez dólares para animá-los. Mas, nada de *Joaquim* aparecer.

A multidão ainda se animou um pouco; porém, o jogo da bolinha sem um chamariz é como pescar sem isca. Fechei o jogo apenas com alguns trocados no bolso em meio àquela dinheirama sem dono. Voltei à pensão às onze horas da noite, e fiquei tentando dormir. Estava zangado com *Joaquim*; pensando em chamar sua atenção para os interesses comerciais de nossa sociedade. Justo quando ia pegando no sono; escutei um barulho invadindo a casa inteira, como o choro de um bebê com diarreia.

Abri a porta e chamei a viúva; quando ela veio atender-me disse-lhe: será que a Senhora não poderia acalentar essa criança, por que assim ninguém poderá dormir.

– Meu caro Senhor, não é uma criança, é um *bode* que seu amigo trouxe da rua e se meteu no quarto com ele. – Vesti a minha roupa e fui até ao quarto de *Joaquim*. Ele estava de pé com uma panela no chão; enchendo uma mamadeira de leite para um cabrito que não parava de berrar. Como é *Joaquim* – disse eu: você me deixa sozinho no trabalho, não cumpre o combinado, e agora me aparece com este infame *cabrito* que não para de berrar! – Não fique zangado comigo – respondera-me ele. Você sabe como tenho o hábito de roubar *bode*; e quando ouvi o berro deste, não resisti.

– Bem, respondi-lhe eu. Talvez quando estivermos num local onde não haja *bodes*, você ponha sua mente em mais altas e lucrativas atividades. Por que alguém deveria perder o seu precioso tempo atrás de um animal sem futuro como este! Bem, isso vai além da minha compreensão.

– O problema é que você implica com *bode*; pouco antes de você entrar ele estava caminhando sobre as patas trazeiras. – Vou para cama, veja se incuti na cabeça desse seu amigo que ele não deve fazer tanto barulho assim. – Ele estava com fome! dissera *Joaquim*. Eu costumo levantar-me cedo. Levantei e sai dando umas voltas pela cidade. Numa esquina observei uma banca de jornais; era o *Correio do Sertão*.

A manchete principal dizia – **SETE MIL DÓLARES DE RECOMPENSA.**

A quantia acima será paga sem perguntas, a quem entregar vivo e com saúde, o *Formoso*; *cabrito* treinado nos *Estados Unidos*. Exímio trapezista e muitos outros malabarismos; uma das sete maravilhas do mundo; que se perdera ou fora roubado ontem à noite, de uma das tendas do circo *Brothers*. Falar com *George Tony* – diretor comercial.

Peguei o jornal, coloquei-o no bolso do paletó e fui falar com o *Joaquim*. Ele estava acabando de si vestir, e dando ao *bode* algumas cenouras com um resto de leite que sobrara. Bem, bom dia a todos – disse eu; com tom caloroso e amigável. O nosso *bodinho* está fazendo o seu café da manhã! Diga-me *Joaquim*, o que pretende fazer com ele? – Vou despachá-lo para minha mãe; ele lhe fará companhia enquanto eu estiver fora. – É um belo *bode* – dissera eu, alisando suas costas. – Você o chamou de outras coisas à noite passada – disse *Joaquim*. – Ah! Eu estava nervoso, com sono; nasci numa fazenda e gosto de *bodes*.

Quanto quer por ele, perguntei! – Não acredite que eu vá vender este *bode*. Se fosse outro; mas este não. – Por quê? – Porque este foi o maior feito de minha vida. Para roubá-lo atravessei algumas tendas, esbarrei em umas cinquenta pessoas; passei por seguranças e *cães* ferozes, até ganhar a escuridão. Não se trata de um roubo banal; cada passo deve ser dado com cuidado; para ter certeza que o próximo seja bem-sucedido. – Eu te dou Mil Dólares pelo animal. – Não! -- Dois mil! – Ainda não. – Vá! Três mil dólares. – Você está ficando louco, é uma fortuna por um único *bode*! É que eu estou fazendo uma seleção, são várias raças, entende? – Como você é meu amigo, negócio fechado –

respondera-me *Joaquim*; o malandro tinha ideia de quanto eu poderia dispor naquele exato momento.

Peguei minha bolsa e passei-lhe sessenta notas de cinquenta dólares, todas quentinhas (era o dinheiro que tinha). Em outras palavras – fiquei liso – Vou levá-lo para o meu quarto, e deixá-lo lá até depois do café. Peguei o *bode* pelas pernas traseiras, ele começou a berrar forte, mas muito forte. – Deixe-me fazer isso para você, disse-me *Joaquim*. – E colocando o bode debaixo do braço, segurou o seu focinho, levando-o para o meu quarto como uma criança adormecida.

Após ter feito sua primeira refeição. Argumentara *Joaquim*: – vou a uma loja ver uma camisa bonita para sair à noite. – Então saí, e encontrei um carroceiro. Agarramos o *bode*, colocamos dentro de um saco, e seguimos para o circo.

Encontrei o diretor dentro de uma pequena tenda. Era mais para magro do que para gordo. O Senhor é o *Tony* diretor comercial do circo. Indaguei! – Eu mesmo – respondeu o homem. – Vim receber a minha recompensa; gostaria que fosse em notas de cem. E apresentei-lhe o jornal. Ele se levantou e pediu-me para segui-lo. Entramos em outra pequena tenda, onde havia deitado na palha, um negro *bode*, com uma fita vermelha no pescoço, comendo umas *maçãs* que um homem lhe dava. – Diga-me *Ray*. Alguma coisa errada com o nosso *Formoso*? – Não! Não! Com ele não. – O diretor voltando-se para mim. – Você mesmo viu; o nosso *bode* está bem zelado e bem guardado. Nem sumido nem roubado. Tenha um bom dia. – Comecei a entender. Caiu a ficha. Chamei o carroceiro e seguimos para a direção do jornal. Ao encontrar o redator fui indagando. O cara que postou este anúncio era um sujeito baixo, moreno, careca (o diretor do circo) – Não; era alto, forte, claro, roupas coloridas e de cabelos loiros, “Sem nenhuma dúvida. Era *Joaquim*”.

Voltei à pensão; ao chegar a Senhora perguntou-me: – vai esperar o companheiro para o almoço? – Respondi-lhe. Não. Ele jamais virá aqui, e contei-lhe o sucedido. Ela retrucou-me. – Se o Senhor ao menos o tivesse convidado par dividir a recompensa! – Como querendo dizer: “ladrão que rouba ladrão!” ...

14. A DESOBRIGA

A IGREJA CATÓLICA, como todos sabem, ao longo dos tempos, tem procurado implantar seus ensinamentos. Inclusive enviando representantes, padres; até mesmo às regiões mais longínquas. Podemos constatar esta evidência observando a nossa própria História. Pois, aí, vamos nos deparar com as figuras dos jesuítas que, corajosamente, meteram-se nas expedições dos governadores gerais, vindo morar nesse Brasilzão, e, enfrentando *onças, cobras e mosquitos* entregaram-se à honrosa tarefa de catequizar os "Índios". Ensinando-lhes a rezar, ler e trabalhar.

Após esta breve reflexão, passo a narrar-lhes a DESOBRIGA.

Na minha infância, em minha terra natal, com o ato de o pároco percorrer a sua paróquia, celebrando A SANTA MISSA, realizando casamentos e fazendo batizados; era conhecido como Desobriga. Em nosso povoado de *Pôço*, o anfitrião era meu pai, *José Fernandes de Souza*, o *José Caboclo*.

A freguesia, como também era tratada a Jurisdição sacerdotal, seria visitada de 06 em 06 meses; pois, em vista de sua extensão territorial, mais de 200 km, aos quais o sacerdote percorreria encarapitado ao lombo de um *burro*; pelo simples motivo de que àquela época, não se dispunha de veículos capazes de encurtar as distâncias, como nos tempos atuais. O coitado do vigário, aí, pagava os seus pecados.

Eu, criança que era, gostava de permanecer no terreiro de nossa casa, a partir das 16 horas, observando e à escuta do *cincerro, chocalho da mula* do padre. Quando se ouvia o toque do *guiso*, anunciando a aproximação do capelão, eu corria desabridamente, a gritar. Pai!, pai!, o padre, olha o chocalho!

Ao chegar, o cura era recebido alegremente, por meu pai, que lhe fazia a Saudação: **louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo**, com a resposta: **para sempre seja Deus louvado**. Em seguida, providenciava-se a acomodação dos animais de montaria e de carga,

sendo que, logo após o jantar, começava o afluxo de pessoas que vinham no afã de entregar os *banhos*, como eram tratados os papéis de casamento, também chamados de *proclamas*.

Após a celebração, de acordo com o ritual, o sacristão acompanhante do padre e seu auxiliar direto procedia a leitura dos autos, ou papéis de casamento, quando era feita a admoestação: quem souber de algum impedimento, fale agora ou cale-se para sempre. Realizado o enlace matrimonial prorrompiam os parabéns, cumprimentos e demais formalidades inerentes ao assunto.

Em seguida, era a vez dos batizados – centenas de crianças – dispostas em forma de círculo recebiam o santo batismo e, conseqüentemente, inseriam-se na comunidade cristã, pela graça de Deus. Daí em diante, eram os festejos.

Antecipadamente, erguiam-se grandes latadas, geralmente feitas com palhas de coco. Levantadas sobre um chão de barro batido, constituindo-se numa verdadeira sala de reboco; onde o sanfoneiro, desfilando com a sua *pé de bode*, sanfona de dois baixos, dava início ao *arrasta-pé*, que regado à *pitu* (cachaça da boa), entrava pela noite adentro, indo até ao raiar do dia e, possivelmente, chegando ao entardecer do dia seguinte, conforme a harmonia da festa que era sempre boa.

Em vista do grande espaço de tempo, ou da demora de uma Desobriga a outra; faziam-se grandes caravanas para acompanhar as celebrações. Centenas e centenas de aventureiros: *mascates*, *músicos*, *fotógrafos lambe-lambe*, etc. e tal, não desgrudavam dos calcanhares do representante clerical, com a finalidade de angariar alguma "bufunfa" para minorar as suas necessidades econômicas que, por sinal, deveriam ser cruciais numa época de pouca moeda em circulação e maior escassez de bem estar social.

O episódio mais interessante e digno de memória ligado a essa epopeia tivera lugar com um cidadão apelidado por *Juca*, nosso parente, negociante de joias, e que chegara a nossa casa em companhia do padre. À noite ouve um confronto poético entre *Juca* e meu pai, pois, ambos tinham o dom da poesia.

O padre, incapaz de engendrar um verso sequer, ateu-se em observar o embate entre os dois contendores, que versejavam amarrando sempre em *mourão*. O confronto só terminara por volta das 23 horas, debaixo de um forte aplauso da assembleia, que lotava a sala principal da nossa casa.

Só a alguns anos mais tarde, pude presenciar fato semelhante, quando numa noite de *São João*, *José Caboclo* e *Joaquim Rosa*, seu irmão, também em nossa casa, cantaram de improviso, deixando a assistência sem fôlego, em função das belas rimas engendradas, automaticamente; observando-se apenas o lapso de um segundo entre a colocação das palavras, para complementação do verso principal.

É necessário haver uma carga genética para que o indivíduo possa arvorar-se em poeta. Aí está o caso do padre, que não possuindo tal faculdade, deixara o assunto ao desempenho de duas pessoas que em relação a ele, mal sabiam ler.

15. A FOGUEIRA

EM MINHA TERRA, na noite de *São João*, fazem-se as fogueiras, geralmente deitadas; porém, surgiu alguém mais folgazão, dá na telha, ergue uma, e é a *fogueira em pé*. Um galho de árvore suspenso no centro do terreiro – é assim chamada a pequena área sempre limpa, que fica à frente da casa da família –.

Um monte de toros de madeira, entrelaçados, descansando uns sobre os outros, é o combustível para a queima e conseqüente queda da fogueira.

Centenas de pessoas especialmente jovens permanecem à beira do fogo, à espera do tombo daquele presépio; enfeitado com todas as espécies de *frutas, biscoitos, brinquedos* e até *dinheiro*.

De repente, alguém ateia fogo, que queima; no princípio com pouco ânimo, aparecendo apenas a fumaça, avolumando-se lenta e bem discretamente. Surgem as primeiras labaredas e ao formarem um pavoroso turbilhão, alastram-se por todos os lados.

Ouve-se um estrondoso alarido: crianças batem palmas, gritam, pulam, dão vivas. As faíscas acompanhando o ribombar da madeira, sendo destruída pelo fogo invadem o espaço celeste.

Um intrometido tenta empurrar o arremedo de árvore que dá feição à fogueira; em seguida a queda.

A multidão precipita-se sobre a fogueira, como se fosse um tigre esfaimado; todos no afã de resgatar alguma coisa para exibi-la como troféu ou angariar algum presente preferido pela namorada. A criançada pegando tições e brasas formam as rodas de brincar, e aí, começa a queima das *bombas, busca-pés, chuvinhas*; cada quem mais entusiasmado, tentando assustar o companheiro com o espocar de uma bomba ou cousa que o valha.

Um menos avisado sofre um acidente, pisou numa brasa e foi atingido pelo tição de fogo que jogaram aos seus pés. Nesse instante irrompe uma forte gritaria, é a **presença do SANFONEIRO JOÃO PORTO, que vem executar os seus acordes e dar animação ao**

pagode. Ali, bem à frente, um grupo de moças e rapazes está reunido para fazer as simpatias; quem casa, quem não casa.

Nesta simpatia deu fulano com fulana; naquela não deu ninguém.

Algumas jovens mais sentimentais chegam a chorar, em função da brincadeira, com aparência de verdade. Rompe o baile. Um retraído não arruma namorada, e enraivecido, lança uma bomba no meio do salão. É retirado à força e conduzido para fora da sala. Não muito distante, um grupo de seresteiros, canta animadamente, ao som de um violão; são os rapazes do lugar. Uma das vozes destaca-se das demais, porque é bastante conhecida. *O vocal é o ZECA DE OTÁVIO; em tempos mais recentes seria um cantor de televisão.*

Chegado o amanhecer, é o fim da festa daquela noite; pois, conforme as cachaças organizam-se outras e outras, até que os mais idosos comecem a reclamar de tanta festança.

Na véspera, a noite é invadida por belas serenatas animadas pelo toque de *violões* que em conjunto com as *sanfonas* dão o tom de como será a festa junina daquele ano. Instrumento central da música popular brasileira, e hoje fazendo parte da música erudita, o violão já foi reprimido com cadeia.

“O major Vidigal encaminhou ao juiz um cidadão acusado de fazer serenata – e recomendou que se examinassem as pontas de seus dedos: os calos demonstrariam que se tratava de um delinquente, um criminoso, um reles violinista” – O personagem de *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manoel Antônio de Almeida, representa bem a repressão sofrida pelos cultores deste maravilhoso instrumento de cordas, durante grande parte do século XIX; tendo sido redimido logo mais; sua presença nas salas de concerto brasileiro é indispensável. *Doze Estudos para Violão*, de Heitor Villa-Lobos, é uma das obras eruditas fundamentais do instrumento.

Enquanto na atualidade o violão toma parte em nossos festejos, fazendo a juventude explodir de felicidade, a nossa memória da infância desperta dentro de nós. No caso das festas juninas, você se vê *correndo em volta da fogueira*. Queimando-se com os artefatos de fogo, brinquedos usados na festa. Há, digamos assim, uma invasão

de felicidade. É quando a memória nos acorda; é a reconstituição dos tempos felizes vindo à tona.

Na realidade, a cultura de um povo equivale à metade de sua existência.

No tocante à tranquilidade, o sertanejo é bastante pacato, e dificilmente acontece alguma tragédia durante os festejos. Todos são parentes ou vizinhos, e gostariam de terminar em paz.

É tradição, a brincadeira sempre termina com os sanfoneiros tocando e cantando – *a fogueira está queimando em homenagem a São João* –. *Vamos gente, arrasta o pé, arrasta o pé, arrasta o pé neste salão.*

16. LUZBEL: a pedra de tropeço

Como dissera o poeta: “no meio do caminho tinha uma pedra”.

“Tinha uma pedra no meio do caminho”. Por outro lado, sabemos, todavia; a Pedra é um dos elementos da natureza que sempre tivera muitas serventias; até o Senhor Deus utilizara-se dela para a inscrição dos **Dez Mandamentos**.

Mas, de repente. Mais que de repente. Eis a *Grande Pedra* – “**LUZBEL**”; a pedra de tropeço; que por ironia do destino se lançara no caminho da humanidade; a mais completa incógnita; envolvendo o tema – **Teologia**.

Eu e meu pai (O Senhor *José Fernandes de Souza*) sempre dialogamos sobre assuntos diversos; especialmente, as **Sagradas Escrituras**. Relembrando que, o mesmo era um católico, eu diria fundamentalista; apesar de sua convicção ou radicalidade ostentava uma brilhante auto erudição. Um belo dia, fui surpreendido com uma versão inusitada a respeito da criação do homem; embora atípica, carregada de uma boa dose humorada de lógica.

Vejamos: argumentara ele – quando o Senhor Deus criara o universo com todos os seus planetas; dera destaque para a terra; que fora arquitetada como um belo pomar; contendo *mares, rios, plantas, animais* e tudo mais conforme a conhecemos. Melhor pensando, e para complementar a sua obra; resolvera criar também um ser superior e torná-lo cuidador de tudo aquilo que fora por ele criado.

Assim meditando, convocara o conselho de ministros, para apresentar-lhes o novo Projeto que tinha em mente. Como não poderia deixar de ser, entre os mesmos, achava-se o todo poderoso *Chefe da Casa Civil*; o já mencionado anjo *Luzbel*. Sentado ao lado direito do Senhor Deus, destacava-se seu muito amado filho **JESUS CRISTO**; quando o Senhor voltando-se para este, dissera: vamos criar o homem nossa imagem e semelhança; “deixando claro que o ente a ser criado, seria a sua imagem e também a imagem de seu filho”.

De acordo com o rascunho elaborado por Deus, o próprio *Luzbel* assumiria a direção do Projeto **YHWH** “Genoma” para a criação do

homem; assim fora denominado o aludido projeto; ele, com o já reconhecido cientista colega *Kesabel*, teriam a missão de sequenciar os genes que codificariam as proteínas do organismo a ser criado.

Ao ouvir a notícia, *Luzbel* ficara bastante enciumado; pensando – tal criatura sendo a semelhança desses **DOIS**, será muito superior a mim; e, em seguida começara a apresentar um brilhante arrazoado de motivos, com a pretensão de impactar o plano do criador. Como não lograra êxito; resolvera abandonar a reunião, e saíra atirando pedras para todos os lados.

Entretanto, em razão do seu poder, valendo-se do acesso que tinha ao laboratório, onde estaria sendo gestado o ser em questão (o Ser Humano); resolvera lançar algumas partículas malignas dentro da massa ali contida; elas seriam a semente para a geração de numerosos pecados; sendo que, desta maneira, poderia macular o plano de Deus.

Após reunir algumas centenas de anjos menores que detinha sob seu comando, saíra em campanha tentando impedir o *Projeto de Deus*. Ao ser informado do levante, o Senhor Deus, ainda tentara uma reconciliação, convidando o rebelde *Luzbel* a retomar o seu caminho e seguir em Paz. Mas, o insurgente tomado pelo pecado da inveja; e, desejoso de ser o primeiro mandatário, ou seja, superior ao próprio Deus; rejeitara todas as propostas de reconciliação; pois, confiava na sua popularidade perante toda a corte celeste. E, com toda a sua empáfia, declarara estado de beligerância no céu.

Esgotados todos os recursos possíveis; sem uma melhor opção; o Senhor Deus convocara o chefe das armas, Guardião do trono de Deus, o **arcanjo São Miguel**; solicitando-lhe a prisão de *Luzbel*, bem como de todos os seus sequazes; o que de fato acontecera.

Ora, após criar o homem, **Adão**; assim fora este cognominado; o Senhor Deus criara um lugar especial para colocá-lo, e o chamara de **Jardim do Édem** ou Paraíso. Apesar da derrota, *Luzbel* sempre alimentando aquela ideia fixa; não desistira de seu maldito intento; e, embora preso, ainda desfrutava de algumas regalias; e, para camuflar sua identidade recorrera ao assistente pessoal o Dr. Advogado *Yekun*; que, usando de sua plausível habilidade mexiriqueira, conseguira mudar o nome do constituinte para **Lúcifer**.

O agora, *Lúcifer*; imaginando um disfarce pessoal, procurara o amigo; o reconhecido artista ou cirurgião plástico *Leviatã*, que, com sua capacidade operacional, o transmudara de uma maneira tão radical, que mesmo se olhando ao espelho, não se reconheceria, ou seja, ficara irreconhecível.

Sabendo perfeitamente onde era localizado o *Jardim do Édem* (*há fortes evidências de que, esse miraculoso jardim, tenha sido situado aqui no coração da Amazônia brasileira*), *Lúcifer* tencionava aproximar-se do homem para visitá-lo com maior frequência; com o fito de envolvê-lo em sua trama diabólica; pois, se tornara contrário a sua criação desde a concepção do propósito divino.

Bem, após ter tomado todos esses cuidados – *Lúcifer* solicitara a *Miguel* que lhe conseguisse exílio na terra; para ele, bem como para todos os seus seguidores. O que lhe fora concedido. Aqui instalado, *Lúcifer* ostentando a pose de um discreto e jovem cavalheiro começara a visitar **Adão** e sua esposa **Eva**. “A pedido de Adão, Eva já teria sido criada”; às vezes acompanhado de elegantes pajens; ocasião em que lhes prestavam alguns favores; cuidando das plantas e dos animais: ordenhando as *vacas*, podando as *plantas*, tosando os *cavalos*; experiência que **Adão** desconhecia.

Além desses obséquios, valendo-se de sua divertida habilidade festiva, o esperto e traidor *Lúcifer* organizava **SHOWS** com a apresentação de brilhantes cantores, como o excelente vocalista *Azazel*; sendo que, com esses entretenimentos deixava os animais viventes no jardim extremamente deslumbrados “até àquela época, os animais, também, eram dotados de muita compreensão e muita sabedoria; perderam essas faculdades, após terem sido expulsos juntamente com o respectivo dono; outro anjo caído, o **Adão**”.

Assim procedendo, ganhara a confiança daqueles amigos especiais. No meio do jardim havia uma grande e majestosa árvore carregada de belos e saborosos frutos “a árvore da **Vida**”. Ao passearem por ali, aproveitando a oportunidade dissera *Lúcifer* – esses frutos devem ser bastante gostosos. No que **Adão** retrucara – não sei; o Senhor nos proibiu de comê-los. Prosseguira *Lúcifer* – falei

por falar. Deus sabe: caso vocês comam deles, ficarão sábios, tornar-se-ão iguais a Deus.

Nisto ele próprio saboreara um dos frutos, degustando-o com grande avidez; em seguida oferecera um fruto a **Eva**, que o compartilhara com o marido. Tendo conseguido o seu intento, *Lúcifer* afastara-se do local; satisfeito por ter feito germinar a partícula da desobediência; e foi-se embora, dando as mais estridentes gargalhadas; sorrindo de si para si; naquele transe estivera completamente louco, tamanho fora o seu contentamento.

No dia seguinte, aparecera o Senhor Deus chamando por **Adão**; ao ouvir a voz do Altíssimo; **Adão** e sua mulher correram para esconder-se, pois notaram que estariam nus. – Comentara **Adão**, Senhor! Não podemos ir ao teu encontro, por que estamos nus. Retrucara o Senhor – Quem te disseras que estás nu? Comeste do fruto proibido? – A mulher que me destes me deu e eu comi. “Veja que desplante pecaminoso.” **Adão** tentara eximir-se da culpa. Pretendera, por meio de um ardil, responsabilizar a esposa e o próprio Deus. Nesse ínterim, o Senhor profundamente consternado, mudando de aspecto replicara-lhe: deixaste de ouvires a voz do **SENHOR TEU DEUS**, teu **Criador**! Desocupem o meu jardim, imediatamente; sigam por conta própria. E assim, resumiu-se essa questão.

Adão preferiu viver com **Eva**. Não quis paraíso não.

E nessas circunstâncias, fora iniciada a geração da descendência do proscrito e renegado **Adão**. Mas, como se afirma: ninguém pode repudiar a sua origem; eles continuaram praticando as maldades que carregavam em seu **DNA**; até que, em razão de sua total depravação, foram praticamente destruídos, quando da inundação universal ou, seja, o **DILÚVIO**. Sobrevivendo apenas, o patriarca **Noé** e sua casa. **Noé era amigo de Deus e por este protegido**; pois, Deus imaginava que por meio dele, ainda poderia recuperar o seu estimado patrimônio; isto é, as suas criaturas.

Ora, como as já mencionadas sementes malignas plantadas por *Luzbel* não foram totalmente extirpadas, voltaram a germinar, dando continuidade à perversão que tais criaturas carregavam marchetada em suas raízes.

Todavia, Como o **SENHOR DEUS**, talvez arrependido de tê-los criado; reuni novamente o ministério para uma última e radical solução; quando ele próprio propõe: alguém deverá descer à terra e morrer numa cruz para salvar a humanidade, que continua se prevaricando assustadoramente; e conclui – É este o preço a pagar.

Nesse ínterim, seu filho **JESUS CRISTO**, que também, era um dos membros do **Conselho**, erguera-se levantando a mão direita e solenemente de pé, se comprometera com a sugestão do Pai; declarando enfaticamente que, “de livre e espontânea vontade; assumiria o sacrifício proposto.” E como palavra de rei não deve, nem pode voltar, a decisão do filho fora acolhida por unanimidade.

Naquele mesmo instante, a sentença fora elaborada e homologada, com a condição de ser cumprida com brevidade. E desse jeito, dessa maneira, fora sumariamente executada.

Entretanto, essa sofrida humanidade, que carrega em suas origens as partículas do mal, que lhes foram outorgadas por *Luzbel*, continua com suas mazelas e prevaricações. E agora *José*? Quem pode dar a resposta? **SOMENTE DEUS. É ÓBVIO!**

Observação – **YEKUN, LEVIATÃ, KESABEL E AZAZIEL**, são anjos de altíssima malignidade, pertencentes à facção de **LUZBEL**. Diariamente, percorrem o globo terrestre; fustigando seus cavalos alados à busca de vítimas. Quem fisga um desavisado, sobe automaticamente na hierarquia que os aproxima do comando central. Cuidado! **Felizmente**, assim como *Luzbel*, eles tremem ao ouvir alguém pronunciar **O SANTO NOME DE JESUS**.

17. CRÔNICAS DE MIRORÓS

MIRORÓS: progresso em derrocada

O PIOR MESMO É O CRÍTICO DE PLANTÃO. Decepções e frustrações acontecem sempre e sempre. E quando a luz se transforma em trevas? Desesperada. É assim que se sente a população de *Mirrorós*.

Nossos governantes deveriam saber que o projeto *Mirrorós* seria a fonte de toda a riqueza daquele povo; ainda assim o condenaram tudo por falta de organização e compromisso.

A ausência de idealismo faz com que as pessoas fiquem perdidas e divagando sobre questões importantes da vida.

Mirrorós jamais imaginara o que o sombrio destino lhe preparava. Este encerra o papel de grande vilão de sua história. Tudo que se segue é bastante torturante e não precisa de mais tempo para que sua gente se convença disso. Aquele povo não se esquece por um momento de tudo que ficara para trás, por que lhe proibiram de viver o seu presente, a sua continuação.

Uma vida reprimida é inevitavelmente uma existência comprometida. Quando aquele miraculoso projeto fora instalado, os habitantes dessa região cumprimentaram-se num amplexo esfuziante, como uma criança ao receber um doce de presente; pois, ali seria o meio mercantil e a inquietação de um estuário de forças: de forças agrárias, de riqueza, de trabalho. Hoje, muge o vento – do passado –; só isto, e nada mais. Aqui, não posso, e não devo suavizar a acidez de minha prosa. O leitor, sem dúvida, comove-se com o tom lancinante desse recado.

Tamanha tragédia é coisa de pasmar uma universidade, por mais modesta que seja – e quem ao contrário disser mente e remente por mais de mil vezes.

Temos que seguir com a nossa luta. Do restante, deixemos a Deus com seu cuidado. É isto que todos farão de boa vontade; caso o medo que estão sentindo lhes consinta.

Só para constar: na *Universidade de Sorbonne*, na *França*, um professor cientista construiu uma máquina que “produz água no deserto; utilizando a umidade do ar que sopra no próprio deserto. Inicialmente, 1.000 litros por hora”.

Sabemos, entretanto, que a solução para os problemas da humanidade, inclusive os problemas ambientais sempre esteve e estará na evolução dos estudos tecnológicos. É a Tecnologia ou especialmente a Biotecnologia que torna a humanidade mais humana e a aproxima de Deus. Com a palavra os bioquímicos norte-americanos – *Stanley Cohen* e *Hebert Boyer* – A descoberta do fogo com o cozimento da carne proporcionou mais proteína a nossa dieta aumentando consideravelmente o tamanho do cérebro.

“Homo homini lúpus est – O homem é o lobo do homem” – *PLAUTUS*.

18. CULTURA

“CULTURA / AMPLIAÇÃO DA MENTE E DO ESPÍRITO /
TORNA O SER HUMANO MENOS escravizado”

UM POUCO DA FUNDAÇÃO DO COLÉGIO DO PÔÇO

Mês Agosto, ano da graça de 1979.

O Professor *Mozart Fernandes de Souza* convidara o então vereador, *José Gomes Neto*, o *Zeca do Pôço*, para mobilizar a comunidade do referido povoado, à busca da fundação da escola Comunitária de Pôço; hoje escola *Padre José de Anchieta*.

E, em seguida, expedira uma correspondência, intitulada - *A Primeira Mensagem*; convidando a população para uma reunião a ser realizada na igreja local, às 14 horas do dia doze do mesmo mês e ano, onde contaram com as presenças dos Senhores:

Cristóvão Fernandes de Souza, Eudes de Abreu Neiva, Felinto Pereira de Souza, João Fernandes Neto, José Gomes Neto (Zeca do Pôço), José Germano Sobrinho, Ló Fernandes de Souza, Miguel Alecrim, Mozart Fernandes de Souza e Nestor Gomes de Oliveira, conforme ata lavrada naquela data.

A semente caíra em terra boa, fazendo-se justiça ao Senhor *José Gomes Neto*, que, ao lado do Professor *Mozart* e demais companheiros, envidara todos os esforços para a concretização daquele sonho comunitário.

Na verdade, a maior e primeira unidade educacional com *Ensino Fundamental Completo*, construída no interior do município de *Uibaí* (na sede já havia o *Ginásio Normal*), uma verdadeira façanha para aqueles tempos dificultosos, tão difíceis que muitas pessoas não acreditavam no aludido projeto, e, em função disso, até o criticavam. Mas, por outro lado, a maioria acreditara e o abraçara com muita dedicação e entusiasmo.

Glória a Deus nas alturas e Paz na terra às pessoas de boa vontade,
Palavra do Senhor.

O trabalho era executado sempre com a participação de todos. Todos os de boa vontade, é óbvio. Cada final de semana, sorteava-se uma bicicleta, a fim de adquirirem-se fundos para tocar a obra. A referida bicicleta, trazida de *Irecê*, pelo Vereador *José Gomes Neto*, seria sorteada no domingo e entregue antecipadamente ao pagamento; pois, se fizera uma espécie de consórcio a ser cumprido semanalmente, tendo como objetivo pagar aos pedreiros e comprar material.

Os serventes, estes não receberiam salário, seriam voluntários. Assim sendo, gostaria de fazer uma homenagem especial a dois deles: *Cristóvão Fernandes de Souza* e *Eudes de Abreu Neiva*, em virtude de os mesmos, nunca terem recebido uma única falta, durante todo o percurso, ou seja, Sábados e Domingos, dias designados para a referida construção. Posso fazer esta afirmativa por que tenho conhecimento de causa. Elaborei uma folha de frequência e disponho do relatório de cada pessoa envolvida nessa brilhante epopeia.

Para constar / devo relatar um episódio um tanto doloroso, reconhecendo, entretanto, que, na vida, nem tudo são flores – Refiro-me a alguns conterrâneos desavisados, cujos nomes é melhor jogar no rol do esquecimento –. Tais elementos, em número de 15 –, resolveram tirar proveito do empreendimento e simplesmente deixaram de quitar as suas prestações, numa tentativa de inviabilizar o progresso educacional de nossa juventude. E, por outro lado, prejudicando a alguns sócios que em função desse ato covarde e desleal deixaram de receber os seus prêmios. Foi ruim, foi; porém, não ofuscou o nosso objetivo, que seria a fundação da escola em apreço.

É necessário que o Educador considere fundamentalmente a Educação como processo de ação da sociedade sobre o educando, visando integrá-lo segundo seus padrões sociais, econômicos, políticos e seus interesses. Portanto, a Educação tem as seguintes características:

1 – É um fato histórico, pois, se realiza no tempo; 2 – É um processo que se preocupa com a informação relacionada ao ser

humano; 3 – Busca a integração dos membros de uma sociedade ao modelo social vigente; 4 – Simultaneamente, procura transformar a sociedade em benefício de seus membros; 5 – É um fenômeno cultural, pois, transmite a cultura de um contexto de forma global; 6 – Direciona o educando para a autoconsciência; 7 – É, ao mesmo tempo, conservadora e inovadora.

Conclui-se que a educação é um processo baseado na análise sobre a realidade e, conseqüentemente, assimila suas necessidades e a crítica em suas inconsistências, agindo no sentido de atendê-la em ambos os aspectos.

Está, portanto, embasada em várias Ciências: *Filosofia, Sociologia, Política*, etc.

Nestes últimos tempos, temos tido muitas “reformas” no ensino, mas apenas de nomes – ações que não levam a absolutamente nada –. Senão, vejamos: a instrução pública virou educação pública; antes você teria o primário e ginásio; nos meus tempos de escola, havia um teste – Admissão ao ginásio – um vestibularzinho, seria a senha para o ingresso no ciclo ginásial. Agora é ensino fundamental; o segundo grau passou a chamar-se ensino médio; o supletivo recebeu um nome diferente, EJA; não temos mais a redação agora é a produção de textos; a alfabetização foi melhor contemplada, é letramento, e assim por diante. Já não suportamos mais tanta “criatividade” é demais, é demais.

Alguns gestores implantam escolas modelos. O importante é termos uma rede integrada, e não pontos de excelência. Ou você investe realmente ou não terá Educação de qualidade. Temos de ter professores e gestores bem capacitados e bem remunerados. A boa remuneração atrai bons profissionais. Isto é inegável.

Mais dinheiro a ser investido na Educação, não poderia haver uma notícia melhor. O problema é a corrupção. É necessário que os corruptos sejam executados exemplarmente. Já existe alguém por aí pensando em como fazer para passar a mão nessa grana – que sejam levados a uma colônia agrícola –, onde possam aprender, plantando milho e feijão. Caso contrário, o prejuízo será bem maior.

19. UMA PEGADA DE TOUROS

LANÇANDO O OLHAR AOS TEMPOS DAQUELAS CORRIDAS, podemos contar mais ou menos 70 anos, de lá para cá. E vamos desembarcar em outra época, talvez pior, talvez melhor.

Aproximava-se o ano da graça de 1947, quando o mano JEÓ resolvera juntar uma manada de bois a ser vendida aos mateiros – homens de *Ipirá* e *Mundo Novo* –, que eram os compradores de *gado* na região sertaneja. Para realizar tal feito convidara alguns vaqueiros da redondeza que chegavam de todas as partes, montando garbosos *cavalos*, alegres e dispostos a enfrentar a cruel, porém, divertida peleja.

O vaqueiro, cavalcando o seu *potro* bravo, com ares de um forte cavaleiro medieval, desafiando as veredas e sebes agrestes, com os sentidos aguçados, e olhos bem abertos, por estar diante de uma vegetação tremendamente agressiva, como é exuberantemente composta a flora nordestina; onde qualquer desavisado poderá perder-se fatalmente no meio do entrelaçado das árvores, e, demais plantas rasteiras que formam verdadeiros labirintos, podendo levá-lo ao mais iminente perigo com *mandacarus* entrelaçados, formando cercas compactas que tentam firmemente impedir a passagem do herói dos campos, o destemido *vaqueiro*. Aí, pode-se observar aquele pequeno grupo de pessoas assemelhadas, lançando-se desordenadamente em todas as direções, com uma capacidade de resistência inquestionavelmente prodigiosa. A submissão do *touro* berrando desesperadamente dá-nos a impressão de uma tortura profundamente implacável.

A pega dos *novillos* ocorrera na *Faz. Boi Carreiro*, cujo terreno resume-se numa camada profunda recoberta por um segmento de rochas que afloram sucessivamente aqui e ali.

A maior preocupação dos *vaqueiros* é com a sinuosidade do solo que se apresenta todo cheio de rachaduras e buracos muito perigosos, assim é a epopeia nos caminhos de um *vaqueiro*.

A vida econômica da família fora sempre calcada nas atividades agropecuárias, levando-se em conta que o manejo do *gado*, tanto *vacum*, como *caprino* e *ovino*, neste lado do Nordeste, sempre teve uma presença mais destacada do que a Agricultura que se restringia em épocas passadas a minguadas culturas de subsistência representada pelo *milho* e o *feijão* ao lado da *mamona*, que sempre fora um cultivar mais resistente à estiagem; mesmo assim, sua produtividade tem sido escassa e incerta devido à instabilidade da estação chuvosa. *É o Nordeste com suas benesses e mazelas.*

20. O PEIXAMENTO DA LAGOA DO PÔÇO (SALINA)

O PROTAGONISTA DESSA HISTÓRIA, o Sr. *José Fernandes de Souza*, o (*José Caboclo*) que gostava de examinar as Sagradas Escrituras, como ele próprio tinha o hábito de declarar: “estou examinando as Sagradas Escrituras” E, acrescentava – devemos conhecer melhor os Ensinamentos de Deus–; exortando aos filhos para que não fossem obstinados contra a Palavra. A observassem com alegria e por este meio alcançassem a vida eterna.

E, assim, fazendo uso do Ministério contido no **Livro Santo**, advertia-lhes sobre as consequências concernentes à desobediência aos Mandamentos do Senhor.

Ensinamentos absorvidos com a leitura constante da **Bíblia Sagrada** e outros textos que lhe eram imanescentes.

Sendo que, muitos outros, além dos familiares, visitavam-no constantemente, a fim de ouvirem as suas admoestações.

Agora, passo a fazer um relato circunstanciado a respeito de um fato inusitado, ocorrido em certa manhã. Estando ele a fazer uma pregação religiosa domingueira, surgira ali uma mulher, oriunda de um povoado vizinho. Mulher esta, dominada por uma força estranha e, ao ouvir a Palavra, começara a tremer, vindo a cair ao chão. Ele impôs-lhe as mãos e ela voltou a si, cobrando imediatamente a razão.

A essa altura, fui intimado por meu pai, a trazer um copo com água da *moringa*. A *moringa* era um vaso de barro que ficava sobre a mesa da sala principal de nossa casa. Sempre cheia de água. Antes de esvaziar-se, nossa mãe providenciava enchê-la de novo, nunca deixando aquela vasilha totalmente vazia. Pois, segundo ela, a água teria sido benzida pelo padre rezador da *Santa Missa*, em nosso povoado, e, caso o conteúdo da mesma não chegasse ao fim, continuaria bento, como dantes.

O mais estranho é que, ao chegar trazendo o copo d'água, a mulher rejeitara-o veementemente, dizendo: “eu não bebo água

benta". Ora, quem teria comentado alguma coisa com aquela mulher a respeito da benzedura da água. Sendo uma pessoa estranha, não frequentava a nossa casa, não tinha contato com ninguém do povoado. Além do mais, todos nós mantínhamos sigilo absoluto sobre a santidade atribuída à água em questão.

Anteriormente, comecei a imaginar que estávamos diante de um choque epilético, porém, em função das declarações da vítima, explicando como aquela sombra maligna (segundo ela) passara a fazer parte de sua vida; exatamente durante um baile sifilítico, apoderando-se de seu corpo num momento crucial e, como lhe fazia sofrer; afastei convictamente, qualquer suspeita de uma frustração psicológica. Estávamos realmente, convivendo com uma manifestação advinda das esferas inferiores, causando espanto até mesmo aos mais céticos.

A cena aqui comentada ficara retida em minha memória, abalando o meu subconsciente, tal fora a impressão causada em todos nós, espectadores daquele funesto espetáculo.

Todas essas passagens ocorreram à sombra de um velho *juazeiro* (*Zizipus juazeiro Mart*). Árvore típica do Nordeste brasileiro e, como todas as outras, digna de um grande respeito, porque, além de nos servir de abrigo, nas horas de maior calor do dia, produzia frutos apreciadíssimos pelos animais, especialmente os *caprinos*.

Em tempos mais remotos, segundo informações dos antepassados, fizera parte do material de limpeza, usado pelas famílias carentes, que extraíam de suas cinzas uma matéria prima chamada decoada (palavra indígena) que era usada na fabricação de sabão.

O referido material sofria um processo muito rudimentar – as cinzas adicionadas à água –, ficariam em repouso dentro de uma espécie de saco, também de origem indígena, denominado *jequi*. A mistura permaneceria por vários dias, sempre gotejando, e, ao ser recolhida, sofria uma purificação no fogo; sendo, em seguida, misturada a algum produto, como *sebo*, *castanha silvestre*, *mamona*, ou outro qualquer que servisse de base para a manufatura do precioso *sabão caseiro*.

Bem, retomando a sequência da palavra; nosso palestrante, enfatizando a sua narração, ao chegar à passagem da multiplicação dos *pães* e *peixes*, ao ler – e disseram eles “nós, não temos aqui, mais que cinco pães e dois peixes”. Aí, fez uma pequena pausa e disse: “estamos cem anos atrasados. Deus nos deu abundantes águas, e, nós não temos a capacidade de tomar posse das benesses do céu”.

Amanhã mesmo iniciaremos o peixamento de nosso lago. No dia seguinte, fomos a um lugar denominado *Baixão de Joaquim Rosa*; e, lá, fisgamos 19 filhotes de um peixe conhecido como *traíra*; foi o primeiro dia.

Em seguida, ele providenciara a nossa ida ao *Rio Verde* ou *Maquiné*; quando fretou um veículo, *jippe*, de propriedade do Sr. *Raul Bezerra*, apelidado de *Raul de Miralva*. Após ter contratado alguns pescadores do local, tivemos a sorte de capturar algumas espécies: *curimatãs*, *traíras*, *surubins* e outras.

Melhor esclarecendo: fazendo parte do pequeno rebanho piscoso, vieram apenas e tão-somente, dois *surubins*; para nossa tristeza, um pouco mais tarde, tivemos conhecimento de que um deles fora encontrado morto. O dito cujo, teria sido abatido a tiros por um morador do povoado. Seu nome? Prefiro olvidar. Estando ardidado, como se diz na linguagem popular, o peixe, já não serviria mais para o consumo humano, visto encontrar-se em estado de decomposição.

Mesmo assim, fora pesado por curiosos, alcançando a cifra de 18 quilos. Um bonito animal, sem dúvida.

Do outro *surubim*, ninguém dera mais notícias; pelo sim pelo não, deve ter tido a mesma sorte do companheiro. O acusado do delito, tendo sido interpelado à cerca do assunto, respondera – gosto muito de carne, especialmente, carne de *surubim* –.

É o antiprogresso. Fazer o quê?

Dando prosseguimento, o mano *Ló*, também cooperara com o peixamento do lago, quando trouxera alguns exemplares do povoado de *São Tomé (Ibipeba)*, precisamente, da propriedade do Sr. *Jovino*, então prefeito daquele município.

Resolvi relatar todos esses acontecimentos, buscando esclarecer que, sempre houve e sempre haverá, homens dotados do espírito de coletividade, como meu velho pai (*José Fernandes de Souza*, o *José Caboclo* e o *mano Lô*). E, especialmente, por que estão gravados em meu subconsciente e sentia o desejo de torná-los públicos, para que outros passassem a conhecê-los, e ficassem sabendo como de fato aconteceram.

21. O BUZU

NA CIDADE DO SALVADOR, capital do estado da *Bahia*, ônibus é *buzu*, motorista é *motô*, e cobrador é *cobra*. Os usuários do *buzu* constituem-se numa massa compacta, quase homogênea que está sempre em movimento contínuo, indo e vindo dos bairros para o centro e vice-versa; assemelhando-se a um imenso formigueiro humano, tal é a correria no afã de encontrar uma cadeira desocupada no interior do próximo *buzu* que irá partir em direção ao destino preferido.

O condutor, com a perícia e a calma de quem entende do ofício, tira fino em outros veículos que de início você espera uma perigosa batida, que na sua concepção será inevitável; mas, qual nada, o carro escapa ileso.

É realmente fantástico.

Quem vai a *Salvador*, com certeza, deverá observar a capacidade dos homens do trânsito. Eu que sou calouro fico fascinado com as manobras repentinas, executadas com a mais perfeita maestria e absoluta perfeição.

O tráfego na cidade grande é uma verdadeira epopeia. Os grupos de passageiros formados ao acaso parecem uma coisa combinada, dada a semelhança entre eles. Em cada parada o *buzu* recebe mais algumas pessoas semelhantes ou muito parecidas: no vestuário, na maneira de andar, em suma, no modo de agir; sendo que, umas carregam embrulhos e outras nada carregam; estão simplesmente, indo ou voltando do trabalho. A semelhança é tamanha que às vezes parece haver um pacto entre elas, ou estarem todas combinadas, o que não é o caso.

O bicho pega mesmo é nos finais de semana, quando a população em peso toma O caminho das praias: *Stella Mares*, *Piatã*, *Ribeira* e outras tantas que circundam o extenso litoral da *Bahia*. O mais interessante de si observar são os trajes do povo soteropolitano, (do grego *soterópolis*, de *soterion* = salvação ou salvador e *polis* =

cidade, daí, cidade do Salvador; soteropolitano em função do gentílico). As moças e rapazes, na sua grande maioria, são negros, sempre trajando roupas extravagantes; cabelos penteados de maneiras exóticas e usando todos os tipos de *penduricalhos*, enfeitando *pESCOÇO*, *orelhas* e *pernas*.

Deus pode ser negro, segundo o *Rastafarismo*, que é uma religião e também um movimento político.

O líder negro, *Marcus Garvey*, nascido na *Jamaica*, e que viveu nos *Estados Unidos*, sustentava em sua pregação que os negros deveriam migrar para a *África*, á espera do *Messias* (O Salvador), que estaria para voltar.

Quando o príncipe *Tafari Makonnen* assumiu o trono da *Etiópia*, muitos viram nele a realização da profecia. Os seguidores de *Garvey*, na *Jamaica*, criaram o movimento religioso denominado *Tafari*, acrescido da palavra *Ras*, que significa príncipe na língua etíope. O movimento atravessou fronteiras divulgado especialmente através da música *reggae*.

Os *rastafáris* conservam os cabelos longos – segundo eles, as madeixas atraem as vibrações positivas emanadas de *Jah*, Deus –.

O músico *Bob Marley*, cujos cabelos nunca foram cortados, representa a estrela, o maior divulgador do movimento *rastafári*.

Ah! Essa humanidade, não é brincadeira não.

Na realidade, o que nos deixa contentes, é saber que a população de Salvador constitui-se de uma gente muito ordeira; pois, nas idas e vindas de milhares de transeuntes, não se ouve falar nenhuma agressão ou cousa que o valha.

Salvador, a primeira capital do *Brasil*, é também a mais hospitaleira. Tal afirmação ganha peso quando se trata com turistas advindos de todas as partes do mundo que acorrem à boa terra para esquecerem-se do *stress* adquirido em outras metrópoles desprovidas de recursos naturais; portanto, sem base para oferecer uma temporada recreativa que seja capaz de minimizar as necessidades e transtornos psicológicos oriundos da batalha diária do mundo contemporâneo.

Salvador pode ser vista como um povoado africano dentro do coração do *Brasil*. Podemos compará-la com *Moçambique*: para cada branco, vinte negros e cinco caboclos (mistura de índio com branco) que a muito tempo vem colorindo a pele do povo brasileiro.

22. OS MALES DA MONOCULTURA

A CULTURA DO FEIJÃO NO TERRITÓRIO DE IDENTIDADE DE IRECÊ (TII)

ABRIU-SE A JANELA DO CAOS; preparou-se o cenário rumo ao desastre ecológico que posteriormente liquidaria, principalmente, a economia agrária na região. Nossa produção agrícola à época seria como um conto de fadas; uma forte magia escondendo o segredo original de sua prosperidade.

Mas, aquela policultura de antigamente, praticada pelos sertanejos dos tempos de antanho ou jurássico, fora substituída pela cultura do feijão. Aí, foi onde o diabo pôs o rabo. O governo federal, talvez com a melhor das intenções; porém, sem um estudo acurado da situação, abriu os cofres para financiar a cultura do precioso grão.

Com destaque especial; pois, se para costear as despesas com o preparo do solo para plantar um hectare de outra cultura qualquer seria liberado o valor de um xis; para preparar a mesma área, sendo *feijão* o valor seria de 3xis; com as exigências – primeiro o produtor teria que arar e limpar a terra (sempre com fogo). Ora, todos sabem que a aplicação desse processo de forma contínua, implica na degradação do solo. Entretanto, o cidadão despreparado e no afã de embolsar o dinheiro acabaria por destruir todos os cultivares de subsistência – a *mandioca*, a *cana*, a *palma* –, bem como toda e qualquer espécie capaz de resistir às intempéries da seca.

O curioso é que, já tive a oportunidade de ler um relato remontando à época do *Brasil* colônia que comentava a administração do conde *Maurício de Nassau* em *Pernambuco*.

Tratava-se do seguinte – “a Companhia das *Índias Ocidentais Holandesa*, designa o conde *João Maurício de Nassau – Segen* para administrar aquele pedaço de chão arrancado à coroa da Espanha”

Nassau, dotado de uma refinada inteligência fizera um governo que ficara indelevelmente registrado como uma experiência de

administração global: incentivava as *Artes*, as *Ciências*, o *Urbanismo*, a *Arquitetura*. Sendo que tudo isso só fora possível por que houvera na base um forte incentivo ao desenvolvimento econômico.

No tocante à Agricultura, emprestara dinheiro aos produtores rurais a custo zero (sem juros) e o mutuário poderia efetuar o pagamento do principal entregando o próprio produto recolhido na lavoura.

Por outro lado, procurara afastar os perigos da monocultura, decretando: – todo aquele que plantar financiado pelo governo, terá que reservar uma área contendo – 300 covas de mandioca, 300 covas de cana e 300 covas de palma – isto para as propriedades em torno de 10 ha; a partir daí seria proporcional ao tamanho da gleba; exigindo também que nas entrelinhas fosse cultivado o *mamoeiro*, a *batata doce*, a *aboboreira*, etc, etc, esclarecendo – Os produtos aqui referidos além de servirem para consumo humano podem alimentar pequenos animais, *caprinos*, *ovinos* e *suínos* –.

Causa-nos espanto. *Nassau*, um europeu recém-chegado ao *Brasil*, tivera uma visão tão profunda concernente aos problemas da seca. Quando nós brasileiros natos, sofridos; na maioria das vezes somos relapsos e descuidamos frequentemente dessa catástrofe, que com seus efeitos maléficos tem dizimado populações inteiras, impedindo o progresso desse imenso território nordestino.

“Nota: um dos nossos governantes chegara a sugerir a importação de japoneses para cuidar do desenvolvimento da região nordestina; assim também, é demais também”.

Se em qualquer parte do globo terrestre a monocultura é perigosa, imagine por essas bandas de cá, especialmente, em se tratando de *feijão* que é um cultivar que não oferece nenhuma resistência, nem mesmo por um período de 30 dias.

“Segundo estudo do CTA (*Centro Técnico de Aviação*) estamos entrando num regime de seca jamais visto em todos os tempos (Deus queira que haja uma reviravolta). De acordo com o órgão em questão, fenômeno mesolítico que ocorre no Nordeste desde o período neolítico. Vejamos as informações: no século XVIII, a região sofrera 36 anos de seca; no século XIX, foram 27 e no século findo 17;

em cada trinta anos, o semiárido nordestino tem sofrido o flagelo da seca. A curva senoidal de *Fourier* informa que o fenômeno reaparece sempre num espaço fixado entre 26 a 30 anos. A seca no Nordeste brasileiro vem sendo estudada cientificamente, desde 1975. Estudo praticado pelo CTA (*Centro Técnico de Aviação de São José dos Campos*). A seca ocorrida de 1979 a 1984 fora prevista pelo órgão em questão, denotando-se a presença do *EL Nino*, que aumentara ainda mais a incidência da catástrofe.

Em *Os Sertões*, obra clássica da Literatura brasileira, *Euclides da Cunha*, renomado jornalista e exímio escritor que, por sinal, fizera a cobertura da *Guerra de Canudos*, deixara um relato dramático a respeito das estiagens ocorridas nos séculos XVIII e XIX, onde lamentara os prejuízos sofridos pelos rudes sertanejos nordestinos.

O nobre deputado e notável escritor *José de Alencar* denunciara da *Tribuna da Câmara* – os efeitos da seca não têm limites –; isto, quando se referira ao grande flagelo desencadeado de 1877 a 1881 – . Como Presidente da República, *Epitácio Pessoa*, realizara grandes empreendimentos visando o combate à seca.

As secas históricas, aquelas que provocaram profundas hecatombes no semiárido nordestino, foram as de: 1583, 1614, 1690, 1693, 1720, 1725, 1824 a 1825, 1877, 1881, 1932, 1958, 1979 a 1984, todas de acordo com a senóide de *Fourier*. O cumprimento das previsões encaixadas dentro do espaço de 26 a 30 anos, impressiona pela exatidão.

Caso a senóide seja prolongada em regressão chegaremos ao descobrimento do *Brasil*, a curva coincidindo sempre com as secas ocorridas no passado”.

Enquanto o tempo corre e os registros meteorológicos são catalogados, cientificamente, os dados estatísticos oferecem previsões mais seguras, que agora contam com um componente auxiliador (a desertificação, o desmatamento), uma tragédia ecológica com profundos reflexos ao meio ambiente. A Agricultura de subsistência ainda é o núcleo central da economia regional.

Cerca de 700 bilhões de litros de água desabam anualmente sobre o Nordeste, sendo que noventa por cento desse total evapora-

se logo em seguida, criando-se as condições ideais para a desertificação e o conseqüente malogro para os cultivares de subsistência ou à estiagem.

Durante a seca que ocorrera de 1979 a 1984, segundo as más línguas, a nossa SUDENE desmatara cerca de 1,5 milhão de hectares da *Caatinga* nordestina, através das famosas frentes de trabalho; uma forte razão para que uma extensa faixa do Nordeste esteja em processo de desertificação.

Você só poderá vencer a seca, ou minimizar as suas conseqüências com muito Planejamento, muita técnica, muito investimento. Sabemos, todavia, que, nosso sertão sempre sofrera as agruras da seca; o próprio *Bioma da Caatinga* denuncia essa dura realidade, pois sua formação apresenta plantas xerófitas espinhosas típicas de uma região árida, tais como: *mandacaru*, *xiquexique*, *quiabento* e outras. Entretanto, essa estiagem obedecia a um ciclo constante, sendo amenizada através de paradas significativas, como demonstrara a curva de *Fourier*.

O grande problema é que, o sertanejo, carente de uma ocupação mais rendosa, resolvera interferir de maneira radical. Como? Ora como: simplesmente destruindo nossa reserva de *Caatinga* – arrancando, queimando, enterrando –; Será que *Darwin* teria mesmo razão a respeito de nosso ancestral? Pois é; o bicho homem não satisfeito com a destruição impiedosa das sobras de mata, até então ainda existentes em nosso meio, partira para a sucção da água que irrigava o nosso subsolo (lençol freático) já era, *Fauna* e *Flora*, nem é preciso falar. São perdas irreparáveis.

Esta intervenção fora tão desastrosa que em uma determinada região o solo começara a apresentar fendas profundas; pedindo socorro, ou vocês param ou o mundo acaba. E agora *José*?

E DEUS arrependeu-se de ter criado o homem.

23. AUTOMORFOSE

CAMINHAS,

AVANÇAS, recusando-te a reconheceres a tua própria imagem; ofereces resistência, mas na verdade és apenas um esboço de figura humana. Prolongas uma presença já bastante enfraquecida. Tens a guerra da velhice travada no teu rosto. Forças estranhas armam-te emboscadas. Há anos és bombardeado por feridas mal curadas. Embora enfraquecido fincas os pés no chão. Num desespero hercúleo apelas para as últimas reservas de forças.

A vida sempre colaborando, segues lutando contra a grande massa de obstáculos que vão surgindo no teu cotidiano. Além, muito além, desembarcas nas praias minadas do teu sonho; mesmo desalentado cultivas o precário, o inútil. No final da corrida, caís na vala comum dos desenganos.

Agora esperas o tempo passar, ou és tu que estás passando? Escusas em aceitar o óbvio. Foram-se os irmãos, os companheiros. A solidão da tua jornada denuncia a aproximação de uma grande metamorfose. Sabes que ninguém te está ouvindo, nem tu mesmo sabes de onde estás falando. Tens perdido todas as tuas faculdades. Assim é – comesças perdendo os dentes, os cabelos –; não há um abalo muito acentuado; pois, a saúde continua dando sinais de vitalidade.

Em seguida, sentes que o físico já não dá as respostas exigidas ou necessárias ao dia a dia.

Perdes a força, em suma, a agilidade. As mãos ficam trêmulas, ainda há um consolo, a vista continua resistindo; mas não tarda, os olhos começam a ficar opacos, perdem o brilho. A tristeza invade a tua existência; resta-te a voz, porém, a boca já disforme, não deixa refletir-se a nitidez eloquente da juventude.

Agora é preciso repensar outra saída, entregas-te à meditação; orando continuamente, forjas um novo comportamento, tens que

prosseguir. Continuas agradecendo pelo domínio de alguns órgãos, que ainda estão sob controle: as pernas, por exemplo, permanecem fortes.

De repente, sentes o baque, não podes levantar, mas continuas reclamando apesar do confronto com uma barreira extremamente obscura; sem nenhum preparo para enfrentá-la, já estás na hora de passares desta pra uma melhor.

É quando o indivíduo passa a ser um estranho na selva humana.

O sentimento aterrador da velhice, é o grande catalisador de seus pensamentos. Através do comodismo, próprio do velho, ele nunca poderá combater a tal patetice. Não há novos planos. Há apenas a estaticidade; intervalo inerente ao pensamento de alguém que está imerso na contemplação.

Ora, os homens são sábios, eles simplesmente criaram um lugar onde teu descanso vai ser eterno. Não tenhas medo, apesar de alguns pessimistas chamarem a tua nova morada de *Cidade de pés juntos*, outros mais espirituosos chamam-na de *Campo-Santo*.

Qual seria a tua opção, a primeira ou a segunda denominação? Claro que a segunda. *Campo-Santo*, bonito nome.

Se buscarmos ouvir mais detidamente o clamor do espírito humano chegaremos à conclusão de que, quase a totalidade desses seres, não está preparada para a realidade da vida, tão impropriamente chamada de morte. Há outro meio de calar a *esfinge*, que não o empregado por *Édipo*? Sim, neste caso seria adormecê-la através da oração. Alguém diria; ora, mas não se deve misturar o profano com o sagrado, Mitologia com crença ou Religião. É de fato um paradoxo; porém não chega a ser profanação. É o caso de o pensamento ficar retido por certo tempo vislumbrando alguns pontos que acabam fazendo parte do contexto de uma geração. Um sentimento mais profundo poderá trazer-nos alguma paz, mas só alguns mais crentes têm a capacidade de manterem-se neste pilar.

A dramaticidade do vir a ser, na maioria das vezes, precipita-nos num movimento de várias direções, com a convicção de sermos

atraídos para o melhor, em vista de nossa vocação estar sempre apontando para o alto.

Fica a memória, de acordo com o comportamento de cada um em determinado meio. É mais doce a história quando os dados biográficos são recheados de bons exemplos; aí nosso passado soa como uma poesia.

Nossa mensagem pretende interpretar as incongruências do tempo relacionadas aos seres humanos. No entanto, o tempo é indescritível. Indestrutível. Sempre existiu e sempre existirá. Absoluto - É como um ser supremo que se basta a si mesmo. Entretanto, buscamos dividi-lo: dia, mês, ano; são limitações que a mente humana tenta impor ao tempo; imaginando entendê-lo melhor.

Incapaz de dominar o tempo. O homem se volta para o divino. Aí encontra uma resposta; tênue, nebulosa. Mas é uma resposta.

Todavia, tudo se resolverá. Exceto o próprio tempo. É só dar tempo ao tempo. E nessa labuta inglória de dominar e desvendar os mistérios do tempo; o tempo se escoa; tornando o ser humano um mero brinquedo do tempo que logo desaparecerá.

Segundo *Einstein* - “É possível voltar no tempo: voltar ao passado. Teoria da Relatividade”.

24. OS SACRAMENTOS / A PALAVRA

ESTA CRÔNICA, com apanhados teológicos, embasada na pedagogia cristã, propõe a verdadeira interpretação do sentido da palavra.

A palavra é o verbo, e o **Verbo é DEUS**, o verbo está com Deus e o Verbo estava montado no jumento. O *trigo* que semeou o semeador evangélico; diz **CRISTO** que é a palavra de Deus. Para o velho *Caboclo*, a palavra teria que ser pronunciada sempre com respeito; pois, ela é uma coisa sagrada, um Sacramento. “A palavra faz fruto, até nas pedras, não nas vontades endurecidas. Deus nos livre de uma vontade endurecida. E usando a força da palavra, ferira Moisés com a vara a pederneira, dela jorrando águas copiosíssimas. E endurecia o coração do Faraó”.

Ela é sempre consagrada; porém, nos corações tementes a Deus, onde frutifica cento por um. Numa família, embora pobre, vive-se com alegria, é um lugar sacramentado.

A música do padre *Zezinho* dá-nos um exemplo claro quando diz “em nossa casa faltava tudo, mas a gente nem ligava”. Nesta casa, a própria comida, ou o memento da refeição tornava-se um ato sacramental, um instante de prazer, de santidade, estreitando os laços familiares; muitas vidas tornando-se uma só vida.

De acordo com os dogmas da igreja primitiva, os Sacramentos eram em número de 304, incluindo-se aí também a palavra. Após vários sínodos e concílios, exatamente, no *Concílio de Trento*, a igreja resolvera fixar em apenas 07, o número dos Sacramentos; ou 04 + 03.

Quatro representando o *Cosmos*, os quatro elementos da natureza: *terra, água, fogo e ar*; três a *Santíssima Trindade (Pai, Filho e Espírito Santo)*. Com muita propriedade, meu velho pai afirmava: o homem é pela palavra, cuja função precípua, não é anunciar isso ou aquilo, antes de tudo a palavra anuncia a pessoa que fala, por que a pessoa é, essencialmente, a própria comunicação. Não sei se dizia

por conhecimento doutrinário, adquirido através da igreja primitiva, ou por mera intuição profética.

Até o século XII, usava-se a palavra Sacramento, recuperando-se a mais antiga tradição da igreja, para tudo que se referia ao sagrado; como já fora mencionado – No *Concílio de Trento*, a igreja fixou os Sacramentos: o *Batismo*, a *Confirmação*, a *Eucaristia*, a *Penitência*, a *Extrema-Unção*, a *Ordem* e o *Matrimônio*. A escolha dos sete Sacramentos operada no século XII, não fora arbitrária, conforme já dissemos; foi uma profunda articulação envolvendo principalmente os ritos sacramentais.

Os sete Sacramentos representam os eixos fundamentais da vida humana: o *nascimento*, o *batismo*, integrando a pessoa na comunidade cristã; a *maioridade*, quando adquirimos uma maior responsabilidade social; o *matrimônio*, iniciando-se a vida conjugal; a *unção dos enfermos* preparo último para a vida eterna. O *perdão*, a maior das caridades; a *ordem* que nos prepara para o reconhecimento.

Os Sacramentos fazem-se sentir nos momentos essenciais da vida. Aí se explicita a presença de Deus. A casa familiar, apesar de franciscaneamente pobre, as pessoas vivem com alegria, Os Sacramentos sublimam os momentos-chave da existência humana sobre a face da terra.

Hoje, não sabemos mais o que é Sacramento, os antigos sabiam; para eles Sacramento era tudo que viviam e todos vivem; nossa vida diária é puro Sacramento. A civilização atual, um tanto materialista, não possui a capacidade de visualizar os enigmas que denotam a presença de Deus. A linguagem sacramental leva-nos a modificar a práxis humana, leva-nos à conversão, ao arrependimento; a bem dizer à boa convivência.

No nosso cotidiano, medram os Sacramentos mais vivos e verdadeiros: o *campo*, a *fonte*, a *roça*, o *trabalho*, o *prato de comida*, a *flor*, a *foto da família*, a *velha casa paterna*. Estas coisas viram pessoas; falam, possuem coração. São Sacramentos. Temos que nos render, a igreja primitiva tinha razão. *Sacramento é tudo quanto é visto a partir da luz de Deus.*

25. UM PIQUENIQUE EM ITAGUAÇU DA BAHIA (TIRIRICA DE LUISINHO)

AO SUBIR À SERRA, demonstrava-me mais natural do que nunca. Meu grande medo era de que um entrevero qualquer se encarregasse de atrapalhar a nossa sublime e divertida brincadeira.

Até àquela altura, como sempre, permaneci quieto e bem acomodado; limitando-me a tomar banho no riacho de águas límpidas e cristalinas; além de subir em alguma árvore que nos deslumbrava ensombrando as margens da fonte; também observava as macaquices dos *saguís* correndo sobre a copa da mata, pulando de galho em galho, como fazem os trapezistas nativos da floresta.

Era um piquenique acontecendo em um domingo de sol ardente, no verão do mês de agosto do ano da graça de 1960. Moças e rapazes subiam e desciam os barrancos do morro ao lado, sempre cantarolando. Uma colega quis dizer, em outras palavras, que eu era bobo, porque não estava aproveitando de verdade aquela animada festança. Pedi-lhe que fosse mais objetiva para não aumentar ainda mais, a minha timidez.

O terreno arenoso salpicado de pequenos cristais apresentando os mais variados tamanhos, formas e tons dava um aspecto encantador àquele recanto do *município de Itaguaçu da Bahia*.

O morro próximo parecia alegremente adornado pelas plantas nativas espalhadas ao longo da encosta, sentindo-se o perfume dos *ipês* floridos, confirmando a presença de uma natureza naturalmente ecológica.

Comecei a descer, vagorosamente, apreciando os mínimos detalhes de uma tão majestosa serra que ali demonstrava a sua pujança, através de árvores exuberantes, como *jatobás* e *sucupiras*, nascidas talvez há mais de um século.

As pedras cobertas de limo, o vento acoitando os galhos entrelaçados das *gameleiras* e *samambaias* silvestres. Sempre nos proporcionando o sopro de uma branda vibração.

Deu-me vontade de correr; vi os pés afundar-se na lama das enxurradas que circundavam as pedras reluzentes, que brilhavam ainda mais, em função de uma chuva fina, temporã, teimando em cair de forma intermitente.

Tomei fôlego e corri, corri desabaladamente. De repente, o caminho tornara-se estreito, aproximando-se da rua, um pequeno povoado de gente alegre e bastante hospitaleira. Ouvi o cantarolar das *galinhas*, o ganido dos *cães*; homens falando em altas vozes e pandeiros agitados nas bodegas de cachaça; *papagaios* falando e arremedando pessoas. Parei, abri a boca sorvendo o ar. Picado pelas *moscas*, lanhado pelos espinhos. Tropecei e cai. Fiquei estendido ao longo da estrada.

Repentinamente, o sol começou a dardejear-me com os seus raios inflamáveis. Contudo, eu era feliz, e muito contente relembrava a corrida, esquecendo-me de todos os perigos da floresta, esquecendo-me de tudo, *não das colegas que me tinham na conta de um bom camarada*.

Essa brincadeira tão divertida e festiva era sempre animada pela boa música sertaneja. Não havia entrave em relação ao gosto ou não do estilo musical que se ouvia. A primeira cantoria a ser puxada pelo vocal animador seria o refrão Quebra – Quebra “Guabiraba”.

De resto, por que não se pagavam bilhetes e não havia barreira ou muros para transpor; a música era ouvida durante a viagem e sempre interpretada com entusiasmo, e no bom sentido; música e arte para todos. Até por que, música é música. O melhor é sermos livres para cantar de maneira interessante e prazerosa.

26. UMA INFORMAÇÃO INTERESSANTE

O PADRE JESUÍTA CAMILLO TORREAND, conhecedor e dominador de trinta e dois idiomas, inclusive escrevendo gramática em todos eles; percorrendo nossos sertões, a convite do colega, *José Magalhães*, atuante na região; em chegando a *Morro do Chapéu*, resolvem adentrar mais um pouco, sertão abaixo, com celebrações em determinados locais. Aí, foram convidados pelo Sr. *José Fernandes de Souza*, para efetuar uma dessas celebrações no povoado de *Juá*; então, a Santa Missa, fora rezada pelo insigne poliglota no respectivo povoado, a 01 de janeiro de 1922.

Torreand, consultado por um dos fiéis, este, um professor leigo, metido a letrado, sobre como pronunciar mais acertadamente, respondera: devemos perder as palavras por breves, nunca por longas; esta é uma regra muito prática. Daí por diante, o ilustre mestre começara por abreviar todas as palavras: “máchado”. Enquanto o companheiro melhor esclarecido, tentara corrigi-lo; não é “máchado” a pronúncia correta é machado. Arrematara o primeiro; ora bem, você quer saber mais do que *Camillo Torreand*.

OUTRA NOTA EM PARALELO

“**NAQUELES TEMPOS REMOTOS**, poucas pessoas teriam o privilégio de ser alfabetizadas; no povoado de *Juá*, não seria diferente. O amigo *João* fora fazer uma visita de cortesia ao amigo *Pedro*, e esquecera a espingarda em casa do amigo; em seguida escrevera-lhe uma carta, enchendo uma página inteira com a vogal “ó”. Alguns dias após, ao encontrar novamente o amigo que recebera a visita; este lhe dissera que não entendera o conteúdo da missiva; aí viera a explicação: ó compadre, ó mande, ó a espingarda, ó que ficou, ó atrás, ó da porta”. Explicado, não?

27. A GENÉTICA E SUAS MUTAÇÕES

PALAVRA DA CIÊNCIA

NAS PONDERAÇÕES ABAIXO DESCRITAS, não temos o objetivo de tornar crível o impossível, provável, o apenas possível, e nem absolutamente certo, o apenas provável. Utopia, talvez. Entretanto, tudo se repropõe, desde a origem dos tempos. Este é o fundamento da esperança. Recebemos o benefício do tempo que avança. Novas descobertas podem trazer à tona verdades que o tempo encobrirá.

Todavia, podemos fazer um breve relato sobre duas grandes civilizações que entraram em derrocada. Uma delas viera de *Jerusalém* no ano 600 A.C; e, posteriormente, dividira-se em dois povos distintos conhecidos como *nefitas* e *lamanitas*. Outro grupo conhecido como *jareditas* viera bem antes; quando o Senhor confundira as línguas na *Torre de Babel*. Milhares de anos depois estariam todos extintos; exceto os *lamanitas* principais ancestrais dos índios que se espalharam por todo o continente americano.

Estas informações foram encontradas por arqueólogos que fizeram escavações nos arredores de *Nova York*, nos *Estados Unidos da América*. Um desses Senhores tivera uma visão, e a princípio, não dera nenhuma importância. Porém, quando sonhara pela terceira vez, alguém lhe informando a existência de um tesouro em um determinado local; aí, resolvera fazer escavações no lugar apontado, deparando-se com cinco placas: uma de *prata*, uma de *bronze*, e três de *ouro*; sendo que nelas estava grafado um longo texto em hebraico com os dizeres: *Saibam todas as nações, famílias, línguas e povos a quem estas notícias chegarem que aqui estão inscritos os anais dos lamanitas*.

As placas em apreço, onde se acham inscritos os respectivos memorandos, encontram-se guardadas em um pequeno museu histórico da cidade de *Nova York*, contando a saga dos *lamanitas*;

inclusive, dando conta de como este povo fora instalado em várias partes deste nosso imenso continente americano. Isto é *América do Norte*, 03 países. *América Central*, 20 países; e *América do Sul*, 12 países; num total de 35 países.

Ao tempo em que alguém tece elogios a *Shmit* e sua equipe de cientistas, autênticos decifradores dos caracteres hebraicos pendentes das placas em questão. É importante sabermos que, em suas conclusões, vamos depararmo-nos com fortes argumentos de mutações ocorridas no gene daquela gente, e, sua conseqüente volta a um estado primitivo, em função de sua adaptação ao novo meio geográfico.

28. RECOMPONDO A GENÉTICA

RETOMANDO A RECOMPOSIÇÃO GENÉTICA: os *Fernandes de Souza*, viriam ao Brasil, em maior número, especialmente na armada de *Tomé de Souza*; primeiro governador geral. Este trouxera a primeira *Constituição do Brasil*, (o Regimento), que se compunha de 45 capítulos, versando sobre, e distinguindo cada setor da administração da colônia. Segundo nossa pesquisa, *Garcia D'Ávila*, almoxarife da Armada, seria filho bastardo de *Tomé de Souza* com uma judia; este fato é bastante curioso e digno de ser apreciado; visto que, àquela época, o Tribunal da “Santa Inquisição”; andaria à procura de qualquer pessoa carregando em suas veias, uma única gota sequer de sangue judeu, a quem chamariam “ gente de nação”.

Os *Fernandes*, cuja estirpe, teria laços familiares com a árvore judaica ou marranos; assim fazendo parte do grupo de Cristãos – Novos, alcunha utilizada por estes a fim de disfarçar a sua origem abraâmica; talvez, influenciados por *Garcia D'Ávila*, resolveram embarcar.

Dentre este contingente de 35 pessoas que deixara *Portugal*, para tentar a sorte nas terras de *Santa Cruz*, poderíamos destacar: *Monsanto Marcos Fernandes de Souza* estabelecera engenho no *Espírito Santo*; *Manoel Fernandes de Souza* (mercador no *Porto*); *Francisco Fernandes de Souza* (mercador no *Porto*); *Sebastião Fernandes de Souza* (provedor da fazenda); *Luís Fernandes de Souza* (contador da fazenda). Este seleto grupo formado por pessoas de posse, mas que apesar da ascensão social, ainda assim, sofria muitas perseguições em função da suspeita de terem algum gene advindo da raça desprezível, ou seja, do povo semita.

Vale ressaltar que, alguns deles, liderados por *Garcia D'Ávila* ajudaram na fundação da *Casa da Torre*, obra do Mestre *Garcia D'Ávila*, lá nos arredores do município de *Mata de São João*,

Recôncavo baiano, sede do Projeto *Tamar*, para preservação da *tartaruga marinha*. Praia do Forte, *Garcia D'Ávila*.

Àquela época, o êxodo de cristãos-novos de *Portugal* para o *Brasil*, foi tão significativo que chegaram a cogitar a separação do *Brasil*, fundando aqui a *Nova Israel*; tendo o Sr. *Garcia D'Ávila* como chefe supremo. Entretanto, a ideia fora abortada em função do temor ao Tribunal da "Santa Inquisição", ou "Santo Ofício".

É de causar espanto, como os hebreus têm sido perseguidos através dos tempos: desde o patriarca *Jacó*, passando por *José do Egito*, filho do mesmo *Jacó*; quando após o desaparecimento de *José*, foram escravizados pelos faraós do *Egito*; depois, pelo Tribunal da "Santa Inquisição"; aí, a igreja católica, tomada por uma sanha perigosa, insistira em persegui-los, sem dó, nem piedade, lançando-os nas prisões do "Santo ofício", sequestrando todos os seus bens, sendo torturados até à morte. Hitler "lamentava com pesar: quero exterminar todos os judeus, mas ninguém me ajuda!".

29. NOSSOS GENITORES

JOSÉ FERNANDES DE SOUZA E DONATÍLIA FERNANDES NEIVA, após terem perambulado por *São Tomé*, ainda em *Barra do Mendes; Juá Velho*, à época, município de *Morro do Chapéu*; por força das circunstâncias, vieram a dar com os costados no povoado de *Pôço*, pertencente a “Xique-Xique”, no ano da graça de 1932. Quando o Nordeste brasileiro, como sempre, estava sendo assolado por uma grave e terrível seca, dizimando, especialmente, as comunidades menos favorecidas pela natureza, e, conseqüentemente, com menor potencial aquífero; por sinal, a maior atração ao povoado em questão; fora, essencialmente, a abundância do líquido precioso, indispensável à manutenção da vida na face do planeta terra.

Em chegando àquela localidade, tiveram alguns vizinhos:

José Gomes de Oliveira, Anilina Ferreira, Antônio Machado e Outros. Foram abençoados com uma prole numerosa, num total de 14 filhos; pois, àquela época não haveria o controle de natalidade; conhecendo-se apenas a expressão bíblica: “crescei-vos e multiplicai-vos.”

Uma família é um Santo Sacramento.

Iniciando-se por Lindolfo por ser o primogênito. Vieram depois: Plínio, Jeó, Zeca e Lô. Para continuar, Cristóvão e Mozart. Seguindo um plano reto, houvera uma pequena pausa, terminando com João Neto.

Citei os homens, as mulheres cito ainda:

Donina, Adalgisa, Eunice, Judite, Dalva, e finalmente, a mais nova, *Deolinda*.

No aludido povoado de *Pôço*, o Sr. *José Caboclo* e sua família, viveriam da agricultura de subsistência; mas, também, cuidavam

da criação de animais: *bovinos, caprinos e ovinos*; mantendo currais em *Pôço, Chapadinha e Boi Carreiro*. Estas comunidades, situadas ao pé da Chapada, denominada *Alto da Andiroba*, sem conhecer a civilização formal, desenvolviam sua cultura própria, e, por sinal, bastante camarada. Aqueles lugarejos, formados por gente simples, mantinham uma convivência extremamente pacífica, ajudando uns aos outros.

30. GRAUS DE PARENTESCO

LEVANDO-SE EM CONTA um aprofundado estudo investigativo, o Sr. *José Caboclo*, seria parente em terceiro grau, do contratador de *pau Brasil*, *João Fernandes Vieira*, que em busca de metais preciosos nas terras da chapada, concebera amores com uma índia, da qual nascera um rebento, que fora batizado com o nome de *João Fernandes Fernando* (pai do Sr. *José Fernandes de Souza*. Objeto deste relato biográfico), em homenagem ao rei D. *Fernando VII* de *Espanha*, de quem o *Brasil* fora súdito por um longo espaço de tempo.

Este soberano pôs fim à Inquisição naquele reino. Sempre como parte integrante do aparelho de Estado; essa instituição instaurada pela igreja católica, e que, segundo o pesquisador *Justine Glass* julgou, condenou e matou cerca de 09 (nove milhões) de pessoas, inclusive sequestrando seus bens. Pasmem! Senhoras e Senhores. Esse espúrio “tribunal” continua vivo; mantido pelo Estado Pontifício. Hoje, com a denominação de *Congregação para a Doutrina da Fé*.

Revedo-se a gênese histórica de *João Fernandes Vieira*, este era ascendente direto, pelo lado paterno, do rei D. *Fernando*, mencionado anteriormente. De acordo com a enciclopédia de nomenclaturas, o termo *Fernandes*, é a modificação da palavra *Fernando*, quando adotada pela língua portuguesa (um *Patronímico*).

Em nosso Brasil, o cruzamento do branco com o índio, dera origem ao caboclo; em função desse caldeamento, nosso genitor, fora apelidado de *José Caboclo*.

Hoje, de acordo com o desdobramento da História, ser caboclo gera status e é motivo de orgulho. Para comprovar esta afirmação, na praça *Dois de Julho*, em *Salvador*, você poderá apreciar a estátua do *caboclo* e da *cabocla*, em homenagem a eles, pela sua participação nos combates belicosos quando da *Independência da Bahia*; à semelhança da peleja de *Aquiles* contra *Heitor* no duelo homérico; repetido heroicamente nas batalhas de *Cabrito* e *Pirajá*; e num esforço

hercúleo, “em perigos e guerras empenhados, mais do que prometia a força humana, combateram e expulsaram a terrível esquadra portuguesa, “lusitana” – *Camões* em paródia.

31. USURPADORES

OS EUROPEUS: portugueses, espanhóis e franceses chegaram para usurpar, tomar as terras e demais riquezas nelas existentes; como os nativos viviam em comunas, e logicamente tinham uma cultura diversa da cultura dos conquistadores; logo, logo, começaram a resistir; entrando em choque com aquele pensamento egoísta, escravista e que se baseava numa filosofia individual, absolutamente capitalista.

A matança desenfreada, ou massacre das populações aborígenes, tivera início em nossas plagas, no ano de 1660, com a nomeação do Sr. *Antônio Guedes de Brito* como Capitão de Infantaria; designação esta, procedida pelo Conde D. *Vasco de Mascarenhas*, em reconhecimento aos serviços prestados pelo agraciado; inclusive o fornecimento de *farinha, carne, rapadura* e outros gêneros alimentícios; durante as guerras travadas contra as populações autóctones, indefesas.

As terras que incorporara ao seu patrimônio fizeram de *Guedes de Brito* talvez o homem mais importante da *Bahia* daqueles tempos (*Bahia* seiscentista). Léguas e léguas de terras, verdadeira dinastia real consolidada em morgadio. À copiosa fortuna que adquirira, juntaram-se os títulos de Mestre-de-Campo, Fidalgo de sua Majestade, Provedor da *Santa Casa de Misericórdia*, Capitão de Infantaria.

GARCIA D'ÁVILA e suas divergências com GUEDES DE BRITO

A DECLARAÇÃO QUE GUEDES DE BRITO FIZERA ao preposto da coroa portuguesa, Desembargador *Sebastião Cardoso Sampaio*, é um documento de inestimável valor histórico. O citado Desembargador recebera a incumbência de syndicar o estado de todas as sesmarias que até àquela data, haviam sido concedidas. Em documento entregue ao referido magistrado, *Guedes de Brito* fizera

uma minuciosa descrição de todas as suas propriedades, com provas de títulos. O rol das terras declaradas, transcrito no volume 42, páginas 39 a 74, revista do *Instituto Geográfico da Bahia*, significa um subsídio valioso para quem se dedica ao estudo da formação econômico-político-social do estado da *Bahia*.

Sendo que, todas as terras formadoras das imensas sesmarias de *Guedes de Brito* já haviam sido ocupadas com os seus próprios rebanhos bovinos, *cavalgadas* e *escravaria*. A declaração que *Guedes de Brito* faz de seus bens continua..., fazendo referência também, à sesmaria obtida em 02 de agosto de 1663, em razão da qual tivera algumas divergências com outro desbravador – o capitão, *Garcia D'Ávila* – que herdara da *Bahia* o senhorio, a mãe hebreia teve e o pai gentio. (Focando *Camões*)

Daí advindo uma linha divisória semelhante ao *Trado de Tordesilhas*; partindo do rio *Itapicuru* ao *São Francisco*; visando acalmar os ânimos entre estes dois grandes latifundiários; a parte Norte ficaria com os da *Torre*, isto é, *Garcia D'Ávila*, a Sul, com *Guedes de Brito*.

Estas duas famílias passariam a dominar os imensos sertões da *Bahia*.

Onde, a maior parte da vegetação resume-se na formação da *Caatinga*; *caatinga: uma multidão de árvores de pequeno porte, ostentando galhos retorcidos e quase secos; desordenadamente, lançados em todas as direções, entrelaçando-se como se travassem uma luta contínua e inexorável.*

Contudo, apesar da escassez de chuvas, a labuta pela conservação das espécies adquire uma resistência admiravelmente prodigiosa, tal é o milagre concebido pela Natureza.

Mesmo sentindo a inclemência do tempo, nossas terras são férteis, e como os caminhos do Senhor são permeados de potente ironia, brevemente aqui neste deserto brotará a fartura mais sobeja de todo o *Brasil*. *Assim diz o oráculo, acredite.*

SILVÍCOLAS / SUA VIA CRUCIS

ENTRETANTO, A SAGA DOS SILVÍCOLAS, aqui, pelas bandas do sertão, fora muito triste e digna de muita piedade. Por volta de 1570, um pequeno grupo de sertanistas pilotando uma frágil canoa, seguindo o rio *Paraguaçu*, encontrara ouro em *Jacobina*; aí, houvera a grande corrida, à busca do metal precioso, começando o desbravamento da região e conseqüentemente a *via crucis* para as comunidades dos *Povos Originários*. O genocídio cometido contra nossos ancestrais, datou da ocupação militar de nosso continente, procedida pelos portugueses; fato este contado pelos “historiadores como o descobrimento do Brasil”.

Contudo, devemos refutar tal informação. Pois, é público e notório que, quando esses invasores ancoraram seus navios em nossos portos, o *Brasil* já era ocupado por milhões de pessoas, “índios” nativos, verdadeiros donos da terra de *Pindorama*. “A expressão da vida exuberante e extremamente naturalista encontrada na Carta de Caminha informa-nos os primeiros tempos do *Brasil*: o paraíso existe, e é aqui. A gente que aqui vive é graciosa como a mesma terra. Cantam e dançam no paraíso, em expressões de vitalismo. O coro entoia a cantilena e as vozes imitam os tantos dos animais livres que vivem na floresta”. Mas, logo, logo, tudo se modificara brutalmente. O claro imediato sentido da existência pacífica se vê superado pela convicção colonizadora imperialista. Os homens gentis são brutalizados.

Tudo agora é guerra e com ela são esquecidos aqueles primeiros sentimentos vividos nas praias paradisíacas encontradas. A partir de então é a noite, é a penumbra total; onde todos se confundem na comoção de um plasma ainda inominado. Expulsão e morte dos *Povos Originários*. Mais tarde, a chegada dos *Navios Negreiros* trazendo *homens, mulheres e crianças* para serem escravizados.

As palavras do escrivão da frota são esquecidas, e o espírito de alegria não mais se revela através dos homens e cousas. As primeiras medidas imperialistas expedidas contra os *Povos Originários*, colocam numa vala profunda aquelas raízes e sentimentos que a

carta de Caminha revelara existente entre autóctones e conquistadores; porém, tudo isto à primeira vista; as verdadeiras intenções estavam encobertas, e não se demorariam em ser reveladas; elas vêm acompanhadas dos *cavaleiros do Apocalipse: fome, guerra, doenças contagiosas, escravidão*.

Nada a fazer. Somos muitos. Já dissera um demônio encarnado naquele pecador que CRISTO libertara. *Via crucis* do corpo e da alma. O pior para os nativos é que não há catástrofe. Não há tragédia. Não há respostas. Há apenas um vazio profundo. A única coisa que lhes resta é viver à beira de um abismo.

32. A CORRIDA DO OURO EM NOSSAS PLAGAS

ÀQUELA ÉPOCA, *Guedes de Brito*, após ter arregimentado um batalhão de mercenários, composto por 220 homens, fortemente armados, descera de *Morro do Chapéu*, onde ocasionalmente residia, com o firme propósito de tomar posse de mais uma faixa de terras (um quadrado de 160 léguas de ambos os lados) que lhe fora doada pelo todo poderoso cúmplice amigo, Conde *D. Mascarenhas*. Legítimo representante da coroa em terras de sua sesmaria em nosso Estado (sesmaria: no direito antigo, pedaço de terra devoluta ou cuja cultura fora abandonada e que se tirava ao proprietário presuntivo para doar a um suposto cultivador ou sesmeiro).

Esta ocupação tornara-se acentuada de fato, após a descoberta de minas de ouro na serra do *Assuruá*; mais precisamente no município de *Gentio do Ouro*, lá pelos idos de 1836, atraindo grandes levas de garimpeiros; na sua maioria pobretões que foram usados para extração do minério em apreço, lá das profundezas onde ele se encontrava. E assim, concluindo-se a desocupação fraudulenta e sanguinária, iniciada por *Guedes de Brito*.

Concernente ao achamento de ouro em *Gentio*; temos alguns informativos dando conta de que foram extraídas aproximadamente 30.000 arrobas do precioso metal; montante este, transportado ou simplesmente transferido para alguns países da Europa: *Portugal*, *Inglaterra* e *Espanha*.

O material, em forma de pepitas, de 10 a 15 kg, desceria à serra às costas de *muares*, ocupando *bruacas* ou *caçuás*. Os pedaços, às vezes, eram separados fazendo-se o uso do machado; pois, os filões muito compridos não poderiam ser agasalhados naqueles espaços exíguos, como sacos e outros utensílios menores.

A jazida tinha proporções descomunais, aflorando à superfície. Havendo mais recentemente, até mesmo o caso de um garoto que a caminho da roça com o pai, aprofundara-se mato adentro em perseguição a um passarinho, e ao avistar uma pedra reluzente,

começara a gritar. Quando o agricultor viera atender ao chamado do filho, ficara estarecido; deparando-se com uma pedra de ouro de peso igual ou superior a 30 quilos. Uma fábula, uma verdadeira fortuna, riqueza sem tamanho para um plantador de roça; em vista de que, àquela época, o ouro já estaria sendo comercializado, in loco, por um valor relativamente bom.

Temos a impressão de que, em havendo um estudo geológico mais aprofundado, iremos encontrar outras jazidas subterrâneas adormecidas ao *sopé* daquelas imensas e majestosas serranias. Um futuro mais distante, talvez comprove estas suposições, é o que imaginamos. **Ouro, mineral nativo; símbolo Au, do Latim aurum.**

O *ouro* foi, durante muito tempo, o padrão de moeda, e é ainda a última reserva de riqueza, sendo conservado como tal, em grandes quantidades, por todos os principais bancos centrais do mundo. Nos tempos das vacas gordas, bem gordas, a moeda inglesa continha, em seu peso, um percentual de 93% do *metal reluzente*, digo, *de ouro*.

33. UM POUCO DE FUNDAMENTALISMO

AGRO, esta fora simplesmente lamentável. A religião presbiteriana, em sendo a mais velha do grupo luterano a chegar ao *Brasil*, fizera alguns adeptos em *América Dourada*; estes cidadãos conseguiram que um pastor americano do Norte, presbiteriano, fizesse uma visita ao aludido povoado; como fruto deste encontro, surgira a ideia da fundação de um colégio, um hospital e também uma igreja em *América*. Alguns dias após, explodira uma forte manifestação oriunda da comunidade católica, no sentido de proibir a penetração dos *ianques* rebeldes.

Aí, os da terra do *Tio Sam* desistiram do projeto em *América*, e entrando em contato com alguém da chapada diamantina levaram-no para *Ponte Nova* (*Wagner*).

O velho (Caboclo) cantara-me essa estória demonstrando um profundo ressentimento; pois, apesar de católico fervoroso, gostava do progresso, além de praticar um ligeiro ecumenismo, quando acolhia as pessoas sem levar em conta o seu credo; assim, cultivando o sincretismo religioso nascente em nossa cultura.

Ao término dessa conversa, fizera uma observação: por conta de um capricho religioso, nossa região perdera uma grande oportunidade, é lamentável.

O perigo de ser fundamentalista.

Fundamentalismo é uma palavra que nasceu no contexto religioso do protestantismo adotado nos *Estados Unidos da América*, em meados do século XIX. Movimento conhecido como *The Fundamentalists. A Testimony to the Truth*, tinha por objetivo a prática literal de todas as letras e sentenças bíblicas, batendo de frente com o que conhecemos como Teologia Liberal; conforme os ensinamentos de CRISTO; pois, ele próprio procurava conviver com grupos radicais como, *Fariseus, Saduceus* e outros, quando estes não abririam mão dos fundamentos judaicos.

No início, os próprios cristãos tiveram seu viés fundamentalista, quando organizaram milícias com a finalidade de recuperar a Terra Santa.

Fundamentalismo significa o indivíduo não aceitar controvérsia concernente aos fundamentos da sua fé. Na realidade, todos nós temos um pouco de fundamentalismo; o perigo é levarmos ao extremo, como fora o caso da comunidade em questão.

34. O PROFETA ELISEU

COMO SENDO DO NOSSO COSTUME, sempre e sempre, numa reunião da família, teria que haver assuntos bíblicos. Ocasão em que o Sr. *José Fernandes Filho*, o mano (*Zeca*), passara a enfatizar a conduta ética do profeta *Eliseu* - Citada em (2 Reis 5. 1 – 19).

Naaman, ministro plenipotenciário do rei da *Síria*, sendo leproso, ouvira falar dos milagres operados pelo profeta de *Israel*. Após pedir licença ao seu soberano, partira em direção ao aludido país; inclusive, conduzindo uma caravana carregada de presentes valiosos, – vestuários, anéis, e outras dádivas preciosas –, pensando com isto adquirir e conquistar a confiança do homem de Deus. Qual não fora a sua decepção; quando este ao invés de sair para homenageá-lo ordenara ao seu assistente, *Giezi*. Diga a este Senhor que não aceito nenhum de seus presentes; pois, seu dinheiro é maldito. E acrescentara: que ele vá se banhar sete vezes no rio *Jordão*.

Ora, o bravo general acostumado com as bajulações palacianas, ficara extremamente aborrecido, sem contar que o rio *Jordão* era um lugar bastante frequentado; além domais, tendo ele de si abaixar e expor a sua doença. Aí tomado de cólera dissera: não faço nada do que este profetazinho me ordenara. Quem é este plebeu para ironizar com o ministro do grande rei da *Síria*! Porém, seus auxiliares melhor pensando; aconselharam-no que procurasse cumprir todas as determinações do homem de Deus. Ocasão em que *Naaman* ficara completamente curado. *Giezi*, como era inescrupuloso, aceitara os tais presentes, recebendo também a lepra.

Após uma breve pausa, dissera: e agora, nossos homens de Deus, incluindo nossos políticos, estarão trilhando o mesmo caminho! *Giezi*, *Giezi*. Tua filosofia o grande bálsamo contra a desventura (*Lévy Strauss*).

35. LAMENTOS DE UM NORDESTINO

Meu bom Deus
Só me lembro de Vós
Para implorar
Mas, é um bom modo de lembrar

Senhor, aqui é o Nordeste
Onde, pouco de bom acontece
A seca nunca passa,
Perdem-se tudo, perde-se a graça

O povo reza, reza.
Roga, roga
Reza até demais
E Vós nunca escutais!

E o Senhor fechando a cara
Por que reclamar de tudo isso
Ou aí não tem seca, não tem homem.
Ou não tem o rio *São Francisco*.

Você já foi a *Israel*?
La no deserto do *Saara*?
A seca lá é coisa rara
E foi obra do homem, o homem que detalha.

O homem bem posto
Que obedece ao mando do Senhor
Amassarás o teu pão
Comerás do suor do teu rosto.

Senhor, por despedida!

Aqui, ainda cantamos o Hino Nacional.
Sim, cantamos
Louvamos a Pátria bem querida.

E o Senhor, com voz triste e combalida.
Por que não trocar tudo isso
Por um cântico mais simples
Que seria vosso hino, vossa vida.

Que cântico Senhor?
Aquele de *Patativa do Assaré*
Na voz de *Gonzaga*
Triste partida.

36 MINHA IRMÃ DONINA¹

A pessoa mais doce que já vi
A prenda da família inteira
Uma jovem sempre prazenteira
Alegria e bondade estavam ali
Contava estórias de princesas belas
De cidades, vilas e ruelas.
Bichos aparecidos de repente
Mas era ela a princesa bela
A fada alegre que encantava a gente.

¹ Lembro-me com saudades de *Tia Donina* (ou *Tia Doninha*) e de todas as outras tias, tios, primas e primos também. A casa paterna referendada por meu pai possuía um grande *juazeiro* em frente. Todos da família conheceram, principalmente, os mais antigos como eu, agora com 48 anos. No terreno havia duas casas: uma mais antiga, local em que *Tia Judite* (muitas saudades) fazia o café e o cuscuz (com o milho moído, dormido de um dia para o outro, com o objetivo de amolecer os grãos, e, posteriormente, essa massa uniforme era colocada entre dois pratos e os pratos amarrados em um pano para cozinhar). Na outra casa, a mais nova e maior, havia um tanque comum de água, nos fundos, com o diferencial de haver também um tanquinho colado ao maior, para lavar roupas. *Tia Donina* (após um dia inteiro de brincadeiras no brejo que, para a imaginação de um garotinho, era uma grande floresta) banhava-me nesse pequenino tanque com um sabão redondo, produzido lá mesmo para lavar as roupas dos moradores do povoado no muito conhecido e frequentado *Gasta Sabão*, um local rico em água, da mesma forma da *Cachoeira do Olho D'água*, no povoado de *Olho D'água*, da *Fonte Grande* e da *Fonte (em cima) de Cima do Morro*, no povoado de *Formosa* e a *Fonte de Hidrolândia*, no povoado de *Hidrolândia*, todos pertencentes ao Município de *Uibaí* – significando *Flecha N'água*, na língua dos *Povos Originários* do Tronco Linguístico *Tupi*.

37. ODE AO DIAMANTE NEGRO

MONTARIA DO SR. *JOSÉ CABOCLO*



Sua chácara. Seu trono
Por natureza manso. Não bruto
Vivendo no sítio do dono
Cultivado. Não inculto.
O melhor galopador do sertão. De pelo preto.
Seis palmos e meio de altura. Cauda suntuosa. Galope regular.
O animal em apreço tendo sido raptado pela *Coluna Prestes*, e
arrebanhado pelas forças legais, fora resgatado pelo dono, na cidade
baiana de *Rio de Contas*. Ano de 1926.

Obs.: Recuperamos uma história que se havia perdido no tempo.

38. MARIA JULIA OU JULIA MARIA

Vejo na tua chegada
O acordar de uma esperança
Já vejo no teu sorriso
O amor de uma criança

Vejo como é belo
Teu despertar no amanhecer
Teu desejo de pular
Tua vontade de correr

Sinto teu contentamento
Ao apertar-te contra o peito
Embalar-te nos meus braços
Atirar-te no teu leito

Nossa casa está em festa
Agora é só alegria
Chegou a nossa neta
Maria Julia ou Julia Maria.

Três Gerações: *Mozart Fernandes, Hirão Fernandes e a neta Julia Maria Fernandes.*



Foto: Fotógrafa *Adriana Souza*, nossa prima, descendente de nosso Tio Avô, o poeta e repentista ireceense *Marcionílio Rosa* (Irmão de *Zé Caboclo*, de *Hermenegildo Rosa e de Joaquim Rosa*).

39. O ANJO GABRIEL

O anjo sem vexame
Olha o exame
E suspende a cortina.

Sr. *Acelino*
D. *Cristina*
Quereis filha?

Oh! Maravilha
Estas são suas
Tereis logo duas

Tenho a minha devoção
Busco a fraternidade
Procuro ser cristão

Defendendo a igualdade
Abençoando minhas netas
Clarice e Adelaide.

Uibaí, junho de 2007.

As netas: Adelaide e Clarice



40. MEU BATIZADO

Quando eu tinha cinco anos
Foi o meu batizado
Meu padrinho foi o *Plínio*

Não foi *Plínio*, o Moço
O amigo de *Trajano*
Foi o *Plínio* o nosso mano

Minha madrinha
Alegre sempre estava
Adalgisa, ela se chamava

Era tempo de reisado
Houve uma festa bem bonita
Foi alegre o batizado.

Uibaí, junho de 2009.

41. UMA FONTE / A BANANEIRA

Pedras, sobre pedras
Montes escarpados, cobertos de musgos
Árvores belas, cipós entrelaçados
Berço da vida, alicerce do mundo

Natureza viva, mistério vital
Gameleiras frondosas, *jatobás* copados
Poesias, versos arborizados
Sombras que relembram o mistério universal.

Uibaí, 14 de fevereiro de 2008.

42. O IMPROVISO

Quando ainda era criança
Numa noite de *São João*
Assisti a um improviso
E tenho recordação

Dois grandes repentistas
Cantavam em bom rojão
Pegavam versos no ar
Buscavam versos no chão,

Ser poeta é ser dotado
É cantar com perfeição
Como faziam *Zé Caboclo*
E *Joaquim Rosa*, seu irmão.

43. ANIVERSÁRIO DO POETA JEOVÁ CABOCLO

Dedicatória de Mozart Fernandes de Souza

Deus salve os teus 90 anos
Somos gratos, mas, ainda está pouco
Deus salve a existência de um bardo
O grande vate, *Jeová Caboclo*.

Canto com o meu cantar
Ainda que seja rouco
Assim mesmo quero saudar
O nosso poeta, *Jeová Caboclo*.

Na poesia do verso livre
Ali sentimos teu sopro
Queiras aceitar nossa homenagem
Mano *Jeová Caboclo*.

CRÔNICA

A poesia deste vate é uma voz do passado, mas que continua viva no presente. Voz poética traduzida para a escrita. Evitando que a memória enfraqueça e deixe de preservar a riqueza de um patrimônio poético. Todos os literatos concordam que a memória não pertence ao passado; e sim, ao presente. A voz do poeta consignada na escrita; traz consigo uma dupla memória: a memória pessoal e a memória poética.

Uma mensagem precisa ser emitida, para depois chegar aos ouvidos de quem a compreenderá. O livro “Versos de um Caboclo”, do mano *Jeová Caboclo*, não é apenas uma coleção de poesias; mas, uma **Entidade** poética; pois, sua poesia é o livro todo; por inteiro: um tratado poético, que foi efetivado por um sujeito criador de

poesias; repletas de aliterações e rimas; nunca pobres sempre ricas. Seu entretenimento era no dia a dia fazer uma boa poesia; ou simplesmente versos contendo uma bela mensagem; seu livro é um retrato poético. **Eu já li “Os Lusíadas” por inteiro. Mas, também já li “Versos de um Caboclo” por inteiro.**

44. COMEÇANDO POR JUDITE

Judite é nome bíblico
Ló, também o é
Incluindo-se *João*
Posso rimar com *José*
Cristóvão provém de *Cristo*
Jeová é o nome de *Deus*
Lindolfo tem seu registro
As irmãs – *Donina, Adalgisa, Dalva,*
Deolinda.
São estes os nomes seus

Plínio dê-me sua benção
Padrinho é pra abençoar
Termino essa louvação
Encerrando com *Mozart.*

Uibaí, maio de 2009.

45. UMA HOMENAGEM À LAGOA DO PÔÇO / SALINA

Na tristeza das longas estiadas
Sobre a face da terra esmaecida
Ao ver a paisagem dessecada
O sertanejo chora e reclama pela vida

Olhando a relva, olhando o campo
Pergunta a DEUS por que lhe magoa
Mas, em seguida enxugando o pranto
Agradece pelas águas da lagoa

Já sem revolta volve o olhar clemente
Contempla sua terra, o chão amigo
Que lhe dá força, o sustento, o abrigo
Que produz o pão, alimentando sua gente

Quando o criador sufoca o mal que o domina
A terra não está mais estorricada
A lagoa aumenta a água mina
Vagarosamente brota, ao pé de uma colina.

CRÔNICA

ESTA BELA LAGOA, que está sendo cantada em verso, já foi o habitat natural de – *marrecos, garças, galinhas d'água, mergulhões* e outras aves; além de *jacarés*. Todos estes animais foram extintos pela ação criminosa de predadores de duas pernas – apelidados de homem – Vejamos: numa determinada Segunda-Feira parara um caminhão à nossa porta; ele estava transportando uma súcia; 12 espectros vadios, todos armados com espingardas-cartucheira; ao adentrarem a nossa residência, foram perguntando pelo dono da mesma, quando minha mãe lhes respondera. *José* está na feira de

Uibaí. Imediatamente, aqueles vândalos ou bárbaros saíram apressados, cercaram o lago e iniciaram o tiroteio. Aí, veio a catástrofe. Os pássaros que não foram abatidos desertaram para sempre.

Vale ressaltar que esses marginais ou delinquentes originavam-se de um município vizinho, e que seus habitantes eram famosos em destruir a Fauna da região. Esperamos que na próxima reencarnação venham reciclados, pois lixo não se capacita, recicla.

46. SAUDAÇÃO AO NOSSO VELHO JUAZEIRO

Bem no alto do terreiro
Apontando pro infinito
Lá está o velho juazeiro
Como uma estátua de granito

Pião profundo no chão enterra
Num solo tão duro como pedra
Ali cresce, vive e medra
Recalcitrado no porão de minha terra

Cartão postal da natureza
Exibindo sempre sua beleza
Que mesmo no deserto desabrocha
Com nós rugados parecendo cicatrizes

Assim, nós podemos ser felizes
Quando a doutrina é firme
Aí, o amor brota das raízes
Tornando-nos firmes como rocha.

47. FIM DE TARDE

Está bastante calma
Calma e fria a água da lagoa
Mas, onde está a menina
Aquela turma camarada
Camarada, alegre e boa?

O compadre *Nunes*
O compadre *Raimundo*
Um que era muito prosa
Porém, um grande amigo
O compadre *Valter*
O doutor de *Rosa*?

Buscaram outro abrigo
Assim aconteceu
Estão todos no céu
Estão todos com Deus.

Irecê, 13 de maio de 2012

48. ODE PARA BOB

Cão amigo, fiel companheiro
Ser honesto, pacato e cordeiro
Tu que em teus dias
Acompanhaste a *Rafael* e a *Tobias*

Nas migalhas do teu senhor
Achas o que te baste
Ao teu amo tu amaste
Guardaste-o com destemor

Os cachorros não são iguais
Não os generalizes jamais
Bob é bem diferente
Porque o **BOB** É QUASE GENTE.

49. BIOGRAFIA DO AUTOR

MOZART FERNANDES DE SOUZA: professor *Mozart*. Teve sua data natalícia marcada pelo ano da graça de 1939, no povoado de *Pôço*, Uibaí – BA. Aficionado ao mundo das letras, apoiado pela família; especialmente o mano *Jeó* (segundo suas declarações), percorrerá este belo caminho. Militando sempre no campo educativo como *professor de língua portuguesa*.

Ainda assim, buscara pleitear o curso de Direito, porém, por questões óbvias, tivera que trancar a matrícula. Ao término de sua trajetória na área educacional, aposentara-se no cargo de *Coordenador Estadual de Educação*.

Esposa – *Clarice Fernandes Cunha*.

Prole: *Cristina Régia Fernandes Vilas Boas, Édila Fernandes Cunha, e Hirão Fernandes Cunha e Souza*.

Netas queridas: *Adelaide, Clarice e Julia Maria* (apelidadas, carinhosamente, de *Lalai, Kaká e Julinha*).

Esta sua Obra Literária nos conduz a uma surpreendente viagem ao passado, à busca de recordações da vida. Histórias adormecidas pelo tempo, ressuscitadas com narrações tocantes, ilustradas com fotos inéditas; impressões de uma época distante, hoje trazidas para atualidade.

De acordo com a própria Bíblia, *Moisés*, patriarca hebreu, ao escrever um *Código de Leis* para seu povo, inserira um capítulo recomendando aos jovens que sempre lessem as histórias concernentes aos antepassados; pois assim, poderiam evitar a repetição dos erros que lhes eram desconhecidos.

Todavia, não devemos ficar amarrados ao passado, mas devemos observar o progresso girando a nossa volta.

São atitudes que mais devemos priorizar.

PELA CONSORTE / PROFESSORA /
CLARICE Fernandes Cunha.



DEUS ABENÇOE AS FAMÍLIAS.
Irecê, 11 de setembro de 2024.

A presente Obra de Mozart Fernandes de Souza é um atestado legítimo de nossa cultura, de ontem e de hoje, nos exemplos de Ana Amália de Castro (de América Dourada), Carneiro (de Canarana), Cassimira Maria Machado (de Uibaí), Evilásio Machado (de Presidente Dutra), Iaiá Cassimira (de Gentio do Ouro), Jackson Rubem (de Irecê), Marilza Gomes (de Itaguaçu da Bahia) Tio Jió (de Uibaí), Zé Livrório (de Morro do Chapéu) e Afrânio Peixoto, em especial, eleito pelo autor do Livro como seu patrono na Academia de Letras Irecense (Breves palavras do filho e admirador Hirão Fernandes Cunha e Souza).